

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS.

ANA BEATRIZ MAUÁ NUNES

*TAN CRIOLLA, CRIOLLA COMO YO: IDENTIDADE, POLÍTICA E GÊNERO
NAS CORRESPONDÊNCIAS DE GABRIELA MISTRAL E VICTORIA
OCAMPO, 1926 – 1956.*

(VERSÃO CORRIGIDA)

São Paulo

2019

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS.

ANA BEATRIZ MAUÁ NUNES

*TAN CRIOLLA, CRIOLLA COMO YO: IDENTIDADE, POLÍTICA E GÊNERO
NAS CORRESPONDÊNCIAS DE GABRIELA MISTRAL E VICTORIA
OCAMPO, 1926 – 1956.*

(VERSÃO CORRIGIDA)

Dissertação apresentada à Faculdade
de Filosofia, Letras e Ciências
Humanas da Universidade de São
Paulo para a obtenção do título de
Mestre em Ciências. Programa:
História Social. (Versão Corrigida)

Orientadora: Prof^ª Stella Maris
Scatena Franco.

São Paulo

2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação Serviço
de Biblioteca e Documentação

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

N972" Nunes, Ana Beatriz Mauá
"Tan criolla, criolla como yo: identidade,
política e gênero nas correspondências de Gabriela
Mistral e Victoria Ocampo, 1926 - 1956. / Ana
Beatriz Mauá Nunes ; orientadora Stella Maris
Scatena Franco. - São Paulo, 2019.
209 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de História. Área de concentração:
História Social.

1. Correspondências. 2. Gabriela Mistral. 3.
Victoria Ocampo. 4. História das Relações de Gênero.
5. História da América Latina. I. Franco, Stella
Maris Scatena, orient. II. Título.

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA
DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): Ana Beatriz Mauá Nunes

Data da defesa: 12/12/2019

Nome do Prof. (a) orientador (a): Stella Maris Scatena Franco

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 12/12/2020



Stella Maris Scatena Franco - Orientadora

Sumário

Introdução	13
Capítulo I – Atreva a ser escritora: caminhos de consagração literária de Mistral e Ocampo.	38
1.1 – Buen viaje a la gloria, Gabriela Mistral!	43
1.2 – Entre cartas e ensaios: Victoria Ocampo e sua experiência em Buen Pastor ..	53
1.3. Diálogos epistolares e consagração literária.....	67
Capítulo II: Para quebrar o monólogo masculino: as mulheres no mundo das letras	82
2.1 O caminho entre as mariposas: diálogos entre Victoria Ocampo e Virginia Woolf.	92
2.2 – O feminismo de Victoria Ocampo: da <i>Autobiografía</i> às páginas de <i>Sur</i>	105
2.3 Ponderações sobre o feminino e o feminismo em Gabriela Mistral.....	114
2.4 - Femininos e feminismos: identidades em construção.	128
Capítulo III – A América é uma casa compartilhada: debates sobre identidades hispano-americanas no diálogo epistolar de Gabriela Mistral e Victoria Ocampo	131
3.1 Os sentidos da <i>Americanidad</i> para Gabriela Mistral.	134
3.2 – Entre o nacional e o cosmopolita: o projeto estético-cultural de Ocampo. ...	156
3.3 – Por um Americanismo superior: <i>americanidades</i> em negociação.	175
Conclusões	184

Agradecimentos

Ao longo de três anos de pesquisa, contei com o apoio inestimável de familiares, amigos e professores, que fizeram desta jornada possível. Por todo o apoio e companheirismo, sou eternamente grata.

Agradeço aos professores e funcionários do Departamento de História da USP, por garantirem a nós uma formação privilegiada e enriquecedora e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pelo fomento concedido para realização deste trabalho (Processo 2017/02839-9).¹

Agradeço imensamente à minha orientadora, a professora Stella Franco. Uma interlocutora crítica e rigorosa, sem deixar de lado sua extrema generosidade e cuidado. Sou profundamente grata pelos incontáveis ensinamentos, pelos diálogos e pelas reflexões em conjunto; ao mesmo tempo, grata por tê-la como exemplo de integridade, ética e responsabilidade, características que posso observar a partir de sua postura como pesquisadora, professora e orientadora. Obrigada por tudo, Stella!

À professora Gabriela Pellegrino, por ter orientado esta pesquisa ainda em nível de iniciação científica e ter permanecido enquanto importante interlocutora; às professoras Ana Paula Simioni e Romilda Costa contribuições instigantes realizadas no meu Exame de Qualificação e que contribuíram de modo significativo para o desenvolvimento de minha pesquisa. Ao Ernesto Montequín, da Villa Ocampo, pelo diálogo e sugestões de pesquisa a respeito de Victoria Ocampo. À Marcela Gonzalez Palma, da Biblioteca Nacional do Chile, por compartilhar comigo da curiosidade e interesse pela Gabriela Mistral.

Agradeço aos colegas e professores do Laboratório de Estudos de História das Américas, cujo apoio e incentivo são importantíssimos para minha formação. Tanto as conferências e debates, quanto as oportunidades de discutir meu trabalho em conjunto foram importantíssimos para o desenvolvimento desta pesquisa. Agradeço também aos amigos que fiz graças ao LEHA: ao Valdir Donizeti e ao Ricardo Streich, pela amizade e generosidade; ao Rafael Scarelli, por compartilhar

¹ As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade da autora e não necessariamente refletem a opinião da FAPESP.

das dificuldades e aflições da pesquisa. Ao Eustáquio Ornelas, pelo companheirismo. Sua amizade foi um dos grandes presentes que esta jornada me trouxe e espero que possamos cultivá-la por muito tempo! Aos meus colegas de orientação, Juan Francisco Beltran, Thaís Mendes e Thaís Carneiro;

Ao Grupo de Estudos de Gênero e História, espaço central para a minha formação e ampliação do repertório no campo de estudos de gênero. Sou extremamente grata por nossas reuniões e atividades, e, em especial, pelas minhas colegas queridas: Giovanna Pezzuol, Marcela Boni, Julia Oliveira, Nicole Pereira, Natania Neres, Janne Hellen, Edméia Ribeiro e a todas as que fizeram dessa jornada mais rica e instigante.

Agradeço às minhas amigas da Escola de Aplicação: à Yasmim, minha amiga-irmã, obrigada por me apoiar de modo incondicional e torcer pela minha felicidade e realização. À Carina, minha amiga-psicóloga, que, sempre tão diferente de mim, esteve sempre ao meu lado.

Às amigas que fiz durante a graduação, com quem compartilhei momentos tão importantes da minha vida. Ainda que sejamos extremamente diferentes, nos acolhemos e nos respeitamos, características que fazem de nossa amizade repleta de carinho, de cuidado e de respeito. Vocês são meu porto seguro. Agradeço à Lívia Orsati, pelo apoio incondicional, pela amizade e pela irmandade que construímos. À Rafaela Altran, pelo cuidado da escuta, pelo apoio e pelos puxões de orelha. À Laíza Oliveira, pelo companheirismo e maluquices, e por compartilhar comigo, desde 2012, a paixão pela História. À Maria Olivia Barrence, que se parece tanto comigo e com quem divido meu amor pela música; de quem morro de saudade, todos os dias. À Ana Luiza Roque, pela amizade desde o dia da matrícula no curso. À Ana Fukumaru, pelo respeito e carinho, mesmo na distância; e à Letícia Lucato, pelas risadas, amparo e acolhimento desde o início da nossa trajetória na graduação.

Agradeço às amigas queridas que fiz no Itaú Cultural, Priscila Nemeth e Nathália Burato.

À Lígia e ao Vítor, meus amigos “minibois”, pelo companheirismo e apoio nestes últimos anos. Pelas muitas risadas, pelos muitos momentos felizes que vivenciamos juntos; pelo “dialeto particular” que criamos; sobretudo, pelo amparo,

cuidado e incentivo. Vocês fizeram da minha vida muito mais feliz e por isso sou extremamente grata.

Agradeço às minhas tias do coração, Silvia e Alice, por todo o amor e cuidado que tem conosco e com a nossa família; aos meus tios Zé, Nino, Ricardo e Roberto pelo apoio e pela torcida. Agradeço aos meus primos e primas amados, pois, afinal de contas, sou a caçulinha: ao André, Ana Paula, Juliana, Daniel, Luciana, Thiago, Thaís e Danielle. Agradeço também por terem trazido ao mundo figurinhas que amo tanto: Manuela, Giulia, Pietra, Gabriel, Isabela e a Maya, que está chegando. Agradeço à Sara Mauá, minha companheira de vida acadêmica, com quem dividi muitos dias na pesquisa. A Bruna Mauá, Juliana Pontes, Carolina Pontes e Matheus Pontes, pelos momentos felizes.

Agradeço aos meus tios de Goiânia, Riccardo e Olivia Joss, por quem, mesmo à distância, nutro profundo carinho. Ao “xaropeta”, por compartilhar comigo do amor pelos Beatles e pelo Paul McCartney; por estar sempre por perto, ainda que a mil quilômetros de distância.

Ao Vinícius, por todo o amor, cuidado e companheirismo que cultivamos nestes últimos anos. Ter você ao meu lado nos momentos bons e difíceis, poder compartilhar das alegrias e agonias da pesquisa e aprender com você a ser uma pessoa mais generosa, leve e de bem com a vida são privilégios aos quais jamais serei capaz de retribuir. Obrigada por tudo! E agradeço à segunda família que ganhei: aos meus sogrinhos, Marilene e o Cláudio; à minha cunhadinha querida, Josiane, ao Cristiano e à Gabi, que sempre nos encanta. Obrigada por terem sido tão receptivos e acolhedores comigo desde o momento em que nos conhecemos.

Agradeço profundamente aos meus pais, que ofereceram todo o suporte para que eu realizasse esta pesquisa. Sempre me incentivaram a seguir meus sonhos e a enfrentar com coragem aquilo que desejava e desejo, sabendo que sempre posso contar com seu amparo e acolhimento. Ao meu pai, por ser meu grande amigo e incentivador, mesmo nos momentos em que tive vontade de desistir; à minha mãe, dona do maior coração do mundo, por todo o cuidado, dedicação e generosidade, que fizeram desta trajetória mais suave e feliz. À minha avó, por todo o amor que tem por nós. À minha irmã, Regina, por sempre acreditar em mim, por me amparar e torcer

pela minha felicidade. E ao elemento canino, a Lina, que mesmo destruindo nossa casa com toda a sua energia, fez da nossa família ainda mais feliz. Amo muito vocês!

“If there's a book that you want to
read, but it hasn't been written yet,
then you must write it.”

Toni Morrison

Resumo

MAUÁ NUNES, Ana Beatriz. *Tan criolla, criolla como yo: identidade, política e gênero nas correspondências de Gabriela Mistral e Victoria Ocampo, 1926 – 1956. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. (2019)*

Este trabalho tem como objetivo investigar as correspondências trocadas entre Gabriela Mistral e Victoria Ocampo entre 1926 a 1956. Ancorado no aporte teórico-metodológico oferecido pela História das Relações de Gênero e das Escritas de Si, pretende elucidar três questões substanciais. A primeira delas refere-se ao modo como construíram suas trajetórias enquanto escritoras, atuantes na vida pública e que obtiveram reconhecimento de seus pares em nível nacional e internacional. Como se produz essa consagração? Em nosso entendimento, ele é fruto da qualidade estética e crítica de seus escritos, mas revela também a capacidade de Mistral e Ocampo em constituírem laços de sociabilidade com escritores e artistas, latino-americanos, europeus e estado-unidenses. Tal rede foi fundamental para que se articulassem no campo literário e obtivessem reconhecimento ali. Em segundo lugar, detivemo-nos à percepção das duas autoras a respeito do papel social da mulher, sobretudo, daquelas que se dedicaram a escrita profissional. Em terceiro, compreender como enxergavam o problema das identidades latino-americanas, temática efervescente nas primeiras décadas do século XX. Por um lado, Mistral enfatizava seu compromisso com o desenvolvimento dos povos indígenas e reconhecia neles a origem da grandeza espiritual latino-americana. Cobrou enfaticamente de Victoria Ocampo uma postura mais engajada em relação aos problemas que assolavam o continente. Em contrapartida, a escritora portenha não manifestava o mesmo entusiasmo: era tributária de certa tradição literária e intelectual europeia, sobretudo, francesa. Tais tensões perduraram ao longo dos trinta anos de amizade e revelaram tanto a forma como encararam as condições políticas, culturais e sociais de seu tempo, como atravessaram suas próprias vidas.

Abstract

MAUÁ NUNES, Ana Beatriz. *Tan criolla, criolla como yo: latin-american identities, politics and gender in the correspondences of Gabriela Mistral and Victoria Ocampo. 1926 – 1956. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.*

This dissertation aims to investigate the correspondences exchanged between Gabriela Mistral and Victoria Ocampo from 1926 to 1956. Anchored in the theoretical-methodological approach offered by the History of Gender Relations and the “Writings of the self”, it aims to elucidate three substantial questions. The first one refers to the way in which they built their trajectories as women, writers, active in public life, and, the most important, which gained recognition from their national and international peers. How is this consecration produced? In our view, it is the result of the aesthetic and critical quality of their writings, but it also reveals the ability of Mistral and Ocampo to form sociable bonds with Latin American, European, and American writers and artists. Such network was fundamental for their articulation in the literary field and for their recognition. Secondly, we dwell on the perception of the two authors about the social role of women, especially those who devoted themselves to professional writing. Thirdly, to understand how they saw the problem of Latin American identities, an effervescent theme in the first decades of the twentieth century. On the one hand, Mistral emphasized her commitment to the development of indigenous peoples and recognized in them the origin of Latin American spiritual greatness. It emphatically charged Victoria Ocampo with a more engaged stance on the problems plaguing the continent. On the other hand, the writer did not express the same enthusiasm: she was a tributary of a certain European literary and intellectual tradition, especially French. Such tensions lasted through the thirty years of friendship and revealed both the way they faced the political, cultural and social conditions of their time, and how such issues went through their own lives.

Introdução

Victoria Ocampo,

Gracias por sus lindas flores. Salgo mañana temprano a Europa. He preguntado por Ud. a varias personas. Habría sido para mi honra y alegría conocerla. Ya no es tiempo. Saludo en Ud. una sensibilidad extraordinaria dentro de nuestra raza y me digo su servidora.”
*Gabrielamistral.*²

O bilhete transcrito acima foi enviado por Gabriela Mistral a Victoria Ocampo em janeiro de 1926, quando a escritora deixava Buenos Aires para seguir viagem com destino à Europa. Essa mensagem inaugurou uma amizade que perdurou até o seu falecimento, em 1957. Para além do afeto cultivado entre elas, a troca de correspondências constituiu-se enquanto um espaço privilegiado para que refletissem sobre suas experiências pessoais e intelectuais, enquanto mulheres, escritoras de origem latino-americana, atuantes na Europa, Estados Unidos e na América Latina. A escrita epistolar permitiu que tratassem, no âmbito privado de suas vidas, sobre relacionamentos amorosos, maternidade e suicídio, mas, possibilitou, sobretudo, a sua articulação no campo literário e intelectual.

As diferenças de suas trajetórias e, conseqüentemente, de suas visões de mundo, foram combustível para acender um debate epistolar que se estendeu por quase trinta anos. A curiosidade e interesse, mútuos, são justificados, em certa medida, por suas origens tão distintas: enquanto Victoria Ocampo representa e desfruta dos privilégios de classe de uma família de elite portenha, Gabriela Mistral, cujo nome de batismo era *Lucila*, deixa a cidade de Vicuña, no Chile, em busca da consolidação de sua carreira de *maestra*, poeta e consulesa no exterior. Ainda que tenham experimentado em suas vidas situações que modificaram os seus modos de ver o mundo, as marcas de suas origens permaneceram, por vezes, inapagáveis.

² MISTRAL, Gabriela [Carta de 20 de janeiro de 1925, s/d s/l.] a OCAMPO, Victoria. *In Esta America Nuestra correspondência, 1926 – 1956*. Buenos Aires: El cuenco de Plata 2013.



Ramona Victoria Epifania Ocampo era a primogênita do casal Ramona Máxima Aguirre e Manuel Silvio Cecilio Ocampo. Nasceu em sete de abril de 1890, em Buenos Aires. De acordo com os ditames da educação tradicionalmente impostos para meninas de seu tempo e condição social, Victoria, assim como suas cinco irmãs – Angélica, Francisca (Pancha),

Rosa, Clara e Silvina - foi alfabetizada em francês, inglês, e posteriormente, em espanhol.³ No primeiro tomo de sua *Autobiografía*, intitulado *El Archipiélago*, Ocampo narra o cotidiano marcado pelas aulas de francês, inglês, literatura, história, matemática e de piano, essenciais para a “boa educação” de meninas da classe abastada. De acordo com a autora, tais momentos incentivaram o seu apreço precoce pela cultura europeia de modo geral, e, mais especificamente, pela cultura letrada francesa. O esforço de rememoração da infância da autora não é sem propósito: ele pode ser entendido como um ímpeto para buscar, desde os momentos iniciais de seu letramento e juventude, características de sua personalidade curiosa e de sua inclinação à escrita.⁴

Esses momentos de sua vida foram marcados pelas longas temporadas na Europa, onde teve a oportunidade de frequentar aulas de filosofia com Henri Bergson no Collège de France e, posteriormente, literatura grega e clássica na Universidade de Sorbonne. Tais cursos, de acordo com a autora, foram essenciais para fomentar o seu interesse pela arte, pela música e pela literatura, com a qual teria particular afinidade. Em 1924, Ocampo publicou sua primeira obra, intitulada *De Francesca a Beatrice* pela Revista de Occidente, em Madrid, apresentada pelo epílogo de José Ortega y Gasset. Posteriormente, publicou outras obras, como *Emily Brontë: terra incógnita* (1926), *Domingos no Hyde Park* (1936), *El viajero y una de sus sombras: Keyserling*

³ MEYER, Doris. *Victoria Ocampo: against the wide and the tide*. Texas Pan American Series, 1989.

⁴ OCAMPO, Victoria. *El Archipiélago*. Ediciones Sur, 1979.

en mis memórias (1951). Além das obras autorais, Ocampo ainda traduziu para o espanhol livros de Albert Camus, William Faulkner e Graham Greene.

Suas publicações mais notáveis, entretanto, são a série de *Testimonios* e a *Autobiografía*. A primeira consiste em dez volumes publicados entre 1935 e 1977, em que Ocampo apresenta ao leitor ensaios de caráter autobiográfico, ao lado de conferências proferidas por ela, resenhas literárias e cartas públicas. A segunda, por sua vez, é uma autobiografia organizada em seis tomos publicados após o falecimento da escritora em 1979. Os tomos da *Autobiografía* de Victoria Ocampo, redigidos a partir de 1952 são divididos entre etapas simbólicas da vida da autora: *El Archipiélago*, *Imperio Insular*, *La rama de Salzburgo*, *Virage*, *Figuras Simbólicas*, *Medidas de Francia e Sur y Cia*.

O destaque no mundo das letras foi além de sua atuação enquanto escritora e tradutora. Em 1931 fundou a Revista *Sur* (1931), e, posteriormente, da Editora *Sur* (1933). O periódico foi de extrema relevância para o campo literário argentino e hispano-americano, pois além de alavancar escritores em início de suas carreiras, foi uma plataforma de publicação de obras traduzidas do inglês e do francês para o espanhol. Aglutinou ao redor de seu corpo editorial figuras como Jorge Luis Borges, Ernesto Sabato, Eduardo Mallea, María Rosa Oliver e a irmã caçula de Victoria, Silvina. A Revista continuou a ser publicada até treze anos após o falecimento da fundadora, em 1992, quando encerrou por definitivo suas atividades. Embora o esforço pela manutenção da *Sur* tenha sido coletivo, observamos, tanto nas correspondências quanto na própria *Autobiografía* de Ocampo, as menções constantes sobre o seu empenho em garantir a continuidade do periódico e como, por muitas vezes, sentia-se sobrecarregada por essa tarefa. Mesmo com as adversidades e obstáculos, foi com a fundação da *Sur* que a portenha adentrou definitivamente no meio intelectual e literário de seu país.

O propósito de manutenção da *Sur* é reiteradamente justificado, não como parte de um desejo pessoal da escritora, mas pelo entendimento de que seria o veículo responsável por promover a integração cultural da Argentina a um circuito internacional de artes e da literatura. A escritora financiou a tradução e publicação de escritores estrangeiros pela revista, bem como vinda de muitos para o seu país, a fim de promover palestras e conferências. Desejava fazer de sua residência em San Isidro,

na província de Buenos Aires, um polo cultural e artístico.⁵ O seu comprometimento enquanto editora-chefe da Revista marcou significativamente sua trajetória pessoal e profissional, e embora tenha se dedicado intensamente a ela, recebeu duras críticas por intelectuais de sua época, que acusavam o periódico e seu corpo editorial de serem um reduto de intelectuais “esnobes” ou “elitistas”.⁶

As críticas pelo distanciamento do mundo social e político, este “elitismo literário”, foram enfaticamente pontuados por sua interlocutora chilena, Gabriela Mistral, nas correspondências trocadas entre elas. Em certa medida, o incômodo da poetisa com certos posicionamentos pode ser entendido à luz dos obstáculos enfrentados em sua própria trajetória.

A escritora nasceu em 1889, no mesmo sete de abril que Victoria, em Vicuña, no Chile. O seu nome de batismo era Lucila Godoy Alcayaga. Recebeu educação formal até os treze anos, quando abandonou a escola e passou a estudar por conta própria. Enquanto trabalhava como secretária durante o dia e professora durante a

Gabriela Mistral. Disponible en Memoria Chilena. Biblioteca Nacional de Chile



noite, Lucila compunha poemas, publicados com frequência no jornal de sua cidade. Ao longo dos anos, a jovem escritora participou de exames de qualificação pedagógica e conquistou posições no sistema educacional chileno, prestigiosas para uma mulher, como o de Diretora do Liceu. O reconhecimento e destaque no âmbito educacional, especialmente sobre temáticas relacionadas à educação indígena, resultou no convite para que trabalhasse no México pós-revolucionário, pelo então Secretário da Educação Pública, José Vasconcelos.

Sua estadia no México consolidou, de maneira definitiva, o aspecto itinerante de sua trajetória. Foram raros os momentos em que a poeta retornou Chile para longas

⁵ Victoria Ocampo doou para a UNESCO a mansão em que residia em San Isidro, com o propósito de perpetuar o compromisso de produção e divulgação cultural, mesmo após a sua morte. Atualmente, a instituição mantém a Villa Ocampo, espaço aberto à visitação do público em geral, onde ocorrem atividades artísticas e literárias, além de preservação da memória da escritora.

⁶ Sobre a atuação de Ocampo na *Sur* e a relação com a cultura política da Argentina da época, consultar a obra de Paulo Renato da Silva sobre as interações entre Ocampo e os intelectuais aglutinados ao redor da *Sur*. SILVA, Paulo Renato da. Victoria Ocampo e intelectuais de “*Sur*: cultura e política na Argentina (1931-1955) / Paulo Renato da Silva - Campinas, SP: [s.n.], 2004.

estadias. A experiência no estrangeiro alargou seus interesses, promoveu a troca intelectual e política com outros escritores e artistas. Sobretudo, consolidou o seu gosto pela escrita ensaística. A partir dos anos 1920, Mistral dedicou-se à composição e publicação de ensaios em dez jornais diferentes, em que narrava a experiência de latino-americanos na Europa e em trânsito pelo mundo: livros, pessoas, paisagens e outras temáticas que pudessem interessar ao número crescente de mulheres leitoras em seu continente de origem. ⁷Tal produção ensaística, de grande densidade e extensão, revelou a intensa preocupação da poetisa chilena com as circunstâncias políticas e sociais de “sua América”. As reflexões sobre temáticas como o acesso universal à educação, a questão da propriedade rural e o indigenismo indicam a profusão de sua capacidade crítica e mobilização política, ao mesmo tempo em que as publicações de crônicas em jornais demonstram, também, a versatilidade de sua escrita.

Em paralelo à escrita destinada aos jornais, Mistral seguiu com a produção e publicação de seus poemas, compilados em obras como *Sonetos de la Muerte* (1914), *Desolación* (1922) e *Tala* (1938). Por conta de seu reconhecimento em nível internacional – tanto por conta de sua atividade enquanto educadora, como pelas obras literárias – Mistral foi convidada a representar a América Latina na Liga de Nações do Instituto de Cooperação Intelectual e atuou como consulesa em diversos países, incluindo Espanha, Estados Unidos, Portugal e Brasil. Consagrou-se internacionalmente enquanto escritora com a conquista do Prêmio Nobel de Literatura em 1945, sendo a primeira e única mulher latino-americana premiada pela Academia Sueca até os dias de hoje.

Os estudos destinados a atuação de Mistral como educadora e poeta são extensos e compõem uma bibliografia necessária a esta análise. Observamos, entretanto, um novo esforço investigativo, caracterizado pelo empenho de revisitar a trajetória da escritora tendo em vista as complexidades de sua vida pessoal e profissional. Em seu país de origem, Gabriela é amplamente conhecida como *La santa Mistral*: a educadora, acolhedora, *la madre de los niños*. Isto é, uma figura em certa medida despolitizada, apartada das disputas políticas e sociais de sua época. Em 2005, uma nova faceta de sua vida privada veio à público: as correspondências trocadas com

⁷ HORAN, Elizabeth; MEYER, Doris. Introducción. In: *Esta América Nuestra: correspondencia 1926 – 1956*. Buenos Aires: El Cuenco de Plata, 2013.

sua companheira, Doris Dana, até então conhecida como secretária de Mistral foram publicadas, o que trouxe à tona a possível homoafetividade da escritora. O desconhecimento (in)voluntário dos estudiosos e bibliógrafos da poetisa, bem como de suas representações perpetradas na memória coletiva chilena, apontam para o processo de apagamento e neutralização das dimensões conflituosas de sua existência, de modo a dar vazão a uma mulher despolitizada, cuja imagem é passível de apropriação por governos de orientações políticas diferentes e com finalidades igualmente distintas. Tornou-se imperativo, desta maneira, retornar à sua trajetória, mobilizando novas questões e problemáticas, de modo a enfatizar e reconhecer o potencial crítico e estético de suas obras.

Enquanto muitos dos estudos destinados a Mistral negligenciam certas faces de sua vida privada e pública, uma parcela considerável da bibliografia a respeito de Victoria Ocampo reproduz imagens construídas por ela própria em sua autobiografia. Seja pela falta de cotejamento de fontes ou pelo tratamento metodológico conferido a elas, observamos a ressonância de seus escritos em biografias sobre a autora e sobre a *Sur*. Um exemplo relevante é a obra da pesquisadora estado-unidense Doris Meyer, responsável, também, pela publicação do conjunto epistolar da portenha com Gabriela Mistral, ao lado de Elizabeth Horan. Embora seja referência essencial para qualquer pesquisa sobre Ocampo, a biografia *Victoria Ocampo: Against the Wind and the Tide*, publicada em 1979, endossa a presença determinados traços de personalidade da “primeira mulher de letras da argentina” bastante presentes nos escritos autobiográficos da autora, tais como sua impetuosidade e determinação, assim como o profundo desejo por liberdade. Essas visões a respeito da escritora não são colocadas em questionamento, mas perpetradas nesta obra, em específico, e em demais estudos, dela tributários. Com a possibilidade de mirada crítica para as fontes de caráter autobiográfico e biográfico, pesquisadores e pesquisadoras, munidos de novas ferramentas, questionaram as proclamadas “autoverdades” deste tipo de escritos.

Este trabalho considera tais obstáculos e desafios em relação aos estudos já existentes sobre duas figuras extremamente emblemáticas na história cultural da América Latina e pretende, a partir de análises ancoradas nas chamadas *escritas de si* e na História das Relações de Gênero, compreender como as correspondências trocadas entre estas escritoras revelam, de modo mais amplo, os dilemas e questões enfrentadas por mulheres atuantes no mundo das letras latino-americano, na primeira

metade do século XX. Para tanto, é necessário considerar seu epistolário enquanto fontes primárias, mas complementar a investigação com outras formas de escritos autobiográficos, no sentido de cotejar informações, datas, localidades e, percepções pessoais.

Em meio a tantos distanciamentos e aproximações, a inauguração do diálogo epistolar entre as duas escritoras ocorre em 1926 por intermédio da pedagoga, humanista e ativista pelos direitos das mulheres à educação, María de Maeztu. Por ocasião do primeiro encontro, Ocampo relata o estranhamento inicial lançado de pronto por Mistral: “por quê é tão afrancesada?” As diferenças entre suas origens sociais foi motivo para que não se reconhecessem, de imediato, a possibilidade de nutrir uma identidade em comum. Afinal, na percepção da poetisa chilena, uma mulher branca e de elite não poderia ser “verdadeiramente” latino-americana. Foi por meio das correspondências que as escritoras converteram o estranhamento inicial na possibilidade de intercâmbio e de mútuo aprendizado.⁸ Nas palavras de Mistral, “nunca imaginei que você pudesse ser tão *criolla*, *criolla* como eu”. Aos olhos da escritora chilena, Ocampo era demasiado afrancesada e pouco atenta às questões de “nuestra América”. Ao longo dos anos, sua percepção é ressignificada ao entender como sua interlocutora poderia representar uma “nova forma de *criollismo*” e contribuir para o desenvolvimento espiritual da América Latina, ainda que de formas distintas da sua.

A troca de cartas entre Mistral e Ocampo é um exemplo de intercâmbio intelectual extremamente rico, tanto pela pluralidade de temas abordados, quanto por sua extensa duração temporal. Ao longo dos anos, carta a carta, notamos o desvelar de novas ambições, modificações em seus interesses e posicionamentos políticos, a negociação entre seus projetos pessoais e a conjuntura política e econômica dos países por onde transitavam. A análise das correspondências indica as tensões de caráter identitário e político que permearam, ao longo dos trinta anos, suas correspondências. Embora a amizade fosse marcada por afeto e cuidado, certos pontos de tensão permaneceram ao longo dos trinta anos de diálogo: a questão do engajamento político

⁸ HORAN, Elizabeth; MEYER, Doris. Introducción. *Esta América Nuestra: correspondencia 1926 – 1956*. Buenos Aires: El Cuenco de Plata, 2013.

na América Latina, os significados da identidade latino-americana e a atuação do movimento feminista, por exemplo.⁹ Ainda que fossem amigas, eram também duas escritoras projetando a si próprias no mundo das letras. Por este motivo, as tensões são múltiplas e revelam o desejo de assumir ou não certos posicionamentos ideológicos, sob o risco de modificar suas imagens na vida pública. De todo modo, a possibilidade de estabelecer reflexões e trocas intelectuais por meio das cartas impulsionou as disputas de caráter ideológico e político, responsáveis por ocasionar, por vezes, redefinições e redescobertas de suas respectivas identidades políticas e, no limite, de suas próprias subjetividades.

O estudo de cartas para a produção de conhecimento histórico tem contribuído vigorosamente para o enriquecimento dos debates sobre os desafios e dilemas enfrentados por mulheres que se lançaram ao mundo das letras, das artes e da política. A utilização de correspondências enquanto fontes primárias faz parte do esforço teórico-metodológico que adquiriu envergadura a partir dos anos 1980 na historiografia, as denominadas “escritas de si”. Diários, autobiografias, testemunhos e correspondências, quando analisados de maneira crítica, permitem ao historiador recuperar redes de sociabilidade intelectual, as percepções de indivíduos sobre determinados eventos e, especialmente, as formas como se construíram suas memórias pessoais e coletivas. A investigação de trajetórias políticas e intelectuais de mulheres escritoras atuantes na primeira metade do século XX a partir de correspondências trocadas entre seus pares nos oferece a possibilidade de balancearmos a dimensão pública de uma vida por meios privados. Isto é, analisar como essas mulheres percebiam sua atuação, conferiam significados às suas experiências e planejavam (ou não), suas respectivas carreiras, através de redes de sociabilidade fundamentadas em trocas epistolares.¹⁰

⁹ A temática era espinhosa, e trazia à tona as diferentes concepções de cada uma sobre o lugar do intelectual na sociedade. Enquanto Ocampo preferia abster-se de uma forma de engajamento mais direta, Mistral encarava sua poesia como forma de engajamento, e criticou duramente sua amiga repetidamente por causa dos seus silêncios.

¹⁰ A tese de doutoramento de Romilda Costa Motta foi de extrema relevância para o desenvolvimento desta pesquisa. Em seu trabalho, a historiadora averigua a trajetória de duas mulheres, latino-americanas, tendo como ponto de partida sua produção autobiográfica: a mexicana Antonieta Rivas Mercado e a brasileira Patrícia Galvão, também conhecida como Pagu. Uma grande colaboração da tese de Motta para esta pesquisa refere-se ao entendimento de que as chamadas “escritas de si” possuem uma função dupla: ao mesmo tempo em que permitem reconstruir certos aspectos do contexto social e político da época em que viviam, possibilita identificar como tais sujeitos construíram representações a partir de si mesmos e buscaram eternizar, conscientemente ou não, suas próprias vidas por meio do registo autobiográfico. Como observamos na tese de Motta, os caminhos

Frequentemente categorizadas como amadoras, essas escritoras romperam com as expectativas de matrimônio e maternidade como únicos caminhos possíveis, e ousaram adentrar esferas historicamente negadas a elas.¹¹ Enquanto certas temáticas e opiniões deveriam permanecer distantes de seus ensaios em jornais e revistas, o diálogo epistolar era efervescente e tornava possível as manifestações sobre as dificuldades e aflições encaradas por elas a caminho da profissionalização de seus ofícios. Recuperar o diálogo epistolar de Mistral e Ocampo consiste no esforço de adentrar os meandros da vida privada para adensar o entendimento de sua atuação na vida pública.

Ao estudar um conjunto epistolar de longa duração temporal, notamos a evolução e transformação temática das missivas e, inevitavelmente, daqueles que as escrevem. Entre 1926 e 1956,¹² as correspondências apontam para os processos de reflexão sobre os lugares de atuação de mulheres dentro e fora do mundo das letras, conforme suas experiências pessoais e conjunturais interferiram em suas trajetórias.¹³ Os acontecimentos de suas vidas pessoais e profissionais desempenharam impacto direto na forma como perceberam sua atuação no mundo e, por consequência, como percebem a si mesmas. Não obstante, para além da análise das temáticas presentes nas correspondências, é igualmente possível recuperar o movimento de construção de redes de sociabilidade intelectual e diálogos sobre projetos estéticos e literários. Tal

da escrita autobiográfica feminina bastante são bastante profícuos. VER: MOTTA, Romilda Costa. Práticas e representações de si: Os escritos autobiográficos da mexicana Antonieta Rivas Mercado e da brasileira Patrícia Galvão. (Tese de doutorado), Universidade de São Paulo, 2015.

¹¹ Tanto na esfera literária quanto pictórica e escultórica, as mulheres foram consideradas amadoras, embora desempenhassem trabalhos de qualidade estética equivalente ou superior ao dos homens com quem conviviam. Tais dificuldades, no caso da pintura, por exemplo, estavam associados a incapacidade das mulheres em obterem consagração na pintura histórica por serem proibidas, por exemplo, de fazerem aulas com modelos vivos. Essa temática é abordada em profundidade obra de Ana Paula Simioni. VER: SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. *Profissão Artista: Pintoras e escultoras acadêmicas brasileiras*. São Paulo: Edusp, 2008.

¹² A data de falecimento de Gabriela Mistral é 10 de janeiro de 1957. Por este motivo, utilizo como baliza temporal a última correspondência trocada entre as escritoras, que data de dezembro do ano anterior.

¹³ Embora tenham se correspondido ao longo de trinta anos (1926 a 1956), as vezes em que se encontraram pessoalmente foram apenas cinco. A primeira delas foi em dezembro de 1934 - quando Mistral trabalhava como consulesa em Madrid -, depois em 1938, quando Mistral se hospeda na casa de Ocampo em Mar de Plata. O encontro seguinte se dá em 1939 na cidade francesa Nice, posteriormente em Washington em 1946, e um último encontro não datado por Ocampo em 1956, em Nova Iorque, perto da morte de Mistral.

dimensão é extremamente relevante para compreender como tais escritoras foram capazes de projetarem a si mesmas dentro do campo¹⁴ das letras.

A carta é, em sua natureza, híbrida. Seu gênero literário é difícil de classificar: transita entre testemunhos, ensaio, poesia, diálogo. Os códigos de conduta de sua produção e circulação variam de acordo com o tempo e com o espaço. Por conta de sua associação ao âmbito privado, as correspondências estiveram historicamente atreladas ao feminino, um gênero literário de menor importância. As mulheres souberam, entretanto, utilizar as cartas em seu próprio benefício, pois este tipo de escrito se tornou um valioso instrumento de negociação para projetos estéticos e literários. Uma ferramenta de troca, tanto no quesito político quanto intelectual, afinal, a carta convidava as mulheres à escrita e à reflexão, especialmente sobre temáticas suprimidas do debate público. Além disso, permitiu a conformação de redes de sociabilidade intelectual, especialmente entre mulheres escritoras e artistas, capazes de alavancarem umas às outras por meio da troca de favores literários.

Um segundo motivo pelo qual a carta esteve atrelada à feminilidade deve-se a sua premissa da espontaneidade, entendida como necessária ao hábito de se corresponder. Tal categorização esteve a serviço da classificação do gênero epistolar enquanto um gênero menor, feminino, atrelado à sensibilidade, à ausência de capacidades retóricas e racionais de maior complexidade. “A arte de escrever cartas deve ser tão simples quanto a arte de conversar. A carta deve ser a expressão simples e fácil do sentimento e do pensamento”, afirmou Madame de Staël, no século XVIII.¹⁵ Entretanto, como salientou a pesquisadora Brigitte Diaz:

“Por meio da recorrência desses testemunhos singulares, percebe-se o estatuto polivalente da carta, única modalidade de expressão concedida sem reserva às mulheres, ao mesmo tempo instrumento de uma tomada de consciência e de uma tomada da palavra, mas também espaço autobiográfico onde (sic) é possível se reinventar além das tópicas impostas da feminilidade, e, para algumas, ainda, laboratório de escrita, onde é possível deixar nascerem aspirações literárias destruídas.”¹⁶

¹⁴ A utilização de “campo” nesta pesquisa não será embasada pelo conceito de Pierre Bourdieu, e sim, como sinônimo de “esfera”, ou “mundo das letras”.

¹⁵ STÄEL apud DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade*. Formas e Funções da Correspondência em Alguns Percursos de Escritores no Século XIX. Edusp: São Paulo, 2014.

¹⁶ Idem, p. 205.

Na carta, florescem aspirações intelectuais e literárias, novas práticas de sociabilidade intelectual e criações estéticas. Mas, é por conta de tal polivalência da carta, tanto de sua forma quanto de conteúdo, que ela pode ser abordada por chaves variadas de interpretação e de análise: o estudo do epistolário de um único autor, por exemplo, pode supor a sua interlocução com certa rede de sociabilidade, os processos criativos de suas obras, como negociou publicações, etc. No caso das correspondências de Ocampo e Mistral, cuja duração temporal é bastante extensa, é possível averiguar a modificação ao longo do tempo suas concepções sobre gênero, política e sobre as identidades latino-americanas. Seria equivocado pressupor os lugares sociais a partir dos quais as escritoras projetam suas falas tenham permanecido os mesmos ao longo dos trinta anos, até porque, as próprias fontes nos indicam tais mudanças. Os eventos pessoais e profissionais vivenciados pelas escritoras interferem em suas trajetórias, e inferem diretamente na maneira e frequência como se comunicavam, como se manifestavam relação a outra. A carta é um documento em constante processo de construção e ressignificação.

O estudo do epistolário de Mário de Andrade pelo pesquisador Marcos Antônio de Moraes ofereceu contribuições valiosas para a nossa pesquisa em relação às especificidades de cartas que compõem epistolários de intelectuais e artistas. Moraes identifica a existência de três perspectivas de análise possíveis. O primeiro caminho consiste na possibilidade de recuperar, nas correspondências, expressões testemunhais capazes de definir perfis biográficos dos escritores, pois “confidências e impressões espalhadas pela correspondência de um artista, contam a trajetória de uma vida, delineando uma psicologia singular que ajudam a compreender os meandros da criação literária”.¹⁷ A segunda possibilidade apresentada por Moraes considera como perspectiva de investigação os bastidores da vida artística de determinado período histórico, como as estratégias de divulgação de um projeto estético, as divergências entre grupos e comentários sobre obras a partir das correspondências. O terceiro prisma investigativo está atrelado ao entendimento da escrita epistolar como “arquivo da criação”, isto é, um espaço no qual se discutem a gênese e a etapa de criação das obras artísticas, desde suas primeiras formulações até a edição e a recepção crítica.¹⁸ Neste sentido, conclui Moraes, “a carta ocupa o

¹⁷ MORAES, Marcos Antonio de. *Orgulho de jamais aconselhar: a epistolografia de Mário de Andrade*. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2007, p. 29.

¹⁸ Idem, p. 30

estatuto de crônica da obra de arte e dos os bastidores do sistema literário no qual o escritor estava inscrito”.¹⁹ Desta forma, quando se investiga correspondências trocadas entre intelectuais, é possível reconstruir, também, aspectos significativos de sua atividade política.²⁰

Os limites e fortunas da carta enquanto documento estão atrelados à variedade de aspectos inerentes a sua própria constituição. De acordo com a reflexão de Philippe Lejeune, a carta é simultaneamente um objeto (que se troca), um ato (que põe em cena, ele e outros), um texto (que pode ser publicado), e há sempre várias pessoas envolvidas.²¹ Enquanto objeto e texto, a carta pressupõe circulação – de ato e de texto –, e o pesquisador deve estar ciente das condições de troca e de circulação dadas em determinado contexto histórico. A condição de materialidade da carta – o papel e a

19 A respeito dos elementos de construção de cartas, Alain Pagés destaca cinco possibilidades de análise. A primeira corresponde à utilização das missivas enquanto “fontes da obra”, em que constam informações sobre os livros lidos, lugares frequentados, eventos que afetam a produção da obra etc. A segunda, enquanto comentários estéticos e políticos, estabelecidos entre os escritores, de uma forma geral ou de obras particulares em curso de elaboração. Nesta etapa, Pagés destaca a possibilidade de encontrar explicações para as intenções de produção da obra ou ainda as reflexões sobre cenários culturais, títulos possíveis para as obras, etc. A terceira diz respeito às edições cronológicas da trajetória do autor, os momentos temporais em que escreveu um livro ou poema. A quarta diz respeito aos processos de edição, os diálogos com editores, as negociações de contratos de publicação. Os elementos assinalados por Pagés apontam para o entendimento das correspondências como um jornal íntimo do escritor, em que é possível “reconstituir informações precisas sobre a fabricação do material da obra” VER: LERICHE, Françoise; PAGÈS, Alain (orgs.). *Genèse & Correspondances*. Paris: Éditions Archives Contemporaines/ ITEM, 2012.

20 A tese de Moraes dialoga com perspectivas atreladas à crítica genética, dentre as quais, destaco a produção do teórico José-Luiz Diaz. Em “Qual a genética para as correspondências?”, Diaz identifica as correspondências de escritores como “obras involuntárias”, na medida em que são fontes privilegiadas para compreender o percurso de criação e publicação de suas obras, sendo, simultaneamente, “caixa registradora” e o “laboratório de criação”. O primeiro momento apresentado pelo autor indica o registro de um “diário de obra” nas correspondências, em que o escritor apresenta etapas do processo de criação, atrelados a uma fase particular da gênese: “menção a fontes, escrúpulos de expressão, escolha do título ou do editor, e até mesmo do frontispício ou do corpo”. O segundo momento se constitui como “laboratório de criação”, ao entender que as correspondências apresentam a possibilidade de experimentações estéticas e literárias, que posteriormente seriam adotadas ou não nos livros. Diaz ainda salienta que embora o estudo das correspondências possa apresentar limites no que diz respeito à consciência do sujeito sobre o conteúdo e alcance de sua própria obra. Ao traçar o processo de criação literária de um autor possibilita-se a identificação dos mecanismos utilizados por ele para legitimar-se no campo literário: diálogos com editores, escritores, professores ou outras figuras notáveis de sua época. Desta maneira, as correspondências atuam duplamente, enquanto uma possibilidade de reflexão contínua do autor sobre a própria obra, e como um instrumento de aprovação perante a seus pares. O diálogo epistolar, ademais, transfere a gênese “da esfera íntima, abandona seu aspecto de trabalho secreto e inconfessável, do qual não sobram geralmente alguns grifos silenciosos, para atingir um espaço público de diálogo. VER: DIAZ, José-Luis. “Qual genética para as correspondências?” Tradução Cláudio Hiro e Maria Sílvia B. Ianni. In: *Manuscrita. Revista de crítica genética*, São Paulo, n. 15, 2007, P. 121.

21 LEJEUNE, Philippe. “A quem pertence uma carta?” In: _____. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Org. Jovita M. G. Noronha. Trad. Jovita M. G. Noronha e Maria I. C. Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p. 251-254.

caligrafia, por exemplo – são indicativos de traços de condições sociais em que o hábito epistolar era uma prática recorrente.

A respeito da utilização das correspondências para a produção de conhecimento histórico, Tereza Malatian afirma que o modo como sujeitos em determinado contexto escolhe relatar suas vidas em escritos de caráter autobiográfico está necessariamente associado à realidade sóciohistórica do período em que vive. Ao desvendar os modos de representação e codificação entre o indivíduo e a coletividade, o que é público e privado e o que é estabelecido entre o indivíduo e a sua própria subjetividade, o historiador pode contemplar as práticas de construção do “homem” como sujeito que cria para si um passado e um futuro, as relações de poder presentes nas construções de relatos e da força da moralidade social nas práticas da memória.

“Ao ter acesso a esses fragmentos, o historiador espia por uma fresta a vida privada palpitante, dispersa em migalhas de conversas a serem decodificadas em sua dimensão histórica, nas condições socioeconômicas e na cultura de uma época, na qual público e privado se entrelaçam, constituindo a singularidade do indivíduo em uma dimensão coletiva. Processo identitário que se define constantemente e elimina qualquer suposição de coerência e continuidade de atitudes, sentimentos ou opiniões.”²²

A carta pode se apresentar enquanto um texto ou objeto material, e por consequência, ser utilizada enquanto fonte ou objeto de estudo. Enquanto fonte, a carta cumpre a função de documentação histórica ao permitir a análise crítica, iluminando motivações e contextos para a atuação dos sujeitos ali envolvidos. Nessa forma de tratamento, o estudo da carta é sempre mais produtivo quanto cotejado com demais fontes escritas, capazes de ampliar a reconstrução de situações ou reflexões descritas em correspondências. Por outro lado, a carta também se apresenta enquanto objeto de estudo graças à possibilidade de reconstituição de certa sociabilidade intelectual, de práticas de escrita e como objeto em circulação.

As correspondências são documentos colaborativos, na medida em que sua existência pressupõe a presença de um interlocutor direto e de um ou mais destinatários. O sujeito, no ato da escrita, desdobra-se em relação ao outro, este leitor-

²² MALATIAN, Teresa. Cartas. Narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla B.; LUCA, Tânia Regina de (Org.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 195-221. P. 213

interlocutor. O destinatário da carta pode alterar tanto o conteúdo ali manifestado como o processo de construção do “eu” na escrita: uma correspondência escrita a própria mãe dificilmente seria redigida da mesma forma que uma carta a um amante, por exemplo. Neste sentido, a escrita epistolar sempre depende do outro que está diante de quem escreve. Se as autobiografias podem apresentar narrativas coerentes e unitárias, muitas vezes relativizando ou obliterando eventos selecionados da vida dos sujeitos ali narrados, as correspondências se mostram como o espaço da contradição. Constituem-se, desta forma, enquanto fragmentos autobiográficos.

Além do conteúdo escrito da carta, o investigador deve atentar para a sua materialidade: o papel utilizado, a enumeração de páginas, o dia e local de escrita, a presença ou ausência de assinaturas e rubricas. Tais detalhes podem oferecer indícios sobre o lugar da carta em relação à obra do autor, a partir de sua preocupação em preservá-las ou não. Enquanto as correspondências de Victoria Ocampo majoritariamente apresentavam data e local de escrita, papel timbrado e cuidadosa caligrafia, as cartas de Gabriela Mistral raramente indicavam as circunstâncias de sua produção – cabendo ao investigador decodificar o dia e lugar em que foram elaboradas-, por vezes são redigidas a lápis, com uma caligrafia um tanto quanto descuidada. Muitas cartas recebidas por ela foram perdidas ao longo do tempo, talvez por sua trajetória itinerante, talvez por não considerar que suas correspondências seriam de utilidade para entender sua produção literária no futuro. De todo modo, tais especificidades da carta em relação à outras formas de documentos escritos, inclusive, dos autobiográficos, denunciam a sua hibridez.

Ao adentrar o mundo compartilhado por Mistral e Ocampo o leitor deve ter em mente tais pressupostos, considerados para a realização desta pesquisa, referentes à carta enquanto fonte e objeto de análise. Nesta introdução, buscamos demonstrar nosso entendimento sobre a carta enquanto fonte, ressaltando a potencialidade de fornecer indícios sobre posicionamentos políticos, dilemas pessoais e as redes de sociabilidade intelectual pelas quais transitavam das escritoras estudadas. Ao mesmo tempo, partimos do pressuposto de que a carta é uma ferramenta de negociação – de publicações de livros e ensaios -, de convencimento – debates políticos – e de inauguração ou de reforço de laços de amizade. Frequentemente, temáticas que emergiam nas correspondências não eram trazidas ao debate público. Por isso, é

necessário considerar o ambiente privado como um espaço privilegiado para a liberação de ideias e reflexões.

Ainda que muitas fossem as suas diferenças, ambas compartilharam do desconforto ocasionado pela integração sempre parcial e incompleta em circuitos culturais internacionais, predominantemente masculinos. Estiveram sujeitas à estampa do exotismo associado ao estrangeiro e sofreram preconceito por serem mulheres. Sobre o lugar – ou o não lugar - que ocupavam diante dos escritores e artistas com os quais se relacionavam, Mistral e Ocampo passaram a reconhecer a existência de certa “americanidade” comum a ambas, sem compreender o que ela significava precisamente. Sem especificações ou delimitações, o sentimento de “americanidade” se situava na origem de um passado em comum, partilhado por latino-americanos, independentemente das circunscrições das identidades nacionais. Foi por meio da escrita epistolar que as escritoras perceberam aproximações identitárias e conferiram novos sentidos as próprias experiências, especialmente, as relacionadas a suas identidades sociais e políticas. Ao trocarem cartas, Mistral e Ocampo discutiram vivências e acepções sobre o que significava ser mulheres e intelectuais latino-americanas. A partir dessas discussões, definiram seus horizontes de atuação.

Como mencionamos previamente, os diálogos epistolares foram marcados por profundas tensões. Devemos considerar, entretanto, que a duração temporal de um epistolário como o de Gabriela Mistral e Victoria Ocampo depende, necessariamente, da existência de conflitos e desajustes que operem enquanto combustíveis para o estabelecimento de diálogos e reflexões. Afinal, caso estivessem de acordo sobre todos os assuntos ali retratados, qual seria o sentido da interlocução?

Esses ajustamentos se configuram ao longo do tempo, atrelados aos movimentos dos autores de acordo com suas respectivas trajetórias. A contraposição de posturas políticas, a existência de um ambiente consistente de troca de ideias, e as desestabilizações a respeito de posições literárias são pontos de embates de ideias que fomentam a continuidade do epistolário. O interesse em manter a amizade epistolar justifica-se pela curiosidade provocada em conhecer uma à outra. Por um lado, Victoria Ocampo representava o mundo dos livros e da cultura, parcialmente negados a Gabriela Mistral durante sua infância. Por outro, Mistral simbolizava o retorno às

origens latino-americanas, por vezes tão distante da perspectiva cosmopolita de Ocampo. De acordo com Doris Meyer:

“Mistral via em Ocampo um mundo de acesso a livros e linguagens que sua árida juventude havia lhe negado. Da mesma forma, Ocampo considerou Mistral enquanto uma conexão a uma série de experiências e identidades que seu berço e educação haviam impedido.”²³

Em muitas missivas, Mistral manifesta profunda curiosidade sobre a trajetória de Victoria Ocampo. Fosse por sua origem abastada, fosse pela intrigante forma pela qual Ocampo transitava entre Argentina e Europa, como uma “cosmopolita portenha”, sua figura suscitou interesse da amiga escritora, cuja trajetória de vida fora tão distinta da sua. Além vontade de conhecer mais sobre sua amiga, Mistral acreditava que o exercício da escrita autobiográfica seria um caminho para que sua interlocutora se aproximasse de suas raízes latino-americanas.

Além das contribuições das chamadas “escritas de si”, contaremos o arcabouço teórico-metodológico oferecido pela História das Mulheres e pela História das Relações de Gênero. A possibilidade de observar as diferenças entre os sexos enquanto características estruturais e, sobretudo, estruturantes, ampliou os horizontes investigativos de pesquisadores e pesquisadoras em diversas áreas do conhecimento. Da saúde pública ao direito, passando pelas letras e ciências sociais, as mulheres passaram a ser estudadas enquanto agentes históricos. A condição das mulheres, em diferentes tempos e sociedades, passa a ser objeto de investigação.²⁴ No caso da história, o ensejo de problematizar a experiência pessoal e subjetiva das mulheres em relação à “história” foi um dos pontos de partida para a História das Mulheres, bastante presente na França entre as décadas de 1970 e 1980.

Apoiada no aporte teórico-metodológico oferecido por tais discussões, nossa pesquisa pretende dialogar com tal produções bibliográficas, uma vez que a investigação sobre tais temáticas devem ser pautadas não somente pela descoberta de novos objetos de estudo, mas pelo esforço de desmistificação e problematização de figuras previamente estudadas, cujas imagens cristalizadas blindam a compreensão de

²³ HORAN, Elizabeth; MEYER, Doris. Introducción. *Esta America Nuestra: correspondencia 1926 – 1956*. Buenos Aires: El Cuenco de Plata, 2013.

²⁴ SCOTT, Joan. – Gender: a useful category of historical analyses. *Gender and the politics of history*. New York, Columbia University Press, p. 34, 1989.

suas ambiguidades e contradições. Tais caminho justificam-se tanto pelo advento de ricas contribuições historiográficas, quanto pela incorporação de novas fontes ao ofício do historiador, capazes de propor novas miradas e instigar novos problemas.

Uma referência inaugural para este debate é a historiadora francesa Michelle Perrot. Em sua obra *Minha História das Mulheres*, defende imperativamente como o compromisso do historiador não se deve se restringir apenas em reparar os apagamentos nas narrativas da chamada “História Oficial”, de modo a complementar ou preencher brechas e lacunas. Para Perrot, é sumariamente necessário que o passado seja revisitado de maneira a buscar a atuação de mulheres enquanto sujeitos responsáveis por escrever suas próprias experiências e repensar as estruturas que ocasionaram em sua opressão. Entretanto, a tarefa não é simples, uma vez que a escrita enquanto profissão foi frequentemente negada às mulheres, ao lado de outras atividades de invenção, abstração e de síntese.

“Escrever, para as mulheres, não foi uma coisa fácil. Sua escritura ficava restrita ao domínio privado, à correspondência familiar ou à contabilidade da pequena empresa. Entre os artesãos, a “mãe” que gerenciava a hospedaria era muitas vezes uma mulher instruída que controlava as contas dos trabalhadores e desempenhava o papel de escrivão público”.²⁵

Uma possibilidade de ter mais contato com tal universo é estudar documentos produzidos por mulheres – ainda que em condição amadora - como diários, autobiografias e cartas. Tais fontes tornariam possível aos pesquisadores e pesquisadoras acessarem instâncias de expressão de conflitos e tensões perante a sociedade, registradas nesses espaços. A obra de Perrot provoca mais dúvidas ao leitor do que responde inquietações, pois, questiona-o: onde estão as mulheres na filosofia? Nas artes? Na ciência? No capítulo de encerramento, intitulado “E agora?” a historiadora instiga novos pesquisadores e pesquisadoras a buscarem novas histórias – as mulheres com deficiências físicas, as mulheres escravizadas, as mulheres na guerra, e em diversas circunstâncias possíveis de serem contempladas. Por fim, afirma “escrever sua história não é um meio de reparação, mas desejo de compreensão, de inteligibilidade global”.²⁶

²⁵ PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007, p. 97

²⁶ Idem, p. 166

Certas críticas foram promovidas às colocações de Michelle Perrot, justificadas pelo entendimento de que elas validariam oposições biológicas entre feminino e masculino e não dariam conta de compreender as estruturas de diferenciação, históricas, do que é considerado masculino e feminino. Ou seja, seriam incompletas no esforço de colocar, à prova do tempo, as formas pelas quais estruturas sociais, políticas e institucionais determinam os padrões associados à estereótipos de feminilidade e de masculinidade.

Em *História das Mulheres*, Joan Scott também pondera sobre a escrita da história das mulheres e a história das relações de gênero, advertindo que este esforço não se constitui simplesmente por incorporar sujeitos subalternos às narrativas oficiais e por preencher as lacunas dos grandes feitos políticos e econômicos. Em seu artigo *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*, Scott contribuiu de maneira decisiva com estudos sobre o tema ao propor o conceito de gênero para investigar “maneiras como as sociedades representam o gênero, o utilizam para articular regras de relações sociais ou para construir o sentido da experiência.”²⁷ Ao defender a ampliação do escopo investigativo da História das Mulheres para uma História das Relações de Gênero, Scott enfatiza a “organização social da relação entre os sexos”, isto é, o estudo direcionado apenas às mulheres, mas também os homens, percebendo o movimento de criação de estereótipos de gênero (masculino e feminino). Ao contrário de investigar as mulheres de maneira isolada – sempre atreladas à esfera familiar, excluídas da vida pública – seria produtivo entender o conceito de gênero como uma categoria capaz de problematizar o entendimento de que separação de papéis específicos destinados a homens e mulheres estaria atrelada a aptidões naturais ou biológicas.

As definições de gênero, desta forma, seriam constituídas através de relações sociais, responsáveis por enunciar e conferir significado às relações de poder.²⁸ Scott, a nosso ver, salienta a relevância de historicizar o conceito de mulher e homem para garantir o amplo entendimento sobre os signos e símbolos atrelados à feminilidade e à masculinidade em determinada circunscrição temporal e geográfica. Essas

²⁷ SCOTT, Joan. – *Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history*. New York, Columbia University Press, 1989.

²⁸ Nesta dissertação, embora a categoria de gênero seja trabalhada enquanto ferramenta teórica, também utilizaremos como sinônimo para “sexos”. Também, para especificar como Mistral e Ocampo se referiam à temática das mulheres, embora as autoras não tenham utilizado o termo propriamente com frequência.

discussões foram de extrema relevância para o processo, ainda em trânsito, de desconstruir a noção de existência de uma essência feminina comum à todas as mulheres, independentemente de sua origem social e étnica. O instinto maternal e a “aptidão natural” para os cuidados domésticos, por exemplo, foram questionados e colocados à prova quando postos em perspectiva histórica. Por meio do estudo da experiência de mulheres em circunstâncias geográficas e temporais diferentes, pesquisadores e pesquisadoras puderam relativizar a essencialização biológica da feminilidade.

Outra referência importante neste debate é a obra de Maria Odila da Silva Dias. Em *Novas subjetividades na pesquisa histórica feminista*, a autora enfatiza a necessidade de colocar em perspectiva os significados atribuídos ao masculino e ao feminino, com o objetivo de entendê-los a partir de construções herdadas do passado. A pesquisadora também tece críticas à obra de Perrot, uma vez que esta autora não abre possibilidade de investigação para “papéis informais, improvisações, a resistência das mulheres”, para além da história da dominação masculina. De acordo com Silva Dias, “é preciso uma formação crítica do historiador (a) que enseje a elaboração de conceitos temporalizados e a vontade de perseguir abordagens teóricas necessariamente parciais, pois o saber teórico implica também um sistema de dominação.”²⁹ Assim, o historiador (a) deve historicizar os conceitos a serem trabalhados como “reprodução, família, público, particular e privado, cidadania, sociabilidades”, com o intuito de se afastar de categorias estáticas ou de valores entendido como inerentes à natureza feminina.

Embora tenha trazido inúmeras contribuições para este campo de pesquisa, a validade da categoria de gênero fora problematizada por certas pesquisadoras, especialmente àquelas mais fortemente associadas à movimentos feministas e de mulheres e que defendem que a produção teórica sobre o tema deve contribuir para a emancipação feminina, isto é, do “interesse particular no apoio a teorias que possam contribuir para a emancipação das mulheres”³⁰ O argumento consiste, especificamente, no entendimento de que a noção de gênero seria responsável por desassociar o caráter político da História das Mulheres. De acordo com Claudia de

²⁹ DIAS, Maria Odila da Silva. *Novas subjetividades na pesquisa histórica feminista: uma hermenêutica das diferenças*. *Revista Estudos Feministas*, v. 2, n. 2, 1994, p. 374

³⁰ MCLAREN, Margareth. *Foucault, feminismo e subjetividade*. Intermeios: São Paulo, 2016. P. 33.

Lima Costa, em artigo intitulado *O Tráfico de Gênero*, afirma que a utilização do termo acarretaria a despolitização da categoria “mulher” ao imputar relativismo vago, responsável por associar o campo de pesquisa às disputas políticas.³¹ Estaria, ainda, abstraindo as identidades dos sujeitos e agentes destas questões.³²

Um segundo ponto a ser considerado refere-se à consolidação de uma nova vertente do feminismo por estudiosas e militantes negras como Audrey Lorde, Kimberlè Crenshaw e Bell Hooks. Essas autoras trouxeram consideráveis contribuições para os estudos de gênero. O conceito de interseccionalidade discutido por essas pesquisadoras e militantes proporcionou o entendimento de que as clivagens de raça e classe, especialmente, são responsáveis por definir as experiências das mulheres na sociedade. O lançamento de novas perspectivas esteve também associado às problematizações e críticas à essencialização biológica do termo “mulher”, responsável por unificar a categoria em um conceito unívoco e não-plural. A proposição de considerar recortes de raça e de classe consolidou-se enquanto uma ferramenta necessária para a compreensão da pluralidade da experiência de mulheres, que são determinadas e variam de acordo com esses aspectos. Do ponto de vista histórico, não existe categórica e genericamente uma visão “feminina” do mundo, comum a todas as mulheres independentemente de sua origem social, raça, lugar de nascimento. São parcialmente comuns, todavia, dilemas e barreiras impostas às mulheres de uma mesma época e lugar, e que serão, da mesma forma, vivenciadas de maneiras específicas.³³

Por este breve balanço bibliográfico, pretendemos demonstrar a necessidade de reconfiguração de métodos de pesquisa histórica capazes de concretizar o cotejamento entre a produção discursiva sobre mulheres e suas práticas e experiências. Os embates mencionados acima evidenciam as possibilidades e limites de realizar

³¹ Tais críticas postuladas à noção de gênero já haviam sido enunciadas previamente por Louise Tilly, em “Gênero, história das mulheres e História Social”, artigo em que a historiadora norte-americana reafirma a importância de investigar as experiências vividas pelas mulheres do passado, acompanhadas de interpretação e explicação sobre tais eventos, com o objetivo de garantir a elas um espaço na História. *Tributária da História Social*, Tilly defende a necessidade de se colocar problemas relacionados à experiência das mulheres no tempo às grandes questões da História.

³² COSTA, Cláudia de Lima. “O tráfico de gênero”. In: *Cadernos Pagu*, vol II, 1988, p. 127 – 140.

³³ A teórica norte-americana Kimberlé Crenshaw define o conceito de interseccionalidade enquanto “as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação”. Essa definição opera no sentido de compreender as formas pelas quais o racismo, patriarcalismo e a opressão de classe, todos sistemas discriminatórios, conformam formas de discriminação complexas. VER: CRENSHAW, KIMBERLÉ. *Revista de Estudos Feministas*. Jan. 2002, v.10, n.1, p.171-188

estudos capazes de, simultaneamente, perceber a produção de discursos e representações sobre as mulheres, ao mesmo tempo em que recupere suas experiências, de maneira a conferir significado a elas. Os demais conceitos e referências serão retomados adiante, conforme a necessidade de explicitá-los.³⁴

Acreditamos que a atuação política e profissional de Victoria Ocampo e Gabriela Mistral estejam adequadas à categoria de intelectuais. As duas escritoras questionaram e ponderaram a respeito de sistemas de dominação patriarcal (Ocampo) e capitalista (Mistral), desafiando as expectativas impostas para mulheres de sua época. Romperam, especialmente, padrões de feminilidade e racionalizaram sobre tais esforços. Tanto a produção ensaística e autobiográfica de Ocampo quanto a poética mistraliana denunciam o esforço de ressignificação dos lugares do feminino. Embora para algumas definições do termo possam ser insuficientes para compreender a atuação de mulheres no mundo das ideias, reivindicar sua existência e o reconhecimento de sua produção é um compromisso, inclusive, político.

Por tais motivos, propomos utilizar a categoria de intelectual para analisar a trajetória das duas escritoras, à luz da definição proposta por Edward Said em *Representations of the Intellectual: the 1993 Reith Lectures* revisita diferentes concepções sobre o papel do intelectual, formuladas durante a primeira metade do século XX, à medida que elabora sua respectiva definição, baseado nas transformações socioeconômicas do Pós-Guerra. Em constante diálogo com definições históricas e sociológicas, Said define o intelectual como o sujeito responsável por manter posição crítica diante dos acontecimentos políticos e sociais. O intelectual promove discussões e reflexões, desmonta consensos e rompe com o *status quo*, e para isso, deve estar em estado de constante alerta. Ainda que o intelectual desempenhe papel importante para a coesão de uma comunidade, ele não pode ser exclusivamente leal à sua classe, tampouco à identidade nacional. Ao manter o posicionamento crítico, ele deve intervir na sociedade de forma a apresentar alternativas para os conflitos emergentes. Ele deve representar: [...] “a audácia de desafiar e representar mudança, de avançar, e não de permanecer”. A capacidade de promover questionamentos e reflexão crítica, segundo Said, está associada à

³⁴Devemos advertir o leitor sobre a opção de não analisar exatamente os mesmos aspectos nas trajetórias de Gabriela Mistral e de Victoria Ocampo. Acreditamos que seria improdutivo equalizar as categorias de análise com o intuito de promover uma equivalência pois não correspondem às mesmas áreas de atuação de uma escritora e de outra. Por exemplo, a questão da maternidade na vida de Mistral é demasiado pungente para ser ignorada, enquanto na obra de Ocampo é raramente tratada.

possibilidade de manter certa independência institucional – acadêmica, religiosa ou profissional.³⁵ O intelectual deve escapar do pensamento corporativo para que esteja sempre em posição de questionar o consenso, de propor dúvidas racionais, morais e políticas.

Outra referência importante à nossa pesquisa é a obra *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*, em que Ângela de Castro Gomes e Patrícia Santos Hansen propõem a categoria de intelectual mediador ou de mediador cultural. Tais sujeitos, nem sempre devidamente reconhecidos, desempenham grande papel no que diz respeito à conformação de identidades culturais e nacionais. As práticas de mediação cultural, “podem ser identificadas nos leitores, contadores de histórias, guias de instituições, pais e outros agentes educadores encarregados da socialização de crianças e jovens em diversas situações. Tais mediadores, de enorme relevância na construção de identidades culturais de indivíduos e comunidades, geralmente não são identificados e não se identificam pela categoria de intelectual.” De acordo com Gomes:

“Faz-se necessário atentar para os processos socioculturais de produção e alteração de significados pelos diversos sujeitos históricos. É imprescindível compreender as dinâmicas de circulação, comunicação e apropriação dos bens culturais, que, por princípio teórico, sempre envolvem mudanças em seus sentidos, ou, dito de outra forma, naqueles presentes nas intenções de seus produtores”³⁶

A preocupação com o alargamento da noção de intelectual para intelectuais mediadores revela a consideração das dinâmicas de produção dos bens culturais. Isso permite que se volte a atenção para os processos “socioculturais de produção e alteração de significados pelos diversos sujeitos históricos, sendo imprescindível compreender as dinâmicas de circulação, comunicação e apropriação de bens culturais.” Desta forma, é relevante não apenas considerar os meios em que existe produção cultural, mas as circunstâncias nas quais eles circulam.

A possibilidade de estabelecer uma relação entre sujeitos e suas práticas culturais e projetos políticos permite pensar novas facetas do intelectual para além de

³⁵ SAID, Edward W. *Representations of the intellectual: the 1993 Reith lectures*. New York: Pantheon Books, 1994

³⁶ GOMES, Ângela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos. *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2016. p 13.

sua condição de “criador”. Ainda, permite abarcar sujeitos que atuaram de maneiras diversas ao que se entende convencionalmente por intelectual. Tal abordagem é deveras interessante para pensarmos em uma História Intelectual com interface com Relações de Gênero, uma vez que permite entender a atuação das mulheres a partir desta perspectiva. Sobretudo se considerarmos que a subordinação econômica, social e política das mulheres foi responsável por impedir ou dificultar sua inserção em circuitos de produção literária, artística e intelectual. Sua atuação, por muitas vezes, aconteceu pelas “margens”, o que embora dificultasse a probabilidade de reconhecimento dos pares, conferia-lhes certa autonomia discursiva e política.

O esforço de alargamento de categorias interpretativas está atrelado à proposição de Lola Luna, em *Los movimientos de mujeres en la America Latina y la renovación de la historia*. Para a autora, os conceitos propostos pela História Política e, inclusive, pela História Política renovada para compreender as diversas formas de atuação política, podem ser insuficientes quando tratamos das especificidades pelas quais se configuraram e ainda se configuram a luta pelos direitos das mulheres, como as particularidades das organizações de mulheres, do caráter das demandas e reivindicações, etc.³⁷ Por este motivo, a autora propõe a utilização de uma História Política Renovada que incorpore as questões referentes ao gênero, compreendendo que esta deve ser uma lente interpretativa inerente a qualquer linha historiográfica, afinal, a divisão entre os sexos é estruturante de práticas sociais, políticas e econômicas e não pode ser desconsiderada.

Tais referências foram importantíssimas para a leitura e análise das fontes a serem trabalhadas nesta pesquisa. As correspondências trocadas entre Gabriela Mistral e Victoria Ocampo foram organizadas e publicadas pelas pesquisadoras Elizabeth Horan e Doris Meyer no livro *Esta America Nuestra: correspondências, 1926 – 1956*. Os documentos originais encontram-se em posse da Houghton Library, na Universidade de Harvard, que tem a guarda do epistolário de Victoria Ocampo. Foi possível consultar, ainda, cópias das correspondências na Academia Argentina de Letras, em Buenos Aires.

Considerando o arcabouço teórico-metodológico apresentado acima, organizamos a estrutura dos capítulos, tendo em vista, da mesma forma, o conteúdo

³⁷ LUNA, Lola. *Los movimientos de mujeres en la America Latina y la renovación de la historia*. Feme-libros. México, 2014.

temático dos documentos trabalhados O primeiro tema, a ser trabalhado no capítulo inaugural, consiste na investigação do processo de construção de suas trajetórias enquanto escritoras profissionais. Por um lado, Ocampo parece nunca consagrar plenamente o seu reconhecimento enquanto escritora: sua atuação esteve associada ao mecenato da *Sur* e à escrita de suas memórias. Por outro, Mistral inicia sua carreira enquanto professora e poetisa, conquista reconhecimento internacional por isso e encerra sua carreira trabalhando como Consulesa. Nosso objetivo é investigar como sua atuação no meio das letras foi percebida por elas próprias e por seus pares, quais foram os dilemas e obstáculos superados. Sobretudo, como tais questões são tratadas nas correspondências.

O segundo capítulo, intitulado “Para quebrar o monólogo masculino”, apresenta a investigação do espaço ocupado por debates a respeito do lugar das mulheres no meio intelectual e literário nas correspondências e ensaios críticos. Tal análise tem por objetivo averiguar como as escritoras percebiam a condição da mulher, mais especialmente a mulher atuante no mundo de letras, e utilizaram das correspondências como um espaço de diálogo, propício a levantar tais temas e questionamentos.

Por fim, o terceiro capítulo, “Atreva-se a ser criolla: a construção de identidades latino-americanas no diálogo epistolar”, será destinado à investigação do processo de construção de identidades latino-americanas. Ocampo e Mistral possuíam diferentes concepções sobre o que significava ser latino-americano, e, por consequência, de quais seriam os caminhos a serem tomados pelo continente no futuro para garantir o desenvolvimento material e espiritual desejados por elas. As categorias de “americanidade” e “latino-americano” foram resignificadas ao longo dos anos graças às experiências vividas, bem como pela possibilidade de intercâmbio de ideias, de modo a conferir novos sentidos às suas percepções sobre identidades nacionais e culturais.

Por meio deste apanhado, tivemos como objetivo elucidar os pressupostos que nos guiaram entre os caminhos de Gabriela Mistral e Victoria Ocampo. Essa tarefa contou com alguns obstáculos, afinal, são duas mulheres consagradas e reconhecidas no mundo das letras, tanto em seus países de origem, como na América Latina de um modo geral. Tiveram suas imagens (re) apropriadas e (re)significadas ao longo do tempo, por sujeitos de pretensões intelectuais e orientações ideológicas muito

diversas: a Gabriela Mistral feminista ou a *maestra* despolitizada, enquanto Ocampo ora comporta a imagem de uma mecenas distante da vida política – longe de ser verdade – ou de uma constante inconformada com a opressão sofrida pelas mulheres. São narrativas construídas a posteriori, para que se enquadrem em quadros estáticos e coerentes, descolados de sobre suas próprias vidas. No aparar destas arestas, constroem imagens estáticas e despolitizadas de figuras tão complexas e ambivalentes. Nesta pesquisa, pretendo demonstrar como seu modo de atuação e reflexões intelectuais dele decorrente foi múltipla, por vezes, ambígua. Estava em constante movimento. Longe de buscar uma coerência que restringisse a trajetória das escritoras em modelos pré-concebidos, foi nossa grande preocupação desvendar acomodações e dissensos, modificações e continuidades. Sobretudo, compreender em qual medida desafiaram padrões políticos, sociais e de classe, e por tantos outros, se acomodaram a eles.

Capítulo I – Atreva a ser escritora: caminhos de consagração literária de Mistral e Ocampo.

Ainda que de modos diferentes, Gabriela Mistral e Victoria Ocampo foram escritoras e intelectuais de extrema importância para o mundo das letras hispano-americano. A chilena, enquanto *maestra*, poeta e consulesa, posicionou a produção poética de seu continente no centro da literatura mundial ao receber o Prêmio Nobel de Literatura de 1945. A argentina, por sua vez, comandou a revista literária de maior duração temporal do país, a *Sur*. Publicou ensaios a respeito da condição da mulher, música, teatro e literatura, além de uma extensa e instigante autobiografia. Podemos afirmar que ambas as escritoras são, nos dias de hoje, amplamente reconhecidas por sua atividade literária e intelectual. Contudo, como se produziu essa consagração? De quais modos consolidaram suas trajetórias enquanto escritoras profissionais e construíram este reconhecimento do qual desfrutam atualmente?

Nossa hipótese é a de que este reconhecimento certamente justifica-se pela qualidade estética e crítica de seus escritos, mas, também, pela capacidade de Mistral e Ocampo de estabelecerem relações de caráter intelectual e de amizade com escritores, críticos literários e editores na América Latina, Europa e Estados Unidos. A profusão de seus epistolários indica como estavam em contato com sujeitos de variadas orientações ideológicas e estéticas, empenhados em projetos criativos igualmente distintos. Com isso, as autoras souberam posicionar-se nestas redes de sociabilidade literária e intelectual e transitar entre elas, fator responsável por potencializar a circulação de seus trabalhos, individuais e coletivos.

Um segundo elemento importante para o processo de consagração a ser elencado refere-se à diversificação das atividades nas quais estavam empenhadas. Isto é, nem Mistral nem Ocampo concentraram seus esforços exclusivamente na escrita, mas se engajaram em atividades variadas ao longo de suas vidas. A chilena dedicou-se à educação e a diplomacia, além da poesia e dos ensaios, que, publicados em jornais como *El Mercurio* e *La Nación* foram suas principais fontes de renda até os anos 1927, quando passou a ser integrar o Instituto de Cooperação Internacional da Liga das Nações. No momento em que assumiu este posto, já havia se aposentado como professora, apesar de continuar produzindo reflexões sobre educação e pedagogia. Victoria Ocampo enveredou seus caminhos para outra direção: o início

de sua carreira foi predominantemente marcado pela publicação de obras ensaísticas e teatrais como *Le vert Paradis*. Apesar desta produção literária, a portenha fundou o periódico *Sur*, em 1931, e dois anos depois, a casa editorial de mesmo nome. Tanto a revista, quanto a editora, embora possuíssem acionistas, foram majoritariamente financiadas por ela.

Considerando este panorama, temos como intuito investigar como ocorreu processo de inserção e reconhecimento dessas escritoras no meio literário e intelectual, ambos predominantemente masculinos, fosse em seus respectivos países de origem, fosse no exterior. Como pretendemos demonstrar, o reconhecimento de Victoria Ocampo deriva de sua atuação enquanto editora da *Sur* e como uma intelectual antiperonista, enfaticamente comprometida com as liberdades democráticas. Em grande parte, a autora ajuda a construir essa imagem de si mesma a partir da interlocução com escritores e intelectuais em vida, assim como pelos seus escritos autobiográficos publicados postumamente, que constantemente reiteram seus compromissos com a difusão cultural e as liberdades democráticas. Gabriela Mistral, em contrapartida, obteve consagração sobretudo a partir de seus escritos poéticos. Em 1914, ainda quando trabalhava como professora, recebeu o Prêmio Flor Natural, em Santiago, por conta dos *Sonetos de la Muerte*. Conquistou cada vez mais notabilidade na década de 1920 e 1930 quando passou a integrar o Instituto de Cooperação Internacional da Liga das Nações e circulou de modo efetivo por redes de intelectuais e escritores hispano-americanos e europeus. Após o Nobel, também recebe a Medalla Enrique José Varona, de Cuba (1946) e o Prêmio Nacional de Literatura de Chile (1951). Foi tomada como símbolo de uma voz latino-americana, em defesa dos povos marginalizados, das mulheres e das crianças.

Na primeira parte do capítulo, averiguaremos como ocorre o processo de consagração de Gabriela Mistral, dos primeiros anos de professora no Chile até a conquista do Nobel. A chilena desenha seu caminho de modo mais autônomo, sem filiações estéticas ou partidárias muito precisas. Manteve relações amistosas com escritores, críticos e intelectuais, mas não aderiu de modo contundente nenhuma corrente específica. Em seguida, observaremos como Ocampo construiu sua carreira de escritora em paralelo ao grupo *Sur*. Embora este fosse composto por escritores e intelectuais de orientações políticas e estéticas heterogêneas, conservava certas particularidades, como a defesa do liberalismo político e cultural e a democratização das artes. Investigaremos de modo mais a ocasião em que Victoria Ocampo é presa

sob a falsa justificativa de envolvimento em atentado contra Perón, no ano de 1953. A responsável por mobilizar uma carta assinada por escritores e artistas foi Gabriela Mistral. Naquela altura, já era internacionalmente reconhecida e utilizou seus contatos no mundo das letras e da política para garantir que sua amiga fosse libertada. Na terceira seção iremos analisar como em momento mais avançado de suas carreiras, o reconhecimento e a consagração tornam-se fatores essenciais para que negociassem seus projetos pessoais e intelectuais.

Optamos refletir a respeito da prisão de Ocampo por dois motivos. O primeiro deles diz respeito a possibilidade de investigar como a portenha elaborou uma narrativa nas correspondências enviadas para sua interlocutora, em que demonstrou profunda vulnerabilidade e sofrimento. Em contrapartida, no ensaio *La Batalla de Las Ideas*, publicados na Edição 237 da Revista *Sur*, construiu uma narrativa na qual obliterou qualquer traço de fragilidade, de modo a se auto representar enquanto uma intelectual comprometida politicamente com as liberdades individuais e que havia enfrentado diretamente as arbitrariedades do governo peronista. Diante disso, nossa hipótese é a de que a portenha faz uso de sua experiência de sofrimento no cárcere como uma possibilidade de constituir determinada autoimagem perante o público e especialmente da Revista, a de uma intelectual enfaticamente comprometida com a democracia e com as liberdades individuais. Certamente, existiriam certas dimensões confessionais e da ordem do sensível presentes nas cartas e omitidas do ensaio de *Sur*, afinal, Ocampo escrevia a uma amiga. Contudo, parece-nos um importante exemplo de como a autora mobilizou este evento em prol de seu reconhecimento no campo intelectual argentino e internacional. Esta circunstância nos aponta, ainda, para a capacidade de Gabriela Mistral em articular uma rede de solidariedade para auxiliar sua interlocutora, bem como do poder de pressionar a polícia peronista para que exigisse a sua liberdade. Ao mesmo tempo em que a poeta reafirma constantemente os obstáculos enfrentados em sua carreira de poeta, observamos uma demonstração de seu reconhecimento na esfera literária e política ao mobilizar e articular figuras notáveis, em nível nacional e internacional, para exigir a libertação de Ocampo.

Por meio das reflexões acima enunciadas, temos o intuito de refletir a respeito de tensões e obstáculos enfrentados por Mistral e Ocampo ao longo de suas

trajetórias.³⁸ Tal esforço, o de investigar a presença das mulheres nas artes, na política e na cultura, adquire grande envergadura nas áreas de História das Mulheres e da História das Relações de Gênero, mas também por pesquisadores nas áreas das ciências biológicas e médicas, a partir dos anos 1960. A maioria destas investigações operaram, e com embasamento, através do paradigma da exclusão, o do não-pertencimento, da ausência de testemunho de mulheres na História e, por conseqüentemente, nos diversos campos de produção de conhecimento. No caso de Ocampo e Mistral, a realidade é profundamente diversa: possuímos amplo e diversificado registro documental, produzido por elas mesmas; temos acesso a uma densa historiografia que se debruçou sobre suas respectivas trajetórias e atuações, bem como suas produções literárias. Ao contrário da maioria das mulheres na história, estas escritoras foram consagradas e até os dias de hoje suscitam debates e reflexões no campo acadêmico, mas no social e cultural também.

Por conta disso, faz-se necessário pensar na atuação de Ocampo e Mistral por meio da perspectiva da consagração. Uma referência importante a este debate é a pesquisadora Christine Planté. A autora investiga a trajetória de mulheres que escaparam da condição obscura pela qual a maior parte atravessa a humanidade, sem deixarem rastros ou traços. Sua reflexão é sobre aquelas que tiveram efetiva atuação nas instituições, nos lugares públicos. Quando tais mulheres logram reconhecimento nestes espaços, são tratadas como excepcionais, como exceções que escapam à regra. De acordo com Planté, este modo de análise reforça a noção de que as mulheres são incapazes de conquistarem reconhecimento. A qual norma elas são excepcionais? À do homem branco, burguês e ocidental. Assim, a existência da mulher e da feminilidade de um modo geral se coloca como uma exceção ao universal, masculino.³⁹

³⁸ Gostaria de agradecer a professora Ana Paula Cavalcanti Simioni pelas proposições realizadas durante meu exame de qualificação, que possibilitaram ampliar as problemáticas de minha pesquisa, considerando o tema da consagração no campo da literatura produzida por mulheres.

³⁹ No caso das artistas mulheres, sua exclusão se justifica graças às categorias estéticas de análise artística, formuladas a partir do ideal masculino de artista e escritor: homem, branco e burguês. Por este motivo, devemos considerar as atividades artísticas em suas diversas modalidades enquanto práticas sociais, responsáveis por constituir e integrar representações do mundo real, do mesmo modo em que são diretamente afetadas por ele. É necessário considerar, desta maneira, quais foram as condições culturais, econômicas e sociais para que haja desenvolvimento de produção artística, em qualquer seja suas formas. Isto é, para quais regras a produção literária de mulheres é considerada uma exceção à regra? Ou, ainda: qual produção de quais mulheres o são? PLANTÉ, Christine. Femmes exceptionnelles: Des exceptions pour quelle règle. *Les cahiers du GRIF*, v. 37, n. 1, 1988, p. 90-111.

Ao entender que a atuação das mulheres esteve sempre associada a categorias de amadoras, em que não haveria reconhecimento material ou simbólico de suas atividades, ou de geniais, em que seriam exceções imprevisíveis, caminhamos no sentido de tensionar a existência de sistema de consagração responsável por determinar valores estéticos específicos, associados a um padrão masculino de criação artística e intelectual. Por conta disso, as investigações a respeito da trajetória de mulheres devem considerar não somente o que foi produzido por elas, mas os sistemas sociais e ideológicos que sustentam a dominação de homens sobre mulheres, ao lado de outros regimes de poder mutuamente influentes, como de classe e raça. Assim, Planté reafirma como devemos compreender como os modos de consagração de mulheres ocorre sob o entendimento de que são exceções às regras esperadas, de conduta e criatividade, para o seu gênero.⁴⁰

Devemos questionar, ainda, por quais motivos Gabriela Mistral e Victoria Ocampo obtiveram êxito em serem reconhecidas enquanto escritoras e intelectuais, atuantes na esfera pública? Certamente, não foram as únicas mulheres a romperem com os parâmetros de feminilidade impostos a elas. Como mencionamos previamente, trabalharemos com a hipótese de que tanto Mistral quanto Ocampo foram capazes de construir para si próprias redes de sociabilidade intelectual com importantes figuras do mundo letrado hispano-americano. Ao estabelecerem essa interlocução, conseguiram promover seus trabalhos pessoais, ao mesmo tempo em que colaboravam com a organização de uma rede de escritoras e artistas na mesma condição, como María de Maeztu, Victoria Kent, Palma Guillén, María Rosa Oliver, Delfina Bunge, para citar alguns dos nomes. As trocas ocorriam quando dedicavam poemas ou ensaios, redigiam prólogos e resenhas às suas obras, publicando-as em

⁴⁰ Um exemplo interessante, mencionado por Ana Paula Cavalcanti Simioni, refere-se à participação das mulheres na História da Arte. As artistas – as artistas plásticas e escultoras, principalmente – no caso da Europa, Estados Unidos e na maioria dos países da América Latina, foram. O Brasil, entretanto, é uma exceção a esta regra, especialmente no que diz respeito a História da Arte a partir do modernismo.⁴⁰ Temos e tivemos grandes mulheres artistas, sobretudo, após o modernismo: Tarsila do Amaral, Anita Malfatti são os principais nomes deste período. Já nos anos 1950 em diante, pensamos em Ligia Clark, Lygia Pape, Mira Schendel, Anna Bella Geiger, entre muitas outras artistas consagradas em nível nacional e internacional. Atualmente, duas das mulheres artistas mais bem pagas do mundo são brasileiras: Beatriz Milhazes e Adriana Varejão. Estaríamos tratando, então, da excepcionalidade de um sistema artístico responsável por absorver a atuação destas pessoas? Embora sejam em sua maioria brancas e de elite – ou, ao menos, de certa classe média intelectualizada – foram reconhecidas em suas respectivas atuações. Adoção de discursos mais moderados, tendo em vista a possibilidade de sofrerem críticas e estigmas, advindos, inclusive, de outras mulheres. Certamente, a maior parte das mulheres que obtiveram reconhecimento e consagração partem de uma condição social e econômica específica.

revistas. Como forma de desafiar as resistentes barreiras que dificultavam a presença das mulheres nos ambientes da cultura e das letras, essas práticas foram essenciais. Assim sendo, faz-se necessário compreender como o reconhecimento intelectual de Mistral e Ocampo ocorre em paralelo a um momento de autonomização e profissionalização do campo da literário, no Chile, na Argentina e na América Latina como um todo. Por tais motivos, é importante enfatizarmos os processos de produção das artes, considerando-as enquanto frutos e integrantes de um sistema, sujeito à processos de validação específicos e como a consagração de mulheres ocorre nesta conjuntura.⁴¹

1.1 –Buen viaje a la gloria, Gabriela Mistral!⁴²

É uma empreitada tortuosa e cheia de obstáculos reconstruir a trajetória de Mistral: são fragmentos recolhidos em diários, correspondências e notícias de jornais no esforço de compor um mosaico mais completo de sua vida. Ao contrário de Victoria Ocampo, nunca redigiu uma autobiografia. Seus diários também não são fruto de um trabalho mais empenhado de redação, edição e publicação: são compostos majoritariamente por breves registros de experiências e impressões, aquilo que chamava de “exercícios espirituais”. São gestos mais soltos, sem a

⁴¹ Uma referência importante ao debate sobre a consolidação do sistema artístico e literário na América Latina, bem como os seus modos de funcionamento, é o sociólogo Sergio Miceli. Na obra *Sonhos da Periferia: Inteligência argentina e mecenato privado*, aborda o tema da profissionalização da escrita na Argentina, bem como a formação de uma tradição intelectual associada ao mecenato privado. Enquanto no Brasil, os intelectuais teriam sido incorporados pelo Estado, no país vizinho, este processo se daria por meio dos mecenas literários e artísticos. Embora o autor investigue de maneira deveras importante os modos de operação do mecenato e de instituições privadas na promoção da cultura, observamos uma leitura exclusivamente enfática sobre a classe e condição social de Victoria Ocampo, sem considerar em qual momento ela desafia e rompe com tais padrões. Na leitura de Miceli, a escritora atua mais como mecenas do que intelectual e se mantém fiel aos interesses de sua classe. Em nosso entendimento, seria mais proveitoso compreender em qual medida ela mantém e desfruta de privilégios de classe, mas averiguar, de modo mais detido, quais seriam os caminhos e ferramentas por ela mobilizadas para posicionar-se enquanto escritora e intelectual e não apenas como mecenas. A obra de Miceli integra um conjunto importante de investigações destinadas a compreender os modos de funcionamento e consolidação de grupos artísticos e intelectuais. Um dos modos possíveis para tal, e, particularmente, no que diz respeito à compreensão dos modos de atuação das mulheres na literatura, consiste no método prosopográfico, tendo como ênfase as afiliações sociais e econômicas. Com isso, pretende-se desvendar de modo mais preciso os caminhos e percalços de suas trajetórias, possibilitando averiguar quais limites de suas atuações, em qual medida rompem com expectativas de classe e nacionalidade, e de qual modo, em contrapartida, reiteram tais padrões. MICELI, Sergio. *Sonhos da periferia: inteligência argentina e mecenato privado*. São Paulo: Todavia, 2018.

⁴² Tomamos de empréstimo o título desta seção de uma manchete de um jornal argentino ao noticiar anteriores a viagem de Mistral à Suécia para receber o Nobel. VER: ¡Buen viaje a la gloria, Gabriela Mistral! la mistral hace compras en Rio de Janeiro, en visperas de partir para Suecia a recibir el Premio Nobel 1945 [artículo]: por Jorge Amaral.

pretensão de estabelecer uma história de vida coerente e linear. Um apoio para quem pesquisa a autora reside nas biografias produzidas por Jaime Quezada, *Bendita mi lengua sea*, e *Moneda dura*, de Cecilia García Huidobro. Ambas são caracterizadas pelo esforço de reconstruir a vida de Gabriela. Neste trabalho, contamos com um trabalho mais novo, produzido por Pedro Pablo Zegers, intitulada *Vivir y escribir: prosas autobiográficas*. O livro é um apanhado de registros fragmentários de diários da autora. Nas entradas, descobrimos algumas dimensões da personalidade da escritora, que poderiam porventura ser menos conhecidas a nós. Por outro, a repetição de certos temas e sentimentos, como o desejo de escrever, ou mesmo a tristeza e a solidão.

“Cuando salí de la escuela, las muchachas me esperaban en la calle. Habían estado recogiendo piedras para arrojárme-las. Y así lo hicieron” é uma das primeiras frases do livro. Assim narrou Gabriela Mistral uma das primeiras recordações de sua experiência na escola, ainda enquanto criança. Segundo a poeta, ela havia sido falsamente acusada de ter roubado folhas de papel que seriam divididas com o resto da classe. Esse acontecimento marcaria de modo decisivo sua infância: por conta do trauma, decorrente da agressão, teria saído definitivamente da escola e conquistado a sua instrução de modo autodidata. Retornou, entretanto, como professora, carreira com a qual se comprometeu intensamente, até a sua aposentadoria, nos anos 1930. Enquanto *maestra*, viajou pelo Chile inteiro – de Antofagasta à Punta Arenas, com estadias em Santiago e Temuco e colaborou de modo decisivo para a defesa da educação de meninas.

A imagem de *maestra* esteve colada à Gabriela Mistral até os dias de hoje. Em grande parte, isso se deve ao seu próprio esforço, o de constantemente referir a si mesma enquanto professora. Na maioria das vezes, era em tom modesto e de humildade, ou até mesmo autodepreciativo. Em 1915, escreveu “soy una maestra sin nada de arribista; tengo una actitud de perfecta indiferencia para las personas que aunque en un círculo de esplendor se agiten no me interesan, porque no viven las cosas que vivo”. Tais registros informam a leitor a imagem de uma Gabriela *outsider* sem grandes pretensões profissionais ou intelectuais e que desgostava das sociabilidades superficiais.

Os sentimentos de inadequação e certa exclusão, neste início de carreira, são bastante frequentes. Um dos motivos seria a ausência de títulos formais:

“Yo no tengo, es cierto, [el título de maestra], mi pobreza no me permitió adquirirlo y este delito, que no es mío sino de la vida, me ha valido el que se me niegue, por algunos, la sal y la agua”. [...] “Me lapidan por esta culpa de entrar a una escuela a enseñar sin haber pasado por una escuela grande donde deben fabricarse, por ley del Estado, todos los maestros. Yo vine de otra parte. Vine de mi corazón. En primer término, de mi corazón lleno de ansia de sarse [...] no entre a esa escuela porque nací pobre.”⁴³

É uma tarefa importante questionar por quais motivos a autora rememora tais aspectos de sua trajetória com tanta frequência. Os registros de Mistral sobre sua carreira como educadora constantemente trazem a ideia de que sua condição social e financeira havia impossibilitado que frequentasse instituições educacionais de prestígio. Por estes motivos, os obstáculos enfrentados por ela eram, muitas vezes, intransponíveis. De fato, sente-se descocada, de certo modo, por identificar que não teria o domínio deste conjunto de saberes, valorizados por certa cultura letrada. Além disso, sua formação autodidata, apartada dos espaços institucionais do saber, poderia ter dificultado suas possibilidades de reconhecimento ainda no início de sua carreira. Contudo, podemos trabalhar com a hipótese de que essas reflexões embora indiquem o desejo de “contar a própria história”, revelam o esforço para construir determinada imagem de si mesma: a de alguém que teria conquistado o reconhecimento de seus pares por meio do próprio mérito.

“No entre a esa escuela porque nací pobre”: a qual escola se refere? Na passagem retirada de correspondência enviada ao então Secretário de Educação Pública do México, José Vasconcelos, em 1921, denuncia a percepção de que o espaço educacional e de conhecimento apresentava obstáculos para as crianças de camadas populares. Embora esteja mencionando sua experiência particular, a chilena também demonstra a percepção de que os espaços de formação educacional seriam restritos a determinadas camadas da sociedade. Desse modo, a sua trajetória, marcada por uma vivência propriamente baseada nos liceus, pela prática pedagógica em si, demonstraria seu enfático comprometimento com a educação, compreendendo o professor enquanto figura central no processo de autonomização intelectual dos estudantes.

⁴³ MISTRAL, Gabriela. *Vivir y escribir: prosas autobiográficas*. Colección Ovidas ajenas. Santiago: Ediciones Universidad Diego Portales, 2013, p. 23.

Por conta de seu trabalho pedagógico, sobretudo em escolas rurais, foi convidada por Vasconcelos para colaborar com reformas de educação no ano seguinte. A escritora havia trabalhado em escolas rurais no Chile, e sua missão havia sido de “reorganizar un colégio dividido contra sí mismo y ayudar en la chilenización de un territorio donde el extranjero superabundaba”.⁴⁴ Mistral incorpora o projeto de “maestra misioneira”, da educadora que se dirige ao campo para integrar, por meio da alfabetização, camponeses e trabalhadores, por vezes vivendo em situação de exclusão social ou geográfica. Como demonstrou Gabriela Pellegrino Soares, essa atuação teve papel fundamental na proposição de bibliotecas populares e contribuiu de modo decisivo para a formação de leitores no país e na América Latina como um todo.⁴⁵

O período em que residiu no México foi bastante rico em termos de produção literária: além de poesia, Mistral redigiu muitos textos autobiográficos, relatando suas impressões sobre o país, sobre as escolas e as pessoas. Em 1923, quando havia recém-chegado, escreveu: “Todo esto, con ser mucho, es meno para mí que una cualidad mexicana que me llena de complacência: na sencillez afectuosa, que es la virtude más rara de encontrar en mi raza chilena..Me han ganado el corazón”⁴⁶ A ida ao país havia sido uma de suas primeiras experiências efetivas no exterior e por isso, marcou decisivamente sua carreira. Sobretudo, foi um período substancial para que se engajasse de modo mais enfático à causa do americanismo – assunto abordado mais detidamente no terceiro capítulo desta dissertação.

Durante os dois anos em que permaneceu no México, colaborou com dezenas de jornais dentro e fora do país, bem como trabalhou em sua poesia. Organizou um livro sobre educação feminina intitulado *Lectura para mujeres*, a pedido da Secretaria de Educação Mexicana. Escrever essa obra, segundo a autora, foi um desafio. Em primeiro lugar, “mi pequeño trabajo no pretende competir con los textos nacionales, por certo: tiene los defectos lógicos de la labor hecha por um viajero”. Ou seja, como poderia ela escrever uma obra para as mulheres mexicanas se era uma estrangeira? Em segundo, afirmava como possuía ressalvas sobre a participação cada

⁴⁴ MISTRAL, Gabriela. Cuatro Hombres Americanos. In: *Por la humanidad futura: antología política de Gabriela Mistral*. ORG. POZO, Diego. La pollera ediciones: Santiago, 2015.P. 55

⁴⁵ SOARES, Gabriela Pellegrino. *Semear horizontes: história da formação de leitores na Argentina e no Brasil, 1915 – 1954*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

⁴⁶ MISTRAL, Gabriela. *Vivir y escribir: prosas autobiográficas*. Colección avidas ajenas. Santiago: Ediciones Universidad Diego Portales, 2013.

dia mais intensa das mulheres em profissões liberais e industriais. Ainda que esse movimento contribuísse para sua independência econômica, causava significativo prejuízo para o sentido da maternidade.

Embora tenha abandonado precocemente a escola, Mistral nunca deixou de ser educadora e de refletir sobre práticas pedagógicas, bem como sobre problemas mais gerais referentes à educação. Em 1931, aposenta-se do magistério ao recusar o convite para atuar como Diretora do Ensino Primário por parte do governo chileno. No ano seguinte, recebe um segundo convite, este, para representar o país internacionalmente como consulesa do Chile. A *maestra* não apenas aceita o cargo, como o ocupa até o momento de sua morte, em 1957.⁴⁷ Ao longo destes anos, viveu em diversos países: Portugal, Espanha, Itália e no Brasil (1940 – 1945). São escassos os estudos que investigam de modo mais detido a sua atuação enquanto representante diplomática no exterior. Sabe-se que desempenhou um papel importante no Instituto de Cooperação Internacional da Liga das Nações – instituição que precede a Organização das Nações Unidas – ao representar a América Latina.

Muito de seu êxito como consulesa, compreende certa historiografia, é justificado pelas habilidades que havia adquirido enquanto educadora, como mediar disputas locais, desempenhar atitude amistosa entre escritores e visitantes, corresponder-se com figuras de diversas orientações políticas. Soube manejar adversidades e conflitos, mesmo que, por vezes, estivesse inteiramente atrelada a eles. Tais conquistas não ocorrem, entretanto, sem custo emocional e de saúde: em muitas correspondências a autora manifesta uma personalidade extremamente depressiva, condição agravada com o suicídio de seu sobrinho. Além das dificuldades emocionais, contava com impedimentos físicos: a visão prejudicada, a falta de disposição. A poeta não chega a mencionar diretamente se caráter itinerante de sua trajetória, também justificado pela profissão de consulesa, agrava ou ameniza este quadro. Apenas reconhece que embora mantenha forte vínculo com sua terra natal, não possui familiares próximos no país, o que diminuía seu desejo de retornar.

Em 1945, em um fragmento de diário, a chilena narra o momento em que recebeu a notícia que transformaria significativamente a sua vida: a do Nobel de Literatura.

⁴⁷ SEPÚLVEDA VÁSQUEZ, Carola. Gabriela Mistral: das danças de roda de uma professora consulesa no Brasil / Carola Gabriela Sepúlveda Vásquez. – Campinas, SP: [s.n.], 2014.

“Estaba sola en Petrópolis, en mi cuarto de hotel, escuchando en la radio las noticias de Palestina. Después de breve pausa en la emisor, se hizo el anuncio que me aturdió y que no esperaba. Caí de rodillas frente al crucifijo que siempre me acompaña y bañada en lágrimas oré: Jesucristo, haz merecedora de tan alto lauro a esta tu humilde hija”.⁴⁸

O trecho selecionado do diário de Gabriela Mistral ilustra de certo modo narrou o recebimento da notícia. Em correspondência enviada para Victoria Ocampo, novamente menciona como não se sentia merecedora deste reconhecimento, afinal, haveria outros/as escritores e poetas que, em seu entendimento, possuiriam maior qualidade literária. Não podemos afirmar com precisão se esse foi o modo como a chilena de fato encarou a láurea, isto é, se era de fato uma manifestação honesta de como percebia a si mesma e a sua obra, ou se era uma forma de retórica de autodepreciação, prática comum entre mulheres que escreveram relatos de viagem, poesia, romances e literatura de modo geral.⁴⁹ De acordo com Franco, a retórica da autodepreciação foi observada em obras de mulheres viajantes do século XIX. No entendimento da autora, essa era uma estratégia: ao mesmo momento em que se desculpavam e se diminuía enquanto escritoras, estavam, na prática, ocupando espaços historicamente negado a elas ao relatarem suas experiências.

Para refletir a respeito dos modos como Mistral teria compreendido o Nobel, é importante contextualizar como a sua produção poética fora encarada na época. Nas palavras de Cora Santandreu,

“Ningún outro poeta de la lengua española – acaso se le aproxime la mística Santa Teresa de Jesús – ha expresado sus vivencias con más ardor, con más quemantes imágenes. Y para ello su lenguaje se torna térmico, dinámico, impresionista.”⁵⁰

A reflexão de Santandreu nos oferece algumas pistas sobre quais foram as justificativas para o desejo de nomeação de Mistral ao Nobel. Existem duas perspectivas exploradas pela literatura que se ocupou da trajetória da poeta. A primeira delas identifica a coroação da poeta chilena por um viés simbólico: com a Europa devastada após o final da Segunda Guerra, a escolha se dirigia a uma

⁴⁸ BLACHET, Pedro Pablo Zegers. (ORG). Gabriela Mistral: *Vivir y escribir – prosa autobiográfica*. Santiago: Ediciones Universidad Diego Portales, 2015, p. 232.

⁴⁹ FRANCO, Stella Maris Scatena. *Peregrinas de outrora: viajantes latino-americanas no século XIX*. Editora Mulheres, 2008.

⁵⁰ SANTANDREU, Cora. Aspectos del estilo en la poesía de Gabriela Mistral. *Anales de la Universidad de Chile*, 1957. p. 125

“outsider”, uma latino-americana. A segunda, apresentada por Santandreu, refere-se à constatação de que a chilena era reconhecida por seus pares por conta da qualidade estética de seus escritos. Em nossa perspectiva, a última explicação parece mais razoável. Embora saibamos que a escolha dos escritores consagrados pelo Nobel envolve disputas de influência e dinâmicas particulares dos bastidores do mundo literário, o processo da indicação até o reconhecimento pela Academia Sueca envolve um longo processo de análise de trajetória e produção poética dos escritores. Sendo assim, parece-nos pouco provável que o desígnio tenha sido meramente simbólico.

Recortes de jornais hispano-americanos da década de 1940 nos oferecem indícios a respeito do processo de candidatura de Mistral ao Nobel. O peruano *La Cronica*, em 28 de janeiro de 1940, publica uma matéria em que discute o adensamento do apoio de escritores e intelectuais latino-americanos para a candidatura da chilena. “Gana simpatía de América la postulación de Gabriela Mistral para el premio Nobel”,⁵¹ é o título da matéria, que além de trazer alguns poemas da escritora, menciona as instituições que haviam aderido à campanha, como a Academia Brasileira de Letras e o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro. A justificativa residia na constatação da qualidade de seus escritos, da sua capacidade em abordar temas relacionados a grandeza espiritual da América. Por conta disso, “Ningún país de América mirará con indiferencia esta candidatura ilustre, y antes, por el contrario, considerándole honor y timbre de la espiritualidad y grandeza de alma de la mujer americana”.⁵²

A partir desta matéria, podemos depreender dois elementos importantes: o primeiro deles diz respeito ao momento em que a candidatura de Mistral ao Nobel começa a ganhar corpo no continente, ou seja, ao menos 5 anos antes da premiação. O segundo refere-se ao arranjo entre escritores, intelectuais e instituições – inclusive as Brasileiras – endossando o apoio a poeta chilena. Em nosso entendimento, tais indícios enfraquecem o argumento de que a coroação de Mistral tenha sido motivada pelo desejo de recolher nas Américas a esperança inexistente de um continente devastado pela Guerra, e mais uma interpretação inferida posteriormente.

⁵¹ “Gana simpatía de América la postulación de Gabriela Mistral para el premio Nobel [artículo]. *La Crónica* (Diario: Lima, Perú) 1940. Archivo del Escritor. Disponible en Biblioteca Nacional Digital de Chile. Acesso: setembro/2019.

⁵² *Idem*.

Se a expectativa de consagração de Mistral já rondava o campo literário hispano-americano, a chegada da notícia ao continente levou às ruas dezenas de pessoas celebrando a conquista. Em Antofagasta, Santiago e Vicuña, houve manifestações de felicidade e entusiasmo.⁵³ Pulverizaram notícias em jornais no país, relatando o sentimento de comunhão e aproximação entre os chilenos. Na Argentina e no Brasil o assunto também estampou as primeiras páginas naquele dezesseis de novembro, enfatizando o merecido reconhecimento do “melhor da América” no tão importante prêmio. Publicações no Chile, Argentina e Brasil, país em que residia, narravam a trajetória da *maestra*, desde os primeiros momentos de sua vida, no Vale do Elquí, até sua estadia na Europa como consulesa.

Na primeira página do Jornal O Mercurio, do mesmo 16 de novembro, lê-se:

“Con especial júbilo es celebrada la distinción concedida a nuestra compatriota Gabriela Mistral la noticia del otorgamiento a la gran poetisa, del Premio Nobel de Literatura, fué entusiastamente recibida en todos los sectores: el acontecimiento fué el comentario del día en los círculos culturales y artísticos”⁵⁴

Observamos nos periódicos consultados a valorização de Gabriela Mistral enquanto uma escritora hispano-americana, reiterando o um sentimento de identidade compartilhada no continente. “Poetisa da América, Voz da Humanidade”⁵⁵ dizia uma das matérias, ressaltando a importância de Mistral para a América, particularmente, mas para a humanidade como um todo, ao trazer mensagens de esperança, paz e amizade. Até mesmo as publicações brasileiras encaravam a notícia por essa perspectiva, a de que a conquista seria também dos cidadãos do Brasil, tanto pela proximidade do país com seus “irmãos sul-americanos”, quanto pelo fato da poeta residir no país na ocasião de recebimento do prêmio. No jornal “O Globo”, um artigo

⁵³ “Manifestaciones de regocijo por el otorgamiento del Premio Nóbel de Literatura a Gabriela Mistral” [artículo]. El Mercurio (Diario: Antofagasta, Chile) 17 de dezembro de 1945, p. 21 y 30. Acesso: setembro/2019;

⁵⁴ “Con especial júbilo es celebrada la distinción concedida a nuestra compatriota Gabriela Mistral la noticia del otorgamiento a la gran poetisa, del Premio Nobel de Literatura, fué entusiastamente recibida en todos los sectores: el acontecimiento fué el comentario del día en los círculos culturales y artísticos: datos biográficos.” El Mercurio (Diario: Santiago, Chile), 16 de Novembro de 1945. Archivo del Escritor. Disponible en Biblioteca Nacional Digital de Chile. Acesso em setembro/2019.

⁵⁵ “Gabriela Mistral obtiene para las letras latinoamericanas el primer Premio Nobel”. La Hora (Diario: Santiago, Chile) 16 de Novembro de 1945, p. 1. Archivo del Escritor. Biblioteca Nacional Digital de Chile. Acesso em setembro/2019.

redigido por Cecília Meireles ⁵⁶ de 19 de novembro de 1945 afirmava: “A obra de Gabriela Mistral, professora desde os quinze anos, fez chegar às crianças de todo o mundo por uma torrente de ternura”. ⁵⁷

Nas semanas seguintes, alguns jornais noticiaram os preparativos da ida da poeta à Suécia. O periódico argentino ¡Aquí está! publicou uma matéria intitulada “¡Buen Viaje a la Gloria, Gabriela Mistral!”, em que tratou dos dias prévios a sua viagem, quando consultou uma costureira para providenciar as devidas vestimentas para a ocasião. Assim seguiram outros relatos: os detalhes da viagem para a Europa, os moldes da cerimônia e as particularidades da ocasião. Ao trazer estes recortes de jornais, buscamos compor um breve panorama a respeito de como chega a notícia da conquista do Nobel de Mistral no Chile e em outros países da América Latina e como este momento marca definitivamente o seu reconhecimento no continente como um todo.

Na ocasião do Nobel, Mistral já mencionava em suas correspondências com Victoria Ocampo a existência de problemas de saúde, física e emocional, agravados após o suicídio de seu sobrinho, Yinyin, dois anos antes. Com o avançar da idade, essas dificuldades se intensificam e fazem de sua produção ensaística menos constante. Esses impasses são frequentemente mencionados nas correspondências, que passam a ser datilografadas por sua companheira, Doris Dana. De acordo com a poeta, ela estaria resguardando a sua energia para redigir *Poema de Chile*, que se tornaria uma de suas obras mais emblemáticas. Nesta publicação, Mistral narrou meticulosamente as paisagens, pessoas e experiências de seu país de origem. Entretanto, o *Poema* não é escrito sem que haja extremo esforço por sua parte, considerando as limitações de saúde:

“Yo no te he mandado nada, creo, porque solamente sigo ese largo poema sobre Chile, - puramente

⁵⁶ Mistral e Meireles mantiveram interlocução, sobretudo quando a poeta chilena viveu no Brasil. Existem trabalhos que investigam a relação entre as duas escritoras, tanto pelo prisma de seu diálogo epistolar, quanto pelo viés dos projetos educacionais em que trabalharam, no México e no Brasil. A respeito deste tema, consultar: MICARELLO, Hilda Aparecida; FERREIRA, Rosângela. As intelectuais Gabriela Mistral e Cecília Meireles nas bibliotecas infantis: traços da modernidade educacional no México e no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, v. 22, 2017.

⁵⁷ MEIRELES, Cecília. A obra de Gabriela Mistral Professora desde os quinze anos, fez chegar às crianças de todo o mundo uma torrente de ternura [artículo]. O Globo (Diário: Rio de Janeiro, Brasil). Archivo del Escritor, Biblioteca Nacional Digital de Chile.

descriptivo. Eso me obliga a leer y a guardar la poca fuerza que tengo.”⁵⁸

As primeiras menções a respeito deste projeto aparecem em carta enviada à Ocampo em abril de 1947, quando Mistral escreveu.

“Recebí una carta de tu nuevo Redactor de *Sur*. Yo había escrito antes una muy larga a María Rosa. Allí le hablé de un poema muy largo, que posiblemente no sirve pra *Sur*. Son unas cien estrofas y es un “Recado sobre un viaje imaginário” por Chile.”⁵⁹

Quatro anos mais tarde, novembro de 1951, a poeta volta a falar sobre o *Poema*:

“Creo haberte dicho que hay material mío para un libro. Pero tengo sin rematar un “Poema de Chile”, absolutamente descriptivo y me faltan bastantes datos. Todos me prometen ayuda, pero nadie me manda cosas concretas”.⁶⁰

As menções a respeito do *Poema de Chile* nas correspondências revelam dois aspectos importantes. O primeiro refere-se à possibilidade de ilustrar como eventualmente os projetos intelectuais e escritos emergem nesta esfera, tanto pela discussão de projetos literários e publicações, como reflexões mais detidas a respeito das motivações que levavam a escrever. O segundo refere-se a própria concepção do *Poema* ao longo dos anos, as preocupações de Mistral em narrar paisagens, pessoas e sentimentos associados ao seu país de origem, ainda que estivesse naquele momento tão distante dele.

De acordo com Falabela Luco, *Poema de Chile* foi um marco central na produção mistraliana, pois propôs “chaves para refletir criticamente sobre temas éticos, estéticos, espirituais e políticos do país”. Sobretudo, representou a tomada de palavra pela poeta, no sentido de subverter a lógica patriarcal e patrimonial que operaram de modos predominante no Chile. Por meio de tais chaves, Mistral propôs

⁵⁸ MISTRAL, Gabriela. [Carta, 6 de outubro de 1951, Nápoles] a OCAMPO, Victoria. In *Esta Nuestra America: correspondência, 1926 – 1956*. Buenos Aires, El cuenco de Plata 2013.

⁵⁹ MISTRAL, Gabriela. [Carta, 19 de Abril de 1947, Monrovia, Califórnia] a OCAMPO, Victoria. In: *Esta America Nuestra: correspondencia 1926 – 1956*. Buenos Aires: El Cuenco de Plata, 2013.

⁶⁰ MISTRAL, Gabriela. [Carta, Novembro de 1951, Nápoles, Itália] a OCAMPO, Victoria. In: *Esta America Nuestra: correspondencia 1926 – 1956*. Buenos Aires: El Cuenco de Plata, 2013.

modos de pensar categorias referentes a identidade e a justiça social de seu país de modo autônomo e inovador.⁶¹

Nesta seção, buscamos refletir como se construiu a trajetória de Mistral enquanto “Poeta da América”. Ainda que tenha desfrutado da consagração e do reconhecimento, reiteradamente mencionou a escassez de recursos financeiros ao longo de sua vida, de modo que, mesmo após a conquista do Prêmio, permaneceu atuante enquanto ensaísta em diversos jornais como modo de sustento. Isto nos indica, sobretudo, como a poeta não foi capaz de manter financeiramente com recursos provenientes de sua produção poética, mas por uma atividade ensaística. Além de tais dificuldades, Mistral pareceu sentir-se incomodada com a apropriação de sua imagem, após a premiação, para finalidades políticas e autopromoção às custas de sua carreira.

1.2 – Entre cartas e ensaios: Victoria Ocampo e sua experiência em Buen Pastor

Em 1953, Victoria Ocampo passou vinte e seis dias na prisão de *Buen Pastor* sob o falso pretexto de que teria se envolvido em um ataque contra Perón. Escreveu a Gabriela Mistral relatando sua experiência no cárcere, que por sua vez articulou um abaixo-assinado de figuras notáveis no âmbito das artes e da literatura, além de escrever diretamente ao governante exigindo a sua libertação. Os desdobramentos do evento indicam como a troca de correspondências entre mulheres intelectuais consistiu não somente um espaço de intercâmbio de experiências, como uma possibilidade de articulação política e intelectual entre elas. A narrativa elaborada por Ocampo em suas cartas serviu tanto como um espaço de reflexão sobre sua vivência em particular, como uma ferramenta capaz de estabelecer interlocução política. Por meio do cotejamento entre as cartas e o ensaio *La Hora de la Verdad*, publicado na Revista *Sur*, observamos o processo de construção de sua autoimagem enquanto intelectual antagonista ao governo de Perón. A produção de dois discursos, em formatos distintos, serviu tanto para consolidação uma representação de si mesma, e por extensão da Revista *Sur*, enquanto símbolos de resistência democrática a governos entendidos como totalitários. Nesta segunda seção de capítulo, iremos

⁶¹ FALABELLA LUCO, Soledad; DOMANGE, Bernardita. Poem of Chile, its manuscripts and an assessment of the value of the Gabriela Mistral legacy. *Estud. filol.*, Valdivia, n. 46, p. 43-57, nov. 2010.

averiguar como Victoria Ocampo fez uso das correspondências enquanto instrumentos de denúncia política contra as arbitrariedades cometidas pelo governo de Perón. Sobretudo, para reiterar constantemente o seu comprometimento com as liberdades democráticas.

Os relatos sobre o governo peronista em correspondências para Mistral se iniciam logo após a sua eleição. Esse momento foi entendido pela portenha como a materialização de tendências autoritárias advindas da Europa na América Latina. Após a eleição de Perón à presidência, a portenha narra em correspondências uma série de intimidações e arbitrariedades enfrentadas por ela, como o recolhimento de seu passaporte, interrogações realizadas pela polícia peronista para que liberassem a ela um “certificado de boa conduta”. A sede da *Sur* teria sido revistada mais de uma vez em busca de materiais “suspeitos”. Em 1947, Gabriela escreve a Ocampo indicando seu receio com os acontecimentos recentes na Argentina e nos demais países latino-americanos. Eram comuns as associações diretas ao governo peronista com o fascismo e o comunismo, entendidos enquanto duas faces da mesma moeda do totalitarismo.

“Lo de tu tierra, a medida que tome tinte comunista (y lo totalitário tiene que tomarlo), ya há pasado a mi país y alguns dicen que a Bolivia y a Paraguay. Cuando todo este amagado, *la asfixia va a ahogar a cuantos hemos callado*”.⁶²

A emblemática frase de Mistral resume uma ideia presente em tantas outras cartas: a represália pelo fato de Ocampo não assumir uma postura engajada em relação às disputas políticas de seu país. As longas falas da portenha sobre como as arbitrariedades do governo peronista interferiam em sua vida por meio da censura eram frequentemente rebatidas por Mistral, que cobrava de sua interlocutora um posicionamento mais enfático em público. A chilena aconselhava a Ocampo a mobilizar as plataformas das quais dispunha, sobretudo a *Sur*, enquanto canais de denúncia para esses acontecimentos.

Muito da ausência de um engajamento mais direto e explícito na política advém da crença de Ocampo na “república do espírito”. Partia do pressuposto de que

⁶² MISTRAL, Gabriela. [Carta, Novembro de 1951, Nápoles, Itália] a OCAMPO, Victoria. In: *Esta America Nuestra: correspondencia 1926 – 1956*. Buenos Aires: El Cuenco de Plata, 2013.

os intelectuais deveriam assumir postura “clerical”, isto é, abster-se de disputas políticas do presente para não serem influenciados ou conduzidos por elas, e que orientou muitos de seus escritos. As artes, a literatura e a música seriam, portanto, universais e ultrapassariam as barreiras nacionais, com o objetivo de estabelecer pontes e diálogos sem a interferência direta dos acontecimentos do presente. A defesa da universalidade da cultura esteve aliada à proposta de integração das massas através da cultura: a concepção do “homem-médio” ocasionado pela massificação empreendida por governos totalitários teria criado indivíduos impossibilitados de exercer sua capacidade de livre pensamento. A distinção entre o intelectual e as massas esteve à serviço de sua legitimação enquanto o guardião de saberes universais e, portanto, o responsável por instruir as massas por meio das artes e literatura.

Seu compromisso com a continuidade da *Sur*, em seu entendimento, derivaria da ambição de educar o povo. De acordo com Paulo Renato da Silva:

“Na *Sur*, sob a influência do pensamento de Ortega y Gasset, predominava a defesa de uma integração das massas através da cultura, desde que fosse (re)construída a chamada meritocracia, ou seja, a sociedade deveria ser governada pelos melhores, pelos mais capazes. O nazi-fascismo e o peronismo eram considerados como uma inversão de valores por perseguirem os intelectuais e se colocarem como representantes das massas”.⁶³

Ocampo menciona reiteradamente ao longo dos anos seus esforços para garantir a manutenção do periódico, ainda que em condições adversas, tais como a atuação da censura peronista, a crescente desvalorização do peso argentino e os obstáculos na conformação de um mercado editorial consolidado no país. Ao expor tais dilemas, observamos o forjar de uma imagem de si enquanto intelectual, comprometida com a divulgação literária. De certo, consideramos que nas correspondências a portenha relatava sentimentos, afetos, tensões e desilusões. Mas, também, sabia que Mistral era uma escritora de grande importância e reconhecimento internacional e que poderia ser uma importante aliada nas denúncias contra o governo de Perón e de sua atuação nesta conjuntura. Por conta disso, é necessário ponderarmos: ao mesmo tempo em que não se pode presumir que as escritoras milimetricamente planejavam cada gesto, devemos ler de modo crítico as

⁶³ SILVA, Paulo Renato. As revistas *Sur*, *Contorno* e a nova geração intelectual argentina (1948-1956). *Revista Eletrônica da ANPHLAC*. N.4, 2005.

correspondências, atentando para as muitas camadas de construção de si mesmas ali presentes.

Ao longo dos anos, as manifestações de Ocampo a respeito das dificuldades enfrentadas por ela se intensificam. A portenha foi obrigada a dar declarações sobre sua atividade política e intelectual, bem como da *Sur*; a relatar detalhadamente a atividade de Villa Ocampo, sua residência em San Isidro, a respeito do conteúdo e natureza de seus encontros com outros intelectuais, identificados pela política peronista como potencialmente subversivos. Como citado na correspondência abaixo, continuou a enfrentar restrições para obter o certificado de boa conduta, imprescindível para que pudesse renovar seu passaporte.

“Decirte quela vida se ha vuelto desagradable en Argentina es decir muy poco. Para conseguir mi certificado de buena conducta me citaron (2 veces, con 6 meses de intervalo) a la sección especial de la policía, comisaría octava (donde torturan a la gente y les aplican la picana eléctrica, etc.) a las 7 de la mañana. Me interrogaran horas. Allanaron *Sur* y mi domicilio particular (*pour la forme..* pues casi no miraron nada). Sabrás que hace cuestión de dos o tres meses, aparecieron cruces en todas las puertas de las personas de la oposición (sin más crimen que el de no plegarse al peronismo). A mi me pusieron *dos* cruces. Esta diferencia me honra. Pero desde luego no tiene nada de agradable y, como soy persona que viva sola en el campo, ando sola manejando mi auto y vuelo a casa sola a altas horas de la noche, a veces me sentía enervada por estas amenazas que no pueden localizarse.”⁶⁴

Nesta correspondência, observamos o modo como a escritora empenha-se em demonstrar que, embora fosse profundamente prejudicada pelas perseguições do governo peronista, de certo modo, sentia-se “honrada por essa diferença”, pois ressaltaria a importância de seu comprometimento com causas democráticas. Essa tônica parece ter prevalecido nas correspondências encaminhadas a Mistral: ao mesmo tempo em que afirma seu sofrimento, posiciona-se enquanto figura central na resistência contra o governo peronista e enfatiza a importância do periódico que comandava neste cenário. Em nosso entendimento, essa teria sido uma marca

⁶⁴ OCAMPO, Victoria.[Carta, 17 de junho de 1953, Buenos Aires] a MISTRAL, Gabriela. *In Esta America Nuestra: correspondência, 1926 – 1956*. Buenos Aires: El Cuenco de Plata, 2013.

importante para a sua consagração definitiva no mundo literário hispano-americano, pois demonstraria seu irrefutável compromisso com a divulgação cultural nas Américas.

As respostas enviadas por Mistral para os relatos de Ocampo foram variadas. Em alguns momentos, eram mais duras e incisivas, cobravam uma articulação política mais efetiva de sua interlocutora. Em outras, na tentativa de reconfortá-la, ressaltavam como a ascensão do peronismo estava associada a uma conjuntura global de modificações substanciais na economia, na política, no campo das artes e da cultura. Por conta disso, Ocampo deveria guardar sua força para enfrentar as adversidades que assolavam o continente:

“No sufras, Vict. Tu país había sido el más sensato de los 21 pueblos nuestros. La hora de volverse loco tenía que venir. El mundo entero va entrando en la calentura. (Guarda tu fuerza, Vic.: necesitamos todos de ella.”⁶⁵

As intimidações e interrogatórios que se intensificaram após a reeleição de Perón culminaram na prisão de Ocampo, em 1953, sob a justificativa de que teria participado de um complô terrorista, que organizou um atentado contra a vida do presidente na Plaza de Mayo:

“El día 15 de abril, día en que P. habló desde los balcones de la Casa Rosada, estábamos Angélica y yo solas en Villa Victoria. Pusimos la radio. Pero como el discurso se parecía (al comienzo) a lo que tantas veces habíamos oído, dejé la radio puesta y salí a caminar por el jardín. Después de unos minutos, volví y fue la mujer del jardinero (que estaba oyendo el discurso en su radio y en su cuarto) quien vino corriendo avisarme que habían estallado dos bombas. [...] Ella y los demás sirvientes son testigos. A eso se redujo, pues, el 15 de abril, mi participaión en el complot terrorista.”⁶⁶

Neste excerto observamos na denúncia uma tônica comum de muitos intelectuais antiperonistas, especialmente aqueles agregados na *Sur*, em relação a Perón: a esposa do jardineiro escutando o rádio simbolizaria a adesão irrestrita das camadas populares ao governo, de modo a ressaltar a sua irracionalidade. A leitura

⁶⁵ MISTRAL, Gabriela. [Carta, 6 de outubro de 1951, Nápoles] a OCAMPO, Victoria. In *Esta America Nuestra: correspondência, 1926 – 1956*. Buenos Aires: El Cuenco de Plata, 2013.

⁶⁶ Idem, p. 218

desta correspondência de Victoria Ocampo nos remete a um texto que se tornaria emblemático para os intelectuais antiperonistas, “Aquella patria de nuestra infancia”, de Ernesto Sabato, também publicado pela primeira vez na Edição 237 da Revista *Sur*. Em trecho, o autor escreve:

“Aquella noche de septiembre de 1955, mientras los doctores, hacendados y escritores festejábamos ruidosamente en la sala la caída del tirano, en un rincón de la cocina vi cómo las dos indias que allí trabajaban tenían los ojos empapados de lágrimas. [...] Muchos millones de desposeídos y de trabajadores derramaban lágrimas en aquellos instantes, para ellos duros y sombríos. Grandes multitudes de compatriotas humildes estaban simbolizadas en aquellas dos muchachas indígenas que lloraban en una cocina de Salta.”⁶⁷

Tanto na correspondência de Ocampo, datada de três anos antes, quanto no texto de Sabato, observamos o esforço em promover uma dicotomia estabelecida entre, de um lado, os doutores, fazendeiros e escritores, comemorando a queda do “tirano”, enquanto na área de serviços da casa, as camadas populares – mestiças, indígenas – choravam o fim de seu governo. Em parte, a diferenciação entre os peronistas e antiperonistas residiria no entendimento de que os trabalhadores teriam sido enganados por medidas paternalistas e desconheceriam as arbitrariedades promovidas por Perón por conta da censura.⁶⁸

Após as acusações de envolvimento com conspirações terroristas, Ocampo foi levada à prisão, *sans autre forme de procès*, isto é, sem qualquer tipo de procedimento judicial. Ao longo de vinte e seis dias, permaneceu na prisão feminina de *Buen Pastor* ao lado de presas políticas e outras detentas regulares. No cárcere, recebeu visitas uma vez por semana de suas irmãs e sobrinhas, sempre por detrás das grades. Junto dela, na mesma condição, estavam outras presas políticas: cinco socialistas, duas “democráticas-progressistas”. De acordo com a portenha, “as garotas socialistas”, como ela descreve, passaram quarenta e oito dias na prisão por chorarem quando viram o incêndio na Casa del Pueblo, a central do partido

⁶⁷ SABATO, Ernesto. *Aquella patria de nuestra infancia*. Revista *SUR*, 1955, P. 102 – 106.

⁶⁸ A respeito da relação entre os intelectuais e o peronismo, ver: KLINGER, Diana. Os intelectuais e o Estado: a experiência do Peronismo e do Estado Novo. *Itinerários*, Araraquara, v. 22, 91-102, 2004; NEIBURG, Federico. *Os Intelectuais e a Invenção do Peronismo*. São Paulo: Edusp, 1997.

Socialista. Com tais relatos, a escritora demonstra a inexistência de provas palpáveis para o seu encarceramento, mas, também, das demais presas políticas.

Foi por meio destas anedotas, da meticolosa descrição de seu cotidiano na prisão de *Buen Pastor* que a autora buscou denunciar a arbitrariedade das medidas do governo peronista: não havia *habeas corpus*, tampouco possibilidades de recorrer judicialmente. Sequer havia motivos cabíveis para justificar a sua prisão e das demais mulheres que estavam na mesma condição que ela. Dentro da cadeia, as prisioneiras políticas possuíam tratamento diferente, pois não podiam ter contato algum com livros ou revistas. Contou sobre suas refeições e o horário de descanso, a ducha fria e o ronco das detentas que perturbava seu sono. O cerceamento das liberdades individuais experimentados por Ocampo não se restringiu cárcere. Da censura à sua revista, às investigações arbitrárias levadas a cabo pela polícia peronista, a escritora foi impedida de viajar para o exterior graças ao seu passaporte negado pelo Ministro do Interior. Mesmo fora de *Buen Pastor*, o ápice da privação de sua liberdade, Victoria descreve o aprisionamento das ideias, sendo este muito mais grave do que o cárcere em si. Frequentemente, referiu-se à conjuntura Argentina como uma “época de trevas”.

Quando soube da prisão de sua interlocutora, Mistral entrou em contato com escritores e intelectuais ao redor do globo, pedindo que se sensibilizassem com a situação da escritora portenha. Também escreveu diretamente a Perón, exigindo a liberação de Victoria Ocampo. Nesta circunstância, observamos o impacto de seu reconhecimento internacional, tanto pela pressão exercida ao governo peronista, quanto pela organização de uma rede de solidariedade em circuitos internacionais. Além do presidente, Gabriela Mistral enviou dezenas de telegramas para pessoas influentes na América Latina e Europa, no esforço de mobilizar a opinião destes notáveis a favor da libertação de Ocampo. De acordo com Victoria, o telegrama enviado por Mistral ao Primeiro Ministro Nehru da Índia havia sido responsável pela sua liberação do cárcere.

“Profundamente impresionada con la prisión de Victoria Ocampo. Ruego vuestra Excelencia su liberación recordando su labor internacional que ha prestigiado siempre la Argentina. Vuestra intervención será vivamente celebrada y agradecida

por las Américas y por Europa. Vuestra servidora, Gabriela Mistral”.⁶⁹

Também escreveu uma longa carta, destinada a escritores e intelectuais sobre o caso de Victoria Ocampo:

“A todos los hispano-americanos residentes en EE.UU, nos ha conmovido grandemente el pequeño suelto de crónica sobre la prisión de Victoria Ocampo de la prensa americana. Se trata de la figura femenina más señera y se trata, además, de la directora de la revista *Sur*, publicación de categoría a la cual están ligadas las plumas mejores y las conciencias más civiles de Europa y de la América Española.

La Argentina es la nación hispanoamericana más saturada de Europa, y Victoria ha sido para nosotros una especie de misionera que nos ha permitido recibir el inacabable y rico mensaje europeo. Por este hecho que todos conocemos es de esperar que Europa también tome parte en el debate que se abre en relación con la ilustre mujer que acaba de pasar las puertas de una prisión confundida con los delincuentes comunes.”⁷⁰

Da análise da correspondência mencionada acima, podemos constatar como as eventuais divergências políticas e ideológicas existentes entre elas são neutralizadas, no intuito de enfatizar como Victoria Ocampo seria uma missionária comprometida em construir pontes entre as Américas e a Europa. A ênfase da poeta reside no papel desempenhado por sua interlocutora portenha enquanto editora chefe da *Sur*, responsável por “receber a então inalcançável e rica mensagem europeu”. Por conta de tamanho engajamento, deveria se esperar que o Velho Mundo retribuísse, naquele momento, em prol de sua liberdade. Mistral reforça a necessidade, ainda, de organizações como UNESCO e ONU em participarem ativamente deste problema.

“La prensa americana y la europea nos deben los detalles de este lamentable suceso por el hecho mismo de que en “el caso Victoria Ocampo” va a ser juzgada una personalidad ilustre más una artesana de nuestra civilización. Europa tiene el deber de abrir un debate sobre el grave asunto y la ONU, más la UNESCO, tienen la ocasión de hacer luz en el callejón

⁶⁹ MISTRAL, Gabriela. [Nova Iorque, Maio de 1953]. In *Esta America Nuestra: correspondência, 1926 – 1956*. Buenos Aires: El cuenco de Plata, 2013.

⁷⁰ Idem.

oscuro de un proceso que ignoramos en sus detalles.”⁷¹

Mistral enviou esta carta para Reyes, Hemingway, muitas pessoas influentes nos Estados Unidos, Europa e América Latina para exigir a liberação de sua interlocutora do cárcere de *Buen Pastor*. Ocampo ficou descontente em um primeiro momento pois achou que a carta havia sido condescendente com Perón. Depois responde que “Gracias por todo. No supe de tu cable sino después que me soltaron. En los diarios peronistas se dijo que *a pesar* de mis culpas me soltaban por tu cable”.⁷² Nesta citação, podemos averiguar como a polícia peronista não admitiu que havia prendido a escritora injustamente, mas enfatizou como sua liberdade teria sido conquistado graças à articulação da poeta chilena.

Ainda que tenha conseguido sair da prisão, Ocampo sente que o cerceamento de suas liberdades permaneceu quando foi impedida de viajar mesmo depois de ter provado a sua inocência:

“Si se tratara de ir ver al Ministro y decirle: “Señor Ministro, qué pasa con mi pasaporte? Qué razones hay para que la policía no me lo dé? Yo no tendría inconveniente en hacerlo. Pero temo que se trate de hacerme aparecer como alguien que va a presentar sus *excusas*. Como alguien que pacta. Y eso es inadmisibile, comprendes? No és cuestión de amor próprio sino de elemental dignidade. El pasaporte *no se compra*. Yo no puedo comprarlo. O me le dan buenamente, o se lo guardan.”⁷³”.

Diante desta conjuntura, Gabriela Mistral ofereceu sua residência para a portenha em Nova Iorque. Sugeriu a sua interlocutora que escape via Chile, mesmo sem passaporte. Ocampo negou o convite, afirmando que, caso fugisse, não poderia retornar. A impossibilidade de viajar ocasionou perdas irreparáveis para ela, como descreve na correspondência:

“No sé se te dije en mi última carta que renuncié a mi viaje a Turín, donde había invitado Stravinsky para hacer la recitante de “Perséphone”, como y alo hice bajo su dirección en Buenos Aires, Río y Florencia. Este sacrificio no ha sido tan fácil. Pero ahora ya no me importa. No te diré que estoy contenta, pero sí con

⁷¹ Idem.

⁷² OCAMPO, Victoria.[Carta, 17 de junho de 1953, Buenos Aires] a MISTRAL, Gabriela. *In: Esta America Nuestra: correspondência, 1926 – 1956*. Buenos Aires: El cuenco de Plata, 2013.

⁷³ OCAMPO, Victoria. [Carta, San Isidro, 26 de dezembro 1953.] a MISTRAL, Gabriela. *In: Esta America Nuestra: correspondencia, 1926 - 1956*. Buenos Aires: El Cuenco de Plata. 2013

la consciência tranquila y la seguridad de haber hecho lo unico que está de acuerdo con mi sentido de la dignidad. Mucha gente piensa que soy una idiota y nada más. Pues nadie parece tener reparos en pedir el pasaporte al ministerio, si no le dan en el Departamento de Policía, que es el que corresponde.”⁷⁴

Em carta destinada a Gabriela em junho de 1953, Ocampo agradeceu o telegrama enviado ao governo peronista demandando a libertação de sua amiga. Temendo a possibilidade de voltar ao cárcere, a portenha solicitou discrição e cuidado por parte da amiga – “te imploro que seja prudente e não diga que este relato veio de minha mão. Eles (a polícia peronista) me colocariam na cadeia outra vez”.

“Iré a Roma, pero todavía ignoro en qué fecha (aunque la creo próxima). No puedo negarte que me siento profundamente dolorida por muchos motivos y razones. Lo que pasa en Argentina me parece detestable y desolador. No valía la pena quedarse allí como me quedé yo privándome de todo lo que me atraía en otros países civilizados *culturalmente* para terminar en *esto*. *Esto* significa el desconocimiento de todos los valores que me importan en la vida.”⁷⁵

O conselho editorial da *Sur* mobilizou-se em prol da organização de um dossiê temático sobre o peronismo. A edição 237 da revista *Sur* é emblemática em diversos sentidos. O primeiro e mais relevante é a apresentação pública do posicionamento anti-peronista dos intelectuais envolvidos no corpo editorial da revista, até então, majoritariamente silenciosos. O *issue* da revista fora planejado com certa antecedência – a publicação deveria conter, em suma, a denúncia dos duros anos de censura, da perseguição de intelectuais e do livre pensamento na Argentina, após a queda do “tirano”.

O fervor do liberalismo político tão defendido por Ocampo e partilhado pelos demais colaboradores da *Sur* define a tônica de seu ensaio. Os constantes ataques à liberdade de imprensa, circulação e pensamento não se restringiam ao cerceamento individual, e sim, o ataque generalizado aos valores mais caros a qualquer sociedade moderna: a livre produção intelectual e cultural. O impedimento direcionado ao

⁷⁴ OCAMPO, Victoria. [Carta, Mar del Plata, 21 de fevereiro de 1954.] a MISTRAL, Gabriela. In: *Esta America Nuestra: correspondencia, 1926 - 1956*. Buenos Aires: El Cuenco de Plata, 2013.

⁷⁵ OCAMPO, Victoria. [Carta, 19 de setembro de 1951, Paris, França.] a MISTRAL, Gabriela. In: *Esta America Nuestra: correspondencia, 1926 - 1956*. Buenos Aires: El Cuenco de Plata, 2013.

impulso pela manifestação artística e intelectual, de acordo com Ocampo, representava o maior afrontamento possível à integridade humana. A reunião de diversos artigos destinados a repensar o peronismo convocava os leitores à reflexão e a sugestões para novos caminhos, e o espaço ocupado pelos intelectuais neste sentido. A argumentação de Ocampo consiste na defesa da verdade como principal tarefa dos educadores e dos intelectuais. A liberdade – em clara oposição ao recente passado peronista -, deveria ser valor norteador das ações populares após a queda de Perón. O ensaio de abertura da Sur 237 é *La Hora de la Verdad*. O título indica o momento de recuperar a verdade sufocada nos anos anteriores pelo regime autoritário. Neste ensaio, Victoria discorre sobre sua experiência na prisão de *Buen Pastor*. Ao contrário dos mecanismos de elaboração textual dotados na carta, - o referencial a sua subjetividade, seus hábitos na prisão, as dificuldades de comer e de dormir -, Ocampo elabora uma sofisticada narrativa utilizada para edificar uma imagem martirizada de si própria.

Por meio da definição do que é uma cadeia e do que são prisioneiros – aqueles impedidos do exercício de liberdade -, Ocampo extrapola a noção de cárcere material e estabelece a noção de “cárcere imaterial”. Ainda que imperceptível, as massas experimentaram, assim como ela própria, o aprisionamento da sua liberdade de pensamento, ocasionado pela censura e perseguição do governo peronista.

“¿Qué es un preso? Un preso es un hombre que no tiene derecho de vivir sin que cada uno de sus gestos, de sus actos, sea controlado, interpretado. No puede pronunciar una palabra sin exponerse a ser oído por un tercero que hará de esa palabra el uso que le dé la gana. Cada línea que escribe es leída, no sólo por la persona a quien va dirigida, sino por indiferentes, quizá hostiles; de ellos dependerá que esa línea llegue o no a su destinatario. El preso es espiado aún cuando duerme.”⁷⁶

Ocampo sentia-se observada na prisão, mas, sobretudo, fora dela: até mesmo suas correspondências seriam lidas por terceiros. De acordo com carta redigida alguns meses antes de sua prisão, a escritora disse: “Ya no sé escribir cartas porque las no son más que para la persona a quien van dirigidas. Si uno supone que otros

⁷⁶ OCAMPO, Victoria. *La Hora de la Verdad*. *Revista Sur*, n. 237, 1955.

ojos pueden leerlas, se le quita a uno las ganas de escribir.⁷⁷ A distinção entre o cárcere material, vivido por Ocampo na prisão, e o cárcere invisível que tomava conta das ruas de Buenos Aires é reforçada ao longo do ensaio como “indiferentes”: o sofrimento de *Buen Pastor* nada se compara ao sofrimento da população nas ruas. Através da definição do que representava um preso, a escritora concluiu que as ditaduras e governos autoritários transformariam a sociedade em prisões mentais coletivas, em que prevalecendo o medo do cárcere e da violência, os cidadãos estariam impedidos de exercer o livre pensamento e a racionalidade.

Neste sentido, Ocampo constrói sua argumentação baseando-se neste paralelo, e apontando a similaridade entre a vida em Buenos Aires sob o governo Perón e a prisão. Ao realizar tal comparação, a autora afirma que o cidadão comum argentino teria experimentado o cárcere da mesma forma que ela, ainda que não tivesse percebido: a vigilância constante não era exclusividade de *Buen Pastor*. Ocampo constrói meticulosamente a ideia de que o governo de Perón não havia ferido apenas a liberdade daqueles que estavam na cadeia, mas da população em geral pela conformação de um estado de vigilância constante sobre os agentes sociais. A verdade trazida à tona pela autora corresponderia à denúncia de um estado de perpétua violação das liberdades individuais, acompanhado do falseamento da realidade. Um indivíduo sentia-se mais livre na prisão do que na rua, pois, ao menos, sabia que estava vivenciando a realidade.

O desejo de provocar alguma comoção ao leitor se faz presente no ensaio por meio da constatação de que independentemente de qual fosse o sofrimento experimentado na prisão, nada se compararia ao medo que isolou as ruas de Buenos Aires. O estado de vigília no qual se encontrava Ocampo, evocado em suas missivas para Gabriela Mistral – a incapacidade de dormir, ou quantificar o tempo, impossibilitaram qualquer descanso – não são informações presentes no ensaio, apresentado em tom testemunhal. A presença de algumas informações em detrimento da ausência de outras indica necessariamente o desejo da escritora de marcar um posicionamento político através do ensaio, e para isso, alterou elementos de sua

⁷⁷ OCAMPO, Victoria. [Carta, 9 de março de 1953, Mar del Plata, Argentina] a MISTRAL, Gabriela. In: *Esta America Nuestra: correspondencia, 1926 - 1956*. Buenos Aires: El Cuenco de Plata, 2013

narrativa para alcançar o efeito desejado – o de comoção a um número maior de leitores.

Para legitimar sua experiência, Victoria abandona a narradora em estado de perpétua vigilância, ocasionada pelo temor e pela desconfiança presentes nos registros destinados à Gabriela Mistral, e mobiliza a construção de um sujeito de enunciação invariavelmente em sofrimento, ainda que este seja incomparável ao sofrimento dos demais. A mesma experiência é retratada de formas diferentes, objetivando um efeito igualmente diverso. Ao utilizar o gênero testemunhal para contar sobre sua estadia em *Buen Pastor*, Ocampo reforça a legitimidade de narrar o peronismo a partir de uma experiência vivida. A autora distancia-se da imagem de um eu enfraquecido e vulnerável - inclusive para não endossar estereótipos de gênero que endossam a noção de que mulheres seriam mais sensíveis e menos fortes – para endossar firmemente seu posicionamento.

Através da definição do que representa um preso, a escritora conclui que as ditaduras e governos autoritários transformariam a sociedade em prisões mentais coletivas. O medo do cárcere material e da violência impediriam o livre pensamento e a racionalidade, e por este motivo, a sociedade argentina vivia uma época de falseamento e mentiras. A argumentação elaborada por Ocampo ao longo de seu ensaio baseia-se neste paralelo, da teórica similaridade entre a vida em Buenos Aires sob os ditames do governo Peronista e a prisão de *Buen Pastor*. A verdade trazida à tona pela portenha corresponde à denúncia de um estado de perpétua violação das liberdades individuais, acompanhado do falseamento da realidade. Um indivíduo sentia-se mais livre na prisão do que na rua, pois, ao menos, sabia que estava vivenciando a realidade.

As camadas populares estariam sendo guiadas por um sentimento de falsa liberdade, sem perceber que o pior dos males causado pelo governo peronista era direcionado a elas. O estado de vigília no qual se encontrava Ocampo, evocado em suas missivas para Gabriela Mistral – a incapacidade de dormir, ou quantificar o tempo, impossibilitaram qualquer descanso – não são informações presentes no ensaio, mesmo que apresentado em tom testemunhal. Notamos, então, as diferenças entre a narrativa privada e a pública. A presença de algumas informações em detrimento da ausência de outras indica necessariamente o desejo consciente da escritora de marcar um posicionamento político através do ensaio. Por este motivo,

transforma os elementos de construção de sua narrativa para alcançar o efeito desejado: de marcar sua posição enquanto intelectual.

Seu ponto de vista, respaldado pelo argumento de autoridade da experiência vivida, é legitimado e reforçado pela utilização do gênero testemunhal, tão caro à autora. Paulatinamente, Ocampo se distancia da imagem da narradora fragilizada, em estado de vigília e medo constantes, tomada pelo temor e pela desconfiança, que se fez tão presente nos registros destinados à Gabriela Mistral. Em seu ensaio, assume-se um sujeito sofrimento relativo, já que seria incomparável ao sofrimento inconsciente dos demais. A mesma experiência é retratada de formas diferentes, objetivando um efeito igualmente diverso. A neutralização de seu sofrimento no cárcere para a edificação de uma narrativa objetiva e concreta em seu ensaio, pode ser entendida como uma forma de “masculinizar” sua voz. Sua busca por auto expressão era frequentemente solapada pelas barreiras de seu gênero, e como indica Molloy, Ocampo sempre fala se não com voz masculina, através da voz masculina. Esta operação está carregada de ambivalências, conscientes ou não: inserida num sistema de representação masculino, o único a sua disposição, Ocampo não dispõe a seu favor dos mecanismos de representação pessoais; em segundo lugar, a sensibilidade com a qual discorre sobre a prisão não se faz presente no ensaio de *Sur*.⁷⁸

A tentativa de construir uma imagem pública capaz de sustentar lhe enquanto uma mulher, forte, necessariamente implicava em certos silêncios e apagamentos que poderiam, porventura, fragilizar sua imagem perante o público. Neste sentido, o seu ensaio para a revista *Sur* não somente apara as bordas de um relato sentimentalista pelo ensejo de marcar um posicionamento político antiperonista, como pelo medo de fragilização associado ao seu gênero. Em contrapartida, nota-se a instrumentalização das correspondências como forma de manifestação de posicionamento político antiperonista em relação a outros intelectuais. À época, Mistral não era apenas uma amiga e confidente, como uma notável escritora, vencedora do Prêmio Nobel de Literatura de 1945. Mistral foi a principal responsável pela mobilização de escritores contra a prisão de Ocampo. Compreende-se que o detalhamento da escritora em sua correspondência tenha sido uma forma de articulação política para conquistar notoriedade sobre seu caso, ao mesmo tempo em que reforça a noção de que fora

⁷⁸ MOLLOY, Sylvia. *Vale o escrito: a escrita autobiográfica na América Hispânica*. Chapecó: Argos, 2003.

extremamente perseguida pelo regime de Perón, cuja intensidade pode ser relativizada.

As distinções entre a carta enviada à amiga e o ensaio publicado posteriormente indicam como a construção do pensamento antiperonista de Victoria Ocampo não se concretizava somente em sua produção ensaística. As correspondências tornaram-se um instrumento importante na manifestação de seus preceitos políticos, especialmente, por manter correspondências assíduas com intelectuais e figuras notáveis da época. Em certa medida, também colaboram para a imagem construída sobre Ocampo de intelectual perseguida política. Como discute Judith Pudlubne, a censura e repressão à Revista Sur foram questionadas em relação à frequência e intensidade, uma vez que em comparação ao rádio e jornais, por exemplo, não tinha o mesmo efeito direto sobre a população.⁷⁹

O antiperonismo de Victoria Ocampo e a sua imagem de perseguida política e mártir fora arquitetada e reiterada ao longo de sua vida, e embora nem sempre se manifestasse publicamente sobre o assunto, elaborava esta narrativa em suas escritas autobiográficas. Foi um elemento substancial para o processo de sua consagração, mais do que editora e escritora, uma intelectual verdadeiramente comprometida com as liberdades políticas. Por fim, o cotejamento entre as cartas e o ensaio de tom autobiográfico apontam para a existência de singularidades associadas a cada forma de escritos autobiográficos, diretamente influenciadas pela sua forma de circulação. Em *La Hora de la Verdad*, a experiência pessoal de Ocampo emerge não como uma denúncia encerrada em si mesma, mas como um argumento utilizado para ilustrar o “cárcere imaterial” de governos ditos totalitários, isto é, esteve à serviço da legitimação de um posicionamento político da escritora.

1.3. Diálogos epistolares e consagração literária.

A tarefa de pensar como se produz a consagração de Mistral e Ocampo deve contar com uma reflexão a respeito de seus lugares de origem. Não que estes sejam fatores determinantes para este processo, mas colaboram de maneira decisiva. Afinal, as relações familiares e de amizade, frequentar círculos de cultura, artes e letras são elementos extremamente relevantes tanto no que diz respeito aos aspectos formativos de suas trajetórias quanto para o acesso à determinados círculos de sociabilidade

⁷⁹ PUDLUBNE, Judith. El antiperonismo de Sur: entre la leyenda satánica y el elitismo programático. *El hijo de la Fabula*. Catorce. 2014.

artística e intelectual. No caso de Ocampo, estes fatores são mais evidentes: ela era filha de um conhecido engenheiro portenho e esteve sempre associado a grupos de importante influência social e política na segunda metade do século XIX e na primeira do século XX. Tais características não reafirmam, apenas, a aquisição de certa cultura letrada, logo em sua infância e juventude, o que lhe rende a possibilidade de ter acesso a um mundo de bens simbólicos e imateriais, mas também a coloca em contato com figuras – por sua vez, também descendentes e integrantes das famílias da elite de Buenos Aires – igualmente proeminentes neste mundo social.

Por conta disso, não era incomum, nestes casos, que um ou mais membros da mesma família desempenhassem atividades de caráter artístico, literário ou intelectual. No caso da família Aguirre Ocampo, além de Victoria, sua irmã caçula, Silvina, quase 14 anos mais nova que a primogênita, teve significativa produção poética. Se, ao longo da segunda metade do século XX, a irmã caçula possa ter ficado à sua sombra e a de seu esposo, Adolfo Bioy Casares, um esforço da historiografia e da crítica literária mais recente tem se dirigido a recuperar a trajetória de Silvina, dando ênfase a sua ativa participação na Revista *Sur*, e sua consistente produção literária. Esforços recentes tem sido mobilizados no intuito de revalidar a sua produção, inclusive pelo fato de muitas obras terem sido publicadas após a sua morte. A escritora argentina contemporânea Mariana Enríquez publicou a obra *La Hermana Menor – Un Retrato de Silvina Ocampo*, espécie de biografia que colaborou para que reacendesse o interesse da crítica literária, da historiografia e do público em geral sobre a sua obra.⁸⁰

Não são poucas as comparações entre Silvina e Victoria: um dos mesmos argumentos utilizados para ressaltar a qualidade da produção de Silvina é o mesmo elencado à época pelos contemporâneos de Victoria para a desvalorização de sua escrita. Afinal, ela era autobiográfica e testemunhal, portanto, entendida como de menor qualidade – a “boa” literatura seria, então, a ficção. Atualmente, utiliza-se deste mesmo pressuposto, fomentando certa rivalidade – inexistente – entre as duas irmãs, quando se sabe que Victoria foi uma de suas maiores incentivadoras. Inclusive, possuímos um registro de correspondência de Gabriela Mistral, demonstrando seu gosto pelos versos recém-lidos:

⁸⁰ ENRIQUEZ, Mariana. *La Hermana Menor*. Buenos Aires: Anagrama, 2018.

“Mucho me atraparon unos versos de Silvina. Son óptimos, son magníficos. Ahí está una Ocampo que se ha puesto a escribir con su sangre. Tú no has querido, tú te has agitado la sangre, a lo menos para escribir (para vivir no, a Dios gracias), con el agua destilada del francés.”⁸¹

Victoria busca estabelecer um diálogo mais estreito com a tradição intelectual europeia, sobretudo, francesa, mais do que a própria literatura argentina. Este traço, o cosmopolitismo, pode ser considerado como uma marca presente em muitos outros escritores argentinos. A respeito do *Facundo*, de Sarmiento, Ricardo Piglia afirma que há, por um lado, o esforço de criar uma literatura emancipada e autônoma no país a partir da ruptura com a tradição espanhola e por outro, a construção de laços com a literatura francesa, que passa a ser entendida como mundial. Ainda de acordo com Piglia, ser escritor na Argentina é estar imbuído de uma *perspectiva estrábica*, sendo essa a verdadeira marca nacional: a da constante aliança com outras práticas de escrita e outras tradições literárias. O escritor na Argentina está mirando o seu interior, o seu país e aspectos nacionais, enquanto também observa o referencial civilizatório Europeu, importante, inclusive, para o desenvolvimento de sua própria cultura nacional. Um olho observa o passado e o outro o que ainda está por vir.⁸²

Se, por um lado, no século XIX, a literatura está diretamente associada à formação do Estado e da nação, no século XX se aventura diante de novas possibilidades. Para Ricardo Piglia, entretanto, *Sur* parece manter certa tradição de intenso diálogo com a Europa, decorrente da geração da 1880, da qual Sarmiento fazia parte. Na visão do autor, representou a persistência da crise do europeísmo como tendência predominante na literatura argentina. Em suas palavras:

“*Sur* representa la persistencia y la crisis del europeismo como tendencia dominante en la literatura argentina del siglo XIX. En mas de un sentido habria que decir que es una revista de la generacion del 80 publicada con cincuenta años de atraso. De alli que la revista conserve, todavia hoy, el prestigio, un poco ingenuo, de su anacronismo. Llega tarde a esa tradicion, y eso explica sus excesos, su provincianismo: la politica cultural de la revista se afirma en la idea de que es preciso modernizar la cultura argentina y ligarla con las novedades europeas.”

⁸¹ MISTRAL, Gabriela. [Carta, 30 de Agosto de 1937] a OCAMPO, Victoria. In *Esta América Nuestra: correspondência, 1926 – 1956*. Buenos Aires: El Cuenco de Plata, 2013.

⁸² PIGLIA, Ricardo. Sarmiento, escritor. *Filología*. N.1, o. 19 – 34, 1998.

A Revista e o editorial provocaram dissensos: por um lado, foram uma importante plataforma de divulgação e circulação literária, tanto na Argentina quanto no mundo hispano-americano de um modo geral. Por outro, o grupo também foi acusado de reproduzir padrões, deixando pouco espaço para inovação. Uma revista de publicação tão extensa possui em seu redor diversas gerações de intelectuais argentinos, de diferentes origens, classes e filiações partidárias e estéticas. De acordo com Maria Luisa Bastos, a carta de fundação da *Sur* já enuncia a diferença entre as demais revistas estéticas dos anos 1920 e 1930, que se propuseram como radicalmente renovadoras, e uma publicação que estivesse comprometida com a manutenção de determinado *standard* literário.

Um fator importante para a manutenção do periódico refere-se ao fato de ter sido, em maior ou menor medida, dirigido por Ocampo. Isso se explica, na visão de Bastos, pelo fato de a escritora aceitar a publicação de textos com os quais não possuía estrita afinidade, ou que não lhe interessavam diretamente. De modo reiterado, a portenha frisou seu compromisso inicial com a circulação literária, ainda que não fosse de sua maior preferência. Em certa medida, a postura democrática de Ocampo em relação ao grupo editorial garantiu a sua continuidade e aproximação de novos membros. Embora aglutinasse membros de diversos pontos do espectro político, *Sur* foi fundada e manteve-se, essencialmente, antitotalitária.⁸³

A atuação de Victoria Ocampo enquanto diretora e mecenas, fundadora da *Sur*, foi central para que obtivesse consagração no meio literário argentino, assim como no exterior. A crescente fama da escritora, entretanto, intensificou boatos e rumores, especialmente sobre sua vida privada, tanto em jornais e magazines portenhos, quanto nos bastidores do próprio campo literário. Em contato com esse tipo de fofocas, Mistral questiona sua interlocutora:

“La cuestión como la veo hoy es no sólo el pleito edit., sino la leyenda de Votoya aquí. Es negra, la leyenda, sólo em los ribetes. Hay aquí interés veemente de mozos, viejos, viejas, etc.”⁸⁴

⁸³ Um panorama mais completo sobre a atuação da Revista *Sur* está presente na obra de John King: KING, John. *Sur: A Study of the Argentine Literary Journal and Its Role in the Development of a Culture, 1931-1970*. Cambridge University Press, 1986.

⁸⁴ OCAMPO, Victoria. [Carta, 22 de junho de 1951, Buenos Aires, Argentina] a MISTRAL, Gabriela. In: *Esta America Nuestra: correspondencia, 1926 – 1956*. Buenos Aires: El Cuenco de Plata, 2013.

A poeta chilena insistia para que sua interlocutora abraçasse a complexidade e multiplicidade de sua personalidade, ainda que sua imagem estivesse sujeita à mitificação, condição a qual não escapou nem após a sua morte. A compreensão de que Ocampo não poderia ser reduzida a dicotomias estabelecidas por terceiros pode ser justificada por dois motivos: em primeiro lugar, Mistral nota como também foi erroneamente rotulada, e por isso, reconhece a possibilidade de que sua amiga vivesse o mesmo. Em segundo, a poeta chilena manifesta o entendimento de que as subjetividades de mulheres são múltiplas e contraditórias, e assim, não seria possível enquadrá-la enquanto uma coisa ou outra. O encorajamento de Mistral para que Ocampo escrevesse baseava-se na compreensão de que ao fazê-lo, estaria reivindicando para si mesma a possibilidade de construir sua própria narrativa, de recuperar o poder de enunciação sobre sua própria vida, sobre suas experiências. Explicar como em vez de ser uma coisa ou outra, era múltipla e contraditória e como qualquer ser humano, experimentou sentimentos positivos e negativos, momentos felizes, tristes e amargos.

“Victoria noble y buena: es verdad que corren sobre Ud. Novelones. Oí a Mme. Duhamel una Victoria casi comunista, hermana de la Pasionaria – que es vasca, no lo olvide.. Y aqui[Rio de Janeiro], en una mesa de PEN Club, oí a una V.O. soberbia de su poder y desdeñadora de los brasileros. Y en París, me oí a una fascista de Torino y como Ud. no me creará lo bastante insensata para recoger, ninguna de las tres leyendas. Procuro entenderla y la entendo en los tercios. Me falta uno, Vict., y ese no me lo debe en explicación paciente y lenta.”⁸⁵

No excerto supracitado observamos como o empenho em categorizar Ocampo persiste: por um lado, era considerada “comunista” por conta de seus posicionamentos mais progressistas em relação a costumes, como divórcio, adultério e feminismo; por outro, era também lida como soberba e esnobe. As “lendas” sobre as muitas Victorias Ocampo só poderiam ser esclarecidas por ela própria, e por conta disso, Mistral a encoraja a escrever, compondo uma explicação, “paciente e lenta”

“Que le den – que se dé Ud. – unos grandes sosiegos para escribir. Ninguna mujer y poquitos hombres escriben hoy en America como Ud. No se deje

⁸⁵ Idem.

infestar la vida por eso que llaman *lo social* – como si lo social fuesen esas señoras que dan té con pastelillos. Guarde su alma preciosa para su escritura y para el deleite de los que somos suyos. Defiéndase con fuerza brava.”

Os mesmos que desdenhavam de Ocampo, fosse por seu lado mais progressista ou por aquele considerado mais conservador, também negavam a ela o reconhecimento enquanto escritora. Como modo de vencer este obstáculo, Mistral aconselhava que ela se empenhasse de modo mais efetivo em sua produção literária e deixasse de lado as sociabilidades, pois ao dispender tanto tempo com relações superficiais, deixava de se concentrar no que verdadeiramente importava. A ideia de “defender-se com força” pode estar associada a ideia de reivindicar para si a narrativa de sua própria vida, de descobrir seus interesses literários, suas inclinações estéticas, explorar caminhos de escrita e que por sua vez seriam o modo de consagrar-se.

“El libro de las infancias, cuando sale? O ha salido? [...] Me dijo María que Ud. tiene por completar las páginas que se dignó leernos. Complétalas y no tarde mucho, que eso, un libro, como un ángel, se va de las manos si no se le atrapa. Y luego pase de las Infancias a las Mocedades. Los que nunca tuvimos cerca sentimos un apetito furioso, que no es curiosidad boba, de su alma y de sus años, estancias donde nunca vivimos. No hay otra manera de tenerla y de que la vida que nos dejó sin Ud. Enmiende de alguna manera su mal y su rapiñería”.⁸⁶

Como lemos na carta transcrita acima, a poeta chilena incentiva a produção literária de sua interlocutora. Em seu entendimento, a portenha perderia muito tempo com pessoas com quem pouco lhe acrescentam em sua vida, de modo a desvirtuar-se do que seria relevante para sua produção literária. Aos olhos de Mistral, Ocampo deveria se concentrar mais na sua escrita, em seu projeto literário, ainda mais tendo em vista que a escrita de um livro pode se esvaír com o tempo. A chilena ainda indica o interesse na escrita de sua amiga por conta da possibilidade de descobrir o que ocorria em sua infância, tão distante para pessoas de trajetória tão diferente como ela mesma. Mistral justifica a curiosidade pela diferença entre suas origens e trajetórias, ao mesmo tempo em que reforça como se enxerga enquanto exceção, afinal, ao

⁸⁶ MISTRAL, Gabriela. [Carta, 7 de abril de 1936, Lisboa, Portugal] a Victoria Ocampo]. *In Esta América Nuestra: correspondência, 1926 – 1956*. Buenos Aires; El Cuenco de Plata, 2013.

contrário de Ocampo, era uma mulher advinda das camadas populares, de ascendência mestiça, que paulatinamente passa a integrar o campo das letras.

“Ud., generosa y señora en esto como en todo, deje quietas esas aguas.. Pedagógicas. Outra vez no les pida la cátedra para un poema extranjero. Ellos creen, los benditos, que la poesía *no es cultura* y que nada tiene que hacer con la educac., porque.. la educac., la que ellos dan – odia cualquier costado de la creación que sea. Pero nos morimos, los pobres poetas, y entonces ellos nos cogen para roer nuestros huesos en sus clases de literatura, y de esse roer nas partes, aún de América, esta bela costumbre pedagógica ya está corregida y rectificad; en otras, sigue entera y el pasajero tiene que.. respetarla. Pero lo feo de la historia es embarcar en ella a los muchachos, a los alumnos. “

No trecho transcrito acima e em muitos outros constatamos a manifestação de tensões, dilemas e ressentimentos por parte de Gabriela Mistral no que diz respeito ao seu trabalho de escritora e o reconhecimento dele derivado. Em alguns momentos de modéstia, a poeta afirmou não ser merecedora da importância conferida a sua obra, afinal, se enxergava “apenas uma *maestra*”. Em contrapartida, manifestou o seu descontentamento ao constatar que embora sua produção tenha adquirido notabilidade e relevância, não era recompensada financeiramente, precisando publicar ensaios em periódicos para complementar sua renda. Ainda assim, sua poesia seria estudada no futuro, pois seria o “fim dos poetas”: viveriam em condição de pobreza, já que o trabalho de criar não seria valorizado; mas após a sua morte, os responsáveis por desvalorizar este tipo de produção, apropriar-se-iam de suas obras para finalidades pedagógicas.

Entre as tensões e descontentamentos com o mundo literário e com a própria condição de escritora, Mistral parece desconsiderar, em seus conselhos à Ocampo, como o elemento da sociabilidade literária foi fundamental para que ambas alavancassem suas carreiras. Estar em contato com escritores, críticos e editores não significava mera futilidade, mas a possibilidade de se projetarem no mundo das letras e adquirirem certa inserção neste meio. Inclusive, as correspondências trocadas entre elas nos demonstram como ao longo dos trinta anos de interlocução dedicaram poemas, redigiam prefácios para suas obras, encomendavam textos. Escreviam cartas uma a outra introduzindo assuntos e pessoas a quem lhes pudessem interessar:

“Respecto de este artículo sobre V. Kent: quiero pedirle un favor: hacerlo publicar en alguna public argentina donde quepan las colaboraciones largas. Me interesa la publicación extra-literariamente (es bastante flojo, el pobre) por la orientación de nuestras mujeres en el trabajo social y por la gana de que conozcan a la mujer sensata que es ella entre las feministas grado 101! “

Nesta correspondência, observamos como o intuito de negociar colaborações é justificado tanto pela qualidade literária dos escritos, quanto por elementos extraliterários. Mais do que a publicação em si mesma, o artigo de Victoria Kent interessava a Gabriela Mistral por conta da possibilidade de circular entre as feministas “grau 101”. Ademais, o interesse em tecer colaborações literárias também parte do reconhecimento da importância da *Sur* para a divulgação de escritoras. Na correspondência seguinte, observamos o interesse da poetisa chilena em publicar escritos sobre a paz na *Sur*:

“No sobra decirte que tengo un segundo artículo sobre la paz, el cual no he corregido todavía. Te pregunto se quieres que te lo mande en mera consulta. Temo que te sientas obligada y eso no debe ser porque yo tengo donde publicarlo. Respóndeme *pero sin hacer ninguna cortesía*. En este mundo nada hay más repugnante que la sangre derramada. No es así, Vict?”⁸⁷

Se, por um lado, observamos a inserção de Victoria Ocampo no meio cultural e literário argentino ancorada nos laços de sociabilidade que manteve com famílias abastadas de Buenos Aires, bem como da disponibilidade de recursos financeiros para viajar e estudar, Gabriela Mistral não dispôs dos mesmos privilégios. Sua formação educacional é fruto de uma vocação autodidata e sua carreira como professora, poeta e consulesa, de modo mais autônomo, sem vinculações a grupos estéticos ou políticos. Além destas atividades, publicou ativamente em jornais da América Latina, inclusive como modo de ampliar sua renda. Tais ensaios, entretanto, também ampliaram a quantidade de leitores em contato com suas reflexões, que nestes espaços, encarregavam-se de temas como reforma agrária, nacionalismo e educação.

⁸⁷ MISTRAL, Gabriela. [Carta, 24 de julho de 1952, Nápoles, Itália]. A OCAMPO, Victoria. In: *Esta America Nuestra: correspondencia, 1926 – 1956*. Buenos Aires: El Cuenco de Plata, 2013.

“Yo he perdido el contacto con las revs. de Uds. De *La Nación* me despidieron como a los criados del siglo pasado, sin decirme siquiera Váyase! Guillermo de Torre, fino hombre, me dejó entender que yo había hecho mal en irme a *Crítica*. Y yo, parece cuento, no conocía a *Crítica* aunque escribía en ella.. Necesitaba dinero, en aquellos años en España, que fueron duros, me ofrecieron esa colaboración y la acepté. Conozco el periódico *hace dos meses*. He entendido el puntapié de *La Nación*. Menos culpable fui todavía de ignorar ciertos odios de diario a diario. Yo no sé nada de la Argentina, mi Victoria. “

Embora houvesse uma dimensão colaborativa, também havia conflitos e rivalidades. Na carta acima, Mistral discorreu a respeito da competitividade entre dois jornais em que publicava seus ensaios: o *La Nación* e *Crítica*. Ela não sabia da dimensão competitiva entre os periódicos e aceitou escrever em ambos, o que acarretou a sua demissão do primeiro. Por isso pediu a colaboração da portenha para tivesse mais conhecimento sobre o campo literário da Argentina, e assim, saiba interagir e negociar, do melhor modo, a sua atuação ensaística. Os motivos para o reconhecimento são variados e, certamente, dependem de cada situação. Contudo, um aspecto que parece ter sido comum às mulheres que obtiveram notório reconhecimento em seus campos de atuação é fruto de sua capacidade de construir redes de sociabilidade entre seus pares, bem como a possibilidade de diversificação de suas atividades. Especialmente em relação às escritoras, houve uma multiplicidade de profissões associadas, desempenhadas com o intuito de promoção ou de sustento financeiro: edição e educação.

Além da diversificação de suas atividades, o domínio de certas ferramentas de negociação foi igualmente imprescindível para a garantia de seu sucesso, assim como a propaganda que faziam uma da outra nos lugares por onde iam. Mistral parece trabalhar no sentido de construir uma imagem mais positiva de Ocampo nos lugares em que visita, com o intuito de demonstrar como a escritora havia colaborado vigorosamente para o desenvolvimento intelectual e espiritual da América Latina:

“Me parece que Ud. *comienza* a cumplir con la America. Ya era tiempo. Complete a V. Woolf, con mira a un libro sobre ella. Póngase a esto pronto. [...] Fui a despedirme del Pres. de La Soc. de Escritores y volví a pedirle que la traten a Ud. con la decencia, por

nosotros, por el país. Y a cada día he hablado de Ud. a mi meeting de gente.”⁸⁸

O processo de consagração não ocorre de modo linear, mas esteve sujeito às intempéries das dinâmicas sociais, da possibilidade de alavancarem suas carreiras de modo mais ou menos consistente ao longo dos anos. Na correspondência mencionada acima, Mistral parece enxergar as dificuldades enfrentadas por sua interlocutora, quando observa que tem que lidar com escritores que negam a ela o mesmo *status*, e por isso exige ao Presidente da Sociedade de Escritores (PEN Club) que a trate com decência e reconhecimento. Este fator nos indica como ao mesmo tempo em que havia a dimensão de colaboração e solidariedade entre escritoras, o meio cultural e literário era permeado por disputas de caráter, motivadas por ambições pessoais. De todo modo, também aponta para a importância da interlocução entre Mistral-Ocampo para que melhorassem suas imagens nas redes de sociabilidade, e, sobretudo, como expor tal dimensão solidária era de suma importância para garantir, como contrapartida, que a interlocutora agisse do mesmo modo.

Neste capítulo, buscamos refletir sobre os modos como Mistral e Ocampo obtiveram consagração no campo literário e reafirmar como tal reconhecimento dependeu da capacidade de diversificação de suas atividades. Isto é, não se dedicaram exclusivamente à escrita, mas articularam este propósito a outros como edição, educação e mecenato. Sua consagração não dependeu exclusivamente da qualidade estética e literária, mas, sobretudo, de sua habilidade de tecer redes no mundo das letras e das artes, diversificando a pluralidade de seus interlocutores. No caso Mistral-Ocampo, foi possível notar como embora tivessem da escrita literária como profissão, não se sustentaram financeiramente com ela: enquanto a chilena foi consulesa e jornalista em diversos jornais, a argentina aplicou a fortuna de sua família na *Sur*, de modo a diminuir consistentemente os seus rendimentos.

Suas trajetórias foram intensamente marcadas por embates e entraves, ainda que desfrutassem de privilégios financeiros, como o caso de Victoria. A escritora constrói um periódico, com o intuito de propagar suas ideias e reflexões. Contudo, precisou negociar com o conselho editorial e com os acionistas da Revista para que tivesse seus ideais efetivamente impressos ali. Não foram poucas as vezes em que se

⁸⁸ Idem.

viu de mãos atadas, desaconselhada de publicar ensaios sobre o que desejava. Foi, ao longo dos anos, quando efetivamente obtém reconhecimento de seus pares, e conquista relativo status de paridade com os demais membros do conselho da revista que passa a ser mais enfática quanto aos seus propósitos editoriais. Este movimento nos revela como, embora a autora tivesse papel central na organização do periódico, sua legitimidade enquanto escritora e intelectual esteve atrelada a por um processo de consolidação, desde o momento de fundação, em 1931, passando pelas décadas seguintes, quando sua voz exerceu mais peso do que uma mera mecenas. De todo modo, foi com a *Sur* e pela sua capacidade de arquitetar-se enquanto uma intelectual comprometida com as liberdades democráticas que foi nomeada para a Academia Argentina de Letras, em 1977, obtendo consagração formal.

De todo modo, devemos mobilizar esforços para não perpetrarmos leituras engessadas sobre as duas escritoras, de modo a tomar suas origens enquanto fatores determinantes para o sucesso que obteriam no futuro. Ou seja, realizar uma análise automatizada em que as condições materiais – tanto as individuais, quanto as de seus países de origem – fossem determinantes para o fazer literário. Certamente, influenciaram de modo direto e substancial, mas devemos operar no sentido de compreender em qual medida as escritoras romperam com tais expectativas – de classe, gênero e nacionalidade –, e em qual ponto consentiram a elas. Por conta disso, não podemos reduzir Ocampo meramente a uma integrante de uma elite intelectualizada que apenas reproduz modelos estrangeiros na realidade tresloucada de seus países de origem. São reelaborações frequentemente desejadas, produzidas mais ou menos conscientemente, mas que necessariamente estão em diálogo com suas intenções de alavancarem suas carreiras.

O processo de consagração de Gabriela Mistral se deu de modo diverso. Em um primeiro momento, esteve atrelado a sua carreira de professora, o que lhe pôs em contato com importantes figuras do mundo das artes, da política e das letras, como José Vasconcelos. Igualmente, pela sua produção poética, como *Tala* e *Desolación*, que obtiveram importante circulação no mundo hispano-americano, graças, inclusive, à sua relação com estes escritores e intelectuais, como a própria campo, que ampliaram a quantidade de leitores de sua obra. Quando passa a ocupar o cargo de Secretária do Instituto de Cooperação Internacional das Ligas das Nações, Mistral consolida de modo definitivo tais redes de sociabilidade, e que não se restringem

exclusivamente aos latino-americanos, mas educadores, escritores e intelectuais europeus e estadunidenses também.

“Mi prisa de saber esto deriva de que temo que me llamen de Chile. El Dictador de trapo o de paja seguramente *no quiere eso*, ‘son las gentes de la calle’. Hicieron por ahí una reunión, diz que de setena mil personas – clase media y pueblo – y hablaron de todo, hasta de que yo debo volver... Y me da una mieditis tal! Me alivia saber que al Rey eso no le place. Pero ahora su mujer anda – ella misma – en colecta para rehacer la casa en que nací y donde viví los cuarentas días de las parturientas, las curenata de mi madre.”⁸⁹

Gabriela também manifesta, nas correspondências, a percepção de que percebeu que em seu país de origem possuía certo reconhecimento, mas não se sentiu plenamente acolhida por ele. A poeta identifica como grande parte desta motivação para homenageá-la tem origem no desejo de personalidades em se autopromover às custas de sua imagem. A confirmação de sua hipótese advém do fato de que embora tenha obtido reconhecimento em nível internacional enquanto escritora e poeta, manteve ativa sua produção ensaística, justificada, sobretudo, pela necessidade de se sustentar financeiramente.

A consagração literária de Mistral e Ocampo, mesmo que de modos diversos, faz parte de um processo mais amplo e significativo de constituição de um campo literário, latino-americano, de mulheres escritoras, críticas, ensaístas e poetas. Tal conjuntura corre em meio ao processo de modernização econômica, mas também política e social, que modifica as paisagens artísticas nos diversos países do continente. A escrita literária aglutina a prática criativa e estética, mas também é ferramenta para constituição de práticas políticas – à esquerda ou à direita – e que alcançam significativa amplitude com um processo paralelo ao da consolidação do campo, mas que está diretamente conectado à ele, o de formação de uma indústria editorial, associada à formação de leitores, tanto no Chile quanto na Argentina.

Como buscamos demonstrar, o processo de consagração literária de Mistral e Ocampo esteve também associado as relações de caráter intelectual, político e

⁸⁹ MISTRAL, Gabriela. [Carta, 5 de novembro de 1951, Nápoles, Itália] a OCAMPO, Victoria. *In Esta América Nuestra: correspondência, 1926 – 1956*. Buenos Aires: El cuenco de Plata, 2013.

pessoal estabelecidas com outros escritores e artistas de seus países de origem, mas também da Europa e Estados Unidos. Ademais, suas interações com a política – no caso de Victoria Ocampo com o peronismo, de modo mais emblemático – e a relutância de Gabriela Mistral em retornar ao Chile durante o governo de Ibañez, demonstram o duro percurso por elas traçados na escolha de afiliações partidárias, ou no distanciamento de estas questões. Além das inclinações pessoais para tais aproximações políticas, reconheceram como sua adesão a elas poderia acarretar modificações substanciais em suas imagens enquanto escritoras e intelectuais.

Os modos como se desenrolaram suas trajetórias estiveram atrelados, por um lado, com tradição política, econômica e cultural de seus respectivos países natais, fatores importantes para a conformação de um campo literário permeável as mulheres escritoras, mas também por suas capacidades individuais de articulação dentro destes circuitos. No caso de Victoria Ocampo, tal possibilidade, a de articular laços de sociabilidade, esteve atrelada sobretudo a sua condição de classe, responsáveis por conferir a ela instrução formal, viagens, enfim, o acesso ao mundo de bens imateriais. Sobretudo, a possibilidade de estar em contato com as famílias mais influentes de Buenos Aires e da Argentina como um todo, tornou factível a sua articulação no campo literário. Para Gabriela Mistral, este processo ocorre mais tardiamente, quando já havia certa estabilidade enquanto educadora e poetisa, e posteriormente, enquanto consulesa. Suas experiências formativas ocorrem em decorrência e em paralelo à tais atividades. É durante este processo que constrói suas próprias redes de amizade – pessoais e intelectuais -, ao passo em que no caso de sua interlocutora, elas já estavam postas de antemão.

Desfrutar de espaços de sociabilidade e de formação intelectual para mulheres escritoras foi essencial para que estivessem em diálogo com escritores, críticos literários e poetas, o que pôde ser decisivo enquanto fator de complementariedade para suas formações educacionais. As “conversas instruídas”, como denomina Alicia Salomone, foram substanciais para a visibilização da produção feminina, composta por discursos por vezes alternativos aos oficiais. Se em fins do século XIX já se começa a esboçar uma participação das mulheres em circuitos de arte e literatura, é com a emergência de uma sociedade de massas e, por consequência, de novos sujeitos e novas identidades culturais que sua presença passa a ser cada vez mais forte. Esse

momento esteve atrelado, sobretudo, à constituição de novas subjetividades, responsáveis por modificar a “fisionomia intelectual” do período.

Como frisa a autora, surgem vozes plurais e diversas nos textos tanto de Mistral e Ocampo, quanto de Alfonsina Storni, Juana de Ibarbourou e Teresa de La Parra, por exemplo. São identidades femininas, mas, múltiplas, ambíguas e contraditórias, e que partem de lugares de enunciação igualmente distintos. Rico intercâmbio intelectual, decorrente do esforço para o reconhecimento literário. Tal conquista revela-se sobretudo pela criação de zonas de identificação, negociação e diálogo, mas sobretudo como se conformavam os modos de adesão, recepção e circulação de textos produzidos por mulheres, e que inevitavelmente estavam relacionados à precedência destas pessoas. A precedência interferia diretamente no modo como percebiam-se enquanto sujeitos históricos, mas especialmente sobre os modos como estavam experimentando a realidade.

A consagração obtida enquanto mulheres escritoras esteve marcada pela pluralidade de suas atuações: não se restringiram, apenas, à escrita, embora este fosse atividade primordial de suas vidas. Mas engajaram-se na edição e tradução, no caso de Victoria Ocampo, e da pedagogia e diplomacia, no de Gabriela Mistral. Essa variedade de ocupações tanto se associa a dificuldade de profissionalização do intelectual na América Latina, de modo que tais figuras estiveram eles frequentemente atreladas ao Estado, ou a aparatos culturais, como jornais e etc. De todo modo, além dos obstáculos impostos a escritores e intelectuais, a busca por legitimação em espaços de atuação predominantemente masculinos não seria possível sem a diversificação de sua atividade literária, tanto no que diz respeito ao engajamento com tarefas de edição e crítica, como pela pluralidade de temáticas abordadas por elas em seus escritos.

Ainda, um fator importante a ser mencionado, refere-se ao fato de que a chilena tenha traçado sua trajetória junto às instituições de ensino (escolas primárias, secundárias e depois em secretarias da educação), e posteriormente, no Instituto de Cooperação Intelectual. A portenha embora mantenha certa autonomia institucional, encarrega-se da liderança da *Sur*, o que, em certa medida, reforça a necessidade posicionar-se coerentemente aos ideais do periódico. Neste sentido, constatamos como, embora esteja atrelada a tais instituições, parece ter maior possibilidade de autonomia crítica, uma vez que não possui afiliações políticas e estéticas definidas,

como a participação em um partido ou grupo literário definido – como foi o caso de Ocampo.

A pluralidade de tarefas por elas empreendidas demonstra, além da qualidade crítica e estética de sua produção, o dinamismo de suas personalidades, fator determinante para que enfrentassem de diversos modos as restrições imperativas ao seu gênero. Além da diversificação de atividades, observamos a conformação de diversas modalidades discursivas, da imersão em gêneros literários igualmente distintos. Tanto Mistral e Ocampo quanto mulheres adentraram tanto na produção de textos literários como poesia e romance, quanto em gêneros considerados “menores”, como autobiografias, cartas e diários, mas que inevitavelmente garantiam seu acesso ao mundo da palavra.

Os anos de 1920 e 1930 configuram-se pelo adensamento na produção crítica e ensaística na América Latina. Embora autores acolhessem relativamente a produção feminina, consideravam-na de menor importância quando tratavam de temáticas associadas ao gênero. Tais escritoras vivem a dicotomia entre um espaço de parcial integração, mas que se torna, sobretudo, possibilidade de transgressão. As duas décadas seguintes são bastante diferentes, tanto em termos conjunturais quanto pessoais, para Ocampo e Mistral. Enquanto a portenha consolida-se no mundo literário argentino, ocupando papel de destaque como produtora e mediadora cultural, a chilena consagra-se internacionalmente ao ser a primeira hispano-americana a vencer o Prêmio Nobel, a primeira mulher de língua espanhola. Neste sentido, constatamos que o reconhecimento adquirido pelas escritoras embora não significasse a total ausência de obstáculos a serem superados, em certa medida, fez com que pudessem negociar, partindo de uma posição mais favorável, tanto suas publicações quanto suas respectivas capacidades de mobilizar as redes intelectuais em que estavam inseridas.

Capítulo II - Para quebrar o monólogo masculino: as mulheres no mundo das letras.

Uma das linhas de tensão estabelecidas entre Gabriela Mistral e Victoria Ocampo foi determinada pelas concepções, muitas vezes divergentes, sobre a condição social da mulher. Este capítulo tem por objetivo recuperar essas reflexões, presentes no diálogo epistolar, assim como em seus ensaios autobiográficos, utilizados como fontes complementares. Nossa hipótese é a de que os processos de construção de identidades de gênero, ao revelarem incongruências e ambiguidades entre as práticas e os discursos destas escritoras apontam a disputa entre distintos modelos de feminilidade e de sua inadequação às condutas normativas existentes, incapazes de dar conta de suas aspirações criativas e intelectuais. Por meio de suas ações e discursos, estariam elas próprias abrindo novos caminhos para identidades femininas.

Este capítulo está dividido em duas partes. No primeiro momento, iremos tratar de aspectos relevantes da trajetória intelectual e política de Victoria Ocampo, de maneira a demonstrar como o seu entendimento sobre a emancipação feminina esteve diretamente associado a um projeto de escrita autobiográfica. Para iluminar tais questões, faremos uma breve incursão em seu diálogo com a escritora britânica Virginia Woolf, de modo a averiguar o seu esforço para se inserir em uma tradição literária de mulheres. Realizaremos, em seguida, um contraponto, através da comparação com os caminhos percorridos por Gabriela Mistral. Embora a escritora não manifestasse o mesmo entusiasmo em relação ao feminismo, inclusive por tecer-lhe duras críticas, suas práticas extrapolaram os limites sociais impostos às mulheres sem instrução formal, advindas de condições populares. Isto é, embora não se dedicasse à reflexão teórica sobre a desigualdade de gênero, rompia, por meio de suas práticas, as expectativas pessoais e profissionais para mulheres.

Ao longo dos anos, muitas correspondências se perderam, especialmente as redigidas por Ocampo. Diante deste obstáculo, nosso esforço foi o de elaborar um panorama mais amplo de reflexões e diálogos, incluindo ensaios de caráter autobiográfico, no sentido de elucidar as percepções das escritoras sobre as temáticas abordadas. Nas cartas disponíveis, de todo modo, não se observa um rebatimento

direto de Victoria Ocampo às manifestações em tons mais conservadores manifestadas por Gabriela Mistral a respeito do lugar social da mulher. Este embate ocorre, por vezes, de maneira menos explícita e indireta. Por este motivo, devemos considerar a composição de uma atmosfera em que estas temáticas eram constituídas a partir do diálogo epistolar, mas que também estavam presentes em seus ensaios e escritos autobiográficos.

Ao estabelecermos tal cotejamento de fontes, nosso objetivo é investigar se haveria, ainda, correlações entre a produção de discursos sobre a condição social das mulheres e a conformação de práticas sociais que rompessem com as barreiras impostas por estereótipos de gênero. Tal hipótese surge da constatação de que, no caso de Victoria Ocampo, a escritora manifestava-se em prol do feminismo, como demonstraremos adiante, e se comprometia com a divulgação de escritoras estrangeiras e conterrâneas pela Revista e pela Editora *Sur*. Entretanto, seu empenho com a causa encontrou obstáculos para ser reconhecido e legitimado, especialmente entre os seus pares da *Sur*, uma vez que alguns dos membros do corpo editorial do periódico acreditavam que a questão da mulher seria secundária em relação às demais querelas sociais. Isso se justificaria, em nosso entendimento, pelo fato de que a maioria dos impedimentos enfrentados pela própria Victoria estarem mais atrelados a questões morais e de costumes do que restrições concretas no âmbito econômico e político.

A trajetória de Mistral, por sua vez, é permeada pelas dificuldades de construir uma carreira sólida como educadora e poetisa, sobretudo, devido à ausência de títulos formais. Seu pensamento pedagógico é sustentado pela defesa de que existiriam diferenças entre a educação de meninas e de meninos, justificada pela necessidade de prepará-las para serem mães e cuidadoras do lar. Se, por um lado, suas proposições pedagógicas caminhavam nesta direção, sua produção poética rendeu-lhe reconhecimento em nível internacional, cujo ápice se consuma na nomeação para prêmio Nobel, em 1945. Ocupou cargos de prestígio para mulheres no sistema educacional chileno e no diplomático também. Suas ressalvas em relação ao movimento de mulheres não impediram que suas práticas fossem desafiadoras dos modelos de conduta esperados para as mulheres.

A problemática norteadora deste capítulo está assentada na hipótese de que com o advento do feminismo de primeira onda ⁹⁰ em fins do século XIX e a configuração de novas possibilidades de profissionalização da escrita para mulheres no início do século XX, a identidade feminina burguesa, calcada na domesticidade do lar, dominante até então, é colocada à prova, ao menos por tais escritoras. Os debates relacionados ao feminino e ao feminismo revelariam a ausência de identidades capazes de dar conta das aspirações criativas e profissionais de mulheres, de variadas origens, etnias e condições sociais. Por meio da escrita epistolar e ensaística, Mistral e Ocampo – assim como muitas outras artistas, escritoras e cientistas de sua época – estariam, em muitos sentidos, desenhando e descortinando, por meio de suas práticas, identidades femininas para além das determinações de maternidade e matrimônio.

Uma vez tendo escapado dessas expectativas enquanto elementos essenciais de definição de suas individualidades, a identidade profissional foi elemento crucial para a conformação de suas subjetividades. Seu reconhecimento enquanto escritoras profissionais, atuantes no mundo das artes e das letras, cuja formação era predominantemente masculina, foi substancial para que repensassem o lugar social da mulher, assim como suas próprias identidades, pessoais e profissionais. No caso de Ocampo, sua atuação como escritora e Editora-Chefe da Revista *Sur*, e Mistral, enquanto educadora, poetisa e consulesa. Suas práticas profissionais abriram caminhos para a construção de suas subjetividades pessoais, mas também inauguram e reforçam as condições para a consolidação de um campo literário – ou, uma tradição literária – feminina.

Embora ainda estivessem submetidas às esferas de validação social e intelectual masculinas, romperam com convenções sociais e desafiaram o *status quo*. A forma como construíram suas trajetórias é bastante diversa, tanto por conta de suas origens sociais e de classe, bem como a conjuntura intelectual e artística em seus respectivos países de origem. A formação de Ocampo acontece na virada do século XIX para o XX em uma família da elite portenha. As restrições morais impostas a ela, tanto pelo fato de ser mulher quanto pelas expectativas para uma jovem de classe

⁹⁰ Consideramos, aqui, as críticas e problematizações referentes ao caráter evolucionista e teleológico implicado na divisão do feminismo em ondas, presentes em parte da historiografia sobre o tema. Entretanto, consideramos ainda ser uma maneira de se referir a determinadas circunstâncias em que houve uma efervescência de caráter feminista específica.

alta, foram paulatinamente sendo desafiadas ao longo de sua juventude. Sentia-se cerceada e incapaz de aproveitar seus dons, fosse pela ausência de liberdade como pela inexistência de uma cultura letrada em seu país, refinada o suficiente para de abrigar suas aspirações literárias.

Gabriela Mistral não pôde usufruir das mesmas benesses financeiras que estiveram à disposição de Victoria Ocampo, tampouco complementar a sua formação literária e intelectual em viagens costumeiras à Europa. Em contrapartida, não vivenciou de maneira tão expressa as restrições morais e de costumes, das sociabilidades convencionais da elite portenha, como as explícitas exigências de casamento e maternidade. Costurou sua atuação de maestra com a de poetisa, e, por consequência, consulesa. As experiências ocasionadas pela docência levaram a escritora a ponderar sobre temas variados, com os quais se deparou em sua trajetória pelas províncias chilenas: a maternidade e a condição das mulheres em sociedades rurais, a educação infantil para meninos e meninas, temáticas presentes, inclusive, em sua escrita poética.

Victoria Ocampo escutava pedestres gritando “Machona!!!”, enquanto dirigia seu automóvel pelas ruas de Buenos Aires em meados de 1920. Além da carteira de motorista recém adquirida, sendo a primeira mulher no país a conseguir a habilitação, havia se



divorciado do marido, Luís Bernardo Estrada, mais um motivo para a especulação de jornais e magazines sobre sua vida privada. Curiosidade justificada pela posição social ocupada por sua família, a escritora nunca deixou de receber comentários de caráter depreciativo, tanto de setores mais conservadores da sociedade quanto dos mais progressistas. Por um lado, era desmerecida por ter se divorciado, por adotar comportamentos e vestimentas considerados inadequados para uma mulher, ainda mais de sua condição financeira. Por outro, fora acusada de esnobe e elitista, de descompromissada com a realidade política de seu país. Seu interesse pela escrita de caráter autobiográfico tenha sido uma maneira de reivindicar, para si, a narrativa de sua própria verdade. Contar com as próprias palavras os percalços de sua vida,

obliterando, em contrapartida, eventos e sentimentos considerados inconvenientes ou impróprios para a sua própria autoimagem.

Devemos questionar, entretanto, até qual ponto esse esforço de contar a própria vida, de se apropriar de instrumentos narrativos capazes de conferir significado e coerência às suas próprias experiências em contraposição às “fofocas” que diziam o contrário, fora bem-sucedido. Isso porque até o presente momento encontramos pesquisas que desqualificam a atuação de Ocampo, frequentemente, por um viés misógino, uma vez que os adjetivos utilizados para categorizar sua atuação dificilmente seriam aplicados, por exemplo, aos seus colegas da *Sur*. Qualificações estas mais associadas à sua personalidade do que ao seu projeto intelectual e sua escrita. São eles: esnobe,⁹¹ inconsciente, inconsistente, secundária, impetuosa. Ou seja, adjetivos associados à sua personalidade. Uma musa sem obra, a mecenas incapaz de produzir escritos de qualidade literária equivalente ou superior à daqueles que patrocinava com sua boa-vontade. Ao que parece, o seu mecenato fora encarado como uma via de escape para a dificuldade de reconhecimento literário nos primeiros anos de sua carreira. Esteve à sombra de Borges, de Bioy Casares, e até mesmo de sua irmã mais nova, Silvina, como brevemente mencionamos no capítulo anterior.

Ocampo não deve estar isenta de críticas, inclusive, se considerarmos a relevância de sua atuação no campo da cultura e das artes na Argentina e América Latina como um todo ao longo do século XX. Entretanto, tais questionamentos devem ser direcionados a sua atividade como intelectual, de sua trajetória como escritora e mecenas da Revista *Sur*. Longe de estar “alheia” ou distante dos acontecimentos políticos de sua época, embora não se adequasse aos padrões de engajamento entendido por outros intelectuais, a autora ponderou e questionou de maneira efetiva a realidade social e política de seu país, especialmente, no que diz respeito à atuação de mulheres na esfera pública.

A temática da emancipação feminina na vida de Victoria Ocampo remete a sua juventude, quando suas aspirações de atriz foram solapadas pelo conservadorismo de sua família – compartilhado por certa parte de seus contemporâneos - de que essa profissão não se adequaria aos padrões de moralidade

⁹¹ LIEDO, Victoria. *Victoria Ocampo: una esnob para el desierto argentino*, Cuadernos LIRICO, vol. 16, 2017.

de uma jovem de sua condição social.⁹² Ainda que tivesse aulas de teatro com uma professora particular, a atriz Marguérite Moreno, elas deveriam acontecer longe de olhares de terceiros. Em sua autobiografia, a autora parece afirmar a existência do ímpeto por liberdade logo em sua infância. Certamente, tal esforço deve ser relativizado, uma vez que esteve associado ao desejo de Ocampo em construir, para si mesma, determinada imagem “feminista”. Não obstante, devemos considerar como tais circunstâncias, de cerceamento de sua liberdade de escolha, possam ter favorecido seu apreço pela temática. A portenha adquiriu a consciência de que para escrever deveria lidar com as oposições da sociedade, cujas expectativas para a vida pública de mulheres eram poucas ou inexistentes.

A defesa pela igualdade de gênero estaria associada ao desejo de conquistar paridade em relação aos homens. Advinda de uma família extremamente abastada, Ocampo soube aproveitar os privilégios garantidos por sua condição financeira em favor deste objetivo. Com a barreira de classe superada, suas maiores limitações eram majoritariamente proibições de caráter moral impostas às mulheres, especialmente, as de elite. Suas privações eram mais simbólicas que materiais, afinal, desfrutou da bonança financeira ao longo de sua vida e mobilizou tais recursos para a *Sur*. Obstinação a cavar um lugar para si, sua primeira obra publicada em 1924 é *De Francesca a Beatrice*, em que propõe uma releitura da obra de Dante Allighieri, *A Divina Comédia*, obra apresentada a ela por sua professora de italiano na infância. O livro chegou a ser publicado pela Revista de *Occidente*, de José Ortega y Gasset, quem escreve o prefácio. Segundo a escritora, o impulso de comentar a obra de Dante “nascia de um esforço de me aproximar da porta de saída de eu drama pessoal, tanto quanto de meu real entusiasmo pelo poeta florentino, meu irmão.”⁹³

Em *Modernidade Periférica: Buenos Aires 1920 – 1930*, Beatriz Sarlo apresenta uma interpretação interessante sobre o impulso criador de Ocampo, e a audácia de fazê-lo pela escrita, inclusive, porque a “escrita era considerada uma

⁹² Victoria Ocampo interpretou “Perséfone” na obra de mesmo nome de Igor Stravinsky no Teatro Colón. O texto redigido por André Gide para a ópera do compositor e amigo da escritora foi intensamente representado por ela. De acordo com Doris Meyer, embora a escritora – e nessa circunstância, atriz – demonstrasse sua satisfação pelo teatro, como uma conquista de suas aspirações juvenis, as entrevistas para a imprensa eram marcadas por timidez e retração, talvez, respostas aos ataques de “elitista” que constantemente sofria. VER: MEYER, Doris. *Victoria Ocampo: against the wide and the tide*. Texas Pan American Series, 1989.

⁹³ OCAMPO apud SARLO, Beatriz. *Modernidade periférica: Buenos Aires 1920 – 1930*. São Paulo: Cosac Naify, 2010. P. 164

atividade demasiado pública para uma mulher”.⁹⁴ Sobretudo, se considerarmos as temáticas abordadas em sua *Autobiografía*: a escritora narra abertamente sua insatisfação matrimonial e o adultério cometido, dos desejos de explorar a fundo sua sexualidade e da necessidade de criação intelectual. O gênero escolhido, o autobiográfico, escancarava seus dilemas pessoais, expunha as contradições e hipocrisias de seu meio social, em oposição à poesia, em que as ideias e sentimentos estariam menos expostos, submersos.

Ao escrever sobre Dante, em *De Francesca a Beatrice*, o “homem e fundador de uma literatura europeia”,⁹⁵ Ocampo também falava de si mesma: revelava seu impulso em transgredir normas sociais, de elaborar racionalmente suas experiências e escrevê-las. Para muitos, certo “pedantismo e descaramento” de sua parte, afinal, mulheres deveriam escrever sobre outros assuntos, atrelados ao mundo dos sentimentos e das paixões. Estava presente, entretanto, o desejo de conferir sentido e significado ao que lhe passava em sua vida privada por meio da associação a certo “mundo de bens culturais”. Isto é, de estabelecer uma correlação entre seu percurso pessoal aos grandes nomes da literatura. Nas palavras de Sarlo:

“Victoria Ocampo sabe, a partir desse livro, que pode inserir suas leituras num sistema regido por suas experiências subjetivas. [...] Salta os limites meio estreitos de um campo intelectual argentino e coloca seu primeiro esforço nas mãos de sua primeira amizade internacional (José Ortega y Gasset). No curso de todas essas operações contrárias a um sistema de preconceitos sexuais e morais, Victoria Ocampo investe na literatura o capital simbólico (refinamento, viagens línguas estrangeiras) que sua família lhe havia confiado apenas para que o gastasse no consumo ostentador.”⁹⁶

O domínio de referências culturais e literárias adquiridas durante sua infância, graças à educação oferecida por sua família, garantiu a Ocampo sua distinção e refinamento no campo literário, cujas barreiras eram muito mais perenes para aqueles e aquelas que desconheciam sua forma de operar, como a própria Gabriela Mistral. Com tais ferramentas a sua disposição, a escritora portenha soube construir uma rede de sociabilidade entre escritores e intelectuais internacional em que podia mobilizar todo o seu repertório cultural. As referências presentes em suas obras englobam desde

⁹⁴ Idem, p. 165

⁹⁵ Idem.

⁹⁶ Idem, p. 178.

escritores indianos à filósofos alemães, de diversos lugares e épocas diferentes. Os gêneros artísticos em seu domínio também são muitos: demonstra o conhecimento da dramaturgia, teologia e música. Gabriela Mistral não pôde contar com tais vantagens e reconhece, com frequência, os desafios ocasionados pela presença destes obstáculos. A ausência de educação formal, bem como as dificuldades financeiras que acompanharam a sua infância e juventude, fizeram de sua trajetória pessoal e profissional um tanto conturbada. Entretanto, são tais elementos que, em contrapartida, foram mobilizados por ela para garantir a legitimidade de sua produção intelectual. Mesmo que não seja exposta nestes termos, Mistral recorrentemente reafirma que o seu reconhecimento ocorre por “mérito” pessoal.⁹⁷

O interesse de Ocampo sobre a temática da subordinação feminina vai além da produção de ensaios sobre o tema. Embora tenha sido frequentemente retratada por certa historiografia enquanto uma intelectual afastada do campo de disputas políticas, a escritora teve importante papel na conquista de direitos civis – sobretudo, o voto – para as mulheres. Em 1936, como uma resposta aos avanços da extrema-direita católica, fundou a União Argentina de Mulheres, ao lado de María Rosa Oliver⁹⁸ e Susana Larguía. A UAM é inaugurada em resposta à tais organizações católicas que pretendiam assumir a dianteira de uma reflexão a respeito do novo lugar social da mulher, associada ao espaço doméstico, à maternidade e ao casamento. Com Ocampo na presidência, a organização contava com Ana Rosa Schlieper de Martínez Guerrero como vice-presidentes e Perla Berg como secretária. Observamos, neste sentido, como a disputa por distintos modelos de feminilidade era efervescente.

De acordo com Isabella Cosse, as reuniões informais aconteciam ao mesmo tempo em que Ocampo se posicionava em meios de comunicação de massa, como o rádio. Em determinada situação, Ocampo utilizou de uma conferência de rádio para declamar *La Mujer y Su Expresión* simultaneamente para Argentina e Espanha.⁹⁹ O texto fora publicado inicialmente em *La Nación* e posteriormente na *Sur*. Cosse reconhece que à época, a UAM desempenhou atividade de grande alcance graças à propaganda capitaneada por Victoria Ocampo, tanto pelo contato com outras

⁹⁷ Essa temática será aprofundada na seção 2.4 deste capítulo, em que trabalharemos com a trajetória intelectual de Gabriela Mistral. É possível identificar o esforço em reforçar suas origens sociais: ao mesmo tempo em que servem de justificativa para o sentimento de “inadequação” que sentia, também reforçam seu mérito pessoal.

⁹⁸ María Rosa Oliver foi amiga de longa data de Victoria Ocampo e militante aberta do comunismo.

⁹⁹ OCAMPO, Victoria. *La Mujer y Su Expresión*. Buenos Aires: *Sur*, AS, 1936.

organizações como com figuras relevantes da época. Dentre os princípios e objetivos da UAM estavam: expandir os direitos civis e políticos das mulheres, o aumento das leis protetoras das mulheres da indústria, da agricultura e do serviço doméstico, amparo à maternidade, proteção ao menor e diminuição e prevenção da prostituição.¹⁰⁰

Doris Meyer acredita que 1936 tenha sido um período de transformação no pensamento de Gabriela Mistral em relação ao avanço dos direitos das mulheres, graças à militância de sua amiga argentina.¹⁰¹ Embora tenha sido signatária da carta de fundação da UAM, Mistral não era uma feminista à época e seu posicionamento público se justifica em maior medida como um ato de solidariedade a Ocampo do que por própria convicção. Não é possível afirmar com certeza se a atitude de Mistral se deve à uma “troca de favores” em relação à Ocampo, visto que na mesma época as duas escritoras debatiam as condições de publicação de ensaios, ou se de fato, a autora manifestava entusiasmo em relação à iniciativa de sua interlocutora.

No mesmo ano, Ocampo apresentaria *Um teto todo seu* a Mistral e com a efervescência do diálogo entre as duas escritoras, a reflexão favorável à emancipação feminina parece apontar para outro sentido. Em carta de 21 de agosto de 1936, Mistral escreve:

“Vino la colección de *Sur*, que me ha parecido magnífica, así magnífica, digna de Usted. La primera vez que a mí me llega un alegeato feminista es en la lectura de ese trabajo de V. Woolf. Habría mucho que decirle a este respecto. Otro día. Le agradezco, como un servicio personal, el que usted lo haya hecho traducir y me lo haya hecho llegar.”¹⁰²

Em correspondência redigida em agosto de 1937, Mistral afirma que observou a disputa entre as “beatas”:

“Yo me ignoraba la fea camapaña del beaterío sobre su Liga o Sociedad de Mujeres Argentinas. La autoricé – y aqui lo repito – para pedirle *mi ingreso en esa Soc.* Me parece que sea el momento de estar

¹⁰⁰ COSSE, Isabella. La lucha por los derechos femeninos: Victoria Ocampo y la Unión Argentina de Mujeres (1936) *Revista Humanitas*, vol. XXVI, núm. 34, 2008, pp. 131-149

¹⁰¹ MEYER, Doris. *Victoria Ocampo: against the wide and the tide*. Texas Pan American Series, 1989.

¹⁰² Gabriela Mistral [Carta, 21 de Agosto de 1936, Lisboa, Portugal] a OCAMPO, Victoria *In Esta America Nuestra: correspondência, 1926 – 1956*. Buenos Aires: El Cuenco de Plata, 2013.

con Ud., no sólo en *esta* forma tácita sino expresa y pública.¹⁰³

Neste excerto, observamos dois elementos importantes: o primeiro deles refere-se a ressonância dos debates ocorridos no seio da sociedade argentina a respeito da aquisição de direitos legais e políticos para as mulheres, de forma que chega ao conhecimento de Mistral, residente em Lisboa. O segundo ponto, embora sutil, refere-se a uma tomada de posição – o ingresso à UAM por parte da poetisa chilena – como atitude que extrapola o intercâmbio epistolar, mas sela o compromisso e a amizade entre elas na esfera pública.

A possibilidade de considerar novas perspectivas revela a dinâmica pela qual se estruturavam os debates intelectuais realizados nas correspondências. Ainda que ocorressem no âmbito privado, ou, justamente por esse motivo, as reflexões sobre suas respectivas posições políticas poderiam ocorrer sem que houvesse prejuízo direto à sua imagem pública. Consideramos, então, como instâncias diferentes de produção de discursos: os ensaios e artigos publicados em jornais, de um lado, e as cartas trocadas entre elas, de outro. No mesmo ano em que Mistral demonstra ser simpática ao feminismo, escreve uma dura crítica ao movimento de mulheres do Chile. A relação de Ocampo é igualmente ambígua. A escritora produziu diversos ensaios e artigos a respeito da condição feminina, empenhou-se para a publicação de escritoras na *Sur* e participou da UAM. Entretanto, o seu reconhecimento enquanto escritora profissional ficou relegado a segundo plano, especialmente por ser considerada por seus interlocutores homens como uma musa, a bela estrangeira. Apesar de reconhecer o lugar ocupado, foram poucos os momentos em que fez críticas publicamente sobre esse assunto. Aprofundaremos estes tópicos de maneira mais detida na próxima seção deste capítulo.¹⁰⁴

Observamos que nem sempre havia uma correlação direta entre a produção de discursos sobre o tema, e a forma como desenharam suas respectivas carreiras, uma vez que elas constantemente desafiaram os modelos de conduta feminina. No caso de Mistral, apesar de endossar a divisão sexual do trabalho e a inferioridade da capacidade intelectual feminina em determinadas profissões, não hesitou em romper,

¹⁰³ MISTRAL, Gabriela [Carta, Julho/Agosto de 1937, Lisboa, Portugal] a OCAMPO, Victoria *In Esta América Nuestra: correspondência, 1926 – 1956*. Buenos Aires: El Cuenco de Plata, 2013.

¹⁰⁴ MISTRAL, Gabriela. Feminismo: una nueva organización del trabajo. In: *Por la humanidad futura: antología política de Gabriela Mistral*. ORG. POZO, Diego. La pollera ediciones: Santiago, 2015.

por meio de suas práticas, quaisquer expectativas de domesticidade ao atuar como educadora, poetisa e consulesa, ainda nas primeiras décadas do século XX. Assim sendo, de quais maneiras as experiências de Ocampo e Mistral moldaram suas percepções sobre a questão de gênero?

Devemos compreender, acima de tudo, as formas pelas quais essas mulheres estavam negociando sua ascensão profissional, o que exigia, necessariamente, certos posicionamentos mais ponderados, ou uma neutralização discursiva capaz de legitimar o seu posicionamento político. Caso se manifestassem de maneira muito assertiva ou radical, poderiam ser acusadas de extremistas e, por conseguinte, ostracizadas do debate público. Neste sentido, considerar as convergências ou distanciamentos entre discurso e prática não necessariamente aponta para contradições inconscientes, mas do diagnóstico de obstáculos para o seu reconhecimento dentro do campo literário e a mobilização de ferramentas para vencê-los.

2.1 O caminho entre as mariposas: diálogos entre Victoria Ocampo e Virginia Woolf.

Victoria Ocampo correspondeu-se assiduamente com escritores e artistas latino-americanos, estadunidenses e europeus ao longo de sua carreira como escritora e editora. Foi por meio de tais correspondências que teceu redes de sociabilidade relevantes para si mesma e para a própria *Sur*: negociou publicações e traduções de obras estrangeiras, a vinda de intelectuais para a Argentina e organizou eventos de promoção cultural. Dentre os sujeitos de renome, figuram o Nobel Rabindranath Tagore, Hermann Von Keyerseling, Aldous Huxley, entre outros. Uma correspondente em particular concentrou grandes esforços de interlocução por parte de Ocampo, motivados pela grande admiração nutrida por ela: Virginia Woolf. Este diálogo epistolar, recuperado nesta pesquisa, ocorre no sentido de demonstrar o seu esforço em se inserir como escritora pertencente à uma tradição literária composta, sobretudo, por mulheres.

A escritora britânica exerceu peso significativo na vida e obra de Ocampo, especialmente, por conta de suas reflexões sobre as especificidades da escrita feminina. Woolf foi uma das fundadoras do Grupo de Bloomsbury, círculo em que se reuniam escritores, artistas e intelectuais britânicos no período do início do século

XX e até meados da Segunda Guerra Mundial. Entre os membros do círculo, figuraram seu marido, o poeta Leonard Woolf, John Maynard Keynes, Roger Fry, sua irmã, Vanessa, Bertrand Russel, entre outros. Dentre as obras de destaque de Woolf, constam *Mrs. Dalloway* (1925), *To the Lighthouse* (1927), *Orlando: A Biography* (1928) e *A Room of One's Own* (1929). Ao longo de sua vida, Woolf enfrentou crises agudas de depressão, culminando em seu suicídio por afogamento em 1941.

A vida e obra de Virginia Woolf continuam a despertar profundo interesse de pesquisadores ao redor do globo. Além das inovações estéticas empreendidas pela escritora (especialmente a utilização da técnica do fluxo de consciência), a complexidade de sua trajetória, os círculos de literatos e artistas frequentados por ela, a profunda capacidade crítica da escritora e a sua forte inclinação para o feminismo compõem aspectos de sua vida, extremamente relevantes para caminhos de pesquisa que busquem elucidar como constituiu a obra de uma das maiores romancistas de língua inglesa do século XX.

Justamente por sua reflexão a respeito da condição das mulheres no início do século passado, especialmente, aquelas que desejavam se aventurar pela escrita profissional, compiladas em *Um teto todo seu*, que a admiração cultivada por Victoria Ocampo se converteu na possibilidade de interlocução. As dificuldades encontradas pela escritora portenha em busca de caminhos para sua escrita eram ainda maiores após perceber que muitos dos escritores admirados por ela a tratavam como uma musa.

“Esos contactos, en lugar de reforzar su autoridad literaria, la disminuyeron. Con José Ortega y Gasset, Rabindranath Tagore y Hermann Keyserling por ejemplo se produjo todas las veces la misma situación. Ocampo les contactó, inspirada por su entusiasmo en su obra. En realidad iba en busca de estimulación e incitación por su propia vocación de escribir. Por eso, sus ‘héroes literarios’ formaban una proyección de sus propias aspiraciones creativas. Esos escritores, no obstante, estaban sumamente intrigados por la sensibilidad y la belleza extraordinaria de la argentina y la vieron más bien como una musa que como una artista o creadora. Veremos más tarde que esa actitud

sexista provocó el cambio de interés de Ocampo por modelos masculinos a modelos femeninos.”¹⁰⁵

Em 1931, Virginia Woolf realizou a leitura de um texto intitulado *Profissões para mulheres*, na Sociedade Nacional de Auxílio às Mulheres, posteriormente publicado em *A Morte da Mariposa*. Woolf afirma que, dentre as diversas profissões a serem ocupadas por mulheres, a de escritora consiste na mais provável, uma vez que dispense poucos recursos financeiros. Entretanto, para que seja bem-sucedida em seu empreendimento, a mulher deve se livrar do “Anjo do Lar”, um fantasma que atormentava com seus ensinamentos duvidosos. O Anjo do Lar era extremamente encantador, altruísta, sacrificava-se todos os dias em prol do bem-estar da família. Nunca tinha opinião própria, deveria sempre concordar com a opinião dos outros. Sua maior beleza era a pureza. Woolf encontrou esse fantasma quando foi escrever:

“Suas asas fizeram sombra na página; ouvi o farfalhar de suas saias no quarto; quer dizer, a hora em que peguei a caneta para resenhar aquele romance de um homem famoso, ela logo apareceu atrás de mim e sussurrou: ‘Querida, você é uma moça. Está escrevendo sobre um livro que foi escrito por um homem. Seja afável; seja meiga; lisonjeie; engane; use todas as artes e manhas do seu sexo; nunca deixe ninguém perceber que você tem uma opinião própria. E principalmente, seja pura.’”¹⁰⁶

Para que uma mulher fosse capaz de escrever, deveria assassinar o “Anjo do Lar”, essa metáfora da feminilidade elaborada por Woolf. As exigências de passividade direcionadas às mulheres, cujos únicos deveres e ambições estariam associados ao espaço doméstico, ao cuidado do esposo e dos filhos, significavam o bloqueio de sua liberdade criativa. Incapazes de desenvolver sua imaginação ou senso crítico, as mulheres que viviam sob as asas do “Anjo do Lar” não poderiam tratar de suas experiências – especialmente aquelas relacionadas à sexualidade – com “liberdade e franqueza”. De acordo com Woolf, precisavam mais do que agradar, mentir. Uma mulher escritora precisava mais do que condições materiais para fazê-lo: romper com as expectativas de passividade associadas à feminilidade.

Em 1934, Ocampo e Woolf foram apresentadas por intermédio de Aldous Huxley em uma exposição do precursor do dadaísmo, Man Ray, em Londres.

¹⁰⁵ DOOR, Sarah Van der vos. Género y Autobiografía: Un Analisis Feminista de la Autobiografía de Victoria Ocampo. *Universiteit Gent*: 2012. P. 47

¹⁰⁶ WOOLF, Virginia. *Profissões para mulheres e outros artigos feministas*. L&PM Pocket: Porto Alegre, 2017, p. 12

Inaugurou-se um diálogo epistolar e algumas visitas à residência de Woolf. A escritora argentina manifestava profunda admiração pela britânica, especialmente por tê-la encorajado a escrever, independentemente do assunto e da língua escolhida. Tais correspondências foram consultadas no Arquivo da Academia de Letras Argentina. A análise revelou o constante desejo de Ocampo em edificar uma amizade mais duradoura com Woolf, fato que jamais chega a ser verdadeiramente concretizado. Em *Carta a Virginia Woolf*, Ocampo descreve:

“Estas dos mujeres se miran. Las dos miradas son diferentes. La una parece decir: He aqui un libro de imagenes exóticas que hojear”. La otra: “¿En que pagina de esta mágica historia encontraré la descripción del lugar en que está oculta la llave del tesoro?” Però de estas dos mujeres, nacidas en médios y climas distintos, anglosajona la una, la outra latina y de América, la una adosada a una formidable tradición y la outra adosada al vacío (“au risque de tomber pendant l’eternité”), es la más rica que saldrá enriquecida por el encuentro. La más rica habrá inmediataente recogido su cosecha de imágenes.”¹⁰⁷

No ensaio que integra a primeira série (1920 – 1934) de seus *Testimonios* a autora descreve a importância de seu encontro com Woolf para o engrandecimento de sua vocação de escritora. Nota-se, no excerto selecionado acima, a valorização de Ocampo da cultura europeia ao reconhecer que sua interlocutora inglesa era “adosada a una formidable tradición”.¹⁰⁸ Embora Ocampo ela própria fosse educada nos moldes de certa tradição cultural europeia, especialmente francesa, ela se coloca de maneira inferior em relação à Woolf ao comparar a tradição da qual ela fazia parte, e o rol de escritoras e escritoras dos quais sua interlocutora era tributária.

Apresentando uma descrição da residência de Virginia Woolf em Londres, Victoria Ocampo inicia sua *Carta a Virginia Woolf*: “Tavistock Square, este mes de noviembre. Una puerta pequena, em verde oscuro, muy inglesa, com sú número bien plantado en el cietro”. A carta-ensaio, destinada à autora inglesa, contém reflexões sobre os significados da escrita feminina. Em formato de diálogo, Victoria trata de suas inseguranças em relação à escrita. “Mi única ambición es llegar a escribir un día, mas o menos bien, mas o menos mal, pero como una mujer”. Afinal, o que

¹⁰⁷ OCAMPO, Victoria. *Carta a Virginia Woolf*. In: *Testimonios: primera serie*. Editorial Sur: Buenos Aires, 2012. P. 14

¹⁰⁸ Idem, p. 17.

significava escrever como uma mulher? Significaria tratar de temas essencialmente tidos como femininos? Mais adiante, Ocampo afirma que “escribir realmente como una mujer a partir del momento [...] en que sus obras, dejando de ser una respuesta disfrazada a ataques, disfrazados o no, tienden solo a traducir su pensamiento, sus sentimientos, su visión.”¹⁰⁹

Os significados de uma escrita entendida como feminina devem ser refletidos e problematizados. Afinal, o termo é o sinônimo de escrita produzida por mulheres? Ou se refere à especificidade de temas e opções narrativas e literárias responsáveis por associar tais temas às mulheres? Como já advertido pelas teóricas de gênero, a noção de que haveria uma essência biologicamente determinada para o feminino é fruto de um discurso que, apoiado na diferença sexual, reitera a existência de condutas diferentes para homens e mulheres, e por consequência, reforça a subordinação feminina. Devemos, neste sentido, acreditar que uma literatura entendida como feminina estaria atrelada a associação de certas temáticas às mulheres – diários, correspondências, e gêneros literários considerados “menores” ou associados ao privado - e, por consequência, passaram a ser lidas como femininas.

O conceito de *écriture féminine* advém da crítica feminista francesa dos anos 1970, em que a análise de traços psicolinguísticos em obras produzidas por mulheres é utilizada para averiguar “diferentes maneiras de perceber a realidade e de integrar a experiência feminina na escrita”. De acordo com Paula Cristina Cunha, a “linguagem coloca-se para a mulher como uma questão de identidade, na medida em que, percebendo o mutismo a que foi durante séculos submetida, percebe também que o acesso às formas simbólicas de cultura e poder se faz através da linguagem”.¹¹⁰ A respeito do ensaio *Feminist criticism in the Wilderness*, de Elaine Showalter, Cristina Cunha endossa a perspectiva de que a produção literária de autoria feminina e a revisão do paradigma literário masculino devem identificar “eventuais marcas ou traços, ao nível das temáticas e das motivações, mas também, das estruturas psicoafetivas reveladoras de especificidades masculinas ou femininas na escrita”.¹¹¹

É possível observar que o entendimento de Victoria Ocampo sobre os significados da escrita feminina está associado à necessidade de expor – fosse por

¹⁰⁹ Idem, p. 18.

¹¹⁰ CUNHA, Paula Cristina Ribeiro da Rocha de Moraes. Da crítica feminista e a escrita feminina. *Revista Criação & Crítica*, n° 8. 2012, p. 5

¹¹¹ Idem.

meio de literatura ficcional, poesia, ensaios ou autobiografias -, as diferentes formas de vivências femininas. Direta ou indiretamente, a escrita se constituía como um expurgo de experiências, de reflexões sobre sua forma de existir no mundo. As escritas de caráter autobiográfico possuem, no entendimento da portenha, particular importância para as mulheres. Mais do que a capacidade criativa exigida na escrita ficcional, produções testemunhais e autobiográficas de mulheres são capazes de manifestar os obstáculos presentes em suas trajetórias, os desafios enfrentados por causa da discriminação de gênero. Assim, a escrita testemunhal também é vista como uma forma de atuação em prol da igualdade entre os sexos.

Em diálogo com as postulações de François Dosse a respeito de biografias e autobiografias, deve-se considerar que o biógrafo – ou o autobiógrafo – inscreve em sua narrativa suas tensões, ambivalências e princípios múltiplos, de maneira a garantir uma transmutação da realidade. A escrita autobiográfica produzida pelas mulheres possuiria, então, um apelo duplo, associado ao que a própria Virginia Woolf caracterizava como o “aparecimento de uma concepção mais solta, menos presa nas malhas da moral vitoriana, que se impôs no início do século XX” e que teria por objetivo “captar a verdade da personagem rompendo com o silêncio pudico que até então cercava a esfera privada.”¹¹² Entre realidade e representação, as escritoras estariam superando o silêncio ao qual foram submetidas ao tratarem de suas próprias experiências.

O tema da escrita apareceu no artigo intitulado *Palabras Francesas*. Originalmente publicado em 1931 e posteriormente agrupado na primeira série de seus *Testimonios*, Ocampo redige uma resposta ao escritor Max Daireaux. Em seu *Panorama de la Littérature Hispano-Américaine*, Daireaux afirma que, em Buenos Aires, os escritores nacionais não encontram respaldo nem ressonância de suas produções. Por isso – e, especialmente as mulheres -, movidas pelo ressentimento, decidem ler e escrever em francês. O autor afirma: “Victoria Ocampo, que lleva su coquetería al extremo de hacer traducir al español por otros lo que antes publicó en francés”. No intuito de explicar as “motivações do espírito” que justificariam a opção

¹¹² DOSSE, François. *O Desafio Biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.P. 62

pelo francês, a escritora argentina redige uma relevante reflexão sobre os significados da escrita.

“Para tratar de descubrir lo que ha podido pasar en tal o cual ser y lo que ha pasado en general, necesito comenzar por poner en claro lo que ha pasado en mí misma. En estos casos, las explicaciones personales rebasan lo puramente personal. Nuestra persona no es más que um punto de apoyo, indispensable para alcanzar lo que también es verdad más allá de nosotros.”¹¹³

A utilização do francês nos primeiros momentos de sua carreira pode ser compreendida como uma possibilidade de ampliação do número de leitores, ao mesmo tempo em que a legitimava perante certa comunidade de letrados. Entretanto, Ocampo foi criticada por essas escolhas. No entendimento de Gabriela Mistral, a opção pelo francês significava o distanciamento de suas origens latino-americanas, ao preferir assuntos exóticos em sua escrita, e “ao ser mais europeia que ... um Europeu.” Aos olhos de sua amiga chilena, sua opção pelo francês se manifestava enquanto uma forma de negação da sua língua materna, de sua própria identidade nacional.

Escrever significava falar de si mesma, independentemente de qual fosse o gênero escolhido ou o veículo.

“Desde el momento en que escribimos, estamos condenados a no poder hablar más que de nosotros, de lo que hemos vistos con nuestros ojos, sentido com nuestra sensibilidad, comprendido con nuestra inteligencia. Imposible escapar a esta ley. [...] Existe la raza de los que no pueden hablar de las cosas sino hablando de ellos mismos, y la raza de los que no pueden hablar de sí mismos sino hablando de las cosas.”¹¹⁴

Invariavelmente, tratando-se de uma escrita autobiográfica – falando de si próprios – ou falando das coisas, do mundo, o ser humano, homem ou mulher, tende a exprimir suas próprias experiências, sua visão de mundo, enfim, sua subjetividade em cada palavra redigida. O artefato produzido pela escrita é, senão, uma extensão de si mesmo. Ocampo, entretanto, não parece manifestar o entendimento de que a escrita também revela sentimentos e percepções coletivas.

¹¹³ OCAMPO, Victoria. Palabras francesas. In: *Testimonios: primera serie*. Buenos Aires: Editorial Sur, 2012. P. 26

¹¹⁴ Idem, p. 27

Respalhada no argumento de que qualquer forma de escrita se constitui na manifestação das experiências pessoais do autor é que Ocampo justifica sua opção pelo idioma francês. De acordo com ela, as “palabras francesas” lhe foram apresentadas ainda na infância: estudou a gramática de Larive y Fleury, a “história sagrada de Duruy” e a ciência de “Paul Bert”. Tais circunstâncias determinaram a associação dos sentidos de cada palavra às suas vivências de infância. Ou seja, foi pensando em francês que construiu suas próprias memórias.

As tensões entre o nacional e cosmopolita também reaparecem no episódio bastante curioso, quando, em certa ocasião, a pedido de Woolf, Ocampo enviou uma caixa com uma dúzia de mariposas coletadas de diversas regiões da América do Sul – inclusive, do Brasil, para Londres. A escritora britânica adorava borboletas e mariposas e, por conta disso, manifestou interesse para conhecer a “extravagante” natureza da América do Sul. Ocampo alimenta o imaginário de Woolf sobre um continente exótico e de natureza exuberante, inclusive, de maneira a reforçar ainda mais o distanciamento entre as duas. Em vez de trocarem poemas ou fotografias, de aprofundarem os diálogos acerca de temáticas relevantes a elas, a escritora britânica acaba por exigir de sua interlocutora *sudamericana* uma amostra da exótica natureza seu continente fora reconhecido. Ao comparar Ocampo a uma borboleta, como observamos no telegrama abaixo, Woolf pareceu antecipar ou a reforçar uma das formas de reconhecimento da escritora argentina. Sua beleza exuberante, mencionada por diversos de seus interlocutores, foi uma forma de elogio que não lhe agradava. Afinal, o quanto poderia oferecer racionalmente?

“Dear madam Ocampo,

You are too generous. And I must compare you to a butterfly if you send me this gorgeous purple butterflies. I opened the box and thought: this is what a garden in South America Looks Like.”¹¹⁵

Um conceito relevante para compreendermos a forma como Virginia Woolf enxergava sua interlocutora e seu lugar de origem é cunhado por Edward Said em *Orientalismo: o Oriente como Invenção do Ocidente*. A ideia de “orientalismo” refere-se a determinado conjunto de saberes produzidos pela comunidade científica, acadêmica e literária sobre o Oriente. Esses saberes são caracterizados pela definição

¹¹⁵ WOOLF, Virginia [Carta, data estimada 1935, Londres, Inglaterra] a Victoria Ocampo. Arquivo: Academia Argentina de Letras, AAL.

do Oriente – ou do “não-ocidental” como exótico, misterioso e, muitas vezes, inferior. Nas palavras de Said “estilo de pensamento baseado numa distinção fundamental feita entre o Oriente e o Ocidente”¹¹⁶ A elaboração da ideia de um “Oriente” esteve à serviço da construção de uma identidade europeia associada a superioridade geográfica e cultural. Tal ideia, era, sobretudo, difundida de maneira instrumental e persuasiva, foi um convite à colonização. O orientalismo foi responsável por difundir e perpetrar a ideia de que, ao contrário do “ocidental”, o “Oriente” seria uma “entidade geográfica e cultural peculiar”. Embora Said esteja tratando mais especificamente das regiões conformadas pelo Oriente Médio e a Ásia de uma maneira geral, é possível englobar a América do Sul.

Em *Um cosmopolitismo crítico: a Europa em Victoria Ocampo e Sur*, Paulo Renato da Silva afirma a existência de uma contundente crítica a essa manifestação de etnocentrismo europeu, manifestada em diversas ocasiões. Um exemplo apresentado refere-se à publicação da obra do conde alemão Von Keyserling *Meditaciones Sudamericanas*, em que o filósofo afirma a inferioridade civilizatória em que se encontram os países íbero-americanos, especialmente pela flora pré-histórica e homens pouco desenvolvidos espiritualmente. Embora tivesse mantido laços de amizade com Keyserling – inclusive, publicado um livro sobre ele, intitulado *El viajero y una de sus sombras: Keyserling en mis memórias*¹¹⁷ – o ressentimento de Ocampo em relação ao olhar etnocêntrico do conde alemão permaneceu. Após ser convidada por Roger Caillois a escrever um prefácio a reedição livro de Keyserling, a escritora argentina negou solenemente.¹¹⁸

Da Silva ainda frisa o papel de destaque das vegetações e paisagens da Argentina e das Américas de uma maneira geral para o pensamento de Victoria Ocampo, por serem associados diretamente a uma ideia de *argentinidad*. “Por um lado, observa-se uma tentativa de destacar o que nelas haveria de universal. Entretanto, por outro, parece existir um ponto de contato com os nacionalistas tradicionais, que as tomam como elementos representativos das identidades nacionais”. A fauna e a flora, cujos exemplares Ocampo enviou à sua interlocutora

¹¹⁶ SAID, Edward. *Orientalismo: o oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo. Companhia das Letras, 2007. P, 29.

¹¹⁷ OCAMPO, Victoria. *El viajero y una de sus sombras: Keyserling en mis memórias*. Ediciones Sudamericana, 1951.

¹¹⁸ SILVA, Paulo Renato da. Um cosmopolitismo crítico: a Europa em Victoria Ocampo e Sur. *Revista da ANPHLAC*. Nº 9, 2010.

britânica, podem ser entendidos, neste sentido, mais do que uma demonstração da sua convivência com o olhar do estrangeiro que observa na América apenas o exotismo da natureza, mas uma maneira de endosso de sua identidade nacional.¹¹⁹

O diálogo entre as duas escritoras se estremece em determinado momento. Apesar da cordialidade inicial, Woolf se ressentiu com Ocampo, quando ela pede para Gisèle Freund fotografá-la em Londres. Woolf se sente ultrajada pela possibilidade de ser fotografada, mesmo tendo recusado. Em correspondência destinada à Ocampo, Virginia Woolf se desculpa pelo comportamento, mas justifica-se:

“I have lost madam Giselle’s address, and even her name. I would have asked her to come, had it not been for the war; and that my dislike of being colour photographed rests upon some ancient complex; I hate the personality, the appearance of the writer being pushed forward in front of the work. But enough: my bad manners that day were based on the belief that you knew of my dislike; which you didn’t; so you are absolved.”¹²⁰

A ressonância da obra de Woolf continua por muito tempo se manifestando em Ocampo. Inspirado em *Um teto todo seu*, o ensaio *La Mujer y Su Expresión* da escritora argentina apresenta uma reflexão sobre o processo de produção criativa das mulheres escritoras. Ocampo afirma que durante séculos a conversa entre homens e mulheres se colocou como um monólogo: as mulheres nunca tiveram a oportunidade de estabelecer um diálogo equivalente ou paritário. Não podiam falar e não eram ouvidas. A falta da educação formal, oferecida aos homens, tal como a existência de uma tradição literária composta por mulheres capazes de inspirar jovens escritoras completava o rol de ausências e carências que faziam da literatura um campo difícil de ser adentrado. Na visão de Ocampo, para que as mulheres obtivessem sucesso no mundo das letras, precisariam mais do que “assassinar o Anjo do Lar”, como havia proposto Woolf.

“Durante siglos, habiéndose dado cuenta cabal de que la razón del más fuerte es sempre la mejor (por más que no debiera serlo), la mujer se ha resignado a repetir, por lo común, migajas del monólogo masculino, disimulando a veces entre ellas algo de su cosecha. Pero a pesar de sus cualidades de perro fiel

¹¹⁹ Idem.

¹²⁰ WOOLF, Virginia [Carta, Londres, Inglaterra, 1940] a OCAMPO, Victoria. Arquivo: Academia Argentina de Letras, AAL.

que busca refugio a los pies del amo que la castiga, ha acabado por encontrar cansadora e inútil la faena.”¹²¹

Além da impossibilidade de estabelecer um diálogo paritário com os homens, a produção intelectual e literária feminina teria se prendido a repetições de alguma das ideias masculinas, como as de “um cão fiel”. Para Ocampo, a condição da mulher *sudamericana* seria ainda mais preocupante que a mulher de certos países europeus. Ao contrário de problematizar a dimensão colonial existente entre Europa e América Latina, a escritora acredita que tal inferioridade se deva ao “medo de desagradar os homens”, característica das mulheres de seu continente. Caminhando para o final de seu ensaio, Ocampo conclama escritoras e pensadoras a se dedicarem a suas obras pois acredita que a literatura mundial será valiosamente enriquecida com a contribuição das mulheres para o mundo das letras. E, acima de tudo, uma solidariedade subjetiva e objetiva entre as mulheres do mundo inteiro.

A articulação entre diversos eixos de dominação – nacionalidade, raça, classe, sexualidade – tem positivamente contribuído para os estudos feministas, graças à possibilidade de compreender como tais elementos atuam na construção de subjetividades de mulheres e atuam de modo importante nas relações estabelecidas entre elas. Claudia Lima da Costa em balanço sobre o tema reafirma a necessidade mais recente em mapear a geopolítica do saber, isto é, de construir cosmogonias e epistemologias a partir de outros lugares de enunciação, considerando a produção de saber também carrega hierarquias e relações de poder, inclusive, no âmbito do movimento feminista.¹²²

Tais reflexões são importantes para pensarmos as interações entre Woolf-Ocampo. Munida deste mesmo referencial teórico, Alicia Salomone afirma que embora existisse certa afinidade feminista e o apreço pelo gênero autobiográfico, o vínculo estabelecido entre as duas escritoras ocorre a partir de uma desigualdade e

¹²¹ OCAMPO, Victoria. *La Mujer y Su Expresión*. Buenos Aires: Sur, AS, 1936.

¹²² Os debates a respeito das relações estabelecidas entre a Europa em contraposição à América Latina, África e Ásia emergiram a partir da necessidade de sujeitos colonizados lutarem pelo poder interpretativo de suas próprias realidades. Embora tenha se caracterizado de maneiras diversas ao redor do globo, os estudos pós-coloniais são marcados pelo ensejo investigativo de questionar o colonialismo, isto é, da dominação política e econômica de uns povos sobre os outros. A colonialidade, por sua vez, a vez refere-se a um sistema de classificação universal existente há 500 anos e se refere à existência de formas de dominação social, material e intersubjetiva, e são, por isso mesmo, a base intersubjetiva mais universal de dominação. VER: COSTA, Claudia Lima da. Feminismo, tradução cultural e a descolonização do saber. *Revista Fragmentos*: número 39, p. 045/059 Florianópolis/ jul - dez/ 2010

insuperável. Tal barreira é derivada da posição que o discurso colonizador impõe a uma inglesa e uma latino-americana, e que autoriza uma relação entre colonizadora e colonizada. Para Salomone, Ocampo parece nunca elaborar racionalmente a hierarquia existente entre ela e Virginia Woolf. Embora a portenha buscasse reconhecimento e diálogo com Woolf por suas afinidades feministas, um encontro igualitário entre elas é sempre impossível de ser concretizado.¹²³

Discordamos parcialmente de Salomone na medida em que observamos como, embora Ocampo não manifestasse publicamente a respeito do assunto, estava consciente das contradições de sua interlocução com Woolf, como podemos observar em sua produção autobiográfica.¹²⁴ Acreditamos que a inexistência de críticas abertas ou de provocações direcionadas à sua interlocutora britânica deve-se, sumariamente, às pretensões de edificar para si mesma a imagem de mediadora cultural entre América Latina e Europa, de uma intelectual capaz de transitar entre circuitos transnacionais. Seu esforço e cuidado para rememorar Woolf é um forte indício do lugar de destaque ocupado pela a autora britânica. Ou seja, parece-nos que Ocampo neutraliza essas dimensões possivelmente conflituosas de modo estratégico, com o intuito de construir determinada imagem de si mesma. Em nossa percepção, este conflito deve ser explicado a partir de uma dimensão política, como o mesmo discurso colonial que coloca Victoria em um lugar subordinado a Virginia, também a reserva o lugar de mediadora entre a metrópole ocidental e a alteridade americana enquanto membro da elite colonizada argentina. Ao rememorar sua amizade com Woolf, Ocampo posicionava-se enquanto mediadora cultural.

Em *Virginia Woolf en Su Diario*,¹²⁵ publicado em 1954, Ocampo afirma: “E minha amizade com Virginia, tão unilaretal, pois eu a conhecia, mas ela não a mim; pois ela existia imensamente em mim. Para ela, eu fui uma sombra distância de um país exótico criado em sua fantasia.” Mais adiante, afirma: “Há vinte anos que nos conhecemos. O que representava ela para mim naquela época? A coisa mais valiosa de Londres. Para ela, o que eu fui? Um fantasma sorridente, como era o meu próprio

¹²³ SALOMONE, Alicia. Virginia Woolf en los Testimonios de Victoria Ocampo: tensiones entre feminismo y colonialismo. Universidad de Chile: *Revista de Literatura*, Noviembre 2013, n° 69, p. 69 – 97.

¹²⁴ Idem.

¹²⁵ OCAMPO, Victoria. *Virginia Woolf en Su Diario*. Buenos Aires: *Sur*, 1954.

país. Sua imaginação adorava esses jogos. A ideia de uma fantasmagoria da Argentina que cultivava me divertida muitíssimo.”

Aqui, observamos, vinte anos depois do primeiro escrito, uma visão mais crítica e madura de Ocampo sobre sua interlocutora britânica, em que manifesta profunda autocrítica e reconhecimento do papel por ela ocupado. Ocampo reconhece as fronteiras que a separam de Woolf e, inclusive, os motivos pelos quais seria proveitoso para sua própria carreira ser reconhecida enquanto sua interlocutora. Problematizar as hierarquias e diferenças entre elas significaria retirar de si própria a posição de mediadora cultural entre as américas e a Europa tão almejada por ela.

Julgamos ser proveitoso relativizar as fronteiras dicotômicas que definam uma enquanto subordinadora e a outra enquanto subordinada. Embora existam, de fato, as hierarquias determinadas pela nacionalidade, neste caso, é importante atentar para o caráter dinâmico da circulação de ideias. Afinal, não se pode supor a passividade dos sujeitos diante da circulação de ideias. Faz-se necessário, entretanto, entender a relação Woolf-Ocampo mais como uma via de mão dupla do que uma sujeição da escritora argentina em troca do reconhecimento da britânica. Vale lembrar que foi o editorial *Sur* quem traduziu e publicou *Um Teto Todo Seu*, colaborando para a difusão da obra de Woolf nos países de língua espanhola.

Por quais motivos Ocampo relembriaria sua interlocução com Virginia Woolf embora estivesse consciente dos problemas que a atravessaram? É possível trabalhar com duas hipóteses. A primeira delas seria que, embora a amizade não tenha se desdobrado da maneira desejada, a portenha continuou a nutrir uma profunda admiração pela obra de Woolf e, portanto, as referências a ela seriam inevitáveis, mesmo que sua breve relação tenha sido tumultuada. A segunda hipótese refere-se à ideia de que, ao mencionar a escritora britânica – e, especialmente suas contribuições para a escrita autobiográfica feminina –, Ocampo estaria se posicionando como uma mediadora cultural entre América Latina e Europa. Sobretudo, estaria se inserindo em determinada tradição literária composta por mulheres, admiradas por ela. Rememorar Woolf seria parte de um projeto construído por vias autobiográficas em que a autora argentina legitimaria sua posição de mulher escritora.

Essa diferença existente entre as duas foi explorada por Ocampo tanto para reiterar a *argentinidad*, sua identidade nacional com a qual parece fazer as pazes ao

longo de sua vida, e para reforçar a posição de mediadora cultural entre a América do Sul e a Europa. Relembrar a Woolf, mais do que denunciar o grande impacto e apreço por elas cultivado, reforçava sua posição de interlocutora com importantes figuras da literatura mundial. Especialmente, com uma tradição de mulheres escritoras, da qual, inevitavelmente, fazia parte.

Vale mencionar, ainda que brevemente, uma correspondência redigida por Gabriela Mistral à Victoria Ocampo em julho de 1938. Nesta carta, a escritora chilena, ao discutir os caminhos para a Revista *Sur*, encorajando sua interlocutora a se manter fiel ao projeto, afirma que

“Me parece que Ud. Comienza a cumplir con la América. Ya era tiempo. Complete a V. Woolf, con mira a un libro sobre ella. Póngase a esto punto.”¹²⁶

Observamos, neste sentido, como rememorar a Woolf – ou escrever sobre ela – significava, também, uma empreitada literária, capaz de conferir-lhe reconhecimento perante seus pares, tanto pela pertinência temática quanto por sua aproximação pessoal com a britânica. A escritora desde jovem esteve ciente de sua posição pouco ortodoxa –desafiante das convenções de sua classe, gênero, cultura e nacionalidade, e das restrições implicadas pelas convenções postuladas sobre as mulheres. Entretanto, o espaço de produção de categorias de saber era, especialmente, a Europa. O referencial do velho continente colocou-se de maneira imperativa à autora, de maneira que a problematização capaz de elucidar a hierarquia existente entre ela e sua interlocutora foi obscurecida, ou, ao menos, não aprofundada publicamente até sua idade mais madura. Ocampo acreditou que por serem mulheres, elas enfrentariam, de alguma forma, os mesmos obstáculos para o reconhecimento literário. Tal situação se esclarece quando passa a rememorar a amizade ao longo de sua vida. Não apenas se inserir em uma tradição de mulheres escritoras como garantir que tal círculo literário existisse foi um dos principais esforços mobilizados por Victoria Ocampo.

2.2 – O feminismo de Victoria Ocampo: da *Autobiografía* às páginas de *Sur*.

Embora não fosse um traço comum de sua atuação intelectual a mobilização política, Ocampo manifestou-se diversas vezes em prol da igualdade de gênero e se

¹²⁶ MISTRAL, Gabriela. [Carta, julho de 1938, Viña Del Mar, Chile] a OCAMPO, Victoria *In Esta America Nuestra: correspondência, 1926 – 1956*.: Buenos Aires: El cuenco de Plata, 2013.

esforçou para que a *Sur* se tornasse uma plataforma de divulgação de escritoras latino-americanas, europeias e estado-unidenses. Nas palavras de Mistral, “Tomo en profunda cuenta que usted quiere publicar allí [en *Sur*] artículos de *mujeres sobre mujeres*.”¹²⁷ Nesta mesma correspondência, a chilena faz sugestões sobre um artigo a ser publicado sobre Victoria Kent, e, ademais, propõe-se a produzir um ensaio sobre Teresa de la Parra, sobre sua infância e juventude. Observamos, neste sentido, como o empenho de Victoria Ocampo era manifestado nas correspondências, especialmente para aquelas escritoras com quem poderia contar com auxílio pessoal e intelectual.

A condição das mulheres na sociedade argentina durante o governo peronista foi particularmente pensada por Ocampo. Em seu entendimento, a defesa pela emancipação política das mulheres fora apropriada por Perón e por Eva para finalidades próprias, sem compromisso efetivo com a causa. Em correspondência redigida em 1956 para Gabriela Mistral, a portenha identifica a construção de um estereótipo de feminilidade centrado na figura. A utilização da imagem da então falecida primeira dama servia como meio de assegurar a aproximação as classes populares, e garantir às mulheres de camadas populares um sentimento falseado de representatividade.

“El numero de *SUR* de Julio-Agosto lo dedicaré a la mujer. El antifeminismo de los argentinos es una lamentable enfermedad, agravada por el falso feminismo peronista y los desastrosos ejemplares de feminidad utilizados por el peronismo para su fines políticos”¹²⁸

O que seriam os exemplares de feminilidade perpetrados pelo peronismo mencionados pela escritora? Mais do que entender quais seriam eles, nota-se a existência da disputa entre o que é entendido como *ser* mulher. Observa-se que o modelo de feminilidade incorporado por Evita e criticado por Victoria Ocampo é aquele defendido por sua interlocutora chilena, Gabriela Mistral. Ele estava relacionado ao reforço das mulheres enquanto responsáveis por tarefas de cuidado, tanto na educação infantil quanto na saúde, assim como seus desdobramentos de caráter assistencialista. A disputa política pelos direitos da mulher em voga no

¹²⁷ MISTRAL, Gabriela. [Carta, 21 de Agosto de 1936, Lisboa, Portugal] a OCAMPO, Victoria *In Esta América Nuestra: correspondência, 1926 – 1956*. Buenos Aires: El cuenco de Plata, 2013.

¹²⁸OCAMPO, Victoria [Carta, 26 de fevereiro, 1956, Mar del Plata, Argentina] a MISTRAL, Gabriela. *In Esta América Nuestra: correspondência, 1926 – 1956*. Buenos Aires: El Cuenco de Plata, 2013.

primeiro regime Perón teria assumido, aos olhos de Ocampo, duas feições opostas – a primeira, encabeçada por ela própria, uma escritora e “verdadeira” defensora dos direitos das mulheres, e Evita Perón, manipulada pelo governo peronista, quem promovia uma libertação falseada das mulheres. Pela ótica de Ocampo, Evita era uma contradição: apesar da sua mobilização em prol do sufrágio feminino em 1951, ela agia sob o comando de Perón e era submissa aos interesses dele. Os esforços de Evita seriam uma prerrogativa do governante para instrumentalizar a luta de libertação das mulheres em prol de outros interesses políticos ou partidários.

A Lei 13.010 de Direitos Políticos Femininos foi sancionada no dia 09 de setembro de 1947 e promulgada em 23 de setembro do mesmo ano pelo decreto do Poder Executivo Nº 29.465, estabelecendo o pontapé inicial para a inserção das mulheres na esfera política. A imagem de Eva Perón esteve diretamente associada à conquista do sufrágio feminino, inclusive, pela consolidação sua posição enquanto liderança feminina, como uma propulsora do movimento. Entretanto, observa-se um ocultamento dos movimentos de mulheres antecedentes – especialmente das sufragistas. De acordo com Carolina Barry, o processo de incorporação das mulheres na política esteve atrelado à ampliação da cidadania, e, por consequência, uma estratégia para a expansão das bases de sustentação do peronismo, visando à inclusão de setores historicamente ausentes e excluídos.¹²⁹ Ou seja, a conquista do sufrágio feminino pode ser entendida não somente como uma conquista do movimento feminista, mas um desdobramento dos interesses políticos de Perón. A inauguração do Partido Peronista Feminino em 1949, uma organização composta exclusivamente por mulheres, contava com estruturas e células operacionais próprias e desempenhou papel crucial para a reeleição do governante.

Ainda que a bandeira pelo sufrágio não fosse uma das prioridades da campanha de Perón nas eleições de 1946, a ascensão da figura de Evita, em um “processo lento que la transformaria en el personaje político más importante de la Argentina peronista, después de Perón” alterou profundamente estes quadros.¹³⁰ Isso se deve, sumariamente, pelo fato de sua presença incentivar a participação das mulheres em espaços pouco frequentados. As mulheres passam a constituir, a partir

¹²⁹ BARRY, Carolina. *Eva Perón y la organización política de las mujeres. CEMA Working Papers: Serie Documentos de Trabajo*. 453, 2001, p. 1.

¹³⁰ *Idem*, p. 4.

de então, um importante núcleo da propaganda política. Em 1947, Eva Perón promoveu uma série de discursos a respeito do tema em rádios de alcance nacional, como *La Radio del Estado* e *La Red Argentina de Autodifusión* e que reforçaram sua imagem de porta-voz do movimento. Como bem salienta Barry, Evita representava uma fração de mulheres distinta da composição de classe das primeiras sufragistas, inclusive, da própria Victoria Ocampo: ela era uma mulher da classe trabalhadora.

O editorial da *Sur* dedicado à mulher, mencionado pela escritora na correspondência supracitada, só aconteceu aproximadamente quinze anos depois, no dossiê 326. O desejo de Ocampo em publicar escritoras – latino-americanas e europeias – na *Sur* orientou sua atuação no periódico. Na carta supracitada, a escritora manifesta a intenção de dedicar uma edição inteira à temática do feminismo, o *issue* de julho-agosto de 1956. Sua pretensão não foi concretizada à época, embora as razões sejam incertas. Uma das hipóteses possíveis para que o dossiê dedicado às mulheres tenha sido publicado somente quinze anos depois pode estar atrelada à composição do corpo editorial da revista na época, que não partilhava da mesma afinidade com o feminismo de Ocampo. De acordo com Janet Greenberg, apesar da influência de Ocampo nas diretrizes do periódico, sua produção ensaística era marginalizada, especialmente quando aplicava seus ideais políticos às páginas da revista. Essa temática será aprofundada na seção seguinte.¹³¹

Com um pedido para a construção de um mundo "civilizado e igualitário", Indira Gandhi inaugura o dossiê *La Mujer* publicado pela revista *Sur* em junho de 1971. A primeira ministra da Índia havia manifestado seu contentamento em estreitar laços com a América do Sul, em grande parte, promovidos por Victoria Ocampo. Reconheceu na Revista e no ímpeto de sua fundadora um interesse em comum: o de "assimilar, criar e participar de um mundo não-fragmentado". Para Indira Gandhi, o movimento de Liberação das mulheres, ao lado do movimento negro, integraria o processo de desenvolvimento humano em direção ao autoconhecimento.¹³²

¹³¹ GREENBERG, Janet. A Question of Blood: The Conflict of Sex and Class in the Autobiografia of Victoria Ocampo in BERGMANN, Emilie et al. A Question of Blood: The Conflict of Sex and Class in the Autobiografía of Victoria Ocampo. *Women, Culture, and Politics in Latin America*, p. 130–150, 1992.

¹³² GANDHI, Indira. *Editorial – La mujer*. Revista *Sur*: Edición la Mujer, nº 326, junio – 1971.

O ensaio seguinte é *La Trastienda de la Historia*,¹³³ redigido pela própria Ocampo. A autora manifesta a dificuldade de execução de um dossiê exclusivamente dedicado às questões da mulher, "sus derechos y sus responsabilidades", vontade manifestada já em 1955, como se observa no excerto de carta à Gabriela Mistral mencionado anteriormente.

A resistência de seus colegas do membro editorial da *Sur* se manifestava em tais tentativas, inclusive, pois acreditavam que esse fosse "um assunto pouco literário". Ainda que pudesse ter imposto o tema, a autora prezava pela horizontalidade das decisões - ou assim decidiu recordar sua atitude - e postergou a publicação deste dossiê temático. De acordo com a autora:

"Hay hombres a quienes este numero de Sur les parece obsoleto. Creo que no están en la realidad. Hay intelectuales que consideran las preguntas de la encuesta (la que se dirige a escritoras, artistas, actrices, etc.) demasiado obvias. Creo que no entienden el espíritu de nuestra encuesta y sus propósitos, ajenos a exquisitices literarias. Deseamos obtener definiciones sobre cosas muy simples, o muy complicadas, según se las mire. Cosas fundamentales"¹³⁴

A edição é dedicada "a la memoria de mi antepasada guaraní, Agueda, y de mi amiga inglesa, Virginia Woolf". A homenagem é seguida da imagem das duas mulheres. A autora menciona as anotações realizadas por Virginia Woolf a respeito da recepção crítica de suas obras, recebidas com "reticencias, la misma indiferencia, las mismas ironias o similares"¹³⁵. Aproximadamente quarenta anos depois, Ocampo sentia que suas obras ainda eram recebidas da mesma maneira. Lembrou dos ensinamentos de sua interlocutora em relação à escrita autobiográfica feminina: "A las mujeres, les aconsejó que escribieran, que escribieran toda clase de libros, sin vacilar ante ningún tema, por trivial o vasto que pareciera."¹³⁶

Woolf não é a única escritora a ser mencionada como uma referência para Ocampo. A *Mística Feminina*, obra de Betty Friedan publicada nos Estados Unidos em 1963 e que seria reconhecida posteriormente como o pontapé inicial para a

¹³³ OCAMPO, Victoria. *La Trastienda de la Historia*. Revista *Sur*: Edición La Mujer, nº 326, junio - 1971.

¹³⁴ Com a afirmação de Ocampo, é inevitável não estabelecer um parâmetro com um pensamento recorrente entre muitos do nosso tempo presente: o de que a igualdade entre os gêneros já foi conquistada pelas mulheres e, portanto, o feminismo seria dispensável, ou, até mesmo, nas palavras da autora, "obsoleto".

¹³⁵ Idem, p. 6.

¹³⁶ Idem, p. 1.

efervescência do movimento feminista no país, também é mencionada pela autora argentina como um compilado de reflexões a respeito da submissão feminina. Neste ensaio, Ocampo ainda manifesta posicionamento favorável ao controle de natalidade feminino e ao aborto "Afirmo que algo que concierne vitalmente a la mujer, a su cuerpo, ha de depender principalmente de ella, la protagonista".¹³⁷ O mesmo posicionamento se manifesta em relação ao divórcio e a igualdade de salários. A defesa do controle de natalidade e, mais especificamente, do aborto, parece ser uma das grandes pautas dos movimentos feministas ao redor do globo. Entretanto, defender a autonomia do corpo da mulher em um país predominantemente católico como a Argentina em 1971 era uma tarefa bastante relevante.

O dossiê organizado por Ocampo continha aproximadamente trezentas páginas tratando assuntos variados, como aborto, divórcio, casamento e profissionalização da mulher. Sobre tais assuntos, encaminharam ensaios Ernesto Sabato, Roberto Arlt, Alejandra Pijarnik entre outros. Contendo dois ou três páginas, os ensaios tratavam de temas como *La Mujer y la Filosofia*,¹³⁸ *La mujer en la sociedad Contemporanea*, *La Mujer en la Historiografia*. Inclusive, escritos de pesquisadoras estado-unidenses como Mildred Adams e Nancy Hollander.

As perguntas definidas como “superficiais” ou “banais”, mencionadas pela autora, aparecem em um conjunto na seção final do dossiê:

1. Cree que la mujer, en todos los planos, ha que tener los mismos derechos que el varón?
2. Cree que la sociedad actual necessita una reforma y que redundará en beneficio de la mujer?
3. Cree necesaria la educación sexual?
4. Por el hecho de ser mujer, ha encontrado impedimentos en su carrera? Há tenido que luchar? Contra que y contra quien?
5. Cree que las leyes que rigen el control de la natalidade y el aborto deben estar em manos de la Iglesia y de los hombres que gobierann o bien en las de las mujeres que, a pesar de ser las protagonistas del problema, no han tenido ni voz ni voto em algo que les concierne vitalmente?
6. Es partidária del divorcio?
7. Donde cree que esta el problema más urgente de la mujer?
8. Está usted enterada de la lucha de la mujer por sus derechos en los siglos XIX e XX? Sabes cuales

¹³⁷ Idem, p. 16.

¹³⁸ Idem, p. 107

fueron los primeros países en reconorcelos y hasta qué límites?¹³⁹

Foram entrevistadas mulheres das mais variadas condições financeiras, inclusive, de diversas profissões: contou com a resposta de artistas plásticas, escritoras, professoras e atrizes. A multiplicidade de entrevistadas demonstraria seu desejo de apresentar um panorama heterogêneo de ideias, composto por posições bastante diferentes: mulheres católicas, ateias, progressistas e conservadoras foram ouvidas. As temáticas de suas perguntas, ainda, demonstram a consciência de que a subordinação das mulheres não se restringia à esfera econômica e política – os obstáculos na carreira, por exemplo -, como se manifestava em impedimentos morais, como o divórcio. Ainda, também indicam interesse em retomar os primeiros movimentos de mulheres por seus direitos nos séculos XIX e XX.

Se, nas páginas de *Sur* a defesa pela igualdade dos gêneros aparece como uma forma de atuação no debate público, na sua *Autobiografía*, Ocampo expõe os dilemas e dificuldades enfrentados por ela para trilhar seu próprio caminho, rompendo com as expectativas de sua família. Quando inicia a escrita de sua autobiografia, em 1952, a escritora possuía 63 anos e já desfrutava de certa posição de privilégio e estabilidade no mundo das letras argentino. O esforço de rememorar obstáculos e barreiras enfrentados adquire contornos específicos a partir do segundo tomo de sua autobiografia, quando trata de sua condição de jovem mulher.

Devemos acrescentar, ainda, que para Ocampo, o propósito da escrita autobiográfica era entendido como uma maneira de atuar em prol da igualdade de gênero, uma vez que o registro da experiência escancarava os preconceitos ocasionados pela subordinação feminina. Não obstante, a escrita testemunhal/autobiográfica fora encarada como secundária. Isso se deve à primazia conferida a escrita ficcional como fruto de um processo criativo de superior qualidade, enquanto a escrita autobiográfica – assim como as demais escritas de si – por serem frequentemente associadas ao privado, e, portanto, ao feminino, seriam consideradas secundárias.

¹³⁹ Idem, p. 197

Em relação à temática da maternidade, Victoria Ocampo possui uma concepção bastante distinta de Gabriela Mistral.¹⁴⁰ No terceiro tomo de sua *Autobiografía – La Rama de Salzburgo*, a autora apresenta seus dilemas a respeito dos significados de ser mãe. Em sua concepção, a maternidade deveria ser um desdobramento do amor da mulher em relação a um homem em particular: “si una mujer no ama, con cuerpo y alma, a determinado hombre, como puede prestarle su cuerpo para que lo habite la semilla de un hombre intercambiable?” O desejo de ser mãe, de conceber a vida, não seria inerente à existência das mulheres, mas é uma resposta a circunstâncias especiais – o amor. Inclusive, o sentimento de “repulsa” em relação à maternidade, reafirmado nas páginas seguintes, seria um sintoma da falta de amor por seu marido.¹⁴¹

Sobre o casamento, a escritora também possuía posicionamentos complexos. Em 1912, Ocampo casou-se com Luís Bernardo Estrada, jovem proveniente de uma família da elite portenha, assim como a sua. Em sua lua de mel, viajaram à Paris. Embora não fosse verdadeiramente apaixonada por Luís Bernardo, a escritora acreditava viver uma “vida nova”, especialmente graças à liberdade aparentemente conquistada: agora, poderia assistir aos espetáculos proibidos a ela dois meses antes (teatros, balés russos, etc.) quando era solteira. Antes do casamento, só era permitido a ela que visitasse cafés e matinés de comédias francesas. Tal entusiasmo se esvai quando conhece o primo de seu esposo, Julián Martínez, em Roma, e por ele se apaixonou: “la rebelión iba creciendo en mí”¹⁴²

¹⁴⁰ A questão da maternidade fora amplamente discutida pelos movimentos feministas dos anos 1960 e 1970. A noção de a maternidade enquanto um dom natural, inerente à existência das mulheres, foi duramente questionada, dando margem à debates sobre o seu caráter compulsório. A pesquisadora francesa Elizabeth Badinter em “Um amor conquistado: o mito do amor materno” traça um itinerário da história da família, tendo como ponto central a relação entre mães e filhos. Ao investigar o hábito de delegar os filhos para amas de leite, tão comum na França dos séculos XV ao XVIII, inclusive nas camadas mais baixas, Badinter demonstra como a necessidade de sobrevivência ultrapassava o sentimento de amor materno. Muitas mulheres trabalhadoras não podiam interromper seu trabalho para amamentar um filho, ainda mais sabendo que as possibilidades de que ele ultrapassaria o primeiro ano de vida eram baixas. De acordo com Badinter, o movimento em favor ao aleitamento materno inicia-se em meados do século XVIII como fruto do entendimento de que as crianças que faleciam nas casas das amas de leite e que eram abandonadas em orfanatos traziam mais prejuízo ao Estado, que poderia utilizá-las como meios de produção de riquezas. “A verdade é que a criança, especialmente em fins do século XVIII, adquire um valor mercantil. Percebe-se que ela é, potencialmente, uma riqueza econômica”. A partir de então, o papel da mãe é o de garantir o bem-estar do filho, sendo este o bastião do futuro da nação, passa a ser consolidado. BADINTER, Elizabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1998.

¹⁴¹ OCAMPO, Victoria. *Autobiografía: La rama de Salzburgo*. Ediciones Sur, Buenos Aires, 1989.

¹⁴² OCAMPO, Victoria. *Autobiografía: Viraje (Tomo IV)*. Ediciones Sur, 1982. P. 30

Ocampo foi adúltera e manifestou-se abertamente sobre isso em sua autobiografia, afinal, qual seria a alternativa? O divórcio? Naquela altura de sua vida, essa não era uma opção. Não por causa de seus próprios desejos, mas pelas expectativas de seus pais em relação à sua vida amorosa. Entre desespero e a culpa, a escritora narra a dificuldade em romper com as imposições morais de sua época. Sua infidelidade, entretanto, não era fruto de puro desejo sexual, mas foi inevitável diante da paixão arrebatadora que sentia por “J.”: “este amor es lo contrario del libertinaje”. Ainda que profundamente apaixonada por Julián, não concretizou formalmente o divórcio até o falecimento de seu progenitor. Durante anos, viveu separada de Luís Bernardo, sem estar formalmente divorciada dele.

“Los hombres argentinos, esos hombres primitivos, autoritários, celosos, “dueños” de la mujer, dividían generalmente a nuestro sexo en duas categorías: las mujeres respetables, madres, esposas, Hermanas, etc. y las mujeres que no había razón para respetar, hechas para un coito sin consecuencias, mujeres adúlteras, vírgenes, locas o directamente prostitutas. En la segunda categoría (adúltera), estaba yo.¹⁴³

No quarto tomo de sua autobiografia, intitulado *Viraje*, Ocampo descreve com bastante lucidez a forma como os julgamentos morais direcionados aos comportamentos das mulheres as colocava em duas categorias: ou a “santa” e “senhora” ou a “prostituta” e “adúltera”, reconhecendo que se encaixava neste último parâmetro. A escritora peca, entretanto, em reconhecer que tais imposições são fruto de uma estrutura de dominação patriarcal, responsável por subordinar as mulheres econômica, política e culturalmente e não se restringe, apenas, aos “hombres argentinos”, como afirma no excerto acima. De todo modo, buscamos refletir como as restrições enfrentadas por Victoria Ocampo ao longo de sua vida são, sobretudo, morais, intensificadas pelo fato de ser uma mulher proveniente da elite portenha. Se, por um lado, sua condição de classe permitiu a ela o acesso ao mundo das artes e das letras, também acentuaram as limitações de caráter moral, como as expectativas de casamento e os obstáculos para o divórcio.

¹⁴³ Idem, p. 60.

2.3 Ponderações sobre o feminino e o feminismo em Gabriela Mistral.

O pensamento político de Gabriela Mistral tem sido desvelado pelo esforço de uma historiografia recente, dedicada a investigar sua produção ensaística, em que versam profundas reflexões sobre temáticas relacionadas à educação, feminismo, identidades nacionais e reforma agrária. Pela ausência de uma filiação partidária e de uma militância entendida nos moldes do engajamento intelectual de meados dos anos 1930, o pensamento intelectual de Mistral dificilmente se encaixa em dicotomias de “esquerda” ou “direita”, “conservadora” ou “progressista”. Consideramos, neste sentido, que a escritora pudesse demonstrar opiniões mais “conservadoras” em relação às questões morais, apoiava fervorosamente a reforma agrária na América Latina e esteve sempre atuando em favor das classes desfavorecidas. Partindo de três ensaios escritos por Mistral: *La Instrucción de las mujeres* (1906), *Organización de las Mujeres* (1925) e *Una nueva organización del trabajo* (1927), buscaremos investigar como se deu o processo de elaboração de ideias a respeito da condição das mulheres em diferentes etapas de sua trajetória.

Se a afinidade com os ventos feministas de sua época se apresenta de forma concreta na produção ensaística e autobiográfica de Ocampo, as ponderações a respeito deste assunto em Mistral por vezes se manifestam com menos entusiasmo. Embora tenha atuado em defesa do acesso à educação para as meninas, sua instrução nunca deveria obstruir seu verdadeiro propósito: a maternidade. Em ensaio de 1906 intitulado *La Instrucción de la mujer*, a escritora defende veementemente a necessidade para que “traga uma dignidade para o coração e para a vida: a dignidade da ilustração”. Tal dignidade da ilustração, por sua vez, deveria estar colocada à serviço da maternidade, da capacidade de educar os filhos e guiá-los no sentido espiritual e material.

Embora refletisse sobre a condição da mulher indígena chilena, da maternidade e da pobreza, e tendo ela própria rompido com padrões a ela impostos, Mistral em diversos momentos demonstrou certa antipatia ao movimento feminista dos anos 1930. Em *Una Nueva Organización del Trabajo*, publicado no Jornal *El Mercurio*, Santiago, 12 de junho de 1927. Neste texto, a autora defende a necessidade de um periódico que congregasse assuntos relacionados às mulheres, como religião,

pedagogia, higiene e, especialmente, uma “clara e abundante exposición de labor social de nuestras hermanas del mundo.”¹⁴⁴

Ao ponderar a respeito das disparidades entre o trabalho masculino e feminino, Mistral afirmava que a mulher será igual ao homem quando não tenha seio para amamentar e não tenha em seu corpo a capacidade da vida, quer dizer, algum dia, em outro planeta, desses que exploram os teósofos em seu astral.” Para ela, as diferenças biológicas entre homens e mulheres justificariam a existência de ofícios diferentes.¹⁴⁵

Ao longo do ensaio, Mistral propõe:

“Pedimos una organización del trabajo humano que divida el trabajo humano en tres grupos:

Grupo A: profesiones u oficios reservados absolutamente para hombres, por la mayor fuerza material que exigen o por la creación superior que piden y que la mujer no alcanza.

Grupo B: profesiones u oficios enteramente reservados a la mujer por su facilidad física o por su relación directa com el niño.

Grupo C: profesiones u oficios que puedan ser servidos indiferentemente por hombres y mujeres.”¹⁴⁶

A argumentação avança em concepções da divisão entre trabalhos que dispendem esforço intelectual, como o de conselheiro filosófico e político dos povos, que deveriam ser tarefas masculinas. Enquanto isso, as atividades atreladas à educação infantil deveriam ser permanentemente realizadas por mulheres, uma vez que representariam um prejuízo de masculinidade ao homem. A inserção das mulheres no mundo do trabalho também não era entendida por ela como sinônimo de conquista. A responsabilidade seria da mulher: a brutalidade da fábrica havia se imposto a ela, sem garantia de qualquer igualdade além da inserção no mundo do trabalho, cada vez mais disciplinado em sua organização material e intelectual. Antes de desejar a abertura das portas, as mulheres deveriam desejar melhores condições de trabalho para todos.

¹⁴⁴ MISTRAL, Gabriela. Feminismo: una nueva organización del trabajo. In: *Por la humanidad futura: antología política de Gabriela Mistral*. ORG. POZO, Diego. La pollera ediciones: Santiago, 2015.

¹⁴⁵Idem, p. 47

¹⁴⁶ Idem.

O discurso de Mistral se contrapõe à forma como ela própria desenhou sua trajetória, visto que a escritora não somente foi vencedora do Prêmio Nobel de Literatura como trabalhou como consulesa em diversos países.¹⁴⁷ O processo de construção de uma identidade de gênero feminina aconteceu entre seus discursos e práticas, frequentemente conflitantes entre si. Tal incongruência pode indicar a emergência de diversidade de identidades femininas que se descortinam em meados do século XX e que escapam as dicotomias simbólicas estabelecidas tradicionalmente pelo patriarcado. Ao se distanciar dos lugares-comuns impostos às mulheres, associados exclusivamente à maternidade e cuidado do lar, Mistral desenha seu próprio entendimento de uma identidade feminina, ora reforçando tais convicções, ora distanciando-se delas.

Identificamos, neste sentido, a perpetuação de categorias cristalizadas de “homens” e “mulheres” e os papéis a serem assumidos por eles dentro de um sistema social que codifica os seus comportamentos e os dota de significado em relação a determinado modelo de masculinidade de feminilidade. Enquanto a masculinidade é símbolo de virilidade, força e racionalidade, a feminilidade é símbolo de passividade, emotividade e irracionalidade. Não obstante, os lugares sociais a serem ocupados por homens e mulheres foram historicamente construídos, não a salvo de tensões e disputas sobre discursos a respeito da divisão entre o público e o privado. Enquanto aos homens estaria reservada a atuação na esfera pública – a vida política inclusa aí -, as mulheres estariam aprisionadas na esfera privada, da domesticidade do lar.

De acordo com Mistral, determinados tipos de ofício exigiriam “maturidade absoluta da consciência, uma visão panorâmica da paixão humana que a mulher quase nunca ou nunca tem”.¹⁴⁸ Neste ensaio, a poeta reafirma a divisão sexual do trabalho, noção historicamente respaldada no entendimento de inferioridade intelectual e emocional feminina. Essa linha de argumentação apresenta um modelo conciliador de divisão sexual do trabalho, em que reforça como a principal tarefa da mulher é de cuidado ao lar e aos filhos. O trabalho da mulher torna-se aceitável

¹⁴⁷ FEDERICI, Sílvia. *Calibã e a Bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Editora Elefante, 2017, p. 17

¹⁴⁸ MISTRAL, Gabriela. Feminismo: una nueva organización del trabajo. In: *Por la humanidad futura: antología política de Gabriela Mistral*. ORG. POZO, Diego. La pollera ediciones: Santiago, 2015. P. 257

quando está atrelado ao cuidado – por exemplo, a enfermagem, professoras de educação primária e atividades correlatas.

Em *O Calibã e a Bruxa: Mulheres, Corpo e Acumulação Primitiva*, Silvia Federici discute como as raízes do domínio masculino e a construção da identidade social da mulher se constituem na “categorização hierárquica das faculdades humanas”, o que atribui às mulheres uma concepção degradada de realidade corporal, física e intelectual. Federici parte do estudo da caça às bruxas como fenômeno responsável pelo disciplinamento do corpo feminino ao espaço doméstico, sendo, ainda, elemento fundamental para o processo de acumulação primitiva de capital. A domesticação do corpo feminino atuou de maneira favorável ao capitalismo, sendo uma pré-condição para a acumulação de trabalho e riqueza. Ao dedicarem-se ao trabalho não remunerado doméstico, as mulheres foram as responsáveis pela reprodução da força de trabalho humano. De acordo com a autora, “no que diz respeito ao enfoque feminista, nosso primeiro passo deve ser documentar as condições sociais e históricas nas quais o corpo se tornou elemento central e esfera de atividade definitiva para a constituição da feminilidade [...] Na sociedade capitalista, o corpo é para as mulheres o que é a fábrica para os homens: o principal terreno de e sua exploração e resistência”¹⁴⁹ Neste sentido, observa-se como a ideia de que haveria tarefas a serem desempenhadas por homens e por mulheres possui um lastro histórico de dominação patriarcal.

Em correspondência de agosto de 1936, Mistral escreve a Ocampo a respeito da participação das mulheres na Guerra Civil Espanhola. Na correspondência, nota-se a continuidade da ideia de que a participação feminina na guerra deveria ser sempre de suporte e auxílio aos soldados, desempenhando atividades de cuidado como costurar, cozinhar, cuidar dos filhos, etc.

“A lo menos, yo quiero saber si María está en Madrid y si piensa en la posibilidad de salir *o si no ve peligro extremo para ella*. Y ya están peleando, carabina al hombro, las mujeres en la España, falangistas disparatadas y las comunistas. Yo deseo que ganen las izquierdas, pero yo no entiendo é nunca el que se lleve mujeres esa inmundicia de la guerrilla, así sea para salvar al Niño Dios que corriesse.. peligro. Por dios, estos batallones de mujeres me traen com la cabeza vuelta de revés. Pueden ir a hacer la comida de los

¹⁴⁹ Idem.

soldados, a coser su ropa, a llevarles los niños para que les vean, a regar, a trabajar en las industrias, a mil cosas; pero como lo espectacular es el pantalón y la cabarina, allá van, las grandes sensacionalistas.”¹⁵⁰

Nesta correspondência, observamos a reprodução de um argumento mobilizado pela escritora anteriormente: de que adiantavam se abrirem todas as portas se as possibilidades oferecidas não eram agradáveis para o desenvolvimento das mulheres, ou, da própria sociedade como um todo? Afinal, “no necesita, pues, dar el salto hacia los oficios masculinos por la pura bizarria del salto, ni por el gusto insensato de la justa con el hombre”.¹⁵¹

Meses após o falecimento de Mistral, Ocampo publicou o ensaio *Gabriela Mistral em suas Cartas*, em que afirma como a devoção da escritora para com suas cartas se assemelhava à devoção para com sua poesia. O talento epistolar de Mistral resguardou a ela um lugar na posteridade. Esse mesmo cuidado na escrita de suas cartas, como Ocampo já nos advertiu, pode ser observado no trecho selecionado acima.¹⁵² A escrita epistolar concentrou, por um lado, relatos de sua vida pessoal, quanto elaborações de caráter político, como a supracitada. Para defender a concepção de que não caberia as mulheres a atuação no *front* e na guerrilha, Mistral dialoga com certo ideário de divisão sexual do trabalho, reforçado tanto em sua produção ensaística quanto literária. Observamos, neste sentido, a ressonância de tais percepções em todas as vias de produção escrita.

Na concepção da escritora chilena, as modalidades de atuação femininas deveriam estar sempre atreladas a determinados ideários de feminilidade, manifestados, sobretudo, através da maternidade. De acordo com ela, “a principal forma de patriotismo feminino é a maternidade perfeita”. Afinal, a mulher não possui nenhuma outra colocação natural a não ser estar à serviço de seus filhos e das crianças. Por esse motivo, a profissão “natural” da mulher seria *maestra*, médica, enfermeira ou

¹⁵⁰ MISTRAL, Gabriela [Carta, 21 de agosto de 1936, Lisboa, Portugal] para OCAMPO, Victoria in *Esta America Nuestra: correspondência, 1926 – 1956*. Buenos Aires: El cuenco de Plata, 2013.

¹⁵¹ MISTRAL, Gabriela. Feminismo: una nueva organización del trabajo. In: *Por la humanidad futura: antología política de Gabriela Mistral*. ORG. POZO, Diego. La pollera ediciones: Santiago, 2015, p. 257.

¹⁵² Na mesma correspondência, Mistral pede a Ocampo que realizasse uma tiragem de 2000 exemplares de seu livro de poesias, *Tala*, pela Editora *Sur* para reverter os fundos arrecadados para as crianças refugiadas da Guerra. A intenção de Mistral era fundar orfanatos no México – já que até o momento fora o único país a se manifestar favoravelmente às suas intenções - para acolher cerca de 6000 crianças fugidas da Espanha, como mencionamos no capítulo I.

assistente social: todas relacionadas ao cuidado e ao acolhimento. Por tais motivos, a presença de mulheres na guerrilha seria um descabimento completo.

Em ensaio publicado pelo jornal chileno *El Mercurio* em 1936, intitulado *Organización de las mujeres*, Gabriela Mistral tece duras críticas ao movimento feminista de seu país. Não porque não acreditasse nas reivindicações de paridade social, econômica e política propostas por ele, mas por discordar das ferramentas utilizadas pela militância. Para ela, o feminismo chileno chegava a ser uma “expressão do feminismo mulheril” por apresentar “mais emoções que ideias”. Embora fosse composto por mulheres notáveis, o Consejo Nacional de Mujeres, órgão responsável por organizar – carecia de um jornal feminino que tratasse de religião, pedagogia (sem tecnicismos), higiene, traduções e divulgação do trabalho social.

A respeito do sufrágio feminino, Mistral também apresentava ressalvas. No ensaio *El voto femenino*, a escritora afirma que a bandeira fora apropriada tanto pelas direitas quanto pelas esquerdas a seu próprio proveito. Não acreditava na ideia de que os homens teriam medo da competência feminina, afinal, “nós não tivemos mulheres geniais.” Em resposta às críticas recebidas pelo texto anterior, sobre a divisão do trabalho, Mistral afirma: “segundo as bravas feministas que me sarandearam por desejar uma divisão sexual do trabalho, eu sou uma senhora medieval que nunca trabalhou.” O pouco entusiasmo com o sufrágio, de acordo com Mistral, dá-se pelo fato de tampouco demonstrar o mesmo apreço pelo “Parlamento dos Homens”.¹⁵³

No contexto Chileno, a questão do voto ocorre de maneira particular. A Constituição de 1833 não negava expressamente o direito das mulheres ao voto, o que desencadeou dissidências entre juristas e políticos a respeito do tema. Essas disputas aparecem esporadicamente ao longo do século XIX, até que a reforma eleitoral de 1884 nega de modo definitivo o voto para as mulheres.¹⁵⁴ De acordo com Varas, é em meados dos anos 1920 que as demandas por direitos civis e políticos femininos passam a ganhar impulso. Em 1919, criou-se o Conselho Nacional de

¹⁵³ MISTRAL, Gabriela. *El voto femenino*. In: *Por la humanidad futura: antología política de Gabriela Mistral*. ORG. POZO, Diego. La pollera ediciones: Santiago, 2015.

¹⁵⁴ VARAS, Miguel Ángel López; VALENZUELA, Ricardo Gamboa. Sufragio femenino en Chile: origen, brecha de género y estabilidad, 1935-2009. *Revista de estudios sociales*, n. 53, p. 124-137, 2015.

Mulheres e dois anos depois o Partido Cívico Feminino. A partir de então, as discussões a respeito do sufrágio feminino passam a ocupar espaço importante no Parlamento, sobre quais seriam as condições da concessão.

Em 1931, o governo de Ibáñez, com um decreto de lei, introduziu o voto feminino em nível municipal, mas que de acordo com Varas, não teve vigência efetiva. Foi depois deste momento que o movimento pelo sufrágio feminino se revitalizou, retomando o protagonismo sobre a discussão no Parlamento, sobretudo com a criação do Comitê Pró-Direitos Civis das Mulheres, de 1933. Essas mulheres reconheceram que os votos municipais eram um passo intermediário e que a única saída possível seria o voto em todas as instâncias, em que os votos de mulheres e homens estivessem em pé de igualdade. Assim sendo, o voto parlamentar e presidencialista para as mulheres no Chile só se torna efetivo em 1949 após intensas disputas e tensões no âmbito político, muitas delas impulsionadas pelos movimentos sufragistas e de mulheres.¹⁵⁵

De todo modo, a crítica aos esforços pela conquista do sufrágio feminino que partiu de Gabriela Mistral não se restringiu exclusivamente a setores conservadores da sociedade. Muitos movimentos de mulheres associados ao socialismo e ao anarquismo não enxergavam no voto a possibilidade de emancipação da mulher, tampouco uma reconfiguração de dinâmicas políticas e econômicas. Em relação ao movimento sufragista dos Estados Unidos, Angela Davis afirma como a questão do voto era muitas vezes recebida com certa indiferença pelas mulheres afro-americanas e brancas da classe trabalhadora. A própria ativista Susan B. Anthony, uma das fundadoras do National Woman Suffrage Association, afirma que essas mulheres estavam mais preocupadas em melhorar sua situação econômica do que em conquistar o voto. De acordo com Davis,

“Por mais essencial que a igualdade política fosse para a campanha mais ampla pelos direitos das mulheres, aos olhos das trabalhadoras afro-americanas e brancas pobres isso não era sinônimo de emancipação. O fato de que as estratégias de luta se baseavam conceitualmente na condição específica das mulheres brancas e de classes privilegiadas colocava tais estratégias em desacordo com as percepções de

¹⁵⁵ Idem.

Neste sentido, a análise das inclinações ou distanciamentos de mulheres contemporâneas ao movimento pelo voto, dentro ou fora na América Latina, deve ser capaz de considerar que a luta por emancipação feminina escancarou as diferenças de necessidades inerentes a classe, raça e nacionalidade. Enquanto para mulheres brancas, a equidade política significava a possibilidade de inserção em uma dinâmica predominantemente masculina, de levar as suas reivindicações para as instâncias do poder, as mulheres da classe trabalhadora estavam mais diretamente preocupadas com “empregos, condições de trabalho, salários mais altos e violência racista.” A reformulação conceitual dos significados do voto, entretanto, abriu espaço para que tanto as trabalhadoras brancas quanto as afro-americanas e latinas convergissem no entendimento de que o voto não significava um fim em si mesmo, mas como um instrumento para conquistar salários mais altos e melhores condições de trabalho.

As muitas nuances e matizes são extremamente relevantes para o campo de História das Mulheres e das Relações de Gênero, pois nos fornecem pistas para compreender como processos importantes de conquista de direitos civis e políticos de mulheres não ocorre de modo linear e coerente dentro dos próprios movimentos, mas envolvem uma multiplicidade de visões e perspectivas sobre um mesmo assunto. E, conseqüentemente, trazia à luz tensões sobre o que era entendido por *ser mulher*.

Observamos menções recorrentes por parte de Gabriela Mistral a respeito de seu sentimento de inadequação à determinados estereótipos de feminilidade por conta de traços de personalidade, como sua assertividade. Por este motivo, afirmou que não se dava muito bem com umas mulheres, e que tampouco eram muitas as mulheres que se sentiam bem em sua companhia:

“Me avengo con muy pocas mujeres. Pero, sobretudo, son muy escasas *las que se sienten bien conmigo*. Y me han creado, al fin, certo complejo de infeminismo. No las busco. Verdad que aqui se trataba de una hermana de Ud.; debí pensarlo y debí buscar su dirección. Hoy le escribo. Le pido perdón por la torpeza y prometo hallármela más tarde em alguna parte. Ahora sé de ella cosas tranquilizantes. Una

¹⁵⁶ DAVIS, Angela. Vamos subir todas juntas: perspectivas raciais sobre o empoderamento das mulheres afro-americanas. In: *Mulheres, cultura e política*. Boitempo: São Paulo, 2017

mujer de gran mundo me da siempre temor y también miedo.”¹⁵⁷

Em seu entendimento, o “complexo de infeminismo” também seria um dos motivos pelos quais suas amizades femininas fossem mais escassas. Esta afirmação nos leva a conjecturar se, este comportamento por parte das mulheres – e aqui imaginamos que sejam mulheres, assim como elas, integrantes do mundo das artes e das letras – devesse por certo consenso de que o modo como Mistral era reticente ao movimento feminista e de mulheres em geral poderia prejudicar os anseios individuais de cada uma.

Ao que nossa análise indica, um dos motivos pelos quais a escritora não parecia reforçar as benesses de amizades femininas esteve atrelado, ainda, a um evento traumático de sua infância, responsável por afastá-la da educação formal até sua adolescência. Lucila estreou seus estudos em uma pequena escola dirigida por sua madrinha, “una mujer anciana y totalmente ciega”, a quem devia acompanhar do colégio a casa. Em certa ocasião, sua madrinha a encarregou de separar os caderninhos de papel a serem entregues as outras alunas. Por conta de sua timidez, as outras garotas pegavam as folhas de papel dos caderninhos, de forma que ao final do ano, o montante de papel havia acabado. Ela fora chamada de ladra e sendo incapaz de protestar contra a injustiça da acusação por ser “tan muda”. Além de ser expulsa do colégio, Mistral foi apedrejada “sin compasión” por suas colegas de classe ao sair da escola. Não o suficiente, a diretora do colégio ainda revistou seu quarto em busca de evidências do possível delito e de fato, encontrou papéis escolares, que a então aluna havia recebido de sua irmã, professora. Em vez de registrar o delito como motivo da expulsão, a escola escolheu como justificativa uma “doença mental”.

Esse registro assombraria a sua carreira como educadora. Em seus escritos autobiográficos compilados na obra *Bendita mi lengua sea*, a autora relata a sua profunda relação com a educação, especialmente, a dificuldade em comprovar sua capacidade intelectual diversas vezes pela ausência de um título. Sua formação autodidata havia dificultado o reconhecimento imediato de seus pares. Embora demonstrasse, por vezes, grande entusiasmo pela vida na sala de aula, Mistral afirma

¹⁵⁷ MISTRAL, Gabriela [Carta, 31 de Agosto de 1937, Rio de Janeiro] a OCAMPO, Victoria *in Esta América Nuestra: correspondência, 1926 – 1956*. Buenos Aires: El Cuenco de Plata, 2013.

em 1918 que “el colégio me há bebido toda la juventud. Mi sensibilidad, mi pequeña cultura, mis grandes entusiasmos, todo lo he dado a la profesión. Soy pobre. Este tesoro de juventud era mi único tesoro y se lo entregue de una manera absoluta”.¹⁵⁸ Em certa medida, a dedicação à sala de aula havia sugado sua disposição para seus outros interesses.¹⁵⁹

Nesta época, evidencia-se um traço relevante em seu pensamento pedagógico: a crença na especificidade de uma “pedagogia da menina”, justificada por sua condição de futura mãe.

“Son muy diferentes los asuntos que interesan a niños i niñas – sostenía. Siempre se sacrifica en la elección de trozos la parte destinada a la mujer, y así ella no encuentra en su texto los motivos que deben formar la madre. Y sea profesionista, obrera, campesina o simple dama, su única razón de ser sobre el mundo es la maternidade, la material y espiritual juntas o la última, en las mujeres que no tenemos hijos.”¹⁶⁰

No excerto acima, identificamos o vértice de união entre o pensamento pedagógico da escritora e da de seu posicionamento em relação às aspirações profissionais femininas. Ainda que acreditasse na importância da educação para as mulheres, como meio de garantir sua dignidade e independência, o propósito de sua existência seria a maternidade. Ao definir categoricamente que a atuação da mulher está atrelada ao desenvolvimento pessoal e espiritual da humanidade, delega a segundo plano quaisquer atividades que não estejam associadas ao “ser-mãe”. A autora aproxima mulheres de diferentes classes sociais por causa do propósito compartilhado: seja trabalhadora ou uma dama, o igual destino das mulheres é a maternidade. A vocação para ser mãe está acima da situação de classe de cada mulher. A mãe deveria ser o “modelo vivo” para o filho, responsável por inspirar bondade e virtudes, além da extrema valorização de sua capacidade de educá-lo de acordo com os valores republicanos e nacionais.

¹⁵⁸ Em seus escritos, Mistral reforça ainda mais a questão de classe do que à questão de gênero, possivelmente por acreditar que a escola primária fosse um espaço “natural” para as mulheres. A temática da classe será tratada e retomada diversas vezes na correspondência com Victoria Ocampo, a ser discutida posteriormente.

¹⁵⁹ QUEZADA, Jaime. *Vida y obra de Gabriela Mistral*. Biblioteca Nacional de Chile: Memória Chilena, 1986.

¹⁶⁰ MISTRAL, Gabriela. *Lecturas para mujeres destinadas a la enseñanza del lenguaje*. S/d. México: 1924. Biblioteca Nacional do Chile – Arquivo da Escritora.

A perspectiva de educação feminina, a qual estaria associada à “dignidade da emancipação”, concentrou os empenhos de Mistral. Acima do econômico e do político, ou ainda, como um primeiro passo, a educação inclusiva seria responsável por elevar a condição social das mulheres, fomentar o seu reconhecimento e garantir que estivessem em pé de igualdade, no sentido intelectual, com os homens.

Um ângulo proveitoso para observar as concepções sobre a atuação feminina de Gabriela Mistral é o da maternidade. A própria autora nunca teve um filho biológico, embora houvesse especulações do contrário. Em 1936, após a morte de sua esposa, o meio irmão de Mistral, Carlos Godoy, entregou a ela seu filho, Juan Miguel Godoy Mendoza, quando a criança possuía um ano de idade, sob a promessa de que jamais reivindicaria a custódia do filho. Apelidado de *Yinyin*, o jovem foi adotado pela escritora e viveu com ela até 1943, quando cometeu suicídio por ingestão de arsênio, quando habitavam em Petrópolis, no Rio de Janeiro. Os motivos que levaram *Yinyin* à decisão tão extrema eram incertos, inclusive para a própria Mistral. Para ela, seu “filho adotivo” havia sofrido xenofobia no Brasil por conta de seus traços indígenas, e estava de coração partido por conta de um amor não correspondido. Também chegou a afirmar que ele havia sido assassinado, embora a autópsia indicasse o contrário.¹⁶¹

De qualquer forma, a escritora jamais se recuperou emocionalmente de sua perda.¹⁶² Inclusive, redigiu extensas cartas à Victoria Ocampo, descrevendo seus sentimentos de tristeza profunda, e sua incapacidade em encontrar motivos para continuar caminhando. A escritora argentina também sofreu com o suicídio de Pierre Drieu de la Rochelle, um escritor francês com quem manteve um *affaire* e quem, posteriormente, converteu-se em um amigo.

¹⁶¹ Nadie podrá entender mi espanto de hallarme a mi Yinyin agonizando de arsénico. Nada, nada me había preparado para este golpazo. Y nada hubiera podido prepararme. MISTRAL, Gabriela. *Cuaderno de Petrópolis*. (1941 – 1945), p. 213.

¹⁶²Se a melancolia consiste um traço fundamental na produção poética de Gabriela Mistral, o suicídio de *Yinyin* provoca transformações em seus escritos. De acordo com Lila Zemborain, uma forma de processar a dor de sua perda foi metamorfosear o corpo de seu ente perdido no reino vegetal, como um retorno à natureza. Em vez de apelar para o recurso fantasmagórico, Mistral elabora o renascimento de seu filho adotivo no mundo natural. Nos poemas dedicados à sua morte, a poetisa refere-se a ele como uma árvore. A impossibilidade de superar a dor da perda ocasiona em poemas em que as metáforas são relacionadas as árvores mortas ou em chamas, como no poema “Paisajes de la Patagonia”: “de su bosque, el que ardió, sólo dejaron de escarnio, su fantasma.” Sobre o tema, ver: ZEMBORAIN, Lila. *Gabriela Mistral: una mujer sin rostro*. Ensayos Criticos, Beatriz Viterbo Editora. Argentina, 2002. P. 69

Os dois se conheceram em 1929, na França e estreitaram laços três anos depois, quando La Rochelle viajou à Argentina para promover conferências, momento em que cultivaram uma relação amorosa. Nos anos seguintes, demonstrou ser simpatizante do nazismo e fascismo e colaborou ativamente com a ocupação alemã na França. Por esses motivos, distanciaram-se. Em 1945, La Rochelle cometeu suicídio. Ocampo escreve à Mistral em busca de conselhos ou, de alguma forma de consolo.

Sua resposta à carta, entretanto, evidencia como três anos após o incidente com *Yinyin*, a escritora chilena lutava contra pensamentos depressivos. Seu estado de saúde, mental e físico, agravaram-se a partir de então. “La presión há subido a 26 y el corazón está malo también. Em um mês espero rehacerme”, escreve em 22 de setembro de 1946. Na carta seguinte, afirma que embora estivesse ligeiramente contente com a melhora de saúde, “mejor sería estar com Yin Yin”.¹⁶³

As representações da maternidade presentes na obra poética de Gabriela Mistral também estão alinhadas a tais noções. O papel da mulher é de protagonista para a configuração de uma América Latina unida e fraternal: a mãe terra, dona dos *pueblos*, e igualmente da pátria. Como afirma Jaime Blume, “por vocación de género, la mujer está orientada a entregarse al hombre, pero esta consagración va habitualmente acompañada de frustración y dolor. Pese a ello, la mujer se identifica con la tierra fértil en aquello de dar luz al hijo”¹⁶⁴ De acordo com crítico, a configuração da imagem do feminino está amparada a sombra de um enfoque masculinizante, ou seja, viril.

“Llama poderosamente la atención el hecho de que una mujer tan mujer como Gabriela admita abiertamente la pre eminencia de lo masculino. Imágenes tales como el árbol, la potencia genesíaca de la naturaleza, la patria y el aire, elemento masculino fundante al interior del imaginario simbólico, ocurren frecuentemente en el poemario que comentamos. Esta dimensión viril de la femineidad es una perspectiva del mayor interés a la hora de definir la identidad de una cultura a partir de sus discursos poéticos.”¹⁶⁵

Acrescentaria à leitura de Blume, a respeito da construção do feminino na poética mistraliana, que a construção de uma “virilidade feminina”, associada à

¹⁶³ Idem, p. 166.

¹⁶⁴ BLUME, Jaime. *Gabriela Mistral: temas y lenguajes constitutivos de identidad*. Revista Estudios, AISTHESIS N° 34, 2001, p. 110

¹⁶⁵ Idem, p. 107.

potência criadora, estaria a serviço da edificação de novas formas de feminilidade. A maternidade é entendida como (cri)ação, como a origem de algo novo, e, por consequência, da vida em movimento. Assim, uma “mujer tan mujer” como Mistral teria desafiado tais lugares. A percepção da poetisa de feminilidade está diretamente relacionada à possibilidade de criação da vida, confirmados pela associação entre a Terra e a mulher, como é possível observar no excerto abaixo:

“No había visto antes la verdadera imagen de la Tierra. La Tierra tiene la actitud de una mujer con un hijo en los brazos, con sus criaturas (seres y frutos) en los anchos brazos. Voy conociendo el sentido maternal de todo. La montaña que me mira también es madre, y por las tardes la neblina juega como un niño en sus hombros y sus rodillas ... Recuerdo ahora una quebrada del valle. Por su lecho profundo iba cantando una corriente, que las breñas hacían todavía invisible. Ya soy como la quebrada: siento cantar en mi hondura este pequeño arroyo, y le he dado mi carne por breña hasta que suba hacia la luz.”¹⁶⁶

A Terra, compreendida tanto como sinônimo do astro em que habitamos, como a “terra” em que se cultiva a vida, são desdobramentos do feminino via maternidade: dão origem, criam.

Um aspecto relevante a ser considerado neste trabalho refere-se às formas pelas quais a imagem de Gabriela Mistral foi ressignificada. Tal percurso foi responsável por construir a percepção da “mãe dos chilenos”, uma figura despolitizada. Raphael Coelho Neto em sua pesquisa sobre as revistas de exílio *Literatura Chilena* e *Araucaria* demonstra o esforço de tais periódicos, especialmente o segundo, de apresentar “análises bem desenvolvidas a respeito da literatura e da atuação pública da intelectual chilena.”¹⁶⁷ Em contrapartida, no contexto que seguiu o golpe de 1973, a Junta Militar apropriou-se da Editora Nacional Quimantú, até então associada ao governo de Salvador Allende. Neste contexto, a editora é rebatizada de “Gabriela Mistral”. A Editora Nacional Gabriela Mistral recebeu este nome sob a direção do General Diego Barros Ortiz. De acordo com Coelho Neto, essa medida integra um projeto editorial pró-ditadura que embora não lograsse os êxitos comerciais almejados, foi responsável pela “(re)construção da

¹⁶⁶ MISTRAL, Gabriela. *Lecturas para mujeres*. s/r. México: 1924, p. 117.

¹⁶⁷ COELHO NETO, Raphael. Exílio, intelectuais, literatura e resistência política nas revistas *Literatura Chilena en el Exilio/Literatura Chilena, Creación y Crítica* e *Araucaria de Chile* (1977-1989). (Dissertação de mestrado) Universidade Federal de Minas Gerais 2016 p.249

imagem da mais importante escritora chilena, de maneira a transferir a ela valores morais associados à sua trajetória como educadora e como figura materna por excelência - “mãe de todos os chilenos” -, que se dedicou à pedagogia das crianças tanto quanto à literatura de alto valor estético, desprovida de ativismo político”.¹⁶⁸

Se, em uma breve extrapolação, questionássemos de qual forma Mistral interpretaria tais representações construídas em cima de sua imagem, também seria possível refletir em qual medida ela é ou deixa de ser responsável por elas. Afinal, por quais motivos Gabriela Mistral optou por recordar tais momentos de sua vida em seus escritos? Por que escolheu ressaltar as dificuldades em obter reconhecimento enquanto *maestra*? Ao mesmo tempo em que fortalecem a simpatia do leitor por sua trajetória, também legitimam o mérito de seu reconhecimento individual. Os acontecimentos narrados – ou voluntariamente esquecidos – suscitam na imaginação daqueles que se debruçam sobre sua produção autobiográfica e ensaística. O cruzamento entre fontes de caráter pessoal indica para o apagamento de certos eventos de sua vida, ao mesmo tempo em que, em outras situações, o reforço de experiências específicas como determinantes para a configuração de sua subjetividade.

A inexistência de menções à sua homossexualidade também indica que por privacidade ou receio, tal temática não deveria ser abordada abertamente. Embora falasse de suas companheiras – como Connie e Doris -, nas missivas, referia-se a elas enquanto pessoas com quem dividia sua vida, seu lar, nunca eram tratadas como figuras com quem mantivesse um relacionamento amoroso. Poderiam ser interpretadas como amigas ou “secretárias”. São muitas as correspondências em que cita suas ditas “secretárias” para Victoria Ocampo, o que sugere que, embora suas amizades mais próximas soubessem tais detalhes de sua vida privada, não eram informações de conhecimento geral.¹⁶⁹

Existe um esforço dos movimentos de mulheres chilenos, especialmente na última década, em recuperar a imagem de Gabriela Mistral em toda a sua pluralidade

¹⁶⁸ Idem, p. 250

¹⁶⁹ É pertinente questionar se as correspondências em que Mistral manifestou de forma mais aberta sua sexualidade tenham sido destruídas por aqueles que as receberam. A prática de “queimar depois de ler” era bastante comum entre mulheres, considerando que poderiam ter sua “reputação” e sua “moral” manchadas caso os segredos expostos nas cartas viessem à público. Nutrir expectativas de um posicionamento diferente da escritora parece problemático, ainda mais se considerarmos que a homossexualidade deixou de ser considerada crime no Chile apenas nos anos 1990.

e contradições. É relevante ponderar, por outro lado, como Mistral tem sido elencada como uma das principais feministas da história chilena, mesmo que nunca tenha se posicionado dessa maneira. Suas práticas justificariam o rótulo? A atuação da escritora em prol de condições igualitárias de educação para meninos e meninas, bem como – a inovação estética e de repertório temático. Se observarmos a trajetória da chilena por essa perspectiva, a identificação com o feminismo se justifica. Contudo, se buscarmos uma adesão de caráter mais militante e engajado em movimentos de mulheres, encontraremos uma Mistral mais reticente e ponderada.

2.4 - Femininos e feminismos: identidades em construção.

As incongruências entre práticas e discursos apontam para a insuficiência dos modelos de feminilidade em abarcar as expectativas e anseios de mulheres em diferentes espaços e temporalidades. Tais mulheres questionaram por meio de suas práticas, o *status quo*, embora os discursos produzidos sobre elas nem sempre reforçassem a liberação feminina. Isso aponta como conscientemente ou não, as mulheres estavam se munindo de modelos explicativos masculinos para subverter a própria ordem: entre reafirmação e a negação. As ambiguidades indicam, ainda, como os estereótipos de feminilidade então existentes interferiam diretamente na forma como as próprias escritoras percebiam-se enquanto mulheres. Um exemplo emblemático é a forma como Mistral descreve sua personalidade: por conta de a sua herança basca, dizia as coisas de maneira dura e honesta, traços incompatíveis “sentimentalismo feminino”. A estrutura de sua personalidade, de acordo com sua autopercepção, distanciava-se das expectativas de feminilidade: a delicadeza, sutileza, contenção.¹⁷⁰

Observar a trajetória de mulheres que desenharam suas carreiras independentemente de pais ou maridos e que, ainda, desafiaram os padrões de feminilidade tradicionalmente impostos a elas revela a possibilidade de resistência,

¹⁷⁰ A dominação masculina, que constituiu as mulheres como objetos simbólicos, cujo ser (esse) é um ser-percebido (percepi), tem por efeito coloca-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica. Elas existem primeiro pelo, e para, o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis. Delas se espera que sejam “femininas”, isto é, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas, ou mesmo, apagadas. E a pretensa “feminilidade” muitas vezes não é mais que uma forma de aquiescência em relação às expectativas masculinas, reais ou supostas, principalmente em termos de engrandecimento de ego. Em consequência, a dependência em relação aos outros (e não só aos homens) tende a ser constitutiva do seu ser. VER: BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002., p. 41

mesmo que negociada, em uma estrutura de dominação patriarcal. Por meio das brechas e desvios, tais mulheres expuseram suas experiências, como elemento essencial de denúncia de um sistema opressor das liberdades femininas. As asas do “Anjo do Lar” obscureceram o caminho das mulheres que ousaram criar. Mesmo aquelas incapazes de matá-lo, como foi sugerido por Woolf, devemos reconhecer mesmo as que caminharam abaixo da sombra, por vezes confortável, que o “Anjo” oferecia. Pois, por vezes, foi neste limiar entre a expectativa e a ousadia que desafiaram o *status quo*: de pequenas transgressões às grandes rupturas.

A discussão de Heleith Saffioti em *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*, demonstra como a felicidade da mulher era entendida exclusivamente como consequência do casamento e da maternidade. Era no matrimônio que conquistaria a posição social desejada, estabilidade emocional e prosperidade financeira. Sua existência seria inteiramente dependente de seus maridos.¹⁷¹ Assim como sua existência apenas seria plenamente preenchida quando fosse mãe, sendo esse, inclusive, seu principal papel na sociedade, o de formar cidadãos. Neste sentido, observa-se que o entendimento da mulher enquanto um sujeito autônomo, com plena capacidade de decisão e de individualidade, esteve nublado pela noção de que sua existência estava subordinada às expectativas masculinas. Sua autopercepção esteve, frequentemente, associada às condutas determinadas pela feminilidade. Uma vez deslocadas delas, tais mulheres seriam-se inadequadas ou não-femininas.

O caminho escolhido por Ocampo e Mistral na definição de suas identidades femininas configura-se a partir de um novo horizonte, afinal, não encontraram a suposta essência de sua feminilidade na maternidade, tampouco no matrimônio, uma vez que eles não fizeram parte de suas vidas. A construção de suas subjetividades deu-se por suas atuações profissionais. Tal processo, certamente, não se estabelece sem conflitos, basta recordarmos das constantes afirmações de Mistral a respeito da relevância da maternidade para as mulheres. Ou, quando Ocampo enfrenta barreiras para fazer valer suas ambições no periódico em que era Editora-Chefe. Por entre seus passos, descortinam novas possibilidades do ser mulher.

¹⁷¹ SAFFIOTI, Heleith. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. Expressão popular: São Paulo 2013. p. 63

Como salientou Roger Chartier, o processo de construção de identidades femininas esteve associado ao processo de interiorização, pelas próprias mulheres de normas enunciadas por discursos masculinos. O processo de subversão de tais formas, inclusive, se dá pela resistência dentro do próprio consentimento. Deve haver certa medida de negociação, especialmente, por meios das brechas: ao mesmo tempo em que há a incorporação do discurso dominante masculino, é por meio dele que as mulheres foram capazes de subvertê-lo. Os espaços de construção de subjetividades, onde se materializam os processos de construção e redefinição de gênero - ambiente familiar, escolar, de trabalho, da Igreja, etc. Eles se estabelecem em duas vias: tanto pela via discursiva, tanto quanto pelo viés da própria experiência dos sujeitos, que muitas vezes contradizem suas próprias afirmações.¹⁷²

Os modos como Mistral e Ocampo constituem suas subjetividades é bastante diverso. Entretanto, existe uma convergência: nenhuma das duas foi mãe (biológica) e estiveram em casamentos heteronormativos ao longo de suas vidas. Isto é, construíram suas identidades enquanto mulheres distantes dos espaços tradicionais de matrimônio e maternidade, e sim, através de sua profissão. Ainda assim, é necessário salientar como este percurso é tortuoso, permeado de matizes, nuances e ambiguidades. Seria equivocado pressupor uma linearidade e coerência a respeito do modo como atuavam publicamente e produziam discursos sobre ser mulher e a feminilidade como um todo. Em nosso entendimento, torna-se mais produtivo incluir essas dimensões aparentemente conflituosas para explorar suas trajetórias de modo a averiguar como manifestar-se ou não sobre determinados assuntos, assim como eventualmente adotar posturas aparentemente mais conservadoras poderia ser uma estratégia para que obtivessem legitimidade no campo literário.

¹⁷² CHARTIER, Roger. Diferenças entre os sexos e dominação simbólica (nota crítica). *Cadernos Pagu* – Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, pp.40-42. 1995,

Capítulo III – A América é uma casa compartilhada: debates sobre identidades hispano-americanas no diálogo epistolar de Gabriela Mistral e Victoria Ocampo.

A amizade de caráter pessoal e intelectual cultivada entre Gabriela Mistral e Victoria Ocampo possui valor altamente simbólico. Cada escritora representava duas visões distintas de América, em disputa: enquanto a portenha observa, com os pés plantados em Buenos Aires, a efervescência cultural e literária e europeia, a chilena, embora viajasse constantemente, sempre retornou ao continente em busca de respostas para suas inquietações intelectuais e estéticas e, principalmente, para inspiração. Isso porque Mistral viveu fora do Chile e da América Latina na maior parte de sua vida adulta, enquanto sua interlocutora embora demonstrasse maior apreço pela Europa como referencial civilizatório, permaneceu na Argentina durante toda a sua fase adulta.

As feições estampadas em seus rostos, não imunes à ação do tempo, além de reforçar a imagem das duas Américas, também denunciam suas origens, manifestadas, inclusive, pela forma como optavam por se vestir. O corte *à-la-garçonne* foi rapidamente incorporado por Ocampo nos anos 1920, inspirada em Coco Chanel, cuja magazine de luxo era frequentada por ela. Sua pele branca e rosto alongado antecipavam sua impetuosidade e se tornavam ainda mais protuberantes com seu característico batom vermelho. Sua interlocutora chilena, em contrapartida, vestiu inúmeras vezes peças produzidas por populações indígenas da América Hispânica e de seu país de origem, como os tradicionais ponchos elaborados pelos tecelões Mapuches. Parece-nos que tal opção de vestimenta ocorria, especialmente, quando participava de eventos internacionais: sua *mestizaje* – a herança basca e indígena – era coroada com a tão magnífica tecelagem dos indígenas de seu país.

Em busca de desvendar como Ocampo e Mistral elaboram suas concepções sobre a América Latina em seus respectivos projetos pessoais e intelectuais, iremos averiguar neste capítulo o modo como essas questões emergem no diálogo epistolar. O tema da identidade latino-americana foi um ponto central em seu intercâmbio de ideias, e suscitou profundas tensões entre as escritoras, pois possuíam entendimentos diferentes sobre o tema. Tanto os sentidos da formação identitária latino-americana

quanto as suas responsabilidades individuais perante o desenvolvimento de seus países de origem eram percebidos de maneiras diversas. O único ponto de convergência era o entendimento de que todos os nascidos na América Latina compartilhariam o sentimento denominado de *americanidad*, ocasionado pelo passado de dominação colonial ibérica em comum. Este conceito, entretanto, não era precisamente delimitado e os esforços para caracterizá-lo ocasionavam profundos dissensos.

Algumas temáticas, particularmente delicadas, mobilizaram constantes disputas ideológicas nas correspondências. Enquanto Mistral advogou fervorosamente pela emancipação dos povos indígenas e pela questão agrária, Ocampo direcionou sua atuação para a construção de diálogos intelectuais e econômicos com o Velho Mundo, os quais seriam necessários para o desenvolvimento material e espiritual de seu país. Para averiguar quais foram os momentos e de quais formas essas temáticas emergem nas fontes analisadas, faremos primeiramente uma incursão no pensamento mistraliano e em seguida, no da escritora argentina, buscando identificar os principais temas considerados por elas. Na seção final, elaboraremos uma comparação entre os pontos elencados, com o intuito de demonstrar como concebiam de maneiras diferentes os significados da identidade latino-americana e, por consequência, os caminhos a serem tomados para garantir o progresso do continente.

O pensamento político de Gabriela Mistral está substancialmente caracterizado pela defesa do indigenismo, pela proposição de reformas agrárias e pela necessidade de afirmar a identidade latino-americana em contraposição à dominação europeia e estado-unidense. Para Victoria Ocampo, em contrapartida, as temáticas mais pungentes em seus escritos estão relacionadas à reivindicação das Américas enquanto espaço primordial de troca constante entre o nacional e o universal e pela democratização do acesso à cultura e as artes. Inclusive, como forma de garantir o desenvolvimento e progresso do continente. Enquanto Mistral se auto proclama como herdeira das comunidades indígenas pré-colombianas, Ocampo tenta conquistar para si o selo de cidadã do mundo. Observamos, neste sentido, como a construção das identidades latino-americanas ocorre em duas vias: a primeira delas diz respeito às posições assumidas perante a temas coletivos e questões políticas. A segunda refere-se às suas próprias subjetividades, nos modos como observaram a si

mesmas diante de tais problemas. Por este motivo, as temáticas escolhidas para compor um panorama geral do pensamento das escritoras serão diversas, mas sempre relacionadas ao grande tema da formação das identidades latino-americanas.

Essas questões evidenciaram a necessidade de matizarmos certas inclinações políticas e ideológicas, especialmente, considerando os modos como tais pautas se desdobram ao longo dos anos no diálogo epistolar. No caso de Mistral, constatamos o seu empenho em garantir que Ocampo desenvolvesse uma forma particular de identidade latino-americana, associada à sua própria individualidade. Em contrapartida, defendeu enfaticamente uma série de preceitos de caráter político, entendidos como necessários à causa da *americanidad*, como a utilização do espanhol em vez do francês e a defesa das comunidades indígenas. Na trajetória de Victoria Ocampo, observamos como as críticas de sua interlocutora em relação à sua tendência ao engrandecimento da Europa como referencial civilizatório, aparentemente surtem efeito. Em idade mais madura, a portenha efetiva a reivindicação de sua *argentinidad*, reconhecendo, inclusive, a herança de sua ancestral indígena, Águeda, como símbolo de que era verdadeiramente *mestiza* e, por consequência, latino-americana. Tais incoerências e ambiguidades demonstram como suas concepções estão constantemente colocadas à prova de suas experiências e do próprio tempo.

O âmbito epistolar foi especialmente propício para que refletissem e negociassem suas perspectivas concepções sobre o assunto, sem que houvesse prejuízo direto para as suas imagens de escritoras e intelectuais, atuantes no debate público. Os seus pontos de vista não são estanques, embora mantivessem certa coerência em relação aos seus posicionamentos políticos. Ao contrário, estão em processo de ressignificação permanente e denunciam a efervescência das disputas sobre os sentidos da formação das identidades latino-americanas, tema tão presente nos debates políticos e culturais nas primeiras décadas do século XX.

“Le repito, porque no sobra, lo dicho a Ud., con fuerza y cariño o con una fuerza cariñosa: algunas gentes a quenes preocupa el hecho americano *como unidad* la necesitamos y solemos sentir que Ud. Nos falta. Que como nos falta y en qué? Es un poco ingenuo detallar y concretar: comienza faltándonos en la lengua, continúa faltándonos en una especie de europeísmo

mayor que.. el europeo, acaba faltándonos en la preferencia de los temas exóticos cuando escribe.”¹⁷³

Nesta correspondência, observamos o esforço de Mistral em pontuar a necessidade de Ocampo em assumir comprometimento mais enfático com os problemas da América Latina, uma vez que preteria tal engajamento ao escrever em francês ou quando escolhia temáticas entendidas como europeias, “exóticas”, em vez de explorar as múltiplas inspirações disponíveis no seu país de origem. Deste modo, Mistral pede a ela:

“No le pedimos sino una presencia lo más cabal posible dentro del movimiento americano. Me temo mucho, como se lo dije, que esa *presencia* no sea posible quedándonos ud. Afincada en lengua francesa, y me temo que Ud. Se engane a sí misma creyendo que con sólo tratar *temas* Americanos Ud. Cumple con nosotros.”¹⁷⁴

Ao longo dos anos, essas disputas se tornam menos diretas e assumem o sentido de reflexões em conjunto, em que certas percepções são relativizadas enquanto outras são radicalizadas. No sentido de explorar essas tensões, buscamos incorporar outros escritos das autoras, assim como averiguar como tais percepções estão em diálogo com outros escritores e intelectuais atuantes na primeira metade do século XX e que também se engajaram nestes debates.

3.1 Os sentidos da *Americanidad* para Gabriela Mistral.

Para se referir à América Latina, Gabriela Mistral utilizou termos diferentes: *Latinoamérica*, *América española*, *Hispanoamerica*, *América Nuestra*, *América Metiza* e *Indoamérica* foram alguns dos nomes empregados. A pluralidade de conceitos comprova a presença de extensas disputas políticas e estéticas em torno de uma ideia em particular, a de uma unidade entre os países da América Central e do Sul. Para este debate, era central definir quais eram os traços de maior importância

¹⁷³ MISTRAL, Gabriela [Carta, 9 de Janeiro de 1934, Barcelona] a OCAMPO, Victoria *in Esta America Nuestra*. Buenos Aires: El Cuenco de Plata, 2013.

¹⁷⁴ Idem.

para a determinação das identidades: fosse a colonização espanhola ou a mestiçagem, era relevante especificar as particularidades políticas e culturais de *Nuestra América*.

O singular esforço de Mistral não está deslocado de seu tempo e lugar. Compreender os significados e caminhos da América Latina, na primeira metade do século XX, constituía uma tarefa imperativa. Se a existência de duas Américas – a do Sul e do Norte – foi, em tempos de colonização, uma maneira de distinção geográfica, os significados depreendidos no contexto que se seguiu às independências adquirem uma conotação cada vez mais política, concebida, inclusive, pelos próprios latino-americanos. O conceito de “América Latina”, embora pareça hegemônico em certas reflexões contemporâneas, é histórico, e mapeado por tensões e controvérsias, sobretudo, a respeito de seu surgimento. Embora tenha sido utilizado de maneiras variadas, de acordo com o tempo e o espaço, foi fundamental para afirmação identitária e, especialmente, para a distinção em relação à Europa e depois, aos Estados Unidos.

Os significados e sentidos da *americanidad* estão apoiados em uma profunda discussão historiográfica, literária e estética, cujos preâmbulos remetem ao século XIX. Um dos primeiros momentos em que o termo foi utilizado reporta a 1836, pelo engenheiro francês Michel Chevalier em sua viagem ao México. Chevalier havia constatado a existência de duas Américas: a do Sul, de matriz civilizatória católica e latina e a do Norte, de origem anglo-saxã e protestante. Essa distinção esteve a serviço de disputas ideológicas e econômicas.¹⁷⁵ Com o processo de independência das ex-colônias espanholas, a possibilidade de concretizar esferas de influência na América interessava aos países imperialistas europeus, especialmente a França. Formalmente desassociadas de Portugal e Espanha, as novas repúblicas deveriam estabelecer novas pontes comerciais, industriais e culturais. O subcontinente da América do Sul não esteve em disputa apenas entre as essas potências. O ímpeto imperialista dos Estados Unidos direcionado às suas “irmãs” do Sul também estimulou o desencadeamento de reações de caráter identitário. A necessidade de reforçar as especificidades dos países hispano-americanos surge, sobretudo, como resistência ao expansionismo estado-unidense. Era eminente, neste cenário, reforçar

¹⁷⁵SANTOS JÚNIOR, Valdir Donizete. A latinidade e as Luzes: a França, o Oriente e o lugar das Américas nas *Lettres sur l'Amérique du Nord*, de Michel Chevalier (1836). *Revista Dimensões*, v. 36, jan.-jun. 2016, p. 335-357.

as identidades tanto em âmbito nacional, como integrar os países do subcontinente para contrapor os avanços norte-americanos.¹⁷⁶

O movimento de pensar o continente a partir de categorias interpretativas próprias, que ultrapassassem o repertório de imagens oferecidos pela dominação europeia, coloca-se em complementariedade ao empenho de “forjar as nações”, ainda que frequentemente fossem esforços orientados por perspectivas ideológicas diferentes. Se em um primeiro momento tais debates se estruturam ao redor da proposição de modelos de Estado, em que estão colocadas questões referentes à participação popular, por exemplo, no século seguinte essas ponderações se concentram ainda mais detidamente na questão das identidades nacionais e continentais. O processo de transição de um sistema colonial para Estados republicanos independentes durante as primeiras décadas do século XIX – com exceção do Brasil –, havia escancarado a necessidade de se repensar novos projetos políticos para o futuro nas ex-colônias ibéricas. O esforço de promover a libertação da América Latina estava atrelado à formação de novas formas de saber específicas, em que estivessem incluídos indígenas, afrodescendentes, mulheres. Não bastava apenas autonomia política e econômica, como a cultural e interpretativa.

Uma reflexão deveras importante para o desenvolvimento de nossa análise é elaborada por Maria Ligia Prado, em *Uma Introdução ao Conceito de Identidade*, a solidificação de identidades nacionais integrou o projeto das elites de consolidarem sua dominação sobre as “diversas sociedades nacionais, baseadas numa identidade homogênea que lhes garantisse a hegemonia política”. Para serem bem-sucedidas nesta empreitada, “postularam-se como portadoras do espírito civilizador e da razão

¹⁷⁶ A historiadora Monica Quijada, em *Sobre el origen y difusión del nombre ‘America Latina’* pondera a respeito da ideia de que o termo seria uma invenção dos franceses. Retoma a Arturo Ardao, que no ensaio *La idea de Latino-america*, publicado na *Revista Marcha*, de 1965, questiona a teoria de que o conceito seria fruto do imperialismo cultural francês. De acordo com Ardao, a ideia de América Latina constava em obras do advogado e ensaísta José Maria Torres Caicedo, já em 1856. Caicedo era enfático em suas proposições favoráveis à união das repúblicas *sudamericanas* como forma de resistir aos avanços dos Estados Unidos na América Central, e, sobretudo evitar que as nações da América Espanhola não fossem absorvidas pela “raça saxônica”. Quijada salienta a relevância destes debates no sentido de valorização da agência histórica dos latino-americanos em questão, ao enfatizar a elaboração de conceitos decorrentes de suas próprias experiências e reflexões. Embora reconheça a importância de identificar a participação dos pensadores franceses no processo de construção e difusão do termo, a autora salienta como a mobilização dos pensadores e intelectuais do continente em favor de sua legitimação identitária foi substancial para que o conceito adquirisse notabilidade, e ainda mais, fosse instrumentalizado. QUIJADA, Monica. Sobre el origen y difusión del nombre “America Latina” (o una variación heterodoxa en torno al tema de la construcción social de la verdad). *Revista de Indias*, vol. LVIII, num. 214. 1998.

letrada, que lhes conferiam legitimidade para se colocarem acima de negros, índios e mestiços”. Como a autora afirma neste texto, o processo de construção de identidades é formulado “pelo discurso e constituem o real, integram o jogo conflituoso de imaginários e das representações, e, ao mesmo tempo, tocam os corações e despertam a sensação de pertencimento do indivíduo a uma coletividade”.¹⁷⁷ Por este motivo, a identidade nacional é construída a partir da repetição de “imagens, símbolos e valores”.

Ainda de acordo com Prado, é relevante frisar que embora o esforço das elites latino-americanas tenha caminhado em direção ao apagamento e desqualificação dos pobres, mulheres, índios, negros e mestiços, inclusive, como uma forma de reiterar sua exclusão da esfera pública, tais figuras “emergiam e penetravam nos discursos políticos, nos romances, na pintura, indicando a heterogeneidade da sociedade”.¹⁷⁸ Este fator reforça, especialmente, o caráter híbrido e plural das formações identitárias e justifica as ambiguidades ao especificar fronteiras e significados precisamente delimitados.

Em certa medida, o processo de independência das ex-colônias da América Espanhola deveria garantir não somente a autonomia econômica e política, como promover chaves de interpretação específicas, adequadas à realidade de cada país. Entretanto, nas primeiras décadas do século XX, essa tarefa ainda se encontrava por fazer, sobretudo, pela consciência de que os modelos produzidos para o contexto europeu seriam incapazes de dar conta das complexidades latino-americanas. Tal diagnóstico impulsionou intelectuais e artistas a criarem categorias de análise e interpretação, frequentemente resultantes da combinação de conceitos estrangeiros com a realidade do continente.

Um traço comum ao desenvolvimento dos sentimentos identitários na América Latina foi o indigenismo, movimento que assumiu grande envergadura nos anos 1920, especialmente, nos países de maioria indígena como México, Bolívia, Peru e Chile. Esta linha de pensamento teve profundo impacto na produção estética e intelectual de Gabriela Mistral. Os primeiros suspiros deste “movimento

¹⁷⁷ PRADO, Maria Lígia C. "Uma introdução ao conceito de identidade". In: BARBOSA, Carlos Alberto Sampaio Barbosa; GARCIA, Tânia da Costa. (Org.). *Cadernos de Seminários de Pesquisa Cultural e Políticas nas Américas. Volume I*. 1ed. Assis: FCL-Assis-Unesp Publicações, 2009, v. 1, p. 66.

¹⁷⁸ Idem, p. 74.

indigenista” remetem ao final do século XIX, quando os caminhos possíveis de integração dos indígenas ao Estado Nacional passam a ser questionados. A redefinição do nacional pela ótica indigenista torna-se tarefa árdua diante da necessidade de contemplar todas as contradições conceituais e materiais, diluídas nas narrativas históricas responsáveis por reforçar estereótipos de raças e de classe.

No século XX, a circulação de ideias indigenistas ganhou visibilidade em projetos estéticos e intelectuais, em que novas formas de linguagem são consideradas como meios de integração cultural. Um dos expoentes do movimento indigenista foi José Carlos Mariátegui, escritor de origem peruana e fundador da Revista *Amauta*. Seu papel na formação do pensamento intelectual latino-americano é central por conta de suas análises sobre a conjuntura do Peru a partir da mobilização do instrumental teórico marxistas, adequados à realidade de seu país. Mariátegui assume adquire papel sumário na teorização das propostas socialistas para a América Latina como um todo, cuja renovação política e econômica se fariam através da dialética entre elementos do passado e do futuro.

Na concepção de Mariátegui, o desenvolvimento de projetos políticos, econômicos e sociais no subcontinente deveria conter feições próprias, pertinentes ao contexto de cada país, e não meras transposições de ferramentas interpretativas concebidas para a realidade europeia. Para isso, as bases indigenistas eram essenciais, pois recuperavam a centralidade dos indígenas enquanto agentes fundamentais no reordenamento social e político das ex-colônias. Tanto para as artes quanto para a política, o indígena era figura primordial e de excelência para a garantia de renovação da sociedade peruana. As imagens construídas sobre os povos indígenas no período revelam o esforço para a sua valorização enquanto sujeitos históricos.¹⁷⁹

O pensamento indigenista teve profundo impacto na produção poética e crítica de Gabriela Mistral. Da mesma maneira, o seu papel na concretização e difusão dos preceitos adotados pelo movimento – isto é, da retomada da centralidade das comunidades indígenas nas sociedades hispano-americanas – é igualmente importante, tendo em vista sua participação ativa em instituições nacionais e internacionais. Por conta do compromisso com a transformação social, o indigenismo

¹⁷⁹ MARIÁTEGUI, José Carlos. El problema de las razas en la América Latina. In: QUIJANO, Anibal (org.). *José Carlos Mariátegui: textos basicos*. México: Fondo de Cultura Económica. 1991.

mistraliano não é meramente estético. Esteve presente em grande parte de sua produção crítica, particularmente, em tom de denúncia das condições de vida das comunidades indígenas. Seus ensaios críticos revelam o entendimento de que para garantir o desenvolvimento econômico e social, a América Hispânica deveria observar o seu passado como um caminho para o autoconhecimento. Por meio de tal diagnóstico, seria possível identificar as barreiras e obstáculos a serem superados para a construção de sociedades mais igualitárias.

São diversas as publicações em jornais chilenos e, sobretudo, europeus e estadunidenses, a respeito dos impasses da integração política e econômica das populações indígenas, da condição de pobreza e de abandono a que estavam relegadas. Ao mesmo tempo em que reivindicava a sua herança, reforçava a urgência da inclusão dos indígenas nas disputas políticas e sociais do tempo presente. A opressão sofrida pelas comunidades indígenas teve início com a chegada de Colombo no continente. A premissa de que deveriam ser catequizados e domesticados escancarava a brutalidade com a qual os seus modos de vida eram interpretados aos olhos do colonizador: a conquista e colonização seriam favores civilizatórios prestados às comunidades pré-colombianas, vivendo em estado de barbárie até a sua chegada.

Os nefastos desdobramentos de tais narrativas contra os modos de viver indígenas eram observados, inclusive, pela negação dos *mestizos* em reconhecerem a herança não-branca. As interações entre brancos e indígenas teriam originado sociedades *mestizas*, traço fundamental da composição étnico-racial da América Latina.¹⁸⁰ Por este motivo, Mistral enxergava na falta de aceitação das origens indígenas uma forma de traição dos mestiços em relação à sua verdadeira composição étnico-racial, pois omitiam a importância do índio tanto em *su raza y sangre*, como em costumes e tradições. Ainda, tal comportamento reforçava a pretensão de superioridade dos brancos sobre as populações autóctones.

A recuperação do indígena enquanto elemento central da autoctonia hispano-americana compõe a envergadura central do pensamento mistraliano. O esforço para demonstrar os modos como as culturas indígenas poderiam contribuir para o

¹⁸⁰ MISTRAL, Gabriela. *Elogio de las cosas de la tierra*. Ed: Roque Esteban Scarpa. Santiago: Chile, 1980.

desenvolvimento material e intelectual da América Latina esteve presente na produção crítica, mas também, em sua escrita epistolar. Era fundamental afirmar para seus interlocutores a possibilidade de cooperação entre a sociedade e as populações indígenas, cuja sensibilidade espiritual era manifestada na dança, na música e no artesanato. As cartas eram ferramentas apropriadas para negociar e persuadir intelectuais à causa de sua *americanidad*. Nos textos redigidos à mão, a poetisa chilena denunciava a exclusão social e econômica dos indígenas pelos países em que passava. Sobretudo, justificava a necessidade de todos os latino-americanos, especialmente, escritores, artistas e políticos, de estarem efetivamente comprometidos com esta causa.

Ao mesmo tempo em que usava a escrita epistolar como denúncia, fazia de sua poesia um espaço para o engrandecimento de temáticas associadas aos indígenas e à tradição das comunidades pré-colombianas. Em um breve comentário a respeito da presença do indigenismo na composição poética de Mistral, cito a análise do crítico literário Jaime Blume sobre a obra *Tala*. Para Blume, o livro representa uma exaltação do indigenismo essencialmente americano e dos elementos constitutivos do mundo, a água, a terra, o ar e o fogo.¹⁸¹ De acordo com o autor, essa temática corresponde à dimensão mítica inerente a cultura americana: crenças, mitos e costumes ancestrais, responsáveis por compor as “veias profundas” da autoctonia americana.¹⁸²

“En este espacio dilatado que es América, los estrechos límites del individualismo reinante se abren a una concepción comunitaria de la sociedad, en la que conviven distintas razas y en la que los dogmas cristianos dialogan fraternal mente con los mitos animistas incas, mayas y aztecas. Al conjuro de esta utopía, América aparece como la gran madre unificadora, capaz de acoger las fuerzas más dispares y orientarlas hacia un mismo destino. Al igual que en el caso anterior, el lenguaje mistraliano es el vehículo más adecuado para tal empresa. Escenario y habitante, exterminio y renovación, diversidad y unidad resultan ser los ejes temáticos centrales de *Tala*. “¹⁸³

¹⁸¹ BLUME, Jaime. Gabriela Mistral: temas y lenguajes constitutivos de identidad. *Revista Estudios, AISTHESIS* N° 34, 2001, p. 101.

¹⁸² Idem, p. 107.

¹⁸³ Idem, p. 109.

A América Latina se apresenta enquanto o lugar possível de concretização da sociedade igualitária almejada por Mistral. As características de suas origens, somadas às circunstâncias da colonização, fariam do continente o espaço propício para a convivência harmoniosa entre “extermínio e renovação, diversidade e unidade”. Isto é, a terra capaz de transformar a destruição em renascimento. Talvez por este motivo, um traço fundamental em sua produção poética seja a corrente aproximação entre a ideia de América, terra e a maternidade, elementos pelos quais se manifestava o “feminino primordial”. A terra, mãe de todos os homens e da natureza, era a responsável pela concepção da vida e fazia da América o berço por excelência de sua criação.¹⁸⁴

Um dos meios de demonstrar e reforçar a importância fundamental das populações indígenas era afirmar a sua associação com a terra. Para essas comunidades, o cultivo seria uma das principais formas de conhecimento, essenciais ao ser humano. A reaproximação de homens e mulheres a terra seria um meio de frear os crescentes avanços da urbanização das cidades no século XX. Por conta deste deslocamento, do campo para a cidade, o vínculo sagrado entre os humanos e a terra havia se perdido à medida em que os centros urbanos passaram a concentrar grandes contingentes populacionais ao redor do mundo. A suposta supremacia da cidade e da indústria em contraposição ao agrário e ao campo seria uma das principais causas da barbárie humana. As transformações ocasionadas pelo êxodo do campo para a cidade haviam agravado as mazelas inerentes à existência humana. Longe da terra, homens e mulheres estariam desassociados de si mesmos.

Um segundo motivo pelo qual os homens estariam ainda mais distantes da terra, além da crescente urbanização, seria pela presença imperativa dos grandes latifúndios, tanto no Chile quanto nos demais países da América Latina. Era desejável que, para remediar a situação, ocorresse uma reforma agrária, sem necessidade, entretanto, de “derramamento de sangue”. Mistral identificava na possibilidade de reordenamento das propriedades fundiárias o retorno à terra, guiado pelos povos indígenas, como o meio de remediar a “perturbação” dos habitantes das cidades industriais. Para a autora, a cidade não seria o ambiente de realização dos seres humanos. Ao contrário: o cultivo da terra seria o determinante para garantia de a sua

¹⁸⁴ FIOL-MATTA, Licia. "Mulher-raça": a reprodução da nação em Gabriela Mistral. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, v.13, n.2, p.227-264, Aug. 2005.

felicidade e, principalmente, para assegurar a sua plenitude espiritual. A conquista da condição de igualdade em termos políticos e econômicos pelas populações indígenas e mestiças estariam, então, atreladas à reforma agrária, tanto para o desenvolvimento de suas próprias comunidades, quanto pela sociedade de forma geral.

Observamos, assim, dois elementos centrais no pensamento político de Gabriela Mistral: a questão da terra, como mencionamos acima, e da mestiçagem entre brancos e indígenas. Esta segunda questão refere-se ao entendimento de que o “verdadeiro” latino-americano seriam os indígenas e os *mestizos*, por isso, havia a necessidade de recuperar o seu protagonismo enquanto sujeitos atuantes na sociedade.

“Pero Ud. Me há hecho a mí muchos bienes: yo necesitaba *saber, saber*, que el blanco *puede ser americano genuíno*. No puede Ud. entender cabalmente lo que esto significa para mí. Luego yo precisaba saber también que la literatura no destruya o carea (de cariar) a la mujer; que no la dana en su esencia; que no le arrebatara certoc tuétano sacro, trocándoselo por las baratijas de las frases más o menos hermosas.”¹⁸⁵

Em correspondência destinada à Ocampo, Mistral descreve a percepção de que o genuíno latino-americano seria “el labrador quéchua, mapuche, mestizo, americano, hombres o mujeres que trabajan em el campo y rescatan sus frutos para el bien de toda la humanidad”.¹⁸⁶ Nesta mesma correspondência, afirma como uma das dificuldades de aproximação entre elas eram justificadas por conta de sua resistência em reconhecer que “el blanco completo puede ser americano genuíno”. Afinal, em seu entendimento, o autêntico americano seria o indígena propriamente dito ou seus descendentes miscigenados.

Além das características raciais, haveria, ainda, um componente de classe. Os homens e mulheres das camadas populares, do “povo”, de origem indígena, representariam essa originalidade, por conta do diagnóstico de que nas camadas abastadas ocorria certa homogeneização de gostos, costumes, hábitos compartilhados

¹⁸⁵ MISTRAL, Gabriela [Carta de 19 de Maio de 1940, Niterói, Brasil] a OCAMPO, Victoria. *In Esta Nuestra América: correspondência, 1926 – 1956*. Buenos Aires: El Cuenco de Plata, 2013.

¹⁸⁶ FIGUEROA, Lorena. *Tierra, indio, mujer: Pensamiento social de Gabriela Mistral*. Santiago: LOM Ediciones, Universidad ARCIS, 2000.

por elites cosmopolitas. Essas características simbolizariam o processo de desenraizamento em relação ao “verdadeiro”, ao “autóctone”.

“No tengo ni la envidia ni el ódio de la riqueza que assiste a los comunistoides, pero mejor andaría yo con una Votoya pobre. Mejor y más: le regalaría los muchos que le quedan a Ud. Ud. Pensará en esa perspectiva con horror del mareo que le dejaría mi locuacidad. *Pas peur*. Creo que deben estar mucho tempo juntos los que deben reencarnar cerca en alguna estrella: para prenda de esa seguridade, para forzar um poco el hecho, para que no falle.”¹⁸⁷

Mistral sempre reivindicou sua herança indígena, fosse por conta do próprio “sangue”, como pela ideia de que a sociedade chilena era essencialmente herdeira dos araucanos, mapuches e quéchuas. Foi tal legado que imprimiu a ela o interesse pela espiritualidade e por tendências místicas. Outros dons como paciência e a reflexão também foram adquiridos nesta “mescla” racial, de acordo com sua percepção. Sua forte associação com as tradições rurais e indígenas, com a natureza de uma maneira mais geral, também são tributárias de seus antepassados indígenas, como “el abuelo Godoy”.¹⁸⁸ Ao descrever qual era o seu entendimento sobre o que significava para ela ser latino-americano – origem indígena ou *mestiza*, de camadas populares do campo – Mistral constantemente reafirmava, mesmo que indiretamente, sua própria identidade “verdadeiramente americana”.

Pudemos averiguar como a construção do pensamento indigenista mistraliano é indissociável de suas reflexões sobre a terra e a questão agrária de uma forma mais abrangente. Embora houvesse textos em que analisasse de maneira mais detida os problemas e soluções pertinentes a estas pautas, as suas reflexões eram sempre acompanhadas pela reiteração constante de que os protagonistas desta transformação seriam os indígenas. Esses três eixos temáticos são – os indígenas, a terra e América enquanto berço de criação e renovação – são estruturantes no pensamento político e estético da autora e, portanto, são indissociáveis. O compromisso com a análise destes temas repercutiu em nível nacional e internacional e a consagraram enquanto uma pensadora das questões sociais e políticas de sua América. A ressonância destas

¹⁸⁷ MISTRAL, Gabriela [Carta de 19 de Maio de 1940, Niterói, Brasil] para OCAMPO, Victoria. In *Esta Nuestra América: correspondência, 1926 – 1956*. El cuenco de Plata: Buenos Aires, 2013.

¹⁸⁸ MISTRAL, Gabriela [Carta de 19 de Maio de 1940, Niterói, Brasil] para OCAMPO, Victoria. In *Esta Nuestra América: correspondência, 1926 – 1956*. El cuenco de Plata: Buenos Aires, 2013.

temáticas foi sentida no diálogo epistolar com intelectuais e artistas e sua época, pois parte de sua militância era garantir a sua adesão aos propósitos indigenistas.

Uma destas figuras foi o intelectual e político mexicano José Vasconcelos. A troca de correspondências entre eles ocasionou no convite para que ela atuasse nos projetos educacionais que ele desenvolvia no México.¹⁸⁹ Este momento foi bastante significativo na carreira da escritora chilena, pois demonstrou seu compromisso e participação ativa no desenvolvimento cultural da América Latina, bem como a sua capacidade de construir pontes com o intuito de intervir na realidade social. Indica, sobretudo, sua capacidade de construir alianças com intelectuais e pensadores latino-americanos, igualmente preocupados com o progresso do subcontinente.

No contexto posterior à Revolução Mexicana de 1910 e, inclusive, graças à Constituição de 1917, foi possível observar o desenrolar de projetos e demandas voltados aos camponeses, operários e indígenas no país.¹⁹⁰ Neste contexto, os intelectuais se colocam como importantes figuras para a materialização de projetos educacionais, como o próprio Vasconcelos. Quando se tornou Secretário da Educação Pública em 1921, ele já era bem posicionado, pois havia sido nomeado reitor da Universidade Nacional do México pelo presidente Álvaro Obregón no ano anterior. A educação passou a ser entendida como um instrumento a ser operado em favor da legitimação do Estado pós-revolucionário, assim como na conformação de uma identidade nacional mexicana. E mais: a educação deveria ser o meio de integração à população rural e indígena.

Os ensaios publicados neste período são um rico material para investigar as concepções de Mistral sobre o papel político da educação na América Latina. Em *Lo mejor de Chile está ahora en México: ideas, políticas y labor pedagógica de Gabriela Mistral en México (1922 – 1924)*, o pesquisador Fabio Moraga Valle se debruça sobre as interações entre o projeto pedagógico da escritora e sua relação com o contexto político e social do país naquele momento. De acordo com Valle, as

¹⁸⁹ Enquanto esteve no México, a escritora além de participar das missões culturais e educacionais promovidas por Vasconcelos publicou em diversos periódicos, dentro e fora do país. Também participou de projetos de alfabetização infantil e bibliotecas ambulantes. Além disso, compilou e redigiu duas obras: *Lectura para mujeres* e *Lectura para maestros*, ambos dedicados à formação e instrução da população.

¹⁹⁰ Um dos desdobramentos da Constituição Mexicana de 1917 foi a garantia de instrumentos direcionados a regulamentação do trabalhador, como a organização dos sindicatos. Neste contexto, o papel do Estado era o de mediador, responsável por exercer mediação entre os empresários e trabalhadores, bem como na resolução de conflitos sociais.

aspirações pedagógicas de José Vasconcelos incluíam a centralidade da educação como caminho para se criar um projeto de nação. Esse objetivo seria alcançado graças à alfabetização e instrução das camadas populares, fundamentalmente rurais.¹⁹¹ Como forma de legitimar suas aspirações, Vasconcelos convidou artistas e intelectuais para auxiliá-lo, entre eles, a própria Mistral, cuja experiência em escolas rurais poderia contribuir aos seus propósitos.¹⁹² Moraga Valle enfatiza a experiência da *maestra* nas escolas chilenas como substancial para a consolidação de suas concepções e práticas pedagógicas. Inclusive pela ausência de titulações formais em sua trajetória, a elaboração de seu pensamento pedagógico é entendida como consequência de sua prática docente.

A partir deste pano de fundo surge a figura, incorporada por Mistral, do “maestro missioneiro”, do professor que se dirige ao campo com o compromisso de integrar a população excluída por meio da alfabetização. O projeto de educação moderna entendido por Vasconcelos era, nas palavras da historiadora Regina Crespo, “o principal resultado de tal movimento cultural tenha sido a já mencionada construção de um nacionalismo autoafirmativo”, cujos desdobramentos garantiriam, sobretudo, a autonomia e soberania das instituições educativas.¹⁹³

Em 1923, Mistral publicou na *Revista de Educación Primária* do México um artigo sobre sua experiência em uma escola-granja na zona rural do país. Quando chegou ao local, foi tomada por um pensamento mesquinho (segundo ela própria): “Para qué traerán a ver un colegio tan pobre una extranjera?” Pela convivência com os alunos e professores, a educadora descobriu o motivo. A senhora Elena Torres, chefe da Sección de Desayunos Escolares do governo, havia implementado um projeto de Escola-Granja a partir da solicitação de usufruto de um terreno baldio ao lado da escola. Naquele espaço, os alunos começaram a cultivar hortaliças de maneira independente. De acordo com Mistral, os professores estavam ali apenas para auxiliar

¹⁹¹ MORAGA VALLE, Fabio. Lo mejor de Chile está ahora en México, ideas políticas y labor pedagógica de Gabriela Mistral en México (1922-1924). *Historia Mexicana*, [S.l.], p. 1181-1247, ene. 2014. ISSN 2448-6531

¹⁹² CRESPO, Regina. *Itinerários intelectuales. Vasconcelos, Lobato y sus proyectos para lá nación*. México, CCyDEL, UNAM, 2004.

¹⁹³ CRESPO, Regina. O projeto educativo de José Vasconcelos no México pósrevolucionário: nacionalismo e modernidade. *Intellèctus*, ano XV, n. 2, 2016, p. 122-144

o desenvolvimento dos “pequeños agricultores”, especialmente, para encorajá-los a descobrir suas vocações próprias.¹⁹⁴

A experiência de Gabriela Mistral no México exerceu, ainda, importante influência em sua defesa do americanismo.¹⁹⁵ No período em que viveu no país, publicou diversos ensaios em defesa da reforma agrária na América Latina, sobre a urgência de integração dos povos indígenas ao Estado Nacional e do papel central do campo para o desenvolvimento espiritual e econômico do país. Sobretudo, advogou em favor da necessidade de se construírem novas formas de educação popular. Como já analisado no capítulo anterior, o papel da educação feminina neste contexto era igualmente relevante. Isso porque a mulher seria a responsável para a transmissão dos valores autóctones, e, principalmente do amor a terra: “tu vientre sustenta a la raza; las muchedumbres ciudadanas nacen de tu seno calladamente con el eterno fluir de los manantiales de tu tierra.”¹⁹⁶

As arenas conformadas em torno das disputas sobre os significados das identidades latino-americanas escancararam tensões em relação ao passado da conquista e colonização. Além da questão da terra e da mestiçagem, uma temática bastante presente nas correspondências, e associada à questão das identidades latino-americanas, é a forma como a herança espanhola é interpretada. Gabriela Mistral não cultivava simpatia pela colonização. Pelo contrário. A ordem colonial, imposta durante três séculos de dominação ibérica na América do Sul, teria assolado o continente com guerras e destruição. A tirania da Coroa Espanhola havia restringido a liberdade das populações que aqui viviam.

Além das críticas à colonização, muitas das ressalvas de Mistral em relação à Espanha são justificadas pela forma como a conquista da América foi mobilizada como símbolo de superioridade e orgulho para o país, especialmente na década de 1930. De acordo com a autora: “los españoles están haciendo su guerra civil lo mismo que conquista de América, y lo peor es que ya comienzan a estar orullosos de la

¹⁹⁴ MISTRAL, Gabriela. *La Enseñanza en Mexico. Vivir y escribir: prosas autobiográficas*. ORGS. BLACHET, Pedro Pablo Zegers. Ediciones Univesidad Diego Portales, Santiago, 2013.

¹⁹⁵ Ainda, existem certos indícios de que os diálogos com José Vasconcelos tenham colaborado para a defesa da mestiçagem na América Latina. A tese de doutoramento da pesquisadora chilena Carla Ulloa Inostroza, em andamento na Universidade Nacional Autónoma de México, desdobra-se sobre a relação entre Vasconcelos e Gabriela Mistral durante os anos em que viveu no México.

¹⁹⁶ MISTRAL, Gabriela. *La Enseñanza en Mexico. Vivir y escribir: prosas autobiográficas*. (org). BLACHET, Pedro Pablo Zegers. Ediciones Univesidad Diego Portales, Santiago, 2013.

“epopeya”[...], lo mismo que viven orgullosos de la outra “hazaña” americana.”¹⁹⁷ A escritora referia-se às tensões crescentes entre republicanos e os nacionalistas, cuja eclosão culminaria na Guerra Civil (1936 – 1939). A conquista da América era apropriada simbolicamente pelos *hispanistas* como argumento de sua civilidade. Afinal, haviam “agraciado” os países hispano-americanos com a colonização, sendo os responsáveis pelo desenvolvimento espiritual dos povos que aqui viviam, graças à catequização e ao progresso material. Para a chilena, o argumento era absurdo, uma vez que a colonização havia destruído ou, ao menos, tentado destruir, a riqueza das comunidades autóctones.

Três meses antes do golpe de Estado orquestrado pelos nacionalistas espanhóis ao então presidente Manuel Azaña, em abril de 1936, Mistral vivia em Madri e teve de se transferir, às pressas, para Lisboa. O motivo da mudança tão repentina foi o vazamento de uma correspondência sua, encaminhada então aos compatriotas Armando Donoso e sua esposa, María Monvel. A carta fora publicada sem a sua permissão na revista chilena *La Familia*, um periódico proposto a mulheres de elite.¹⁹⁸ Uma das seções da revista era *Vida y confesiones de Gabriela Mistral*, coluna destinada aos comentários de Miguel Munizaga Iribarren sobre a vida e obra da escritora, como suas produções recentes, viagens e amizades. Iribarren publicou, em outubro de 1935, sem o seu consentimento, a carta em que discorria a respeito de sua estadia diplomática na Espanha. Quando os comentários de caráter negativo em relação ao país chegaram aos ouvidos dos embaixadores espanhóis, a escritora teve de se mudar para Portugal. As dificuldades da mudança de país foram agravadas por uma enfermidade intestinal, responsável por deixá-la ainda mais enfraquecida. De pronto, fora transferida para Lisboa, onde sentia-se mais acolhida pelo clima ameno, embora não fosse fluente na língua portuguesa.

Por conta dos desdobramentos da Guerra Civil Espanhola, especialmente aqueles que afetaram diretamente a sua vida, a escritora se tornou, em suas próprias palavras “una antiespañola furiosa”.¹⁹⁹ O assassinato de Ramiro de Maeztu, irmão de María, a abalou profundamente. Além do sentimento de perda, Gabriela Mistral

¹⁹⁷ MISTRAL, Gabriela [Carta, 31 de agosto de 1937, Rio de Janeiro, Brasil] a Victoria Ocampo. In *Esta América Nuestra: correspondência, 1926 – 1956*. Buenos Aires: El Cuenco de Plata, 2013.

¹⁹⁸ A iniciativa de fundar uma revista para mulheres vem do editorial Zig-Zag. O periódico surge em 1910 e funciona até 1940, tendo um breve intervalo de publicação entre 1928 e 1935

¹⁹⁹ MISTRAL, Gabriela [Carta, 31 de agosto de 1937, Rio de Janeiro, Brasil] a Victoria Ocampo. In *Esta América Nuestra: correspondência, 1926 – 1956*. Buenos Aires: El cuenco de Plata 2013.

também se sentia culpada por não ter escrito a ele após ter ouvido certos rumores sobre possíveis fuzilamentos de escritores e artistas: “mi instinto hace días, cuando quise escribir a Ramiro diciéndole que se viniese aquí a la casa, si estaba em peligro”. Esse foi um dos motivos pelos quais a escritora afirma:

“Me interesa esa gente en cuanto dueños de ciertas esencias espirituales que yo no hallo en outra parte de Europa, filones de mis místicos, de este grupo de cinco o siete hombres y mujeres que mí han labrado el alma. Miro el vasco como mío en cuanto a sangre; al catalán como mío por relación de convivência. El resto lo veo con desinterés absoluto de índole personal y *racial*.”²⁰⁰

O crítico e ensaísta foi embaixador da Espanha na América Latina e manteve estreita amizade com Gabriela Mistral. Ramiro de Maeztu esteve associado à defesa do ideal de *hispanidad*, apresentado em sua obra *Defesa de la Hispanidad*. Maeztu afirmava a importância do idioma espanhol e do catolicismo como o vértice de união entre a Espanha e suas colônias. Tais argumentos foram arregimentados pela direita fascista, antirrepublicana e pelo franquismo.²⁰¹ Embora Mistral tivesse mais afinidades políticas e ideológicas com a irmã de Ramiro, María, oferecer apoio e asilo aos refugiados da Guerra Civil Espanhola demonstrava a sua forte inclinação para causas humanitárias.

Ainda que reconhecesse e reivindicasse a herança basca de seu sangue, as aproximações com a Europa eram bastante concisas e pontuais. Graças a “algumas essências espirituais e místicas”, encontros eventuais com espanhóis eram possíveis, inclusive, “talvez”, com certos homens e mulheres de outras localidades europeias. Entretanto, a única comunhão – espiritual e material – possível seria entre os seus, *mestizos* latino-americanos.

Além das implicações práticas da Guerra Civil, o temor de Mistral era de que o fascismo atravessasse o oceano e caísse “verticalmente sobre a América”. Por este motivo, era necessário:

“Comenzar desde ahora mismo algún trabajo para atajar la peste blanca inventada por los blancos, que están volviendo su famosa Europa una vergüenza y

²⁰⁰ MISTRAL, Gabriela [Carta, 31 de agosto de 1937, Rio de Janeiro, Brasil] a OCAMPO, Victoria. In *Esta America Nuestra: correspondência, 1926 – 1956*. Buenos Aires: El cuenco de Plata 2013.

²⁰¹ SANTOS, Montserrat Huguet. El pensamiento regeneracionista de Ramiro de Maeztu. B. I. L. E. Núm. 4 - Marzo 1988

una llaga, la lepra blanca que esta vez no viene del Oriente, que es bien causásica, bien harto latina y germana, para mayor abundamiento. El peligro para nosotros, mi Vict, es de veras mortal.”²⁰²

“A lepra branca” foi o termo utilizado por Mistral para referir-se ao fascismo. Neste trecho, fica evidente o distanciamento evocado entre latino-americanos e europeus, especialmente pela via “racial”. Embora utilizasse o termo “raza” de diversas maneiras – fosse como sinônimo de raça branca, indígena ou negra, por exemplo – ou como conceito representativo de um conjunto de indivíduos que compartilhasse determinada herança cultural, neste caso, o termo reforça o distanciamento ao estabelecer o europeu como o *outro*, o *branco*. A “vergonha” do fascismo era unicamente europeia, pois, ainda que o fenômeno tivesse ressonância na América Latina, havia surgido e se desenvolvido no Velho Mundo. Ao contrário de muitas mazelas associadas às Américas, à África e à Ásia, sempre como culturalmente inferiores à Europa, o “demérito” do fascismo era exclusivamente “caucasiano”.²⁰³

Pensar e repensar a América Latina tornavam-se tarefas cada vez mais árduas à medida em que a Europa deixava de ser um referencial civilizatório para muitos intelectuais e artistas. As atrocidades que assolaram o continente durante a Segunda Guerra Mundial solaparam os últimos resquícios de admiração que Mistral ainda nutria pelo Velho Mundo:

“Hoy dice la prensa que el Gobierno francés há dicho a los emigrados o refugiados que se vayan lo más pronto posible. Me imagino la manera: en Niza vi cosas que avergüenzan al ser humano. Muy bien que busquen y castiguen traidores, pelo los suyos deben ir adelante: son los más y los menos imperdonables”.²⁰⁴

Mistral referia-se ao exílio ou deportação de cidadãos espanhóis que, fugindo para a fronteira com a França, eram expatriados ou assassinados.

“Has leído tú esos versos cursis de un clásico nuestro que empieza con aquello de “Virgen del Mundo, América Inocente?” Sí, inocentes, en el sentido popular, no teológico, eso somos, pero sólo en parte; la otra longa esta formada de quinta columna, en cada

²⁰² Idem.

²⁰³ A temática será aprofundada no terceiro capítulo desta dissertação, em que nos desdobraremos sobre o envolvimento de Mistral e Ocampo em questões de caráter político.

²⁰⁴ MISTRAL, Gabriela [Carta de 19 de Maio de 1940, Niterói, Brasil] a OCAMPO, Victoria. In *Esta America Nuestra: correspondência, 1926 – 1956*. Buenos Aires: El Cuenco de Plata, 2013.

uno de nuestros pueblos, y hay otra que no alcanza a ser lonja, de gente lúcida que ve y tiene calofrío, no de susto, de *horror*. Unas centenas de bobos ayancados han convencido a nuestra gente de que aquello no passa acá, que el mar es muy grande. Llega, claro, llega. Vamos a ver ahora si los afuerinos de nustras tierras pelean por nosotros y con nosotros, si no dan el salto a la quinta columna, que es su sitio natural.”²⁰⁵

O temor de que a “lepra branca” atravessasse o mar e chegasse à América Latina era real: os simpatizantes do fascismo italiano, de acordo com Ocampo e Mistral, operavam como uma “quinta coluna” no Brasil, Argentina e Chile. Diante da possibilidade de que esses grupos obtivessem notabilidade no debate público, uma intervenção por parte das autoras e dos intelectuais de uma forma geral, tornava-se extremamente necessária.

Se tais acontecimentos apontam para o fracasso civilizatório europeu, a América se torna uma promessa de resistência. Ao mesmo tempo, Mistral refere-se ao poema de Manuel José Quintana, em que a “América, Virgen del Mundo”, precisa claramente adotar um posicionamento firme em relação ao alcance possível do fascismo: não se pode manter a inocência e acreditar que tal perigo não se instauraria no subcontinente. A associação simbólica, ainda, estabelecida pela escritora entre a América virginal “recebendo” as mazelas produzidas na Europa parece dialogar com certas imagens produzidas a respeito da conquista e colonização do continente.

Reforçar o fenômeno fascista como caracteristicamente europeu estava em acordo com o empenho da escritora chilena em demonstrar as qualidades espirituais da América Latina. Sobretudo, de matizar as concepções idealizadas sobre a Europa, ainda presentes no imaginário de muitos escritores. Ao definir o fascismo enquanto produto essencialmente “dos brancos”, Mistral estipulava sua identidade latino-americana mestiça ao mesmo tempo em que determinava a essência substancialmente distinta do *outro*. Parece oportuno ressaltar, neste sentido, como a formação identitária não ocorre sem a existência de seu antônimo, a alteridade. O conceito foi utilizado pela historiografia recente no sentido de pontuar como a existência de um “eu” só ocorre com o reconhecimento de características diferenciadoras presentes no “outro”. Como salientam Torrão Filho e Scatena Franco, “a alteridade está, portanto,

²⁰⁵ Idem, p. 116

numa zona de fronteira móvel e incerta; ela se institui, em geral pela comparação, enquanto processo de definição do Outro, mas também do próprio Eu, ainda que pelo simplificador recurso da inversão”.²⁰⁶ Não é possível considerar, assim, a confirmação de identidades políticas e culturais sem o binômio identidade-alteridade: ao mesmo tempo em que me afirmo, reconheço a diferença do outro.

A interpretação de Mistral a respeito da formação da América Latina pautava-se em dois elementos cruciais: por um lado, a violência e opressão direcionadas aos povos indígenas; por outro, o início da miscigenação e mestiçagem, traço primordial para a definição da essência puramente latino-americana.²⁰⁷ Ainda que sejam componentes substanciais da formação étnica dos países do subcontinente, os camponeses e indígenas continuaram subordinados a violências extremamente duras mesmo após a Independência, nas Repúblicas que surgiram a partir de então.²⁰⁸ No pensamento político de poeta, identificamos três temáticas substanciais: a forte preocupação com o indigenismo; as críticas à violência da conquista espanhola na América e a formação de identidades latino-americanas como complementares às identidades de cada país.

Sobre este terceiro tema, vale mencionarmos a grande importância que Mistral conferiu à identidade nacional como fator determinante da personalidade dos sujeitos. Manifestou seu desagrado em relação aos norte-americanos, “no saben nada, son unos pobrecitos, unos bobones, como disse Connie”.²⁰⁹ A respeito dos franceses, a escritora tampouco cultivava grande simpatia e, portanto, acha o apreço de Ocampo por sua cultura injustificado. Tendo como base a noção de que existe um par formado entre identidade e alteridade, reconhecer as particularidades características dos estado-unidenses, a escritora chilena também falava de si mesma e de seu povo. Quando utiliza a expressão “pobrecitos” não está tratando de condições materiais, mas sim, de uma densidade espiritual e cultural, as quais inevitavelmente seriam marca fundamental da América Latina.

²⁰⁶ TORRÃO FILHO, A. & SCATENA Franco, S. M. Apresentação. Dossiê Alteridade: Territórios da diferença. *Projeto História*, São Paulo, n. 57, pp. 3-10, Set.-Dez. 2016.

²⁰⁷ SCHRODER, Daniela. Between indigenism and mestizaje: interpretations about the colonial in the prose of Gabriela Mistral. *Universum*: Vol 31, nº 2, 2016.

²⁰⁸ Idem, p. 239.

²⁰⁹ MISTRAL, Gabriela [Carta, s/d, s/f] OCAMPO, Victoria. In *Esta America Nuestra: correspondência, 1926 – 1956*. Buenos Aires: El Cuenco de Plata, 2013.

O tema das identidades ocupou lugar central na historiografia que buscou entender as associações do fenômeno aos nacionalismos europeus, inclusive, tendo em vista as tensões entre identidades nacionais e regionais. Dentre estes trabalhos, destacamos as colaborações de Benedict Anderson em *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo*. Ao analisar os casos das repúblicas latino-americanas, o autor afirma que a língua impressa – um elemento de suposta diferenciação nas nações europeias – não se constituía enquanto um fator de distinção nacional, tampouco o passado de colonização espanhola. Quais seriam, então, as características responsáveis por desenhar as especificidades de cada país?

Para Anderson, o nacionalismo latino-americano, em seus primórdios, alternou entre o grande alcance espacial proporcionado pela língua em comum e a resistência frente à metrópole, e por outro, o localismo particularista, reforçado pela existência de unidades administrativas herdadas da colônia e pela influência das populações originárias de cada região.²¹⁰ Essa duplicidade do nacionalismo hispano-americano foi responsável por imprimir certas particularidades observadas em diversos momentos dos séculos XIX e XX: enquanto haviam esforços destinados à consolidação de uma unidade latino-americana, baseada na fraternidade e solidariedade entre os países do continente, igualmente eram importantes os ensejos de identificar as particularidades de cada nação.

Tarefa árdua, porém, necessária, era a união entre os países da América do Sul garantiria o desenvolvimento para o continente. De acordo com Mistral:

“En la América del Sur, el trabajo de unificar cuerpos y almas contrastadas, dándoles el mismo estilo de vida y reconciliando las sangres con la lana y el algodón en los telares, consituyen faenas mucho más demoradas que la cabalgata bolivariana por los Andes y más complejas que una exporación de la red líquida del Amazonas”²¹¹

A unificação de “nuestras pátrias” aconteceria no interior das nações, por meio de uma educação que transmitisse consciência nacional e sentimento de bem-estar, e que, por consequência, de unir os povos do continente. Com liberdade e beleza, a ambição mistraliana era de trazer à realidade os “delírios bolivarianos”²¹²

²¹⁰ ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

²¹¹ Idem, p. 156.

²¹² Idem, p. 157.

afinal, “neste continente, el vecino és un semejante”. Com a aproximação entre os países, semelhantes entre si, a garantia de governos democráticos e justiça social entre os povos de continente estariam próximas da concretização.²¹³ Além dos propósitos bolivarianos, Mistral retoma a ideia de *Nuestra América*, evocada pelo líder e intelectual cubano José Martí no ensaio de mesmo nome, publicado em 1891 e no qual o autor reforçava a necessidade de união entre os países da América do Sul e Central, inclusive, como forma de resistência aos interesses imperialistas da América do Norte. Inspirada em tais reflexões, a poetisa chilena defende que a comunhão desses países em forma de confederações foi considerada como uma das únicas vias possíveis para garantir o desenvolvimento material e espiritual.

Embora considerasse a necessidade da união entre os países de herança hispânica, construir identidades no âmbito nacional também era uma tarefa de primeira ordem, pois era preciso reconhecer as especificidades de cada região para que fosse possível o progresso de suas maiores potencialidades. No texto *Menos Condór y Más Huemul*, publicado no jornal *El Mercurio* em 1925, a autora reflete sobre os dois símbolos de constituição nacional chilena. “Mucho se há insistido, lo mismo en las escuelas que en los discursos gritones, en el sentido del condor y se há dicho poco de su compañero heráldico, el pobre huemul”.²¹⁴ A autora propõe a reinterpretação destas figuras, considerando a necessidade de valorizar as qualidades do Huemul: sensibilidade, vigilância, inteligência e graça.²¹⁵ A imagem do condor era utilizada como o símbolo de uma “raza fuerte”, o que parecia um esforço um pouco exagerado. Mistral manifesta sua profunda preocupação com o campo empobrecido, o sofrimento das populações indígenas no Chile. Sobretudo, manifesta pública e enfaticamente sua adesão à identidade indígena.²¹⁶

Mistral enfatizava seus conhecimentos a respeito das identidades nacionais, afinal, havia transitado por muitos países, especialmente os europeus, ao longo de

²¹³ MISTRAL, Gabriela. La faena de nuestra América. In ORG: QUEZADA, Jaime. *Tierra Firme*. Fondo de Cultura Económica. Santiago, 1994, p. 170

²¹⁴ MISTRAL, Gabriela. Menos condor y más huemul. In: *Por la humanidad futura: antología política de Gabriela Mistral*. ORG. POZO, Diego. La pollera ediciones: Santiago, 2015. P. 51

²¹⁵ Uma das possibilidades identificadas pela autora para que o *huemul* não tenha sido considerado um símbolo tão eficiente como o condor por suas associações com o feminino: pequenez, sensibilidade. MISTRAL, Gabriela. Menos condor y más huemul. In: *Por la humanidad futura: antología política de Gabriela Mistral*. ORG. POZO, Diego. La pollera ediciones: Santiago, 2015, p. 52

²¹⁶ O huemul é uma espécie de cervo que habita a cordilheira dos Andes.

sua vida adulta. Tal fato é curioso, especialmente se considerarmos como demonstrava enfaticamente seu apreço pela América Latina. Os motivos para tais caminhos são incertos e podem ser tanto frutos de oportunidades ocasionadas pelo trabalho diplomático, quanto pela enunciada dificuldade em encarar as mazelas e pobreza de seu país de origem. Certamente, sua carreira como consulesa foi um dos motivos que levaram Mistral a percorrer o mundo.²¹⁷ Entretanto, retornar à “sua América” sempre lhe provocou profunda tristeza, especialmente por conta da constatação de seu povo vivia em estado de completo abandono. Quando esteve em Santiago em 1938, escreveu:

“Yo no sé decirle rápido y bien, Victoria, la tierra de agripe, de copete de volcán, que ando pisando em Stgo., há hecho cuanto es dable, de los dos lados, por embarcarme en política. Yo no deseo sino irme, porque es muy difícil vivir caminando sobre un cabelo. La miséria de Pueblo me há dado ganas de gritar. No me la he callado, Vict. La desnudez de los niños, el abandono de índios e “prietos” en el Sur me han revuelto las entrañas.”²¹⁸

Este excerto talvez enfatize um dos motivos pelos quais Mistral tenha retornado com pouca frequência à América Latina e ao seu país de natal após tê-lo deixado pela primeira vez. O sentimento de angústia e sofrimento manifestados pela escritora ao constatar a situação em que se encontravam os “destituídos” da capital de seu país estão em diálogo com um propósito ulterior: o de denunciar a circunstância de pobreza material como maneira de sensibilizar sua interlocutora em favor da causa da *americanidad*. Ao mesmo tempo, justificava a aparente ambiguidade de, por um lado, constatar na América Latina a concentração riqueza cultural e espiritual e, ao mesmo tempo, gastar a maior parte de sua vida na Europa e nos Estados Unidos. Mesmo que fora de “sua américa”, Mistral jamais teria deixado

²¹⁷ Em “A What is a Transnational Life? Some thoughts about Marguerite Thibert’s career and life”, a historiadora francesa Françoise Thébaud apresenta uma interessante abordagem a respeito de “vidas transnacionais” de mulheres, obrigadas a circularem pelo mundo fossem acompanhadas por seus maridos ou por suas próprias profissões. No ensaio, a autora estuda a trajetória de Marguerite Thibert, acadêmica francesa que trabalhou durante a maior parte de sua vida para o International Labour Office, na repartição destinada ao trabalho feminino. Thébaud ressalta a importância dessa forma de circulação para a conformação de redes de sociabilidade entre mulheres feministas, e, sobretudo, para que garantissem seu reconhecimento a nível internacional. A construção de “vidas transnacionais”, neste sentido, enriqueceu associações em nível internacional, bem como promoveu a circulação de ideias feministas. VER: What is a transnational life? Some thoughts about Martherite Thibert’s career and life (1886 – 1982). In: *Gender History in a Transnational Perspective: networks, biographies, gender orders*. Berghan Books, 2014.

²¹⁸ MISTRAL, Gabriela. [Carta, junho de 1938, Santiago, Chile] a OCAMPO, Victoria. In *Esta Nuestra América: correspondência, 1926 – 1956*. El cuenco de Plata: Buenos Aires, 2013.

de se preocupar com os problemas do continente. Eles apenas seriam muito “dolorosos” para que ela convivesse com eles.

Além deste componente, a chilena relata como o “estrangeirismo perpétuo” em que vivia se justificava por conta da ausência de família, de irmãos e pais.

“Gracias a Dios tú tienes familia, Votoya, y país, no extranjerismo *perpetuo*.”²¹⁹

Em contrapartida, essa suposta ausência de Mistral era enfaticamente salientada por Victoria Ocampo, que enxergava neste comportamento uma contradição com os seus posicionamentos políticos e ideológicos.

“Y que piensas hacer? No te vengas a vivir a estas tierras en estos momentos. Quédate fuera de *esto*. Te acuerdas? Me decías antes que yo no era bastante americana... y que debía quedarme en mi país y trabajar por él. Ahora no te quejarás de mí. Poco he vivido fuera de mi tierra en estos últimos años. Y, desgraciadamente, de povo ha servido. No? Sacrificio vano.”²²⁰

Na correspondência transcrita acima, Victoria Ocampo afirma como ter permanecido na América Latina não foi de grande proveito: o sacrifício havia valido pouco. Esta carta é enviada quando as arbitrariedades do governo peronista se intensificam contra intelectuais contrários a ele, como analisamos no primeiro capítulo.

Não devemos nos esquecer, entretanto, de que Mistral era uma escritora e intelectual projetando a si mesma em relação à uma interlocutora de estatuto profissional similar. Estavam disputando visões de América Latina e reiterando seus compromissos pessoais para o desenvolvimento do continente. Por isso, não podemos considerar que a manifestação de sua tristeza em relação à condição de pobreza das populações indígenas de seu país fossem meramente “confidências” para uma amiga. São, sobretudo, esforços para antecipar críticas motivadas pela aparente contradição, a de defender o desenvolvimento e progresso espiritual do subcontinente e viver fora dele. Dessa forma, sua “ausência” não seria justificada apenas por sua

²¹⁹ MISTRAL, Gabriela. [Carta, Março de 1953, Nova Iorque] OCAMPO, Victoria. In *Esta America Nuestra: correspondência, 1926 – 1956*. Buenos Aires: El cuenco de Plata, 2013.

²²⁰ OCAMPO, Victoria. [Carta, 29 de setembro de 1953, San Isidro, Buenos Aires]. a MISTRAL, Gabriela. In *Esta America Nuestra: correspondência, 1926 – 1956*. Buenos Aires: El cuenco de Plata 2013.

carreira de consulesa, mas fundamentada pela tristeza que sentia ao retornar para suas origens.

Nesta seção, observamos os traços fundamentais do pensamento americanista de Gabriela Mistral: o indigenismo associado à questão da terra, as tensões em relação ao passado da conquista espanhola na América e a formação de identidades latino-americanas em sentido complementar às identidades de cada país. A escritora chilena havia feito de sua poesia e dos ensaios críticos canais de expressão para as reflexões sobre a sua América: as longas e profundas descrições sobre as paisagens, cores, odores e sensações que atravessaram sua vivência no Vale de Elquí percorrem seus escritos. Foi essa sensibilidade, a escolha – talvez inevitável – em escrever sobre aquilo que conhecia que tenha conquistado o reconhecimento internacional, ao lado da capacidade de articulação com intelectuais e artistas hispano-americanos, comprometidos com a causa de sua América. É relevante mencionar que embora a autora estivesse em diálogo com outros intelectuais de posição semelhante e dialogasse com uma tradição de escritores engajados na temática, é especialmente através de seus ensaios críticos que observamos a defesa da *americanidade* assumir maior radicalidade e, em nosso entendimento, originalidade. Ao trazer ao debate a importância da educação das crianças e mulheres de origem indígena e mestiça, traz ao debate novas perspectivas e que assumem grande densidade tanto em sua produção poética quanto crítica e que depois seriam incorporadas por pensadores e militantes no futuro.

3.2 – Entre o nacional e o cosmopolita: o projeto estético-cultural de Ocampo.

Se por um lado a centralidade da América Latina prevalecia no pensamento estético e político de Mistral, a postura de Victoria Ocampo foi profundamente marcada pelo cosmopolitismo, cultural e político. Os temas sobre os quais se deteve são igualmente diversos. Raras são as manifestações em relação às comunidades indígenas, tampouco sobre a questão agrária e a terra. Em sua produção intelectual e epistolar, observamos a profusão de questões referentes à circulação cultural entre as Américas e a Europa; das tensões entre o nacional e o cosmopolita; e, especialmente, de seu esforço para se autoafirmar como “cidadã do mundo”, isto é, como alguém capaz de transitar com facilidade entre culturas diferentes. Em seu entendimento, ser “americana” era, essencialmente, ser *criolla*. Essas são as principais questões

abordadas pela autora e se diferenciam substancialmente daquelas tratadas por Mistral, ainda que dialoguem com o grande tema das identidades latino-americanas.

Para averiguar os motivos pelos quais a escritora portenha direcionou o seu empenho para defesa da construção de pontes transnacionais entre as Américas, os Estados Unidos e a Europa, não basta realizar uma análise que identifique na sua condição abastada e formação em francês e inglês como os únicos motivos. As pessoas com as quais estabeleceu laços e amizades, os lugares que frequentou e, principalmente, a forma como se sentia confortável transitando entre os países europeus, também proporcionaram a ela a visão de que seria possível constituir pontes culturais, em que circulariam artistas e intelectuais de diversas origens. Tanto seu projeto autobiográfico como sua atuação na vida pública são arquitetados no sentido de demonstrar como era dona de uma “alma sem passaporte”. Na visão da autora, sua trajetória particular se mistura com um traço político do próprio continente.

Em sua *Autobiografía*, Ocampo afirma como sua alfabetização em francês e as constantes viagens a Europa na sua infância e juventude, foram essenciais para que cultivasse o apreço pelo Velho Mundo. Os primeiros livros publicados pela jovem escritora foram redigidos e publicados em francês, como *Le Vert Paradis*. Os demais eram escritos na mesma língua e depois traduzidos ao espanhol. Tal empreitada não acontece apenas por sua afinidade com o francês, mas serve como indício de sua ambição em edificar diálogos com escritores e intelectuais europeus, bem como com certa cultura letrada latino-americana, fortemente influenciada pelos pensadores franceses. A autora defendeu, enfaticamente, que o desenvolvimento material e espiritual da América Latina aconteceria por meio de uma produção intelectual com vistas à conformação de uma tradição literária e artística, de mesmo gabarito e densidade que a europeia.

Se para Ocampo sua formação em francês e inglês era incontestável, inclusive por conta de sua condição social, sua interlocutora chilena compreendia o fato como “aberración pura”. Além de ser “contraditória” a utilização do francês, o espanhol estaria mais próximo do Latim, a língua romântica:

“Apesar de tu infância en francés – aberración pura – y de tu amor al inglés, que entiendo muy bien, no puedo comprender tu antipatia al español. Tu sabes

que el latín es cosa fundamental de este mundo. Pues bien, el español es una de las dos lenguas románticas más apretadas al Latín.”²²¹

A crítica de Mistral não era exclusivamente direcionada aos Aguirre Ocampo, afinal, instrução nesses moldes de meninas e mulheres das famílias abastadas das elites *criollas* da América Hispânica, ao menos até meados do século XX. Era de primeira importância que essas moças possuíssem além de dotes, refinamento literário, sem que adentrassem em assuntos entendidos como “masculinos”. As proposições tão enfáticas a adoção do espanhol como primeira língua podem ser observadas, ainda, como reação às inúmeras correspondências redigidas em francês por Ocampo à Mistral. Embora a portenha defendesse enfaticamente a utilização do francês, inclusive, de temáticas entendidas como europeias como “naturais”, Mistral não se convencia, pois acreditava que tal apreço excessivo provocava prejuízo à qualidade de seus escritos.

Em carta seguinte, de julho do mesmo ano de 1941, Mistral afirma não compreender os motivos de sua afeição pela “gente francesa”:

“Sobra decirte que me duele que hables de la gente de París como si fuese la tuya, Diosa de Maíz. Es muy verdad lo que dices de la intrusidad europea en la América, que va a ir creciendo; síguela fijando los ojos y verás su tamaño.”²²²

É inevitável identificar certa ironia na fala de Gabriela Mistral. Ao mesmo tempo em que usasse frequentemente expressões bastante elogiosas em relação à sua interlocutora, como uma comparação a Minerva, por exemplo, o “Diosa de Maíz” parece carregar certa ambiguidade: ainda que quisesse ser francesa, era a deusa do milho, grão essencialmente americano. Não se pode deixar de pensar na importância do grão para a alimentação das comunidades indígenas pré-colombianas, especialmente, na Mesoamérica.²²³ Inclusive, teve importância nas cosmogonias

²²¹ MISTRAL, Gabriela [Carta, 31 de agosto de 1937, Rio de Janeiro, Brasil] OCAMPO, Victoria. *In Esta America Nuestra: correspondência, 1926 – 1956*. Buenos Aires: El cuenco de Plata, 2013.

²²² A alcunha de “Diosa de Maíz” nos remete ao apelido de Oswald de Andrade para Tarsila do Amaral no poema *Atelier*, de 1925: a caipirinha vestida de Poiret. Assim como Ocampo, Tarsila passou grandes períodos de sua vida na Europa, e, especialmente, em Paris. Entretanto, os temas de sua composição pictórica são puramente brasileiros, como os clássicos *Abaporu*, *A Negra* e *Operários*. Ao contrário da contemporânea portenha, a brasileira nasceu na cidade de Capivari, no interior de São Paulo. Por conta disso, “caipirinha”, vestida por Paul Poiret, uma grife de luxo francesa.

²²³ O milho continua sendo um dos principais grãos na base alimentar de diversos países da América do Sul, embora sendo preparado de maneiras diferentes em cada localidade. Sobre o assunto, ver: BARGHINI, Alessandro. *O milho na América do Sul Pré-Colombiana*. Revista do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, 2005.

locais: os astecas cultuavam a deusa da subsistência, “Chicomecóatl”, em náhuatl. Sua imagem estava diretamente associada ao *maíz* e, por conta disso, tinha aparência felpuda, em associação às raízes do milho.²²⁴ No nosso entendimento, referir-se à Ocampo enquanto deusa do milho ocorre no ensejo de reafirmar sua ligação com o passado pré-colombiano, mesmo que ela não se reconhecesse dessa maneira.

Os esforços para que Mistral convencesse a Ocampo de que o seu compromisso era com a América e não com a Europa desdobram-se em muitas frentes. São estratégias argumentativas e de persuasão, e que embora carreguem o afeto de uma amizade, ainda evidenciam disputas políticas e ideológicas. A escritora chilena não foi a primeira a questionar a utilização do francês em sua escrita e a abundância de referências à cultura e tradição literária do país. Com o objetivo de fundamentar suas próprias escolhas, Ocampo havia redigido, dez anos antes, o ensaio *Palabras Francesas*, publicado na primeira edição da Revista *Sur* em 1931. De acordo com a autora, o idioma francês era o lugar onde seu “espírito estava aclimatado”. As imemoráveis tardes de sua infância em que conversava com suas instrutoras, em francês, compunham uma atmosfera particular, na qual o seu pensamento se articulava nesta língua. Foram tais palavras francesas que a ensinaram que “se puede escapar del silencio de otro modo que por el grito”. Cada termo era carregado de afeto e de experiências de sua infância e juventude. O ato da escrita só poderia ser genuíno se cada palavra tivesse respaldo em episódios de sua própria vida.

Era justamente por causa de sua *americanidad* que a lançava à escrita. O impulso de escrever estava mais associado à necessidade de explicar sua própria vida e a realidade circundante do que realizar experimentações puramente estéticas, embora elas fossem igualmente relevantes. Esse ímpeto criador, ou melhor, “explicador” é uma característica puramente “americana”:

“Si no hubiese sido americana, en fin, no experimentaría tampoco, probablemente, esta sed de explicar, de explicarnos y de explicarme. En Europa, cuando una cosa se produce diríase que está explicada de antemano. Cada acontecimiento nos hace la impresión de llevar, desde su nacimiento, un brazalete de identidad. Entra en un casillero. Aquí, por lo contrario, cada cosa, cada acontecimiento, es

²²⁴ Sobre o assunto, consultar: Ritos y deidades del ciclo agrícola”, *Arqueología Mexicana* núm. 120, 2013. pp. 54-61.

sospechoso y sospechable de ser aquello de que no tiene traza. Necesitamos mirarlo de arriba abajo para tratar de identificarlo y a veces cuando intentamos aplicarle las explicaciones que casos análogos recibirían en Europa, comprobamos que no sirven.”²²⁵

O entendimento de que Europa já havia sido explicada, enquanto essa tarefa ainda se encontrava incompleta na América Latina, reforça a concepção de Victoria Ocampo sobre a existência de uma tradição cultural do Velho Mundo, mais sofisticada e erudita. O sentido de “explicar” pode ser interpretado de duas maneiras diferentes. A primeira refere-se a explicar no sentido de detalhar e argumentar, mas pode ser interpretado, também, como se defender de algo, justificar-se. Ao afirmar que “cada acontecimento na Europa carregava um bracelete de identidade”, a autora reforça sua percepção de que sua superioridade cultural não existia por si só, mas se associava a existência de um circuito de legitimação de bens culturais que sustentavam o reconhecimento de tais produções.

A incapacidade de “explicar” também gerava angústia e sofrimento para ela, ao ponto de negar o status de ‘escritora’ para se afirmar enquanto “un simple ser humano en busca de expresión”: “He dicho antes, que yo no me tengo por escritora, que ignoro totalmente el oficio. Que soy un simple ser humano en busca de expresión.” Devemos relativizar, entretanto, em qual medida Ocampo não se reconhecia como escritora ou, não direcionava seus esforços para que fosse acolhida dessa maneira. Afinal, seu empenho para que sua produção crítica e autobiográfica fosse reconhecida nacional e internacionalmente é incontestável. Parece-nos como uma falsa modéstia, ou, ainda, uma forma de antecipar críticas aos seus escritos, pois não se dedicava verdadeiramente ao ofício. Apenas desejava “explicar”.

A imprescindibilidade de explicar residiria no cerne da identidade latino-americana aos olhos de Ocampo, pois, somos obrigados “a buscar en qué sentido pueden acomodarse las viejas explicaciones a los nuevos problemas. Vacilamos, tropezamos, nos engañamos, temblamos, pero seguimos obstinados”.²²⁶ A autora manifesta o entendimento de que as análises e interpretações elaboradas no passado são insuficientes para dar conta dos problemas colocados pelo presente. São responsáveis por compor a ainda incipiente tradição cultural latino-americana e ao

²²⁵ OCAMPO, Victoria. Palabras Francesas. In: *Testimonios: Primera Serie*. Ediciones Sur, 2012.

²²⁶ Idem, p. 25.

mesmo tempo evidenciam como é traço comum aos nativos do continente a obstinação em “explicar”. Essa tarefa não poderia em nenhum momento ser deixada de lado: o ser humano em busca de expressão não poderia se acomodar.²²⁷

Observamos, neste sentido, uma diferenciação entre as concepções de América Latina entre Victoria Ocampo e Gabriela Mistral. Por um lado, a escritora portenha defendia a necessidade de expressão, entendida como manifestação escrita e artística dos latino-americanos como uma forma de edificar, então, uma cultura propriamente “nossa”. Por outro, a poetisa chilena reafirma como a essência da *americanidad* reside na terra e nas populações indígenas, capazes de elucidar os caminhos para o progresso do continente. Enquanto a primeira observa uma tarefa a ser realizada, a segunda propõe a observação ao passado, em que já estariam guardadas essas respostas.

Se Mistral enxergava na ligação com a terra a essência primordial da natureza, Ocampo era entusiasta da urbanização das cidades, o símbolo maior de modernidade. A efervescência da capital portenha na virada do século XIX para o XX, com o imenso afluxo de imigrantes e intensa atividade portuária, colaboraram para que ela reconhecesse em Buenos Aires o porvir de uma capital moderna e cosmopolita, em que habitassem e convivessem indivíduos de diversas origens. Estima-se que a população tenha quadruplicado entre 1869 e 1914, saltando de dois milhões de habitantes para oito milhões. Deste total, 30% da população era composta por imigrantes. De acordo com Prado e Pellegrino:

“Buenos Aires centralizava as manifestações de dinâmicas sociais, culturais e econômicas que se introduziam no cenário nacional. A paisagem urbana alterava-se rapidamente, conferindo à capital do país ares mais cosmopolitas, e, à vida de seus habitantes, novos ritmos e qualidade. A cidade modernizava-se: iluminava passeios públicos, via surgirem cafés, livrarias, teatros e cinemas, expandia-se na direção de bairros afastados, favorecidos pelas novas facilidades de transporte.”²²⁸

²²⁷ O mesmo ainda não se observou nos países do Sul. Ao mesmo tempo em que essa concepção possa dar a margem de que uma das responsabilidades de artistas e intelectuais seja a de construir identidades culturais, no âmbito do nacional e subcontinental. Ainda que indiretamente, a ideia de que na América Latina não haveria uma tradição cultural de mesma envergadura é questionada por Mistral: evoque Sarmiento, evoque Güiraldes. Essa “tradição” existe, mas precisa ser lembrada, retomada e ressignificada.

²²⁸ PRADO, Maria Lígia. PELLEGRINO, Gabriela. *História da América Latina*. Editora Contexto. São Paulo, 2014. P. 83

O projeto político e estético da *Sur*, fundada em 1931 ocorre neste cenário de efervescência cultural, embora a situação econômica do país estivesse fragilizada com os desdobramentos da crise de 1929. O empreendimento revela, ainda, a materialização das propostas de interação entre o nacional e cosmopolita, tão presentes no pensamento político da escritora. O empreendimento encabeçado por Ocampo e compartilhado pelo corpo editorial da Revista esteve marcado por uma dualidade: por um lado, havia certo elitismo cultural e apreço pelo refinamento e erudição, ao mesmo tempo em que estava comprometida com a democratização da cultura nacional e internacional no periódico. Apesar de fugir dos moldes característicos dos manifestos estéticos, a *Carta a Waldo Frank*, é considerada uma forma de apresentação dos valores e princípios norteadores da revista, e que seriam retomados com frequência ao longo de sua existência. O principal deles era a liberdade de pensamento como valor supremo, e o diálogo constante entre as Américas e a Europa. A opção de Ocampo por uma carta – o símbolo de comunicação sem fronteiras – indica sua inclinação ao cosmopolitismo, marca registrada de sua Revista.

Nesta carta, a escritora descreve a condição de surgimento do periódico. A ideia parte do escritor norte-americano Waldo Frank em viagem à Buenos Aires em 1929, e em seguida, batizado por José Ortega y Gasset, quem sugeriu que o símbolo da revista fosse uma seta apontando para o sul. A revista nasce, então, cosmopolita em sua essência. É um periódico argentino, idealizado também por um norte-americano e batizada por um espanhol: as Américas e a Europa estariam ali, representadas.

Embora o corpo editorial da *Sur* fosse bastante heterogêneo e tenha alternado ao longo dos anos, podemos afirmar como uma parcela significativa dos intelectuais e escritores ali reunidos era fortemente influenciada pelo liberalismo político e cultural, especialmente na década de 1930.²²⁹ Pela adoção de tal posicionamento, foi duramente criticada numa época em que os intelectuais eram convocados ao engajamento direto, político e social, e influenciou profundamente o projeto estético e intelectual do periódico. A crença de Ocampo na “república do espírito” partia do pressuposto de que os intelectuais deveriam assumir postura “clerical”, isto é,

²²⁹ SILVA, Paulo Renato. As revistas *Sur*, *Contorno* e a nova geração intelectual argentina (1948-1956). *Revista da ANPHLAC*, n°4, 2004.

absterem-se de disputas políticas do presente para que não fossem conduzidos por elas. Essa temática será investigada mais detidamente no capítulo 3 desta dissertação.

As artes, a literatura e a música deveriam ser universais, atemporais, e ultrapassarem as barreiras delimitadas pelas fronteiras nacionais. Com isso, seria possível estabelecer trocas e interações entre países e culturas diferentes. A abstenção dos acontecimentos do presente era justificada pela possibilidade de “contaminação” da pureza artística por disputas mundanas. Os únicos momentos em que Ocampo e *Sur* se manifestaram politicamente ocorreram quando o periódico – e a própria autora – tiveram suas liberdades cerceadas, como durante o governo peronista, temática explorada no primeiro capítulo. Na visão da escritora, a defesa da universalidade da cultura esteve aliada a proposta de integração das massas através da instrução intelectual. Essa empreitada havia fracassado por conta da ascensão dos governos totalitários – em seu entendimento, o próprio peronismo, uma vez que eles proporcionaram a massificação dos indivíduos, fazendo com que eles fossem incapazes de exercer o livre pensamento. A autora defendia marcadamente a distinção entre o intelectual e as massas, afinal, estes seriam os guardiões de saberes universais e, portanto, os responsáveis pela instrução das massas por meio das artes e literatura.²³⁰ Essa responsabilidade foi assumida pela escritora, posicionada enquanto uma intelectual comprometida pela educação das massas, com a difusão do saber e das verdades universais, cujo veículo de transmissão era a Revista *Sur*.

A função de agitadora cultural assumida por Victoria Ocampo é marcada pelo empenho em garantir a continuidade do periódico, inclusive, como missão de vida. São constantes as afirmações do seu propósito de formar leitores e leitoras latino-americanos, especialmente argentinos, através da tradução e publicação de escritores de diversos países. Por meio da cultura, tornar-se-iam cidadãos e cidadãs mais conscientes e participativos. A missão de *democratização* cultural que orientava a agenda cultural de *Sur* indica a complexidade do desejo em promover a educação por meio da difusão das artes e da literatura, mas ao mesmo tempo, enfatiza o entendimento de que a “verdadeira” cultura seria a letrada e erudita. Ademais, o esforço para eliminar as barreiras culturais mediante um projeto estético

²³⁰ Além de Ortega y Gasset, Ocampo e os colaboradores de *Sur* revisitam Sarmiento e a tradição liberal na Argentina. Essas ideias, construídas ao longo de intensas discussões entre este circuito demonstram que a política está bastante inserida no pensamento desses intelectuais, de modo complexo e nem sempre direto.

comprometido com o internacional, muitas vezes deixava de manifestar a dimensão conflitiva e hierárquica entre as culturas europeias e latino-americana. A lealdade a sua classe – a elite oligárquica portenha - pode ser interpretada enquanto um fator de limitação da existência de questionamentos mais profundos sobre o seu ímpeto cosmopolita.

De acordo com Beatriz Sarlo, a vida de Ocampo foi marcada por uma intensa relação de mal-entendidos culturais e psicológicos, pois ela acreditava na possibilidade de estabelecer relações pouco conflitivas com os europeus.²³¹ Ocampo se sente como uma rio-platense cosmopolita, que se sente em casa na Europa. Os europeus, entretanto, jamais compartilharam do mesmo sentimento cosmopolita que ela. Pelo contrário, observavam-na – e a qualquer outro latino-americano – com um ar de exotismo e curiosidade. Não compartilhamos inteiramente da mesma opinião que Sarlo, pois foi possível identificar na produção epistolar e autobiográfica da portenha, o minucioso esforço para garantir que fosse reconhecida como mediadora cultural. Como discutimos na seção 2.3, sobre a relação de Ocampo com Virginia Woolf, a escritora parece voluntariamente neutralizar as hierarquias com intelectuais europeus e estadunidenses no sentido de forjar certa imagem de si, embora soubesse das tensões ali presentes. A obliteração das hierarquias e conflitos esteve à serviço de legitimar um posicionamento almejado por ela, de uma intelectual capaz de transitar por atmosferas distintas.

A defesa do cosmopolitismo de Ocampo caminha em duas instâncias, paralelas e indissociáveis. Ao mesmo tempo em que se apresenta através do diálogo com um projeto estético-cultural materializado na *Sur*, é entendida também como característica fundamental de sua própria subjetividade.²³² O cosmopolitismo, descobre Victoria, não era unicamente um projeto ideológico responsável por garantir a união entre as Américas e a Europa, e sim, uma característica de sua própria individualidade: as raízes fincadas em Buenos Aires com os olhos para o mundo.

²³¹ SARLO, Beatriz. *Modernidade periférica: Buenos Aires 1920 – 1930*. Cosac & Naify: 2010.

²³² Faz-se necessário mencionar como embora possuísse gestos afrancesados, a formação intelectual voltada para a literatura, arte e músicas europeias, que lhe garantiram a possibilidade circular pelos circuitos culturais internacionais, foi sempre recebida sob a estampa do exótico, associada aos estrangeiros não-europeus. “A bela estrangeira”, nas palavras de seu amigo Roger Callois. Talvez o esforço de Ocampo tenha sido muito mais significativo em sua contribuição para a circulação cultural na América Latina, apesar de jamais ter sido reconhecida como intelectual fora dela. É por conta deste deslocamento que Ocampo passa a se reconhecer enquanto crioula, ao perceber a incapacidade de plena integração.

Observamos, neste sentido, como a portenha parece estar mais comprometida em criar pontes entre as Américas e a Europa do que entre os países hispano-americanos, como esteve Gabriela Mistral.

As tensões entre o nacional e o cosmopolita estão presentes também em sua produção autobiográfica. Em momentos distintos de sua vida, a escritora tende a pender para um dos lados. Um exemplo desta oscilação entre reivindicar a sua *argentinidad* e reforçar o arcabouço intelectual europeu com quem dialogava constantemente pode ser observado no ensaio *Quiromancia del Pampa*, uma resposta redigida à obra de Henri Michaux, intitulada *Ecuador*.²³³ Este autor de origem flamenca em viagem pela América faz apreciações bastante negativas sobre o continente. Para ele, sua composição geográfica era monótona e repetitiva. Reproduz Ocampo as palavras de Michaux:

“En total, la América del Sur está compuesta de tres regiones inmensas y perfectamente monótonas: la selva virgen, la cordillera de los Andes y las Pampas. La Pampa, tierra de vacas, disse todo cuanto tiene que decir em um metro cuadrado, pero lo repite em los millares y millars de quilômetros que constituyen la mayor larte de la Argentina”.²³⁴

Quando uma amiga cantora de Victoria Ocampo, cujo nome não temos acesso, apenas “Mlle X”, afirmou: pas possible! C’est un plaine”. Incrédula, a escritora argentina afirmou: “la mirarás, pero no la verás”. A realidade profunda dos pampas não podia ser enxergada por aqueles incapazes de compreender os seus significados, afinal, “el mar también es sólo água salada”.²³⁵ Os pampas e os rios eram expressões da alma argentina. Registradas por meio da literatura e de pinturas, essas paisagens que verticalmente sobem ao céu como um “grito cego” e que, na horizontal, se deitam mansamente sob ele. Poderiam, afinal, parecer “metros e metros” da mesma coisa para o observador que não soubesse contemplá-la.

Neste ensaio, a escritora parece manifestar a consciência de sua alteridade em relação aos interlocutores europeus, inclusive, reconhece e reivindica sua própria *argentinidad*: “aunque tuviese lo bastante poderoso el don de expresión como para

²³³ OCAMPO, Victoria. La Quiromancia del pampa. In: *Testimonios: Primera serie*. Ediciones Sur. Buenos Aires, 2012.

²³⁴ MICHAUX apud OCAMPO, Victoria. La Quiromancia del pampa. In: *Testimonios: Primera serie*. Ediciones Sur, Buenos Aires, 2012.

²³⁵ Idem, p. 135.

exteriorizar esa alma irremediavelmente pobre de pintoresco, ella permanecería, por el momento, invisible ante la mayoría de los ojos europeos, acostumbrados a otros espetáculos”.²³⁶ Embora tivesse muito a oferecer, questionava se os olhos europeus estariam acostumados, ou, inclusive, dispostos a enxerga-la. Os olhos do poeta viajante flamenco são incapazes de deslocar a sua mirada para uma paisagem distinta da qual está habituado.

A autora utiliza referências de Ortega y Gasset, filósofo espanhol, para endossar o seu argumento. Ou seja, utiliza um europeu para garantir legitimidade ao seu argumento. Menciona *El Hombre a la defensiva* para afirmar que os pampas não são o lugar da monotonia, da repetição, da mesmice. São, por sua vez, um espaço de ruptura estética, de inovação no sentido de paisagem, uma vez que possui uma forma anômala, única. Como forma de endossar a possibilidade de exercitar o deslocamento do olhar que observa o outro e, sobretudo, de reforçar a premissa de que os olhares estão sempre politicamente determinados, rememorando mais uma vez a Ortega y Gasset, “el error del viajero es su verdad”.²³⁷ Defende a América a partir de afirmações produzidas por um europeu, ou seja, como elemento de autoridade para reforçar sua opinião a respeito de si mesma e do seu país de origem.

Em *Quiromância del Pampa*, averiguamos, ainda a interpretação de Ocampo a respeito das potencialidades do povo argentino.²³⁸ Segundo a autora, dentre os países de língua espanhola, o que concentra a maior possibilidade de desenvolvimento graças à sua inteligência *sensu stricto* é a Argentina. Embora possua tais qualidades, é inevitável que o argentino “bem formado” quando entre em contato com o europeu perceba que ocupa um nível inferior ao dele, porém, é mais enérgico e mais disciplinado e por isso, pode alcançá-lo. Existe uma ambiguidade no discurso da escritora: ao mesmo tempo em que reivindica suas origens, sua essência argentina, ainda demonstra a percepção de superioridade cultural e intelectual da Europa. Em tom de autocrítica, Ocampo ainda acrescenta como “por reacción acusamos al europeo de la injusticia para con nosotros. En realidade, somos nosotros

²³⁶ Neste ensaio, ao se referir a Waldo Frank, seu amigo estado-unidense, Ocampo utiliza a expressão “americano”. “efectivamente, Frank, mejor que nadie (por él también americano).. p. 137 É relevante observar como a autora não elabora uma diferenciação entre as “Duas Américas”: Waldo Frank não é o outro, mas sim, um americano como ela mesma.

²³⁷ Idem, p. 134.

²³⁸ Idem, P. 120

culpables de injusticia para con nosotros mismos, puesto que no tratamos de merecer las dotes que gratuitamente nos dio la suerte”²³⁹

Se no início do ensaio Ocampo se posiciona de maneira mais crítica em relação ao olhar do europeu, no desdobramento de sua argumentação reconhece a inferioridade intelectual de seu país. Ainda, parece desculpá-los das mazelas causadas no continente ao afirmar que as injustiças são cometidas, principalmente, entre “nós mesmos”. As considerações promovidas por seus interlocutores europeus são entendidas como lampejos de claridade, manifestados com o intento de colaborar para o desenvolvimento e progresso da civilização argentina. É relevante, aqui, estabelecer um contraponto com a percepção de Gabriela Mistral em relação ao desenvolvimento material e espiritual da América Latina. A escritora chilena, ao referir-se aos estado-unidenses afirma que “no saben nada, son unos pobrecitos, unos bobones”, como já mencionado anteriormente neste capítulo. Sobre o passado de colonização, afirma a responsabilidade da conquista ibérica, em vez de afirmar como “nós somos culpados pelas injustiças provocadas a nós mesmos”. Enquanto Mistral entende que a grandeza espiritual da América Latina faz com que ela seja especial, Ocampo observa na circunstância política e social de seu país de origem indícios de inferioridade em relação ao desenvolvimento intelectual europeu.

Tais percepções denunciam como as tensões entre o nacional e o cosmopolita estão profundamente entrelaçadas nas percepções políticas e ideológicas de Ocampo. Devemos enfatizar, entretanto, que o cosmopolitismo não foi traço exclusivamente do pensamento da portenha, mas esteve presente na produção intelectual de outros escritores latino-americanos, como o mexicano Alfonso Reyes, amigo pessoal de Ocampo,²⁴⁰ e que teve participação bastante ativa na *Sur*.

Em *Notas de la Inteligencia Americana*, ensaio publicado na Revista em setembro de 1936, Reyes defende que a inteligência americana é, concomitantemente, arraigada em suas origens, ao mesmo tempo em que é essencialmente internacionalista. Ainda que a visão cosmopolita fosse entendida como oposta ao nacional, o autor defende que o principal traço da intelectualidade e

²³⁹ Ao afirmar que “não merecemos aquilo que a sorte nos deu”, Ocampo parece reafirmar que as potencialidades naturais de seu país e de seu povo não tem sido devidamente exploradas.

²⁴⁰ As correspondências trocadas entre Alfonso Reyes e Victoria Ocampo foram publicadas em 1984. VER: REYES, Alfonso y OCAMPO, Victoria. *Cartas Echadas. Correspondencia 1927-1959*. México: Universidad Metropolitana, 1983.

expressão essencial de sua identidade é, justamente, a possibilidade de fusão entre o nacionalismo e internacionalismo. Outro aspecto relevante destacado pelo escritor é o de “entender el trabajo intelectual como servicio público y como deber civilizador”.²⁴¹ Ou seja, o intelectual não estava apartado das disputas do presente, mas deveria cumprir papel no desenvolvimento espiritual de seu país, em clara divergência ao entendimento da função intelectual para Ocampo.

O olhar para si, isto é, para o nacional, não impediu o estabelecimento de um diálogo constante e permanente com o repertório internacional. O cosmopolitismo fazia-se necessário para a construção de uma ponte entre a tradição e a modernidade. Observar o passado significava mergulhar numa relação dialética entre o passado e futuro, do antigo a modernidade, e que estava permeado de referências cosmopolitas e universais. Ao investigar os sentidos e relações entre o nacional e cosmopolita, Gorica Majstorovic afirma como o entendimento de Reyes é uma característica comum nos modos de expressão da identidade americana pelo viés cosmopolita, pois ocorrem sempre no sentido transnacional, mas nunca antinacional: “La fusión nacional-cosmopolita es internacionalista, no obstante siempre tiene sus raíces en la América Latina [...] A diferencia del pesimismo en el pensamiento europeo durante

²⁴¹ Ainda sobre a inteligência americana, Reyes reflete sobre as condições em que se formam os escritores e enfatiza o importante papel por ele desempenhado na formação do debate público. Ao contrário de países em que a figura do escritor se dedica exclusivamente ao ofício, como na França, na América Latina “raro es que logre ser un escritor puro” pois “es casi siempre un escritor “más” otra cosas u otras cosas”. REYES, Alfonso. Obras Completas. 26 vols. México: Fondo de Cultura Económica, 1955-1993. P. 8 De acordo com Klinger, isso se deve ao posicionamento dos intelectuais em relação às massas. O problema da integração nacional – tanto territorial quanto de classes – apresentou-se de maneira imperativa no governo varguista, como um desdobramento da industrialização e urbanização crescentes. A possibilidade de se aliar à elite intelectual reforçava a legitimidade do projeto estatal de Vargas, ao mesmo tempo em que oferecia, em contrapartida, para os intelectuais, a possibilidade de um “mecenato” via Estado. Não obstante, tal aliança se tornou possível graças à posição dos intelectuais frente às massas: “se o modernismo brasileiro encontrou uma forma de realização política no Estado Novo (com todas as contradições que essa realização implica), foi talvez porque sempre teve, ao mesmo tempo, um lado cosmopolita e moderno e um lado tradicional e popular”. A situação observada na Argentina difere-se, na visão de Klinger, por conta da forma como os intelectuais se posicionaram em relação às massas. A vanguarda argentina teria sido composta, majoritariamente, por uma elite que “deu as costas ao povo”. Certamente, haviam intelectuais que se consideravam “nacionalistas populares” e manifestaram sua adesão ao Perón. Mas, essa situação era paradoxal, uma vez que o próprio peronismo se considerava “anti-intelectual, uma vez que a intelectualidade era vista como burguesa e elitista. Para embasar o argumento de que os intelectuais argentinos se posicionaram como clerics, na determinação bendiana do termo, Klinger menciona a concepção de intelectual defendida por Victoria Ocampo e dos demais membros do corpo editorial da Sur: “a manutenção dos valores culturais era responsabilidade de uma minoria seleta e afastada dos espaços de poder.” Se, por um lado, os intelectuais encontraram emprego no Estado, os escritores em início de carreira na Argentina contribuíram em jornais e revistas, como El Mundo e Crítica. KLINGER, Diana Irene. Os intelectuais e o Estado: a experiência do peronismo e do Estado Novo. Itinerários, Araraquara, 22, 91-102, 2004.

los años 30 y 40, la visión de Reyes es alentadora y optimista, y siempre tiene América como núcleo.”²⁴² Ainda, de acordo com a autora, Reyes constrói uma ‘utopia visionária’ a partir do continente latino-americano, como um farol a iluminar o resto do mundo.

As tensões entre o nacional e o cosmopolita percorrem a produção autobiográfica e intelectual de Ocampo em sua totalidade. Um segundo exemplo é o ensaio presente na primeira série dos *Testimonios*, no qual a escritora presta uma homenagem ao aniversário de morte de Claude Debussy. Empenhada em fazer com que a memória do músico se perpetuasse, organizou um concerto para relebrá-lo. O texto foi pronunciado nesta homenagem no Teatro Cervantes, em Buenos Aires. Nele afirma que:

“Un artista francés, sin assomo de melévola intención, lo certifico, me preguntaba un día: “Pero, en suma, que és un argentino?” Confeso que me quedé desconcertada. Aunque no recuerdo haber hallado en mi vida una respuesta rápida, esta vez se produjo el milagro y conteste en seguida, rotundamente: “Yo”.²⁴³

O artista francês a quem Ocampo se refere provavelmente era o próprio Debussy, embora não afirmasse de maneira contundente. A situação é mencionada pela escritora a fim de reforçar o argumento de que os europeus desconheciam a América Latina e, mais precisamente, as especificidades de cada um de seus países. Ao mesmo tempo, reafirma sua *argentinidad* e reivindica para si mesma a exemplaridade do que significaria “ser argentino”. Reconhecer-se enquanto um símbolo argentino demonstra a percepção de que suas remotas origens familiares, que remetiam desde os tempos da conquista, estariam entrelaçadas com o desenvolvimento do país. Ela mesma, enquanto representante da elite oligárquica portenha seria, igualmente, o símbolo de *argentinidad*. Tal entendimento vai em caminho oposto ao de Mistral, que acredita que o “verdadeiro” povo é o camponês, o indígena pobre. Para a portenha, a *argentinidad* residia na formação *criolla* de sua família de elite.

²⁴² MAJSTOROVIC, Gorica. Un paso de America: Alfonso Reyes, Victoria Ocampo y el cosmopolitismo en la década de 1930. *Vegueta: Anuario de Geografía y Historia*, 2014. P. 346

²⁴³ OCAMPO, Victoria. CLAUDE DEBUSSY. In: *Testimonios: Primera serie*. Ediciones Sur. Buenos Aires, 2012. P. 120

Além de demonstrar a pluralidade de seus interesses, foi possível observar como, ao longo dos anos, Ocampo demonstra sua desilusão com a Europa de sua juventude. Afinal, após duas guerras mundiais e profundas transformações culturais, políticas e econômicas, os países do continente não eram mais os mesmos. A escritora parece sentir -se nostálgica dos bons tempos da *belle époque* francesa. Agora, “Paris me llena de malestar. Las rivalidades, intrigas y ‘arrivisme’ de su mundillo literário me angustian. [...] Y París, por lindo que sea, es *eso*. Los arboles, el mar o el río (el grande, el mío) me son casi indispensables.”²⁴⁴ A cidade luz desaponta a escritora argentina: por um lado, o panorama de rivalidades e competição do mundo literário, por ela então descrito; por outro, a ausência da magnitude da natureza tão abundante em seu país.

Outros aspectos mencionados por Ocampo referem-se ao estado das capitais após a Segunda Guerra Mundial. Seis anos após o fim do conflito, as cidades ainda estavam se reerguendo. De passagem por Berlim, Ocampo afirma ter conhecido um “diretor de teatro do setor russo [...] me parecia muy simpático, pero, desde luego, con una ideologia equivocada”. A escritora se referia ao dramaturgo alemão Bertolt Brecht. O encontro não foi mencionado em momentos posteriores, mas serve para ilustrar sua interação intelectual e artística em nível internacional. Mais adiante, a escritora descreve o estado da cidade com a divisão entre os setores francês, estadunidense, russo e inglês. Seu sentimento de tristeza é profundo, ainda mais, por ter conhecido a “magnitude” da capital antes dos bombardeios da guerra. “Lo que vimos entonces es hoy una montaña de escombros”²⁴⁵ Neste sentido, O reforço de sua *argentinidad* ocorre em paralelo ao próprio exame de consciência ao qual Ocampo se submeteu, no sentido de repensar qual o lugar da Europa em sua obra e vida pessoal.

As condições no seu país de origem tampouco são favoráveis a ela. O acirramento das tensões entre Ocampo e o governo peronista agravou-se em 1951: a escritora foi obrigada a dar declarações sobre a natureza dos encontros da Villa Ocampo e esteve impedida de sair do país naquele ano, por conta das dificuldades de

²⁴⁴ OCAMPO, Victoria. [Carta, 26 de dezembro de 1951, Paris, França] MISTRAL, Gabriela. *In Esta America Nuestra: correspondência, 1926 – 1956*. Buenos Aires: El Cuenco de Plata, 2013.

²⁴⁵ Idem, p. 194.

renovação de seu passaporte. Em correspondência enviada à Mistral em dezembro do mesmo ano, a escritora afirma:

“Gracias por tu cariñosa carta y gracias por tu ofrecimiento. Pero yo no puedo por el momento (y podré alguna vez? Lo dudo) quedarme mucho tiempo en Europa. Tengo cosas que me reclaman en Buenos Aires. Te olvidas que – valga lo que valga el esfuerzo – tengo una revista y una pequeña editorial. Te acuerdas de quando me repetías que yo no tenía que irme de América? Pues en América me he quedado. No sé si para bien, o para mal”²⁴⁶.

Por um lado, embora Gabriela tenha sempre defendido fervorosamente a grandiosidade de suas origens, foram poucos os anos em que viveu na América Latina quando adulta. As cobranças direcionadas à sua interlocutora em relação a tomada de posições mais contundentes em defesa do progresso e desenvolvimento espiritual do subcontinente, em certo momento, voltaram se contra ela. Afinal, por qual motivo optava por não residir em seu continente de origem? Inclusive, por conta das frequentes manifestações de seu descontentamento com descontentamentos com outras “gentes” do mundo, sua inadequação em relação aos estado-unidenses e franceses, a possibilidade de ser acolhida apenas pelos seus.

A escritora argentina parece reafirmar, na correspondência mencionada acima, que havia cumprido – ou ao menos tentado cumprir – as proposições tão enfáticas de Mistral nas correspondências dos anos anteriores sobre sua responsabilidade com o desenvolvimento cultural da América Latina. Reforçava, sobretudo, o seu compromisso com o periódico e a editora, que tomam muito de seu tempo e de seu esforço. Ocampo escrevia à Mistral, sim. Mas também difundia tal imagem de si para os que acompanhavam a escritora chilena: seu círculo de amigos e amigas próximos, compostos majoritariamente por intelectuais, escritores e artistas. Em correspondência enviada dois meses antes, em setembro de 1951, Victoria Ocampo reafirma seu descontentamento em relação aos acontecimentos recentes no cenário político argentino:

“lo que pasa en Argentina parece detestable y desolador; no valía la pena quedarse allí como me quedé yo, privándome de todo lo que tanto me atraía en otros países civilizados culturalmente para

²⁴⁶ OCAMPO, Victoria [Carta de 26 de dezembro de 1951, Paris, França] MISTRAL, Gabriela. In *Esta America Nuestra: correspondência, 1926 – 1956*. Buenos Aires: El Cuenco de Plata, 2013.

terminar en *esto*. *Esto* significa el desconocimiento de todos los valores que me importan en la vida”²⁴⁷

Ainda que na correspondência escrita em dezembro a autora demonstrasse estar mais “conformada” com o seu destino na Argentina, a carta enviada alguns meses antes indica posicionamento bastante diverso. Ocampo coloca-se como alguém que se privou das possibilidades de viver em outros países mais “civilizados”, para cumprir um dever específico, uma missão civilizatória em seu país de origem. Como mencionamos acima, o entendimento da portenha sobre a atuação de escritores e intelectuais era justamente esse: o de transmitir saberes às massas incultas. Em sua percepção, ela teria poder ter construído facilmente uma carreira no exterior, cujo nível intelectual estaria de acordo com o seu. Afinal, possuía meios financeiros e contatos. Posicionar-se dessa maneira nas correspondências indica o propósito de forjar a imagem de uma escritora e editora devidamente comprometida com o desenvolvimento da América Latina. Para um propósito coletivo, ela teria sacrificado seu bem-estar pessoal em prol do desenvolvimento intelectual de seu país. Os esforços incomensuráveis para a manutenção da *Sur*, ainda mais considerando os grandes obstáculos colocados a ela pelo governo de Perón, engrandeceriam seu propósito intelectual.

Analisando a afirmação de Ocampo a respeito de seu sacrifício pessoal, isto é, dos motivos pelos quais deixou de construir sua carreira no exterior, é inevitável não nos questionarmos se a escritora teria obtido o mesmo êxito fora de seu país. Teria ela conseguido manter uma revista tão duradoura e uma editora de igual relevância em outro país que não o seu de origem, onde possuía uma série de contatos com a elite local, letrada e financeira? Provavelmente, não. Afinal, ainda que os desdobramentos da *Sur* estejam diretamente ligados ao seu empenho pessoal e do corpo editorial com quem trabalhava, Ocampo desfrutou das benesses de pertencer à uma família de extrema influência e notabilidade na capital argentina. Inclusive, uma hipótese a ser considerada em relação ao motivo de ter deixado de escrever em francês para produzir em espanhol esteja justamente associada à tal consciência. Embora tivesse facilidade e aptidão, a língua francesa não “lhe pertencia”, minando

²⁴⁷ Como abordamos no primeiro, Ocampo foi obrigada a dar declarações a respeito da atividade da Villa Ocampo, teve sua residência vasculhada em algumas ocasiões e tinha a suspeita de que suas correspondências eram lidas pela administração governamental. Tais motivos levaram a escritora a utilizar “esto” para se referir ao que provavelmente seria o governo peronista.

suas chances de reconhecimento e projeção pois, em vez de reforçar sua originalidade, seria mais uma estrangeira negando sua própria nacionalidade para ser “parisiense”.

Um terceiro tema a ser mencionado refere-se a escassez de considerações de Ocampo a respeito da temática racial, sobretudo, indígena. Enquanto o indigenismo compõe um traço primordial do pensamento estético e intelectual mistraliano, a escritora portenha não concentrou grandes esforços para refletir sobre o tema. Embora não tenha se dedicado a escrever comentários mais detidos sobre a condição das comunidades indígenas na América Hispânica, redige *En Harlem*, uma conferência pronunciada na Residência de Senhoritas de Madrid em 1931. Ocampo narra a experiência que teve ao visitar o bairro nova-iorquino do Harlem, acompanhada de seu amigo Waldo Frank. No momento em que chegou e teve contato com um trabalhador negro carregando equipamentos afirmou sentir-se emocionada, pois recordou da leitura de *Uncle Tom's Cabin*, o romance de Harriet Beecher Stowe, publicado em 1852 e que tratava a respeito da escravatura dos Estados Unidos.

Evocar *Uncle Tom's Cabin* neste contexto serve ao mesmo tempo para demonstrar sua sensibilidade para temáticas associadas às injustiças sociais e reforçar a existência de uma noção crítica desde sua infância, momento em que tem contato com a obra. Entre a doçura e brutalidade, a escritora portenha transcorre sobre seus dias e noites no bairro: frequentou os shows de *jazz-bands*, conheceu cantores de *spirituals* como Taylor Gordon. Essa figura despertou seu interesse pois publicou uma obra autobiográfica intitulada *Born to Be*. De acordo com a autora, Gordon era “negro y muy negro. Quiero decir que tiene un aspecto ‘pura sangre”,²⁴⁸ cosa bastante rara en Nueva York”.

Ao mesmo tempo em que se referia de forma respeitosa ao bairro afrodescendente, deixava de escancarar as mazelas e a torpeza da segregação racial estado-unidense. Inclusive, para pontuar a aparente igualdade econômica, afirma que

²⁴⁸Ainda que seja utilizado no sentido de afirmar que Gordon não era mestiço, a utilização do termo “puro-sangue” per Ocampo pode nos parece racista se considerarmos que é uma raça de cavalos inglesa. (thoroughbred). Não obstante, devemos questionar por quais motivos a autora estranha que Gordon não seja um mestiço, considerando a dura política de segregação racial em voga nos Estados Unidos e que criminalizava a união entre homens e mulheres de origens raciais diferentes. Ao contrário do que foi observado no Brasil com o mito da democracia racial perpetrado pelo governo varguista, as décadas de 1920 e 1930 nos Estados Unidos foram marcadas pelos linchamentos e perseguição institucional, política e social de pessoas afrodescendentes.

as propriedades em que vivem as pessoas negras do bairro podem ser avaliadas em mais de setenta milhões de dólares. Observa-se a ambiguidade do discurso de Ocampo. A escritora busca valorizar e ressaltar a importância da comunidade afrodescendente, mas deixa não escancarar a discriminação que a assolava. Menciona brevemente a importância da existência de um bairro para essa, inclusive, para sua própria proteção, uma vez que “la presencia de una familia de negros, por muy digna y educada que fuese, en una casa de departamentos, bastaba para provocar el desbande de todos los blancos [...] El Harlem fue conquistado por los negros”.²⁴⁹ Neste sentido, o seu ensaio nos parece mais como um relato de sua experiência pessoal, sem que demonstrasse efetivo comprometimento com questões de caráter político.

Na mesma ocasião, visitou uma igreja gospel, acompanhada de Gordon e do diretor de *O Encouraçado Potemkin*,²⁵⁰ o russo Serguei Eisenstein. Ao seu lado, estavam “dos rusos de la Rusia Soviética, dos argentinas de la Argentina Burguesa y un negro americano, nieto de zulúes”.²⁵¹ Ao mesmo tempo em que reafirma sua identidade latino-americana, Ocampo reforça sua habilidade de transitar por culturas heterogêneas e ser plenamente integrada à todas elas: entendia-se muito bem tanto com um diretor de cinema russo quanto com um escritor afrodescendente dos Estados Unidos, fossem brancos ou negros, comunistas ou não. São nestas passagens em que observamos a ambiguidade que parece ditar a tônica da maneira como a escritora deseja projetar-se nacional e internacionalmente: mais que uma mediadora cultural, era a dona de uma “alma sem passaporte”, capaz de estabelecer pontes com pessoas de diversas partes do mundo. A pretensão de Ocampo pode servir, ainda, como parte do esforço em relativizar as acusações de que seus únicos interesses culturais e literários residiriam na Europa. Ao descrever sua experiência no Harlem, a escritora

²⁴⁹ O tom de sua narrativa parece mais apaziguador e conciliador do que de denúncia: “Harlem es el barrio de los negros, y ocupa un sector hermoso y limpio em el centro de Manhattan. No es un barrio de slums, ni de casas ruinosas. Por el contrario, tiene excelentes casas de departamentos, buenas iglesias, hermosos teatros y tiendas.” Afirmar a surpresa ao encontrar um bairro com casas dignas revela como sua expectativa ao conhecer o bairro negro seria de encontrar residências “ruinosas.”

²⁵⁰ O filme “Encouraçado Potemkin” foi lançado na União Soviética em 1925 e retrata a rebelião ocorrida em 1905 no navio Potemkin e que seria considerada como um prelúdio para a Revolução de 1917.

²⁵¹ OCAMPO, Victoria. En Harlem. In: *Testimonios: Primera serie*. Ediciones Sur. Buenos Aires, 2012.

portenha expressava como a sua curiosidade era direcionada a múltiplas manifestações culturais.

3.3 – Por um Americanismo superior: *americanidades* em negociação.

A dicotomia entre as duas Américas esteve sintetizada na amizade de Mistral e Ocampo. De um lado, o desejo em demonstrar o valor das raízes indígenas, do passado pré-colombiano do continente. Do outro, o ímpeto transnacional, o empenho em posicionar a América Latina dentro do circuito de artes e cultura letrada europeus. Independentemente de quais fossem seus anseios políticos e pessoais, as duas escritoras enfrentaram restrições justificadas por sua origem, condição duplamente marginalizada: primeiro por serem mulheres e, em segundo, por serem latino-americanas, provenientes da periferia do capitalismo ocidental. As experiências no exterior despertaram a consciência de seu deslocamento, e provocaram o exame de suas próprias identidades. Perceberam que, embora houvesse a distância de classe e nacionalidade entre elas, recebiam o rótulo de “extranjeras” e “hispano-americanas” quando na Europa e nos Estados Unidos. Embora fosse proveitoso cultivar tal aproximação identitária, era da mesma maneira frustrante. Afinal, muitos de seus pares não reconheciam as particularidades e especificidades de suas origens. Tratavam o subcontinente, cuja pluralidade e diversidade são marca essencial, como um conglomerado homogêneo de países “católicos e hispanohablantes”. Tanto a portenha, branca e endinheirada, quanto a *maestra* campesina, eram igualmente “latino-americanas”.

Nesta seção de encerramento do capítulo, iremos retomar alguns tópicos mencionados anteriormente a respeito da trajetória pessoal e profissional das escritoras, com o intuito de costurar aproximações e distanciamentos entre suas apreciações a respeito das identidades latino-americanas. Para isso, retrocederemos no tempo, à época em que se conheceram pessoalmente, para pontuar o estranhamento entre elas. A reunião ocorreu em 1934, quando ambas estavam em Madri. A amiga em comum das duas escritoras, María de Maeztu, orquestrou um encontro para que se conhecessem pessoalmente. Algumas semanas depois, já em janeiro de 1935, Mistral redigiu uma longa carta a Ocampo, em que discorre sobre o comportamento de sua interlocutora perante a América Latina. No seu entendimento, a portenha estava em falta com o continente: em falta com a língua, em falta por

manifestar um europeísmo mais pungente que nos próprios europeus e por preferir temáticas entendidas como latino-americanas em seus escritos em favor aos “exotismos europeus”. As ausências eram agravadas, ainda, por estar acompanhada pelo “círculo de esnobes”, pessoas com quem Ocampo insistia em conviver, o que provocava profunda incompreensão de Mistral, uma vez que, inclusive, “los y las literatoides le niegan a Ud. Categoría de escritor”.²⁵²

Neste pequeno excerto, identificamos duas importantes considerações relativas às formas como escolhem se referir uma à outra. A primeira delas diz respeito à utilização do pronome “Usted”, usado pelo menos até 1938, quando Mistral se hospedou na casa de Mar del Plata de Ocampo, trataram-se por “Ud.”. A formalidade inicial se retrai à medida em que as escritoras se aproximam e solidificam as bases de sua amizade. Ao longo dos anos, passaram a utilizar o “tu” e, inclusive, nomes carinhosos, como: Votoya, Vict e Lucila (o nome de batismo de Mistral) e Gabr. A segunda consideração refere-se à utilização do substantivo “escritor” no masculino, ainda que para “literatoides”, Mistral tenha incluído ambos homens e mulheres. A escolha, consciente ou não, de utilizar o termo o masculino, escritor pode demonstrar como ainda que um número considerável de mulheres estivesse adentrando o campo literário, a profissão ainda era predominantemente masculina. Para que obtivesse êxito em sua empreitada, Ocampo não precisaria negar o cosmopolitismo pelo qual era tão afeiçoada, tampouco amarrar-se à *argentinidad* dos pampas e gauchos. Estava aberta a ela a possibilidade de desenhar uma nova espécie de *criollismo*, um “criollismo superior, una americanidad a la vez llana y fina, como la de su bello trato personal, y perfile y escarde todo lo que quiera nuestra modalidad”.²⁵³

Como o principal intuito da escritora chilena era o de persuadir sua interlocutora para que ela demonstrasse efetivo comprometimento com as questões hispano-americanas, as críticas eram construídas como sugestões direcionadas ao aprimoramento individual e profissional. Afinal, Mistral demonstrava a profunda valorização das qualidades de Victoria Ocampo enquanto escritora e editora, justamente para afirmar como tais atributos eram indispensáveis à causa da

²⁵² MISTRAL, Gabriela [Carta, s/d, 1935. Provavelmente Espanha] a OCAMPO, Victoria. In *Esta America Nuestra: correspondencia, 1926 – 1956*. Buenos Aires: El cuenco de Plata, 2013.

²⁵³ Idem.

americanidad. A poetisa sabia dos percalços e dificuldades enfrentadas pela portenha em obter o reconhecimento almejado, especialmente nos primeiros anos de sua carreira de escritora. Por ser uma escritora de renome – ou, *para ser* uma escritora de renome –, a portenha deveria integrar o debate público sobre as questões políticas e sociais de seu país e da América Latina como um todo.

Ao defender a possibilidade de criação de uma nova forma de identidade latino-americana que estivesse de acordo com a personalidade de sua interlocutora, Mistral estaria apresentando a sua própria concepção: o processo de construção identitária estaria atrelado a uma descoberta de caráter pessoal e íntimo, e, portanto, subjetiva. Escapando de qualquer delimitação precisa, seria reflexo da reunião de um repertório de imagens cujo sentido residia dentro do próprio “eu”. Por conta disso, a escritora chilena afirma que “la americanidad no se resuelve en un repertorio de bailes y de telas de color ni en unos desplantes tontos e insolentes contra Europa [...] Hay mil direcciones y sendas posibles dentro de ella y Ud. Puede escoger, con su tino sutil, las más insospechadas”.²⁵⁴ Não bastava reconhecer símbolos vazios e sem significados concretos para se contraporem aos europeus: o propósito da descoberta identitária era reconhecer em sua própria tradição elementos a serem valorizados e consagrados.

Em determinados momentos a poetisa chilena endossa o caráter subjetivo e pessoal das identidades e, em outros, reafirma compromissos com o coletivo e o político. Embora os caminhos em direção à construção de identidades estivessem em aberto, havia certos preceitos dos quais não se poderia abrir mão. A utilização do espanhol como língua escolhida para a escrita, por exemplo, era imprescindível. Para respaldar seu argumento, Mistral evoca símbolos da tradição cultural e literária argentina, como Domingos Sarmiento.

Além de figura central nos debates políticos do país no século XIX, era amigo da família paterna de Ocampo: “le diría a Ud. más o menos lo que se está diciendo esta maestra de escuela”. Aos olhos de Mistral, se Sarmiento fosse vivo, concordaria com a necessidade de que ela cumprisse devidamente com suas obrigações. Ao mesmo tempo em que se coloca em patamar de inferioridade, pois, era apenas “una maestra de escuela”, implicitamente demonstra a pertinência de seu argumento,

²⁵⁴ MISTRAL, Gabriela [Carta, 31 de agosto de 1937, Rio de Janeiro, Brasil] OCAMPO, Victoria. In: *Esta America Nuestra: correspondência, 1926 – 1956.*: Buenos Aires: El cuenco de Plata, 2013.

afinal, seria compartilhado com um dos grandes nomes do mundo das letras e da intelectualidade de argentina. Se extrapolarmos os significados de tal posicionamento, ainda é possível considerar que, justamente por ser uma maestra, teria muito a ensinar a sua interlocutora. Mesmo vivendo fora da América Latina, sentia-se na posição de auxiliá-la em seu desenvolvimento intelectual:

“Escribe lo tuyo; suéltate, no pulas demasiado, atrévete a ser *criolla*. Acuérdate de Sarmiento, de Güiraldes, de los otros. Olvida la cultura, ya es una mala palabra. Tírala y escribe con olvido de lo que sabes y que es extraño a tu sangre, con olvido total de cuanto no este en tu sangre, sino en tus sesos”²⁵⁵

Ao propor que Ocampo “esquecesse” a cultura, Mistral parece referir-se à noção de “alta cultura”, isto é, de certa tradição literária europeia, especialmente, inglesa e francesa. Por conta das inúmeras referências literárias a outros escritores e suas obras, Ocampo prendia-se excessivamente à tal tradição e deixava de observar sua própria realidade. Escrevia sobre o outro, com as ferramentas dos outros. Mais do que escrever sobre suas experiências, Mistral exigia que Ocampo se atrevesse a ser *criolla*. Pela utilização do termo, ela se referia à possibilidade de coadunar o cosmopolitismo pelo qual Ocampo era afeiçoada, ao mesmo tempo em que deveria reiterar sua própria *argentinidad*. Para isso, deveria ouvir ao seu próprio mundo, aos seus próprios pares e, fazer da própria escrita, um meio para relatar sua forma de ver o mundo.

Ao mesmo tempo em que Mistral reafirmava a necessidade de que a conformação identitária estivesse associada a subjetividades particulares, observamos como, na realidade, a defesa da *americanidad* estava atrelada ao compartilhamento de certos compromissos coletivos, como a defesa da causa indígena e a reforma agrária. Tal ambiguidade pode indicar como a poetisa repensou a questão e identificou como a identidade seria mais política e coletiva do que subjetiva, ocasionando o deslocamento do eixo central de sua argumentação. Ou ainda ser uma estratégia argumentativa para garantir que Ocampo se sentisse minimamente simpática à causa. Desta maneira, embora Mistral afirmasse que o caminho de construção das identidades latino-americanas fosse percorrido de

²⁵⁵ MISTRAL, Gabriela [Carta, 31 de agosto de 1937, Rio de Janeiro, Brasil] a OCAMPO, Victoria. In *Esta America Nuestra: correspondência, 1926 – 1956*. Buenos Aires: El Cuenco de Plata, 2013.

maneiras distintas por cada indivíduo, identificamos a presença de preceitos de comprometimento político com certas questões do subcontinente não deviam ser deixados de lado. A formação das identidades era ao mesmo tempo um traço subjetivo e compromisso ideológico.

No final desta mesma carta, Mistral solicitou que trocassem retratos. O pedido foi atendido de pronto, e a escritora chilena respondeu: “afirma y mantiene Ud. con la americanidad que le negué tantas veces, una americanidad más física que literaria”. Embora não se tenha acesso a fotografia enviada, imaginamos que a escritora argentina tenha cuidadosamente escolhido um registro que, em maior ou menor medida, fosse capaz de valorizar sua identidade *criolla*. Observamos, ainda, na carta supracitada, como Mistral nega à Ocampo determinada forma de identidade latino-americana. Qual seria o sentido desta *americanidad* “física”? Afinal, Victoria Ocampo era branca. A resposta de Mistral à fotografia ainda é bastante ambígua:

“Pero como existe terriblemente el cuerpo, Victoria, las otras americanidades vendrán, acarreadas, silbadas o hincadas por él tarde o temprano, y yo creo que ya esta Ud. removida como agua en la presa, de dudas, de ansiedades, de no sé qué fiera lealtad, despertadas em los últimos años (tres? Cinco?) en su mayor hondura, es decir, en tu entraña.”²⁵⁶

A respeito da forma como enxergavam uma a outra, vale mencionar a correspondência escrita por Ocampo às suas irmãs Pancha e Angélica sobre o último encontro com Gabriela Mistral na residência da escritora chilena em Long Island, nos Estados Unidos, em dezembro de 1956. Seu registro nos revela uma interessante e problemática percepção sobre sua interlocutora. Neste momento, o estado de saúde de Mistral já era bastante frágil, como descreve Ocampo na carta:

“El lugar donde vive (donde se está muriendo), es precioso, lleno de árboles y de casitas) [...] se ven los bosques circundantes; en realidad, son más bien plantación de árboles con espacio entre ellos, de modo que no se ahogan. A los lejos, hay algo así como unas colinas..”

O tempo e o cuidado na descrição do ambiente em que Mistral estava inserida demonstram, talvez, como a escritora argentina reconhecesse a importância do

²⁵⁶ MISTRAL, Gabriela [Carta, 31 de agosto de 1937, Rio de Janeiro, Brasil] OCAMPO, Victoria. *In Esta America Nuestra: correspondência, 1926 – 1956*. Buenos Aires: El Cuenco de Plata, 2013.

contato com a natureza para sua felicidade e bem-estar. Mesmo que indiretamente, Ocampo estaria afirmando que, embora seu quadro de saúde fosse grave, estava confortável e bem-acompanhada por Doris Dana, também mencionada na correspondência. Ao longo da carta, demonstra profunda tristeza, sobretudo, por conta das confusões mentais que Mistral fazia.”²⁵⁷ Mencionava a Itália de Mussolini, deixou de perguntar sobre o que havia acontecido durante a experiência do cárcere durante o peronismo (o que gostaria tanto de saber). “Gabriela no se da cuenta de nada”.²⁵⁸ Sentia que sua amiga estava encerrando sua vida com um “sonambulismo, una caricatura de sí misma”:

“La flactura y debilidad de Gabriela son de campo de concentración. Estaba en cama, con un camisón de una especie de flanela rosada. Un índio. Todo lo índio se le há acentuado con la enfermedad: el color, la lentitud de los movimientos, la inmovilidad de la cara donde solo la boca se entreabre con dificultad, parecería, para dejar pensar una voz debilitada y palabras titubeantes”²⁵⁹

Remeter a fragilidade de Mistral nos últimos estágios de sua vida ao “índio” parece, de certo modo, pejorativo. Embora a escritora chilena tenha orgulhosamente reivindicado sua herança, Ocampo menciona a imagem de índio à fragilidade, enfermidade. Ou seja, não são associados aos pontos positivos de sua personalidade – como sensibilidade e paciência – que a poetisa tanto prezava. Ao contrário: todo o “índio” existente em Lucila havia se manifestado da forma mais crua, em sua essência, quando esteve adoecida. Em uma correspondência para terceiros, em que demonstrava a tristeza de reconhecer a eminente perda de uma amiga, a escritora ainda manifestava suas concepções tanto a respeito de Gabriela – uma “índia” -, como dos indígenas de forma geral.

Por meio de tais apreciações, é possível averiguar como o âmbito epistolar se conformou enquanto espaço para que refletissem sobre os significados da identidade hispano-americana, ao mesmo tempo em que aproveitaram a circunstância para defender suas visões particulares de América. Enquanto Mistral advogava fervorosamente pela necessidade de comprometimento de Ocampo com seu país de

²⁵⁷ OCAMPO, Victoria [Carta de 2 de dezembro de 1956, Long Island, Nova Iorque] a OCAMPO, Angelica. *Cartas a Angélica y otros*. Editorial Sudamericana. Buenos Aires, 1997. P. 101

²⁵⁸ Idem, p. 103.

²⁵⁹ Idem, p. 103.

origem, também recebia críticas pela opção de morar na Europa. Nas palavras de Ocampo: Tú vives fuera de Nuestra América, y por consiguiente ignoras los mil pequeños y grandes obstáculos que diariamente nos salen al paso y que es difícil vencer”.²⁶⁰

São inúmeras as situações em que Ocampo descreve as barreiras enfrentadas para garantir o funcionamento da *Sur*. Em sua visão, promover pontes de circulação cultural entre as Américas e a Europa era, também, uma forma de comprometimento com a transformação social de seu país. As dificuldades postas pelas circunstâncias econômicas e sociais da Argentina nos anos 1950, agravadas pela perseguição sofrida durante o primeiro governo de Perón, fizeram de sua empreitada duplamente valiosa.

Para além das disputas ideológicas presentes no diálogo epistolar, averiguamos o desdobramento de aproximações culturais e identitárias entre elas ao longo dos anos. Esse processo ocorre à medida em que realçam as semelhanças entre suas trajetórias e visões de mundo, ao mesmo tempo em que as diferenças eram suavizadas, permitindo, assim, a sua aproximação identitária. Tanto a forma como percebiam uma a outra, quanto como percebiam a si mesmas, também passa por uma metamorfose. Para Mistral, tal mudança não é tão evidente, pois sempre reivindicou a sua herança indígena, como afirmamos na primeira seção. Já para Ocampo, observamos o esforço para reivindicar sua *argentinidad* e *americanidad* em idade mais madura, explorando em tais premissas importantes símbolos de sua constituição pessoal e intelectual.

Tais disputas demonstram como suas concepções não são estáticas e estanques, mas estão sendo constantemente colocadas à prova de suas experiências e do próprio tempo. Por este motivo, acreditamos que as inclinações para a Europa de Victoria Ocampo devem ser matizadas. Afinal, assim como a amizade e diálogos de caráter intelectual e pessoal amadureceram, suas respectivas capacidades de autocrítica e autoexame também modificaram ao longo dos anos.

A preocupação em compreender os significados e sentidos de suas respectivas origens foi manifestada com frequência nas missivas, e apesar do esforço de conferir

²⁶⁰ OCAMPO, Victoria. [Carta, 22 de junho de 1951, Buenos Aires, Argentina] a MISTRAL, Gabriela Mistral. In *Esta America Nuestra: correspondência, 1926 – 1956*. Buenos Aires: El cuenco de Plata, 2013.

precisão ao termo, nunca obtiveram êxito: se em um primeiro momento a *americanidad* se referia a construção de subjetividades, posteriormente foi encarada como compromisso político. Mesmo dialogando sobre os significados da identidade latino-americana, não foram capazes de concluir definições precisas ao termo: era um termo em construção e ressignificação, especialmente, em suas próprias vidas. As arenas conformadas em torno das disputas sobre os significados da identidade latino-americana escancaram tensões em relação ao passado da colonização e conseqüentemente o referencial europeu, das interações entre o nacional e o cosmopolita. Como buscamos demonstrar, a temática esteve presente em suas produções ensaísticas, na forma como se posicionaram no debate tudo. Mas, estiveram também presentes em seu diálogo epistolar.

As correspondências permitiram que aprofundassem os debates a respeito dos entendimentos sobre as identidades latino-americanas, bem como que cobrassem uma da outra, posicionamentos mais contundentes em relação à realidade social e política do continente. Adquiriram a consciência de que, embora as correspondências possuíssem o caráter privado, poderiam vir à tona, como, de fato, vieram, e que seriam relevantes tanto para disputas políticas e ideológicas em voga em seu presente, como para o endossar os seus legados. Os ensaios críticos utilizados de maneira a complementar as fontes primárias da nossa pesquisa estiveram à serviço da compreensão das formas como as autoras elaboraram intelectualmente – e de maneira distintas – os significados do passado, presente e do futuro de sua América. Reforça, ainda, os desdobramentos das discussões em caráter privado para os modos como se posicionaram enquanto intelectuais.

A respeito das tensões raciais, observamos o comprometimento da poetisa chilena com a denúncia da opressão em que viviam os povos indígenas, principalmente em seu país de origem. Para a portenha, essas questões raramente aparecem em seus escritos – tanto epistolares quanto autobiográficos – e emergem, principalmente, pelo contraste de sua experiência com a comunidade afrodescendente do Harlen. Enquanto sua aproximação com a identidade latino-americana acontece graças ao reconhecimento de sua própria *argentinidad* do que pelo reconhecimento da necessidade de união da América Latina, Mistral acreditava que o caminho para a superação das mazelas do continente seria pela comunhão entre países de passado tão semelhante.

O contraste de suas percepções fez com que, através da escrita, repensassem suas próprias subjetividades, ao mesmo tempo em desejavam persuadir uma a outra sobre quais seriam os encaminhamentos apropriados para a América Hispânica. Dedicadas à defesa de seus ideais, embora divergissem sobre sua concepção de “América”, ambas colaboraram para a emergência da América Latina no cenário cultural mundial, cada qual à sua maneira. A produção literária de Mistral contribuía para uma nação literária ainda em construção ao escancarar temáticas pungentes na sociedade chilena do período, cujo ápice do reconhecimento internacional acarretou em sua premiação no Nobel de Literatura. A projeção alcançada pela poetisa chilena conquistou espaço em plataformas de debate na esfera pública: além da publicação em jornais e revistas, proferiu dezenas de conferências, discursos e entrevistas, na Europa, América Latina e Estados Unidos. Foram essas as ferramentas utilizadas por ela para garantir as denúncias sociais e econômicas de seu continente para o resto do mundo.

O comprometimento de Ocampo com a tradução, publicação e divulgação de obras estrangeiras e nacionais nas páginas da *Sur*, foi igualmente importante para a circulação de obras literárias, dentro e fora da América Latina. Ao longo de sua produção ensaística, epistolar e autobiográfica, a escritora demonstrou o amadurecimento da forma como observava o nacional e o cosmopolita. Em sua idade mais madura, a portenha demonstra o reconhecimento da tradição literária e intelectual de seu país e relativiza a centralidade da Europa enquanto espaço de produção de saberes. Embora não com o mesmo entusiasmo e fervor que Mistral, se reconhece enquanto *criolla*. Observamos, neste sentido, como as disputas sobre os símbolos e significados sobre as identidades latino-americanas não dizem respeito apenas as questões políticas e ideológicas, mas sobre a própria construção de suas subjetividades, especialmente, considerando como naquele momento histórico eram de primeira ordem.

Conclusões

Dios te tenga de su
mano. V.O., alma querida. Tú
eres fuerte; yo lo era, ya no lo
soy. Tuya,

*Gabriela.*²⁶¹

O sentimento de fraqueza física e espiritual acompanhavam Lucila há anos, agravado com o suicídio de Yinyin. Já na década de 1950, sofria com graves problemas de visão. Em 1957, faleceu em decorrência de um câncer pancreático em New Hampstead, Nova Iorque. Os três dias de luto oficial, anunciados após a notícia de sua morte correspondem a um momento essencial para a consolidação de sua imagem enquanto símbolo nacional. De acordo com Elizabeth Horan, as representações póstumas de Mistral, por meio das notas de 5 mil pesos, bilhetes, estampas e selos, propõem um sentido de nacionalismo, baseado em termos praticamente religiosos: a *santa maestra*, a Reina Nobel ausente, ou, uma camponesa leal, que embora tenha alçado grandes vãos, manteve-se fielmente adepta à causa dos mais pobres e humildes. Mencionamos essa ocasião no sentido de questionar como após falecerem, tanto Mistral quanto Ocampo estiveram sujeitas à apropriação e ressignificação enquanto símbolos de nacionalidade, chilena e argentina, bem como de filiações políticas das quais não necessariamente eram adeptas. Tanto as escritoras em questão, como mulheres escritoras e artistas de um modo mais amplo foram utilizadas como símbolos despolitizados, de modo a nublar eventuais ambiguidades e contradições presentes em suas próprias vidas. No caso de Mistral, sua imagem seria transformada em uma presença quase fantasmagórica: bonecos de crochê seriam vendidos como *souvenirs* nas ruas de Santiago e no aeroporto da cidade; do mesmo modo em que esteve presente em panfletos de militância política feminista e LGBT. De certo modo, como mencionamos no primeiro capítulo, a poeta havia premeditado que tal processo ocorreria com ela, pois havia observado o início deste processo ainda em vida. Seja no sentido material ou simbólico, Gabriela Mistral ainda está presente em seu país de origem.

²⁶¹ MISTRAL, Gabriela. [Carta, 26 de setembro de 1951, Nápoles, Itália]. A OCAMPO, Victoria. In: *Esta America Nuestra: correspondencia, 1926 – 1956*. Buenos Aires: El Cuenco de Plata, 2013.

Sua morte em 1957 tampouco impediu que permanecesse enquanto importante referência para Victoria Ocampo. Justifico-me utilizando o exemplo da ocasião em que a portenha foi nomeada para a Academia Argentina de Letras, em 1977. Em seu discurso de agradecimento mencionou, enfaticamente, a duas mulheres. A primeira delas, uma antepassada de origem guaraní, Águeda, que havia mantido relação de concurso de concubinato com Domingo Martínez de Irala, governador das colônias do Rio da Prata. A segunda foi Gabriela Mistral, sua amiga e interlocutora, falecida quase vinte anos antes. A portenha afirma que tanto a poeta chilena quanto Águeda haviam contribuído para que reconhecesse a herança indígena, uma através do sangue e outra através do exemplo. Se, por um lado, havia herdado o sangue indígena de Águeda, Mistral teria contribuído de maneira direta para que conferisse a devida importância ao passado pré-colombiano de nosso continente. Nesta circunstância, observa-se equiparação de Mistral à sua ancestral indígena, como se simbolizassem o canal de encontro com seu passado, fosse pelo sangue, fosse pela cultura. A mobilização deste repertório nos últimos anos de sua vida pode ser entendida tanto como fruto de autocrítica e revisão de posições pessoais, como, ainda, uma forma de tentar modificar seu legado, reafirmado sua especificidade de *criolla* para o resto do mundo.

Dois anos mais tarde, na ocasião de seu falecimento, observamos a constituição de um discurso laudatório e saudosista sobre sua imagem, a qual havia provocado tantos dissensos. Tanto sua atuação, quanto a própria Revista, foram positivamente enfatizadas. De acordo com John King, jornais e suplementos literários encarregaram-se de percorrer seus testemunhos, de modo a coletar memórias e conquistas narradas pela autora em questão.²⁶² Atualmente, sua residência em San Isidro, a *Villa Ocampo*, está aberta para visitantes, que entram em contato com uma Victoria por vezes bastante distante da realidade e próxima à imagem construída por ela própria em sua *Autobiografía*: a de mulher livre, impetuosa e à frente de seu tempo.

Nosso esforço ao longo desta dissertação foi o de recuperar as trajetórias, buscando averiguar a pluralidade de seus interesses, a eventual ambiguidade de seus

²⁶² KING, John. *Sur: estudio de la revista argentina y de su papel en el desarrollo de una cultura. 1931-1970*. México: Fondo de Cultura Económica, 1989.

posicionamentos políticos e, sobretudo, os modos como escolheram registrá-los. Com isso, tínhamos por objetivo desconstruir visões engessadas de suas vidas, priorizando leituras que incorporassem dilemas, obstáculos e tensões. As correspondências de Victoria Ocampo e Gabriela Mistral indicam um hábito significativo de compartilhamento de ideais e projetos das escritoras, da troca constante de experiências e reflexões sobre suas vivências. Finalmente, as cartas constituem-se um primeiro plano de elaboração de projetos culturais e narrativas políticas que posteriormente seriam tornadas públicas. Por fim, as correspondências trocadas por Ocampo e Mistral demonstram seu engajamento na produção literária e intelectual, e ainda assim, como em meio a essa atmosfera, redescobriam e redefiniam suas identidades.

As duas escritoras dedicaram-se à construção de imagens de si próprias enquanto mulheres independentes, o que necessariamente implicava em certos silêncios e apagamentos de aspectos que poderiam, eventualmente, fragilizar suas imagens perante o público. Desta forma, o temor de certa vulnerabilidade associada ao seu gênero feminino obliterava narrativas excessivamente sentimentais em seus ensaios autobiográficos, e que se manifestavam nas correspondências trocadas entre elas. Notamos, entretanto, que para além da dimensão afetiva, houve o processo de instrumentalização das correspondências como forma de manifestação de posicionamentos políticos, de reflexões sobre suas respectivas condições profissionais e privadas, direcionadas uma a outra. O reconhecimento de mulheres que almejavam notabilidade pública dependia não somente da qualidade de seus escritos literários como das estratégias por elas mobilizadas para se inserirem em circuitos de produção literária de sua época, o que inevitavelmente passava pelo hábito epistolar. O espaço de diálogo inaugurado pela correspondência não se configurou apenas como um campo de discussões e reflexões sobre dilemas relacionados às suas vidas privadas, como lugar privilegiado para pensar sobre suas próprias obras, para trocar favores com outros escritores, barganhar possibilidades de publicação, entre outras coisas.

Foi por meio das correspondências que disputaram visões conflitantes sobre a América Latina e buscaram convencer uma a outra a respeito da pertinência de suas respectivas convicções ideológicas, bastante distintas, inclusive. Enquanto Mistral defendia os camponeses *mestizos* e os indígenas os “verdadeiros” latino-americanos,

Ocampo reivindicava para si e sua família da elite *criolla* a verdadeira *argentinidad*, ancorada no repertório simbólico dos pampas e dos gauchos. Ao mesmo tempo, a chilena reivindicava a importância do retorno à terra para o desenvolvimento espiritual e material, como uma forma de retorno às origens, enquanto a argentina observava a modernidade associada à urbanização com grande entusiasmo.

O reconhecimento de Gabriela Mistral enquanto escritora não se consolidou apenas pela qualidade literária de seus escritos, mas esteve associado à sua capacidade de articulação com um cânone literário majoritariamente masculino, reforçado por redes de sociabilidade formadas pela troca de cartas, pela redação de prólogos a artigos e livros de outros escritores. Em relação à trajetória de Victoria Ocampo, pode-se também afirmar que o esforço para a criação e manutenção da *Sur*, como sua atuação enquanto mecenas e escritora, esteve atrelada à sua habilidade de se associar diversos escritores e figuras notáveis de sua época, que inevitavelmente contribuíram para sua carreira. Isso se pautava ainda pela necessidade de autodefinição da mulher escritora em um mundo patriarcal atrelado ao desejo de formação de uma tradição de escritoras mulheres.

As correspondências emergem enquanto autobiografias paralelas, fragmentárias e frequentemente involuntárias das autoras, ao mesmo tempo em que representam um instrumento inerente à construção e cristalização de suas imagens pessoais perante a outros escritores. Por fim, representam o vértice de associação entre os laços profissionais e de sociabilidade, entre a esfera da individualidade e subjetividade, e a interação com o que é público. Embora lancem luz a respeito das trajetórias de mulheres que ousaram romper com os lugares sociais impostos a elas, as correspondências também escancaram as complexidades e contradições muitas vezes características de suas trajetórias pessoais que, porventura, foram obliteradas. A discussão sobre o lugar das mulheres presente tanto nas correspondências quanto nos ensaios acima discutidos evidencia como esforços para categorizar o pensamento político e social destas escritoras sem recuperar as ambivalências de suas trajetórias não é capaz de demonstrar a multiplicidade de nuances presentes em seus caminhos.

As correspondências lançam luz sobre as ambiguidades do pensamento político destas escritoras. No caso de Gabriela Mistral, a complexidade de sua faceta política escapa a quaisquer classificações dicotômicas. Compreender a multiplicidade de Gabriela(s) significa atentar para as estratégias mobilizadas por

escritoras a caminho de sua profissionalização, ferramentas as quais contradizem a forma como atuou como escritora internacionalmente reconhecida e consulesa, contradiz a defesa da divisão do trabalho entre os sexos, uma vez que ela própria rompeu inúmeros paradigmas impostos às mulheres de sua época. Inclusive por dedicar em sua poesia à condição da mulher chilena, indígena, da questão de classe e de terra em seu país de origem. Contudo, deve-se considerar que discursos mais conservadores a respeito da atividade feminina também serviam como uma forma de negociação de seu reconhecimento público.

Da mesma maneira, faz-se necessário compreender as muitas “Victoria(s)”, as contradições entre sua predileção pelo europeu e a reconciliação com suas raízes latino-americanas, as manifestações em prol dos direitos das mulheres e as frequentes ausências de um comportamento mais militante. Ao contrário de categorizações definitivas sobre as trajetórias destas escritoras, faz-se necessário compreender as contradições de suas trajetórias, as possíveis incoerências e incongruências para compreender os desafios por elas enfrentados, e em quais momentos eles significavam renúncias ou manifestações. A existência de um espaço de comunicação entre mulheres intelectuais evidência ao mesmo tempo canais alternativos de diálogo, em que podiam discutir suas experiências com liberdade, ao mesmo tempo em que demonstra as imagens conflitantes a respeito de novas identidades femininas.

Não obstante, Mistral e Ocampo souberam construir projetos autobiográficos de densidade para si mesmas. No caso da escritora chilena, refiro-me especialmente ao intercâmbio epistolar que manteve com uma série de intelectuais, escritores, artistas e políticos ao longo de sua vida, e que foram essenciais para garantir sua projeção a nível transnacional ao longo de sua carreira. Como mencionado anteriormente, as correspondências se constituem enquanto uma autobiografia fragmentária e paralela às “oficiais”, mas tem primeira importância no posicionamento da escritora entre os agentes do campo cultural. Por outro lado, Ocampo também se empenhou na constituição dessas redes de sociabilidade, ao mesmo tempo em que utilizou sua *Autobiografía* e seus *Testimonios* para reivindicar a narrativa de sua própria vida: ressaltou a importância de suas viagens ao redor do globo, dos intercâmbios culturais e das amizades construídas com sujeitos das mais variadas origens. Obteve êxito, ainda mais se considerarmos que a imagem

atualmente perpetrada de sua atuação enquanto escritora e mecenas é a frequentemente similar àquela arquitetada em seus escritos autobiográficos.

Com tais afirmações, não pretendemos questionar a qualidade crítica e estética de suas produções, mas ressaltar a importância das redes de sociabilidade intelectual construídas entre mulheres como elemento propulsor de seu reconhecimento no campo das letras. Neste sentido, as investigações destinadas à trajetória de mulheres intelectuais atuantes na América Latina na primeira metade do século XX devem ser capazes de compreender as nuances e ambiguidades de suas vidas privadas e discursos políticos. Ao contrário de mulheres dedicadas exclusivamente à militância política, Mistral e Ocampo dividiam-se entre a construção de suas identidades políticas ao mesmo tempo em que negociavam o seu reconhecimento enquanto escritoras profissionais, fatores determinantes para a construção de suas subjetividades.

Bibliografia

BASTOS, María Luisa. “Escrituras ajenas, expresión propia: Sur y los Testimonio de Victoria Ocampo”. *Revista Iberoamericana* 1980. P. 123-137.

BEIRED, José Luis Bendicho. *Sob o signo da nova ordem. Intelectuais autoritários no Brasil e na Argentina*. São Paulo: Loyola/História Social-USP, 1999

BERGMANN, Emilie L. *Women, culture, and politics in Latin America*. Berkeley: University of California Press, 1990

BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1998.

BURKE, Peter. *A Escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 2011.

CHARTIER, Roger. *A história cultural; entre práticas e representações*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

_____. “As práticas da Escrita”. In: ARIÉS, Philippe. (orgs.) *História da Vida Privada: Da renascença ao século das luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. Vol. 3, pág. 113 -161

_____. “Diferenças entre os sexos e dominação simbólica” (nota crítica). *Cadernos Pagu*. Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, pp.40-42. 1995.

COELHO NETO, Raphael. Exílio, intelectuais, literatura e resistência política nas revistas *Literatura Chilena en el Exilio/Literatura Chilena, Creación y Crítica e Araucaria de Chile* (1977-1989). (Dissertação de mestrado) Universidade Federal de Minas Gerais 2016.

CONCHA, Jaime. *Gabriela Mistral*. Ediciones Universidad Alberto Hurtado, 2015.

COSTA, Claudia de Lima. O tráfico de gênero. In *Cadernos Pagu*, vol II, 1988. P. 127 – 140.

DOOR, Sarah Van der vos. Gênero y Autobiografía: Un Analisis Feminista de la Autobiografía de Victoria Ocampo. *Universiteit Gent*: 2012.

COSSE, Isabella. “La lucha por los derechos femeninos: Victoria Ocampo y la Unión Argentina de Mujeres (1936)”. *Revista Humanitas*, XXVI, 2008. Pgs. 131-149.

CRESPO, Regina. *Itinerários intelectuales. Vasconcelos, Lobato y sus proyectos para lá nación*. México, CCyDEL, UNAM, 2004.

CUNEO, Ana María. *Para leer a Gabriela Mistral*. Cyber Humanitatis, 1998.

CUNHA, Paula Cristina Ribeiro da Rocha de Moraes. “Da crítica feminista e a escrita feminina.” *Revista Criação & Crítica*, nº 8. 2012.

DAVIS, Angela. *Mulheres, cultura e política*. Boitempo: São Paulo, 2017.

DIAS, Maria Odila da Silva. “Novas subjetividades na pesquisa histórica feminista: uma hermenêutica das diferenças.” *Revista de Estudos Feministas*, v. 2, n. 2, 1994.

DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade*. Formas e Funções da Correspondência em Alguns Percursos de Escritores no Século XIX. Edusp: São Paulo, 2014, p. 205.

DIAZ, José-Luis. “Qual genética para as correspondências?” Tradução Cláudio Hiro e Maria Sílvia B. Ianni. In: *Manuscrita. Revista de crítica genética*, São Paulo, n. 15, 2007.

DOOR, Sarah Van der vos. “Género y Autobiografía: Un Analisis Feminista de la Autobiografía de Victoria Ocampo.” *Universiteit Gent*: 2012.

DUBY, George; PERROT, Michele. *História das Mulheres no Ocidente*, v. 4, Porto: Edições Afrontamento, 1995.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a Bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

FRANCO, Stella Maris Scatena. *Peregrinas de outrora: viajantes latino-americanas no século XIX*. Florianópolis, SC: Editora Mulheres, 2008.

FIGUEROA, Lorena. *Tierra, indio, mujer: Pensamiento social de Gabriela Mistral*. Santiago: LOM Ediciones, Universidad ARCIS, 2000.

GARRIDO DONOSO, Lorena. “Género epistolar y hermandad artística en la poesía de mujeres de la primera mitad del siglo XX”. *Revista de Literatura y lingüística*. Santiago, n. 29, p. 10-15, 2014.

GOIC, Cedomil, “Recado a Victoria Ocampo, en la Argentina”, de Gabriela Mistral” In: *Estudios filológicos* 45: 35-47.2010.

GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GOMES; Ângela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos. *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2016

KING, John. *Sur: estudio de la revista argentina y de su papel en el desarrollo de una cultura. 1931-1970*. México: Fondo de Cultura Económica, 1989.

KLINGER, Diana. “Os intelectuais e o Estado: a experiência do Peronismo e do Estado Novo.” *Itinerários*, Araraquara, 22, 91-102, 2004.

LIEDO, Victoria. *Victoria Ocampo: una esnob para el desierto argentino*, Cuadernos LIRICO, vol. 16, 2017.

LEJEUNE, Philippe. “A quem pertence uma carta?” In: _____. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Org. Jovita M. G. Noronha. Trad. Jovita M. G. Noronha e Maria I. C. Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p. 251-254.

LUNA, Lola. *Los movimientos de mujeres en la America Latina y la renovación de la historia*. Fem-e-libros. México, 2014.

MANZANO, Rolando “Recorrer la vida desde la vereda contraria” In: DIBAM, *Revista Patrimonio cultural* N° 46, Santiago: Año XIII, 2008.

MALATIAN, Teresa. Cartas. “Narrador, registro e arquivo.” In: PINSKY, Carla B.; LUCA, Tânia Regina de (Org.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 195-221.

MAJSTOROVIC, Gorica. Un paso de America: Alfonso Reyes, Victoria Ocampo y el cosmopolitismo en la década de 1930. *Vegueta: Anuario de Geografía y Historia*, 2014.

MARTING, Diane. *Spanish American Women Writing: a bio-bibliographical source book*. New York: Greenwood Press, 1990

MCLAREN, Margareth. *Foucault, feminismo e subjetividade*. Intermeios: São Paulo, 2016

MEYER, Doris (1996) "The Early (Feminist) Essays of Victoria Ocampo," *Studies in 20th Century Literature*: Vol. 20: Iss. 1, Article 4. <http://dx.doi.org/10.4148/2334-4415.1380> 2010.

_____. *Victoria Ocampo: against the wide and the tide*. Texas Pan American Series, 1989.

MOTTA, Romilda Costa. Práticas e representações de si: Os escritos autobiográficos da mexicana Antonieta Rivas Mercado e da brasileira Patrícia Galvão. Tese de doutoramento, FFLCH/USP. 2015

MOLLOY, Sylvia. *Vale o escrito: a escrita autobiográfica na América Hispânica*. Chapecó: Argos, 2003.

MORA, C. (s/d). *Mistral y las vanguardias*. Centro Virtual Cervantes, 2008.

MORAGA VALLE, Fabio. Lo mejor de Chile está ahora en México, ideas políticas y labor pedagógica de Gabriela Mistral en México (1922-1924). *Historia Mexicana*, [S.l.], p. 1181-1247, 2014.

MORAES, Marcos Antonio de. “Epistolografia e crítica genética.” *Ciência e Cultura (SBPC)*, São Paulo, v. 59, n. 1, p. 30-32, jan.-mar. 2007.

_____, Marcos Antonio de. *Orgulho de jamais aconselhar: a epistolografia de Mário de Andrade*. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2007.

NEIBURG, Federico. *Os Intelectuais e a Invenção do Peronismo*. São Paulo: Edusp, 1997.

OCAMPO, Victoria e STEINER, Patricia Owen. *Victoria Ocampo: writer, feminist, woman of the world*. NM: University of New Mexico Press, 1999.

OMIL, Alba. *Frente y perfil de Victoria Ocampo*. Buenos Aires: Sur, 1980.

PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

PIZARRO, Ana. “Gabriela Mistral: el proyecto de Lucila.” Santiago: LOM; Embajada de Brasil en Chile, 2005.

QUIJADA, Monica. Sobre el origen y difusión del nombre “America Latina” (o una variación heterodoxa en torno al tema de la construcción social de la verdad). *Revista de Indias*, vol. LVIII, num. 214. 1998.

SAID, Edward. *Orientalismo: o oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo. Companhia das Letras, 2007.

SAFFIOTI, Heleith. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. Expressão popular: São Paulo, 2013.

SANTOS JÚNIOR, Valdir Donizete. A latinidade e as Luzes: a França, o Oriente e o lugar das Américas nas *Lettres sur l'Amérique du Nord*, de Michel Chevalier (1836). *Revista Dimensões*, v. 36, jan.-jun. 2016, p. 335-357.

SARLO, Beatriz. *La Máquina Cultural: maestras, traductores y vanguardistas*. Buenos Aires: Seix Barral, 2007.

_____, *La Batalla de las Ideas, 1943 – 1973*. Buenos Aires: Emecé Editores, 2007.

SILVA, Paulo Renato da. Um cosmopolitismo crítico: a Europa em Victoria Ocampo e *Sur*. *Revista da ANPHLAC*. Nº 9, 2010.

_____, Victoria Ocampo e intelectuais de “*Sur*: cultura e política na Argentina (1931-1955) / Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2004.

_____, ¿ALPARGATAS SÍ, LIBROS NO? Produção Cultural e Legitimidade Política durante o Governo de Perón (1946-1955). Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2009.

SCHRODER, Daniela. “Between indigenism and mestizaje (miscegenation): interpretations about the colonial in the prose of Gabriela Mistral.” *Universum: Talca*. v. 31, n.2, p.229-244, 2016.

SCOTT, Joan W. *A cidadã paradoxal. As feministas francesas e os direitos do homem*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2002.

_____, *Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history*. New York, Columbia University Press. 1989.

SOARES, Gabriela Pellegrino. *Semear horizontes: história da formação de leitores na Argentina e no Brasil, 1915 – 1954*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

TEITELBOIM, Volodia. “Gabriela Mistral pública y secreta: truenos y silencios en la vida del primer Nobel latinoamericano.” Santiago: BAT, 1991.

VÁSQUEZ, Carola Gabriela, Gabriela Mistral: das danças de roda de uma professora consulesa no Brasil / Carola Gabriela Sepúlveda Vásquez. – Campinas, SP : [s.n.], 2014.

VARAS, Miguel Ángel López; VALENZUELA, Ricardo Gamboa. Sufragio femenino en Chile: origen, brecha de género y estabilidad, 1935-2009. *Revista de estudios sociales*, n. 53, p. 124-137, 2015.

WOOLF, Virginia. *Profissões para mulheres e outros artigos feministas*. L&PM Pocket: Porto Alegre, 2017.

ZEMBORAIN, Lila. *Gabriela Mistral: una mujer sin rostro*. Buenos Aires: Viterbo Editora, 2002.

ZEGER, Pablo (comp.) Gabriela Mistral. *La tierra tiene la actitud de una mujer*. Chile: RIL EDITORES, 2001.